"Uma história de luta, ternura e redenção que acompanha o amadurecimento de uma menina num mundo de homens."

TIFFANY QUAY TYSON, autora de *The Past Is Never*

SIGA COMO UM RIO



SHELLEY READ



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

SIGA COMO UM RIO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SIGA COMO UM RIO



SHELLEY READ

Traduzido por Camila Fernandes

ARQUEIRO

Título original: *Go as a River*
Copyright © 2023 por Shelley Read
Gerência de direitos internacionais: Susanna Lea Associates
em nome da Spiegel & Grau, LLC
Copyright da tradução © 2025 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Gabriel Machado
produção editorial: Guilherme Bernardo
preparo de originais: Rafaella Lemos
revisão: Mariana Bard e Suelen Lopes
diagramação: Guilherme Lima e Natali Nabekura
capa: Strick & Williams
imagens de capa: P. J. Redou / Alamy; Can Stock Photo Inc./Iostation
adaptação de capa: Gustavo Cardozo
foto da autora: © Andi Tippie
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R221s
Read, Shelley
Siga como um rio [recurso eletrônico] / Shelley Read ; tradução Camila Fernandes. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2025.
recurso digital

Tradução de: Go as a river
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-866-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Fernandes, Camila. II. Título.

25-98771.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Richard e Kathryn, meus pais, verdadeiras luzes que me guiam.
Para Avery e Owen, minha inspiração.
E para Erik, meu sempre.

Sumário

Prólogo

PARTE I
1948–1955

Um
1948

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

PARTE II
1949–1955

Dez
1949

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis
1949–1954

Dezessete
1955

PARTE III
1955–1970

Dezoito
1955

Dezenove
1955–1962

Vinte
1970

PARTE IV
1949–1970

Vinte e um

PARTE V
1970–1971

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

1971

Chega uma hora em que você diz aos bosques,
ao mar, às montanhas, ao mundo:
Agora estou pronta.

– Annie Dillard

Prólogo

Imagine o que existe no fundo escuro de um lago. Os detritos, trazidos por algum rio ou atirados de barcos, tornam-se felpudos e moles. Os peixes amuados nadam pela estranha vida que levam, longe do anzol, a respiração e o movimento inseparáveis. Imagine as plantas aquáticas dançando como mulheres ágeis e flexíveis, despercebidas. Fique à beira de um lago, as ondas baixas lambendo seus sapatos, e imagine quão perto você está de um mundo tão silencioso e alienígena quanto a Lua, fora do alcance da luz, do calor e do som.

Minha casa está no fundo de um lago. Nossa fazenda jaz ali, tomada pela lama, os vestígios indistinguíveis dos destroços dos barcos. Trutas brilhantes passeiam por entre os restos do meu quarto e da sala de estar onde nos reuníamos em família aos domingos. Os celeiros e cochos apodrecem. O arame farpado, emaranhado, enferruja. A indolência vai marinando a terra antes fértil.

Livros de história que apresentem sua versão da construção do reservatório Blue Mesa podem retratar o projeto como um feito heroico, parte do grande plano visionário para transportar a preciosa água dos afluentes do rio Colorado para o árido sudoeste. Pode ser que as boas intenções tenham construído a barragem do rio Gunnison – antes selvagem –, forçando-o a se tornar um lago, mas eu conheço uma história diferente.

A água chegava à altura dos joelhos nesta parte do Gunnison quando ele ainda corria veloz, repleto de espuma, pelo vale onde nasci, a vasta e

solitária região selvagem de Big Blue acima dele. Eu conhecia a cidade de Iola, que acordava todos os dias para um café da manhã aromático, fazendas e ranchos movimentados. O nascer do sol iluminava o lado leste da Main Street e depois avançava para os subúrbios, atravessando os trilhos do trem e o pátio da escola, até inflamar o vitral redondo, vermelho e azul da igrejinha. Eu cronometrava minha vida pelo apito surdo dos trens das 9h22, das 14h05, das 17h47. Conhecia todos os atalhos e moradores, assim como a árvore retorcida mais antiga que, infalível, produzia os pêssegos mais doces do pomar da minha família. E conhecia, talvez mais do que a maioria das pessoas, a tristeza desse lugar.

As boas intenções transferiram o cemitério de Iola para o alto de uma colina – tomara que cada lápide da minha família tenha sido recolocada junto aos restos mortais corretos –, onde permanece, guardado por uma cerca de ferro branco encurvada e retorcida pelo peso da neve. As boas intenções inundaram por completo a cidadezinha de Iola, no Colorado.

Imagine uma cidade silenciosa, esquecida, decompondo-se no fundo de um lago que já foi um rio. Talvez isso leve você a se perguntar se as alegrias e a dor de um lugar se dissipam quando as águas da cheia se elevam e a tudo engolem. Posso atestar que não. Narradas por tudo que nos deram e roubaram de nós, as paisagens da nossa juventude nos criam, e nós as carregamos dentro de nós, como parte de quem nos tornamos.

PARTE I



1948–1955

Um

1948

Sua aparência não era das melhores.

Pelo menos não à primeira vista.

– Com licença – disse o rapaz, segurando a aba do boné vermelho esfarrapado num cumprimento. – A pensão fica por aqui?

Simples assim. A pergunta comum veio de um desconhecido imundo que andava pela Main Street, assim que cheguei ao cruzamento com a North Laura Street.

O macacão e as mãos dele estavam enegrecidos como carvão, que presumi ser graxa ou camadas de poeira dos campos, embora o tom fosse escuro demais. As bochechas estavam sujas. A pele morena brilhava com o suor que escorria. O cabelo preto liso escapava por baixo do boné.

O dia de outono tinha começado tão corriqueiro quanto o mingau e os ovos fritos que eu serviria aos homens no café da manhã. Não percebi nada de incomum enquanto cuidava da casa e dos dóceis animais em seus cercados, colhia dois cestos de pêssegos de fim de temporada ao ar fresco da manhã, fazia minhas entregas diárias, puxando o reboque desengonçado atrás da bicicleta, e depois voltava para fazer o almoço. Mas eu passaria a entender como o extraordinário espreita por baixo do corriqueiro, tal qual o profundo e misterioso mundo que existe sob a superfície do mar.

– Tudo fica por aqui – respondi.

Não estava tentando fazer graça nem chamar a atenção dele, mas o

modo como inclinou a cabeça e o leve sorriso demonstraram que minha resposta o divertiu. Ao ser encarada assim, senti um frio na barriga.

– É que é uma cidade bem pequena – tentei explicar, esclarecer que não era o tipo de moça que os rapazes notavam nem que atraía a atenção deles na rua com sorrisinhos.

Os olhos do estranho eram escuros e brilhantes como a asa de um corvo. E gentis – é disso que mais me lembro quando penso naqueles olhos, desde o primeiro vislumbre até o derradeiro olhar –, de uma bondade que parecia jorrar de seu âmago e transbordar como a água de uma fonte. Ele me observou por um momento, ainda sorrindo, depois fez de novo o cumprimento com o boné e continuou andando rumo à pensão Dunlap's, quase no fim da Main Street.

Era verdade que tudo ficava por ali, seguindo por aquela calçada esburacada. Além da Dunlap's, tínhamos o hotel Iola para o pessoal chique e a taberna nos fundos para os que bebem; o posto de gasolina Jernigan's, a loja de ferragens e o correio; a lanchonete que sempre cheirava a café e bacon; e o Grande Mercadinho Chapman's, com mantimentos, balcão de frios e muita fofoca. No extremo oeste de tudo isso ficava o mastro alto da bandeira, entre a escola em que estudei e a igreja de ripas brancas, aonde nossa família ia todos os domingos, elegante e comportada, quando a mamãe era viva. Depois disso, a Main Street mergulhava de repente numa ribanceira, como o ponto-final de uma frase curta.

Eu estava indo na mesma direção que o desconhecido – para arrancar meu irmão da sala de pôquer nos fundos do Jernigan's –, mas não andaria colada no rapaz. Parei ali na esquina e protegi os olhos do sol da tarde para observá-lo enquanto ele seguia adiante. Andava devagar, despreocupado, como se seu único destino fosse o passo seguinte. Balançava os braços ao lado do corpo, a cabeça parecendo ficar um tantinho para trás. A camiseta branca estava suja e bem esticada debaixo das alças do macacão. Era magro e tinha os ombros musculosos de um trabalhador.

Como se sentisse meu olhar, ele de repente se virou e abriu um sorriso, ofuscante no rosto imundo. Arfei de susto ao ser pega de olho nele. Uma onda de calor subiu pelo meu pescoço. Ele segurou o boné como antes, se virou e seguiu em frente. Embora eu não pudesse ver seu rosto, tinha certeza de que continuava sorrindo.

Em retrospecto, sei que esse foi um momento decisivo. Pois eu poderia

ter lhe dado as costas e seguido pela North Laura em direção à minha casa, para preparar o jantar; poderia ter deixado Seth cambalear de volta à fazenda por conta própria, entrar aos tropeços bem na frente do papai e do tio Og e enfrentar sozinho as consequências. Poderia ter ao menos atravessado para o outro lado da rua, deixando um ou outro carro e uma fileira de álamos amarelados se colocarem entre as duas calçadas. Mas não foi o que aconteceu, e isso fez toda a diferença do mundo.

Dei um passo lento adiante, depois outro, intuindo a relevância de cada decisão de levantar, estender e depois baixar o pé.

Ninguém nunca havia me falado nada sobre essa história de atração. Eu era jovem demais quando a minha mãe morreu, e não deu para aprender esses segredos com ela. Em todo o caso, não consigo imaginar que ela pudesse dividi-los comigo. Tinha sido uma mulher calada e bem-comportada, muito temente a Deus e obediente às expectativas. Pelo que me lembro, ela me amava e amava meu irmão, mas sua afeição só vinha à tona dentro de parâmetros rígidos, controlando a gente com um grave medo de como todos nós nos sairíamos no Dia do Juízo Final. Vez por outra eu tivera vislumbres do ardor que ela escondia com cuidado, quando o deixava irromper nas nossas costas, com o mata-moscas de borracha, ou no rastro sutil das lágrimas, enxugadas com rapidez quando ela se levantava depois de orar. No entanto, nunca a vi beijar meu pai nem tomá-lo nos braços uma vez sequer. Embora os dois administrassem a família e a fazenda como parceiros eficientes e confiáveis, não testemunhei a presença do amor típico entre um homem e uma mulher. Para mim, esse território misterioso não dispunha de nenhum mapa.

Exceto por esta ocasião: eu estava olhando pela janela da sala naquele melancólico entardecer de outono, logo depois de completar 12 anos, quando o xerife Lyle chegou pela estrada de cascalho molhado da fazenda com seu automóvel preto e branco comprido e, hesitante, se aproximou do meu pai no quintal. Pelo vapor da minha respiração no vidro, vi o papai desabar lentamente e cair de joelhos ali mesmo, na lama da chuva recente. Eu estava esperando minha mãe, meu primo Calamus e minha tia Vivian, muitas horas atrasados depois de uma entrega de pêssegos pela estrada que levava a Cañon City. Meu pai também esperava, tão apreensivo com a ausência deles que ficara o tempo todo passando o ancinho nas folhas encharcadas que em geral deixava se decompor na grama durante o inverno.

Quando papai desmoronou sob o peso das palavras de Lyle, meu jovem coração entendeu duas enormes verdades: meus familiares não voltariam para casa e meu pai amava minha mãe. Nunca tinham demonstrado isso nem falado de romance, mas percebi naquela hora que eles na verdade haviam conhecido o amor, sim, à sua própria maneira discreta. Aprendi, com o relacionamento sutil deles – e com os olhos secos e pragmáticos que meu pai tinha ao entrar em casa depois, para dividir a notícia da morte da minha mãe comigo e com Seth num tom soturno –, que o amor é um assunto particular, a ser cultivado, e até mesmo pranteado, unicamente entre dois seres. Pertence a eles e a mais ninguém, como um tesouro secreto, um poema particular.

Afora isso, eu não sabia nada, muito menos sobre como nasce o amor; sobre aquela atração inexplicável; sobre por que alguns rapazes podem passar sem chamar a atenção, mas um em especial exerce uma atração tão inegável quanto a gravidade; e sobre como, desse momento em diante, o anseio é a única coisa que você conhece.

Havia apenas meio quarteirão entre mim e aquele rapaz enquanto caminhávamos pela mesma calçada estreita, no mesmo momento, naquela mesma cidadezinha no meio de lugar nenhum. Eu o segui, pensando que, de onde quer que ele tivesse vindo, eu e ele tínhamos vivido dezessete anos – ele talvez um pouco mais, talvez um pouco menos – completamente alheios à existência um do outro nesta Terra. Naquele momento, por alguma razão, nossa vida se cruzava como a North Laura e a Main.

Meu coração acelerou quando a distância entre nós passou de três casas para duas, depois uma, e percebi que ele diminuía o passo pouco a pouco.

Eu não tinha a menor ideia do que fazer. Se também andasse mais devagar, ele saberia que eu estava tentando ficar para trás, prestando atenção demais em um desconhecido. Mas, se eu continuasse na mesma velocidade, logo o alcançaria. E depois? Pior ainda, passaria por ele e sentiria seu olhar queimando as minhas costas. Ele sem dúvida notaria meu andar desengonçado, minhas pernas nuas e meus sapatos de couro gastos, meu velho uniforme escolar vermelho-escuro já apertado, meu cabelo castanho liso sem graça, que não lavava desde o banho de domingo.

Então diminuí o passo. E, como se estivesse preso a mim por uma corda invisível, ele fez o mesmo. Andei ainda mais devagar, e ele fez o mesmo,

quase parando por completo. Então ficou imóvel. Não tive escolha senão imitá-lo, e lá permanecemos, como duas tolas estátuas na Main Street.

Senti que ele tinha parado de andar para fazer graça. Fiquei paralisada pelo medo, pela indecisão e pelos primeiros estrondos atordoantes do desejo. Eu conhecia aquele rapaz havia poucos minutos, por menos de um quarteirão, mas ele já fazia meu estômago se revirar feito pedrinhas no fundo de um riacho.

Não ouvi a esposa roliça do médico nem as rodas de aço do carrinho de bebê se aproximando atrás de mim. Quando a Sra. Bernette e seu bebê apareceram de repente ao meu lado, tentando arrumar um jeito de passar, pulei de susto que nem um esquilo.

A Sra. Bernette sorriu, desconfiada, erguendo as sobrancelhas muito finas como que para indicar uma interrogação implícita, enquanto me dizia, sem mais:

– Torie.

Mal consegui cumprimentá-la com a cabeça, e não fui capaz de me lembrar do nome do bebê nem de estender a mão para fazer um afago simpático em seu cabelo loiro.

O desconhecido deu um passinho de lado para que a Sra. Bernette pudesse passar. Ela o olhou de cima a baixo com curiosidade e abriu um sorriso vago quando ele tocou o boné e disse:

– Senhora.

Ela olhou de novo para mim, com a testa franzida, como se lutasse para solucionar uma charada. Depois nos deu as costas e continuou a gingar seguindo seu caminho.

Éramos mesmo uma charada, eu e aquele rapaz. E a charada era a seguinte: "O que é, o que é? Que, depois de unidos, estão ligados pelo destino?" A resposta: marionetes na mesma corda.

– Victoria – disse ele com uma familiaridade descontraída quando por fim se virou para me encarar. – Você está me seguindo?

Era a vez dele de bancar o espertinho, e sorriu, parecendo achar no próprio comentário a mesma graça que imaginara no meu.

Gaguejei feito uma criança pega tentando roubar um centavo:

– N-não.

Ele cruzou os braços morenos e não disse nada. Eu não sabia se estava

ponderando sobre a própria pergunta, sobre mim ou, talvez, sobre a casualidade daquele momento.

Quando não consegui mais suportar meu próprio desconforto com aquele silêncio, me empertiguei com falsa compostura e perguntei:

– Como você sabe o meu nome?

– Eu presto atenção – disse ele, direto mas estranhamente modesto. – Victoria – repetiu devagar, ao que parecia pelo puro prazer de sentir as sílabas rolando na própria boca. – Um nome digno de uma rainha.

Aquele charme todo não combinava com sua aparência desgrenhada, e, apesar do meu esforço para fingir indiferença, ele percebeu que eu pensava assim. Seus olhos escuros fizeram o convite antes que ele o pronunciasse.

– Quer me acompanhar? Digo, andar ao meu lado – falou ele, gesticulando –, como deve ser.

Demorei a responder porque, sim, eu queria acompanhá-lo, mas a decência ou a simples falta de jeito da adolescência me impediram. Talvez fosse uma premonição.

– Não, obrigada. Não posso... Quer dizer... Nem sei o seu...

– É Wil – respondeu ele antes que eu pudesse concluir. – Wilson Moon.

Deixou seu nome completo pairar nos meus ouvidos por um momento, depois se aproximou, estendendo a mão.

– É um prazer conhecê-la, Srta. Victoria.

De repente muito sério, ele esperou que eu desse um passo à frente e apertasse sua mão.

Hesitei, desconfortável, depois fiz uma mesura. Não sei qual de nós ficou mais surpreso. Eu não fazia uma mesura desde que era criancinha, na escola dominical, mas o gesto surgiu na minha mente como a única atitude possível, tamanho era o meu medo de tocar a mão dele. Eu me senti tola imediatamente e imaginei que ele fosse rir, mas não. Seu sorriso contido se alargou, brilhante, imenso, sincero, nem um pouco zombeteiro.

Ele assentiu, compreendendo, e baixou a mão, deixando-a deslizar para dentro do bolso do macacão. Ficou parado diante de mim.

Naquele dia, parada ali, suspensa por seu olhar, eu ainda não sabia. Porém viria a descobrir que Wilson Moon não experimentava o tempo do mesmo jeito que a maioria das pessoas; na verdade, eram poucas as coisas que ele fazia como os outros. Nunca se apressava nem se remexia de nervosismo. Tampouco via no longo silêncio entre duas pessoas um

momento embaraçoso que era preciso preencher de conversa. Raramente olhava para o futuro, e para o passado ainda menos, mas colhia o momento presente nas mãos para admirar suas particularidades, sem se desculpar nem sentir que deveria ser de outra forma. Eu não poderia saber de nada disso ali, paralisada na Main Street, mas viria a conhecer a sabedoria que havia no jeito dele e, depois de um tempo, empregaria essa mesma sabedoria quando mais precisava.

Então, sim, mudei a resposta e aceitei o convite dele para caminhar pela rua, naquela tarde de outubro, ao lado de um rapaz chamado Wilson Moon, que não era mais um desconhecido.

Embora a conversa fosse uma mera troca de amenidades e a caminhada, breve, quando chegamos à Dunlap's e subimos os degraus gastos da varanda, nenhum dos dois quis se despedir. Permaneci com ele ali, na soleira lascada, sentindo o coração acelerar.

Wil não falou muito sobre si mesmo. Mesmo quando perguntei se "Wil", apelido de "Wilson", se escrevia com um *l* ou dois, ele se limitou a dar de ombros e responder:

– Como você quiser.

Mas uma coisa que eu, sim, descobri sobre Wilson Moon naquele dia foi que estivera trabalhando nas minas de carvão em Dolores e tinha fugido.

– Um dia fiquei farto daquele lugar – contou. – "Vai embora", ouvi uma voz dizendo dentro de mim. "Vai agora."

Os vagões de carvão que se dirigiam à ferrovia Durango-Silverton estavam cheios e prontos para serem transportados, contou, e, quando soou o apito do trem, pareceu um chamado demorado, estridente e insistente. Wil só sabia que os vagões estavam indo para um lugar diferente daquele onde ele estava. Quando o trem começou a avançar devagar, ele subiu depressa a escada enferrujada de um vagão e pulou em cima de um leito preto e quente de carvão. O chefe o avistou e perseguiu o trem por um tempo, berrando, xingando e agitando furiosamente o chapéu, mas o capataz e as minas logo ficaram para trás, pequenos ao longe, e Wilson Moon virou o rosto para o vento.

– Você não sabia nem para onde estava indo? Onde ia parar? – perguntei.

– Isso não importa muito. Qualquer lugar dá no mesmo, né?

Os únicos lugares que eu conhecia eram Iola e a terra ao redor de uma

parte larga e reta do rio Gunnison. A cidadezinha se aninhava, ao sul, nas encostas da região selvagem conhecida como Big Blue e, ao norte e ao oeste, nas imponentes montanhas Elk. Ao leste, uma colcha de retalhos feita de fazendas e ranchos se estendia feito uma longa cauda pela margem do rio. Eu e meu irmão nascemos na fazenda que meu pai herdou do pai dele, na cama alta de ferro que ocupava metade do quarto amarelo-claro cravado nos fundos da casa, o cômodo que servia apenas para partos e visitas até o tio Og ir morar conosco depois do acidente.

Nossa fazenda não tinha nada de especial nem era muito grande. Eram apenas 19 hectares, que incluíam os celeiros, a casa e uma estrada de cascalho comprida como o uivo de um lobo. Mas, do celeiro até a cerca dos fundos, nossa terra tinha o único pomar de pessegueiros de todo o condado de Gunnison, onde as frutas cresciam gordas, rosadas e doces. As margens sinuosas do riacho Willow esculpiam os limites da nossa propriedade ao leste; a água gelada vinha direto da neve na montanha, ansiosa para se espalhar por nossas árvores e pelas modestas fileiras de batatas e cebolas. À noite, o riacho entoava uma canção de ninar junto à janela do meu quarto, embalando meu sono na antiga cama onde eu passara quase todas as noites da minha vida. O nascer do sol sobre a distante montanha Tenderfoot e o apito prolongado dos três trens diários que passavam pela estação da cidade eram meus relógios mais confiáveis. Eu sabia exatamente como o sol da tarde se inclinava pela janelinha da cozinha e cruzava a longa mesa de pinho nas manhãs de inverno. Sabia que os açafrões e as esporinhas roxas seriam as primeiras flores silvestres a se abrir na fazenda a cada primavera, e os epilóbios e solidagos seriam as últimas. Sabia que uma dúzia de andorinhas descia sobre o rio na época das libélulas e que este seria o momento exato em que uma truta-arco-íris emergiria na rede de pesca do papai. E eu sabia que as tempestades mais ferozes, sombrias e agourentas como o diabo quase sempre chegavam por cima dos picos do noroeste e que todos os pássaros canoros, corvos e pegas silenciavam pouco antes de o céu desabar.

Então, não, a meu ver qualquer lugar não dava no mesmo, e fiquei pensando por que aquele rapaz não parecia saber nada sobre o que é um lar.

– E os seus pertences? – perguntei, intrigada com a vida de um andarilho.

– Mesma coisa – respondeu ele, dando de ombros e sorrindo como se

soubesse algo sobre pertences que eu não sabia, o que depois descobri ser verdade.

Ele me ensinaria como poderia ser verdadeira uma vida destituída de tudo que não fosse essencial e que, no fim das contas, poucas coisas importavam além da determinação de continuar vivendo. Se ele tivesse me dito isso naquele momento, eu não seria capaz de acreditar nele. Mas o tempo mexe com a gente.

Não consegui pensar num pretexto para entrar com ele na Dunlap's. Mesmo que não estivesse na companhia de um rapaz desconhecido, uma moça não devia entrar na pensão sem um bom motivo e um acompanhante de confiança. Além disso, estava quase na hora do jantar, e eu ainda tinha a tarefa ingrata de arrancar Seth da sala de pôquer e levá-lo para casa antes que o papai terminasse de juntar os últimos fardos de feno do Sr. Mitchell.

Com um suspiro, sugeri que era hora de nos separarmos.

– Bom...

Mas não me virei para ir embora. Esperava que ele pegasse a deixa e desse o passo seguinte. Mais uma vez, porém, ele manteve sua imobilidade relaxada, sorrindo para mim, de vez em quando olhando para o céu como se estivesse lendo algo nas nuvens esparsas do anoitecer.

– Acho que é melhor eu ir – falei, por fim. – Tem a janta e tudo mais...

Wil deu uma olhada para o céu mais uma vez, depois perguntou se eu me encontraria com ele no dia seguinte e lhe mostraria a cidade. Poderíamos dividir uma fatia de torta, ou coisa do tipo.

– Afinal, você é a única pessoa que conheço nesta cidadezinha excelente.

– Bom, você não me conhece – argumentei. – Pelo menos, não muito.

– Claro que conheço. – Wil deu uma piscadela. – É a Srta. Victoria, rainha de Iola.

Ele se inclinou e girou a mão numa reverência de brincadeira, como se eu fosse mesmo da realeza, o que me fez rir. Então se endireitou e me olhou por tanto tempo que achei que eu derreteria que nem chocolate sob os últimos raios de sol baixos que alcançavam a varanda. Ele não disse nada, mas senti como se soubesse coisas impossíveis a meu respeito. Chegou mais perto. Respirei fundo, sentindo pela primeira vez o cheiro dele, almiscarado, pungente e estranhamente convidativo, e encarei por um instante seus olhos escuros infinitos.

Como é que uma pessoa vive dezessete anos sem nunca se perguntar se

alguém a conhece ou não? Jamais tinha me ocorrido a ideia de que alguém pudesse enxergar a essência das coisas e que lá estaria você. Fiquei parada na entrada empoeirada da pensão, sentindo-me transparente, exposta à luz de um jeito que nunca imaginei antes de conhecer Wilson Moon.

Tímida, dei um passo para trás. Depois, concordei em me encontrar com ele no dia seguinte. Queria mais dele, como se ansiasse pela luz do sol escondido por muito tempo atrás das nuvens. No entanto, antes que pudéssemos fazer planos – escolher hora, lugar, motivo –, uma voz familiar foi lançada contra mim do meio da Main Street e me atingiu como uma pedra.

– Torie!

Lá estava meu irmão, Seth, cambaleando no meio da rua, a mão esquerda segurando o gargalo de uma garrafa de cerveja marrom.

– Torie, sai de perto desse filho da puta imundo! – falou numa voz arrastada, apontando para Wil com a garrafa e derramando cerveja em manchas escuras na rua de terra.

– Meu irmão. Bêbado – expliquei para Wil, suspirando e virando-me depressa.

Desci os degraus da Dunlap's, gritando para trás, exasperada:

– Tenho que ir!

E corri para o lado de Seth antes que ele criasse alguma confusão.

– Quem é esse desgraçado? – grunhiu ele com o Lucky Strike pendurado nos lábios, dirigindo a pergunta mais para Wil do que para mim.

– Não é ninguém – respondi, as mãos no ombro de Seth, empurrando-o pela rua como quem segura as rédeas de uma mula relutante, guiando-o de volta ao cruzamento da North Laura com a Main.

Embora fosse mais de um ano mais novo, Seth ficara mais alto que eu perto de seu décimo quinto aniversário e tinha crescido pelo menos 5 centímetros nos últimos seis meses. Eu não era uma garota alta e, em comparação com outros rapazes da mesma idade, ele ainda era baixo e robusto – seu corpo e seu temperamento lembravam os de um pugilista. Eu me esforcei para tirá-lo logo da vista de Wil e de outros espectadores, tentando levá-lo para casa.

– Era só um rapaz pedindo uma informação – menti, embora essa fosse a verdade menos de quinze minutos antes. – Está só de passagem.

– Pardo filho da puta...

– Você está fedendo, Seth – falei, interrompendo-o. – Mais do que aquele chiqueiro que é bom você limpar antes que o papai chegue.

– O papai que se dane – resmungou com coragem de bêbado, dando uma longa tragada no cigarro e depois jogando-o na rua.

– Faz o que eu estou dizendo pelo menos uma vez na vida, pra poupar a gente de uma dor de cabeça – falei, pisando no cigarro e em seguida me virando para espiar Wil, ainda parado na varanda da Dunlap's, lendo-me como se eu fosse um conto de mistério.

– Os porcos vão sair voando daquele chiqueiro cheio de merda antes de você mandar em mim, menina. Você acha que pode...

– Cala a boca, Seth. Cala essa boca de uma vez.

Eu não aguentava ouvir nem mais uma palavra. Naquele momento, odiei meu irmão até mais do que antes. Minha aversão por ele já tinha algo a ver com Wil. Havia muito tempo tinha algo a ver com o papai e com o tio Og, e também com a mamãe, o primo e a tia, que eu estava começando a esquecer. Mas, sobretudo, minha repulsa por Seth era espinhosa e eriçada como um cardo, e ficava um pouco mais pontiaguda a cada dia.

Comecei a empurrá-lo pelas costas com todas as minhas forças. Ele tropeçou, cambaleou para a frente, depois tropeçou de novo, xingando, choramingando e bebendo a cerveja o caminho todo, mas sem revidar. Talvez estivesse bêbado demais para se importar, ou talvez soubesse tão bem quanto eu que precisava estar no chiqueiro quando o sol afundasse atrás das montanhas.

Entramos na North Laura. No lado sem saída, uma trilha estreita serpenteava pela grama indo até a nossa fazenda, passando pelo terreno coberto de pinheiros da doida Ruby-Alice Akers e atravessando um vasto campo de capim. Era o caminho mais rápido entre a fazenda e a cidade, e eu e Seth já o tínhamos percorrido mil vezes juntos. Quando éramos crianças, nossa mãe o encarregou de tomar conta de mim quando andávamos por aquela trilha, indo ou voltando, mesmo ele sendo mais novo e muito menos responsável – apenas por ser menino. Conforme fomos crescendo, passei a cuidar dele, não porque alguém tivesse mandado, mas porque eu precisava fazer isso, pelo meu bem, pelo dele e também pelo bem do papai. No entanto, por mais que tentasse, eu não era capaz de salvar Seth das próprias burradas e estava farta de tentar.

Fiz meu irmão seguir pela trilha: eu empurrando, ele cambaleando e

xingando. Seth deixou cair a garrafa de cerveja. Antes que minha mente pudesse registrar que a garrafa estava no caminho, pisei bem em cima dela e tombei para a frente, derrubando Seth no chão e caindo com força na terra. Bati o quadril e o cotovelo. Pequenas coisas: a mão frouxa de um garoto bêbado, uma garrafa caída, um tornozelo torcido, uma manga de vestido rasgada. No entanto, muitas vezes são as pequenas reviravoltas predestinadas que alteram mais profundamente a nossa vida – o apito de um trem de carvão, a pergunta de um desconhecido num cruzamento, uma garrafa marrom na terra. Por mais que tentemos nos convencer do contrário, os momentos do nosso devir não podem ser escolhidos a dedo como o pêssego mais maduro e apetitoso do galho. Na marcha trôpega e infinita em direção a nós mesmos, colhemos os frutos que nos são entregues.

Fiquei deitada na terra por um momento de desorientação. Seth deu uma risada fraca e depois silenciou. A dor se irradiava pela minha perna. Enquanto eu erguia o tronco com cuidado, de repente senti os braços de Wil deslizarem por baixo de mim com a segurança de um noivo pegando a noiva no colo. E, embora não houvesse um portal – apenas o campo de solidagos murchos, capim alto e quebradiço –, lembro-me desse momento como a nossa entrada. O toque não me assustou, não protestei contra o abraço delicado enquanto ele me levantava com facilidade e me embalava junto ao peito manchado de carvão. Tampouco tentei fazer a tolice de andar com o tornozelo já inchado.

– Você me seguiu – falei, inexpressiva.

– Aham – respondeu ele simplesmente, olhando para Seth, que estava deitado de lado na beira da trilha, desmaiado. – O que vamos fazer com ele?

– Porcaria nenhuma – respondi, divertindo-o.

Porcaria nenhuma, repeti no meu íntimo, surpresa com minha própria rebelião tanto nas palavras quanto nos atos. Deixaria meu irmão dormindo na terra. Deixaria que aquele desconhecido me levasse nos braços.

Eu tremia. Se era por causa da dor, da raiva ou das primeiras faíscas do amor, eu não sei – talvez fosse por tudo isso –, mas meu corpo tremia como se Wil tivesse me tirado de um lago congelado. Eu me agarrei ao seu pescoço musculoso enquanto caminhávamos. O puxão fez a cabeça dele balançar ligeiramente, como se num gesto de concordância. Em seus braços eu me sentia leve como uma criança e igualmente confiante. Não era do meu feitio

aceitar sem reservas auxílio e proteção, desconfiar tão pouco das intenções de um rapaz desconhecido. Mesmo assim, a garota nos braços dele era eu.

Avançamos pela trilha que percorri por toda a minha vida de uma forma que eu nunca imaginara, sentindo tudo ao meu redor sutilmente transformado. Talvez meu pai já estivesse esperando na fazenda, e o tio Og devia estar sentado em sua cadeira de rodas à janela ou na varanda da frente, como fazia quase todo dia – ambos testemunhas em potencial da cena de um desconhecido me carregando pelo campo. No entanto, depois de anos temendo o julgamento do meu pai e a raiva do meu tio, não me importei com o que pensariam nem com a reação que teriam. Comparados à imensidão dos braços de Wil em volta de mim, papai, Og, a autoridade e o decoro encolhiam. Mesmo as montanhas ao redor, mesmo as consequências pareciam insignificantes.

Naquela manhã, eu saíra da fazenda uma garota comum, num dia comum. Ainda não conseguia identificar o novo mapa que se desdobrara dentro de mim, mas sabia que voltava para casa incomum. Eu me sentia como os exploradores que havia estudado na escola deviam ter se sentido ao vislumbrar um litoral distante e misterioso de um mar que parecia eterno. Convertida de repente num Magalhães da minha própria alma, eu não sabia o que tinha descoberto. Deitei a cabeça no ombro largo de Wil e tentei imaginar de onde ele vinha, de quem vinha e quanto tempo um andarilho passava em um só lugar.

Dois

Avistamos a casa branca, depois os galinheiros caindo aos pedaços, o chiqueiro e o celeiro cinza cheio de remendos que guardava equipamentos, cestos grandes e o nosso cavalo, Abel. Nenhuma estrutura nem cerca haviam ganhado uma nova pintura desde o verão anterior ao acidente. Na verdade, poucas coisas na fazenda tinham recebido os cuidados adequados desde então, e, cinco anos depois, sem meu primo Calamus para cuidar da manutenção e minha mãe para ditá-la, a propriedade mudara como um lençol branco convertido em saco de aniagem. A transformação acontecera de forma tão gradual que eu não a havia notado por completo até aquele momento, ao tentar enxergar a cena com os olhos de Wil. Toda a minha vida se passara naquela fazenda e, ao vislumbrá-la daquela vez, me senti maltrapilha e esfarrapada. Queria dizer: "Na verdade não somos assim... Eu não sou assim... É que aconteceu um acidente e..." Mas as provas estavam diante de nós como a proclamação final da queda da minha família.

Além das construções deterioradas, havia um irmão bêbado caído na terra atrás de nós e logo surgiu a caminhonete enferrujada do meu pai resmungando pela longa estrada. Quando o papai saiu pela porta do motorista e começou a caminhar na nossa direção com passos furiosos, vi o tio Og ir com a cadeira para a varanda de pintura descascada, querendo ver mais de perto o que, sem dúvida, esperava ser uma briga. Fiquei ali, pendurada nos braços de Wil, incapaz de limpar nada do que ele estava vendo nem de correr rumo ao nosso pomar de pêssegos nos fundos, a única

beleza que restava. Fechei os olhos, antecipando, com a chegada do papai, a completa colisão da minha vida com a de Wil.

O surpreendente é que veio de trás.

Seth havia recuperado a consciência. Ele nos perseguira em silêncio até sua bomba de raiva explodir na poderosa investida que o jogou nas costas de Wil. A luta que se seguiu me parece surreal em retrospecto – minha memória é uma versão turva e em câmera lenta do que aconteceu de verdade. Lembro-me de detalhes que ainda não consigo explicar, como o fato de Wil ter conseguido me pôr no chão com delicadeza, deixando-me fora de perigo, e de os dois terem rolado por cima de mim feito um pequeno tornado, Wil dançando como um pássaro no ar para se esquivar dos socos furiosos de Seth. Eu me recordo nitidamente do único golpe de Wil que jogou Seth no chão, com o nariz ensanguentado, xingando, e da chegada do meu pai, arfando e levantando o filho para depois se colocar entre os dois com os braços estendidos, como um árbitro.

Seth ofegava e empurrava a palma da mão do papai com o peito, amaldiçoando Wil e tentando alcançá-lo. Wil recuava com calma, encarando Seth como um lobo confiante encara a presa.

– Quem é você, rapaz? – berrou papai para Wil, antes de rosnar para Seth se aquietar, agarrando o colarinho da camisa do filho com o punho.

– Wilson Moon, senhor – respondeu Wil, sem perder a compostura nem tirar os olhos de Seth, mas tocando a aba do boné que havia conseguido manter na cabeça.

– Pra mim isso não quer dizer porcaria nenhuma.

– Estou só de passagem, senhor.

– De passagem com a minha filha nos braços e o meu filho nas costas? – perguntou papai com grosseria, desconfiado e confuso.

– Sim, senhor. – Wil não fez nenhuma tentativa de se explicar. Apenas acrescentou: – Uma eu tirei do chão; o outro tentei deixar para trás.

Papai olhou para baixo, onde eu estava sentada, examinando meu tornozelo inchado e o vestido rasgado, mas sem chegar ao ponto de procurar provas nos meus olhos.

– Esse rapaz machucou você?

– Não, papai. A culpa foi do Seth. O rapaz me encontrou machucada e estava me ajudando a vir para casa. Só isso.

– É mentira! – rosnou Seth. – Esse filho da puta seguiu a gente pra botar

essas mãos sujas nela.

Resistindo a meu pai com furor renovado, Seth deu um soco no ar na direção de Wil, gritando:

– Eu te mato, seu latino desgraçado!

Papai segurou Seth com mais força, olhando com as sobrancelhas franzidas de mim para Wil e para mim outra vez. Mandou Seth calar a boca e me perguntou solenemente:

– Isso é verdade?

– Não, papai. Seth está bêbado. Só isso.

– Isso eu estou vendo.

Papai olhou cansado para o filho, que, enfim sucumbindo à força do pai, cedeu ao punho dele e começou a chutar a terra feito uma criança birrenta.

Papai avaliou Wil de novo e, em seguida, gesticulou com a mão livre, dizendo:

– Dê o fora daqui, garoto. Não quero te ver perto da minha terra nem da minha família outra vez. Está claro?

– Sim, senhor. Claro como o dia – respondeu Wil, tocando a aba do boné.

Ele deu as costas sem olhar para mim e caminhou com passos firmes pelo campo amarelo de volta à cidade. O horizonte cor de lavanda pareceu engoli-lo aos poucos, até sua silhueta ficar diminuta e desaparecer. Imaginei se ele estava voltando à linha do trem. Se para ele qualquer lugar dava no mesmo, a próxima parada poderia ser melhor do que a cidade onde Seth vivia. Nunca me ocorreu que ele pensava o contrário à medida que ia ficando pequenino ao longe: que Iola se tornara para ele um lugar superior a todos os outros. Ele não iria fugir por causa de Seth, mas permanecer por minha causa.

– Enquanto eu ia embora – disse ele tempos depois, quando estávamos deitados juntos embaixo dos cobertores em sua cama –, tentava o tempo todo descobrir como voltar para você.

Eu às vezes penso que poderia ter sido melhor se ele tivesse continuado em frente e pegado o trem seguinte para algum outro lugar.

Papai empurrou Seth para longe com repulsa, e meu irmão cambaleou na direção do chiqueiro sem protestar. Papai se abaixou, me levantou com grande esforço e me levou em direção à casa. Era ossudo e desengonçado em comparação com Wil, menos castigado pelo meu peso do que pelos anos de

dificuldade desde a morte da minha mãe. Por medo de derrubá-lo no chão, não me atrevi a passar os braços pelo pescoço dele como fizera com Wil. Assim como a fazenda, meu pai definhava um pouco a cada dia, e estar em seus braços outrora fortes era como ser carregada por uma mula velha e frágil. Queria pedir a ele que me pusesse no chão, pois eu conseguiria caminhar mancando, mas sabia que ele não cederia e que não gostava de palavras desnecessárias.

O tio Ogden soltou um assobio agudo e longo enquanto papai me carregava pelos degraus gastos da varanda, passava pela cadeira de rodas e ia até a porta da frente. Seu sorriso sinistro me informou que ele havia gostado do espetáculo, que não dava a mínima para o meu ferimento e tinha muita esperança de presenciar as próximas confusões – que, infelizmente, viriam. Papai o ignorou e me levou para dentro, onde me deixou deitada no sofá, depois foi à cozinha ligar para o Dr. Bernette. Acomodei a perna nas almofadas de musselina que minha mãe havia costurado à mão e esperei.

Mamãe chamava aquele cômodo de sala de estar. Tínhamos permissão para usá-lo apenas nas tardes de domingo, quando eu e os meninos estávamos limpos e contidos depois da igreja. Eu passara horas e horas jogando damas com Seth e Cal no tabuleiro de madeira, nossos corpos magricelas espalhados no tapete trançado enquanto minha mãe estudava sua Bíblia na cadeira de balanço do canto e meu pai lia o jornal e cochilava no sofá de lã dourada. Muitas vezes a tia Vivian vinha do quarto que alugava na cidade para nos visitar. Tentava sentar-se em silêncio e costurar, mas parava com frequência para nos contar alguma história que tinha lido na revista *Collier's* ou visto num noticiário antes de um filme no cinema em Montrose. Se não fosse por ela, eu não saberia de um lugar chamado Hollywood nem dos nomes melodiosos de suas estrelas – Errol Flynn, Basil Rathbone, Greer Garson e o meu favorito, pelas sílabas suaves e redondas: Olivia de Havilland, uma mulher que eu só podia imaginar ser tão linda quanto o nome. Minha mãe dizia que era tudo bobagem, o que tornava cada mexerico que a tia Viv dividia conosco ainda mais delicioso. De vez em quando Viv a convencia a nos deixar ouvir uma esquete de *O Gordo e o Magro* no rádio. Eu e os meninos rolávamos de tanto rir, até o ataque de bobeira deixar Seth tão descontrolado que ele não resistia a dar uns socos ou se engalfinhar com Cal. Então minha mãe mandava alguém desligar o rádio e todas as crianças saírem da sala. Eu saía a contragosto, mas obedecia,

acostumada a levar a culpa por associação, e Viv me lançava um olhar pesaroso e compreensivo.

Sentada ali, no anoitecer silencioso com aqueles fantasmas, esperando o médico chegar para examinar meu tornozelo, concluí que, se minha mãe estivesse me observando de algum mirante celestial, mesmo naquela situação me repreenderia por estar com a perna em cima do sofá. Na parede à minha frente ficava a prateleira branca em que ela guardava sua coleção de cruzes de porcelana. Abaixo pendia um dos versículos bíblicos que ela bordava com maestria e pendurava pela casa toda como inspiração e admoestação. Aquele mostrava duas mãos erguidas em oração, em volta de um salmo: "É necessário que ele cresça e que eu diminua. João 3:30." Percebi, com um toque de vergonha, a poeira que cobria a moldura de madeira escura. Na parede oposta havia outro bordado, contornado por uma fita de flores azuis: "Eu, todavia, não me esquecerei de ti. Eis que, na palma das minhas mãos, te tenho gravado. Isaías 49:16." Eu tinha a vaga lembrança de um sermão da igreja sobre aquele salmo e de minha mãe estender a mão para mim, que estava sentada e comportada ao lado dela no banco, e apertar de leve minha coxa antes de voltar a unir educadamente as mãos no colo.

Pelas cortinas da sala eu via a lateral da cabeça do tio Og e o ombro gordo escapando do encosto alto de madeira da cadeira de rodas. Ele enfiou um pedaço de tabaco de mascar na bochecha e olhou ao longe, na direção em que Wil havia seguido, como se ainda espreitasse a silhueta dele. A cada poucos minutos levava uma lata vermelha de café aos lábios para cuspir e depois bebia um gole de seu cantil de bolso prateado.

Ogden havia cortejado a tia Viv naquela mesma sala, embora fosse tão diferente naquela época que eu mal conseguia associar o jovem universitário encantador que fora nos visitar com o homem abatido que jogava a vida fora na varanda. Ele e Viv se conheceram em 1941, num baile de primavera na universidade estadual em que Og estudava, em Gunnison. Vivian tinha ido ao baile sem convite com duas amigas, todas em busca de romance – e todas as três conseguiram atrair um universitário que um dia haveria de se ajoelhar para pedi-las em casamento. Segundo o relato de Vivian no dia seguinte, quando ela apareceu na nossa cozinha para tomar o café da manhã, eufórica feito uma galinha-d'angola, o seu universitário era o melhor partido.

Não discordei quando ela trouxe Ogden para jantar na nossa casa no sábado seguinte. Viv tinha dito que ele não era nenhum Clark Gable em *Aconteceu naquela noite*, mas era irresistível como Fred Astaire em *Ritmo louco*. Eu nunca havia visto um filme no cinema, então não sabia ao certo o que ela queria dizer até ver Og sair de seu Pontiac vermelho e ir até a entrada da nossa casa com passos tão leves que a ponta dos sapatos bicolores mal parecia tocar o chão. Viv soltou um gritinho e correu para recebê-lo. Os cachos castanhos que ela passara a tarde esculpindo com grampos estavam tão colados à cabeça que nem balançavam. Og apertou a mão do papai na porta da frente e ofereceu um buquê de flores para minha mãe. De gravata-borboleta vermelha e braço dado com a risonha Viv, ele pulou para dentro de casa feito um coelho emperiquitado.

Falou a noite toda, animado, deliciando minha família com as histórias de suas aventuras, uma após a outra. Até mesmo minha mãe, obviamente abalada pelo entusiasmo de Og e sem dúvida preocupada com a salvação dele, riu de um ou dois chistes. Eu nunca tinha conhecido alguém que tivesse visto o sol nascer sobre o Grand Canyon, subido a 4.300 metros nas montanhas San Juan, sentado numa cadeira de metal suspensa e descido por uma encosta coberta de neve com duas tábuas amarradas aos pés em Idaho, mais ao norte. Ogden tinha feito tudo isso e mais um pouco com o irmão, Jimmy, e parecia reviver a emoção de cada façanha enquanto contava as histórias, chegando a se levantar da mesa de jantar para demonstrar sua posição de esqui, com os braços bem perto do corpo, bastões imaginários nas mãos, joelhos dobrados e quadris balançando. Fez barulhos rítmicos de velocidade e esquiou pela encosta da memória enquanto nós o observávamos com os talheres suspensos a meio caminho da boca e Vivian sorria, radiante.

No sábado seguinte, Og trouxe Jimmy para jantar e, felizmente para mim e para os meninos, a teatralidade e a diversão duplicaram. Jimmy era poucos anos mais novo que Og, com a mesma compleição ágil e uma tendência ainda maior a explosões de entusiasmo. Os dois, animados feito comediantes, levaram vida e alegria à nossa casa.

Og e Vivian se casaram pouco antes da colheita daquele ano. Decoramos a igreja com fitas rosa-claro e os penstêmons roxos que eu e minha mãe colhemos em volta do pomar. Jimmy permaneceu ao lado de Ogden

enquanto aguardavam a marcha de Viv em direção ao altar, ambos sorrindo como se a qualquer momento fossem cair na gargalhada.

Naquele dia, ninguém na igrejinha de madeira poderia ter previsto que, dali a três meses, homens de uniforme do outro lado do mundo decidiriam lançar bombas sobre um porto havaiano de que nunca tínhamos ouvido falar e, como resultado, arrancariam Ogden e Jimmy de nós e os enviariam à guerra.

Quando eu tinha uns 5 anos, espalhou-se pela cidade feito rastilho de pólvora a notícia de que o lustroso Auburn Speedster marfim do Sr. Massey, o banqueiro de Montrose, tinha enguiçado bem em cima da linha férrea em Iola e fora completamente destruído por um trem. As pessoas contavam que Massey fora esmagado no banco do motorista e o carro se enrolara em volta dele como um casulo; outros boatos diziam que ele havia sido decapitado debaixo das rodas do trem, ou arremessado pelo conversível aberto no para-brisa da locomotiva, olhando bem nos olhos do maquinista enquanto dava o último suspiro. O fato era que o Sr. Massey pulou do carro antes do impacto e escapou ileso, mas a história cresceu, tornando-se tão bizarra que, ao fim daquele dia, quase todos na cidade passaram pela ferrovia de carro, a cavalo ou de bicicleta para ver com os próprios olhos o Speedster amassado.

Eu estava fazendo uma entrega de pêssegos com o papai e Cal, empoleirada num cesto encaixado de ponta-cabeça entre os dois assentos, quando meu pai virou a caminhonete e pegou uma estrada pela qual não costumávamos passar, então foi além da estação e atravessou os trilhos. O magnífico automóvel – antes tão admirado ao desfilar pela Main, o lembrete de outro tipo de vida em que as pessoas em Iola raramente pensavam – tinha se transformado num monte de sucata, pouco mais do que um enorme pedaço de lata retorcido.

A guerra fez com Ogden exatamente o que aquele trem fez com o belo automóvel do Sr. Massey: pegou algo repleto de beleza e potencial e esmagou. Um ano depois, o acidente que roubou Cal, Vivian e minha mãe de nós fez o mesmo com a minha família. Descobri desde cedo a tenacidade da ruína. Pela janela da sala, a cada escarrada marrom e raivosa na lata, a cada gole de uísque, Og me lembrava de não confiar nas aparências ao buscar pistas do porvir.

Quando meu pai berrou da cozinha que o Dr. Bernette estava a caminho e logo depois saiu para cumprir suas tarefas, batendo a porta de tela com um

estardalhaço, eu quase havia me esquecido do tornozelo machucado. Estava pensando em Wil, pesando o desejo de vê-lo outra vez contra o gume da certeza de que o mais sensato seria abandonar qualquer noção a seu respeito enquanto ele ainda era bonito e estava inteiro.

Três

Meu tornozelo não estava quebrado. O Dr. Bernette o enfaixou com uma grande atadura branca e me instruiu a passar alguns dias sem me apoiar nele. O carro do médico nem tinha chegado ao fim da longa estrada que dava na casa e eu já desobedecia suas ordens, mancando até a cozinha para preparar a comida. Foi bom ter feito isso, pois papai, Og e Seth entraram famintos na cozinha às sete em ponto como faziam toda noite, esperando que eu estivesse com a comida pronta. Eu tinha preparado o jantar às pressas – cubos de carne fritos com repolho da horta, uma tigela de pães que sobraram da noite anterior, quatro espigas de milho cozido com manteiga e as últimas fatias de uma torta de pêssego de dois dias antes –, mas ninguém reclamou. Os únicos sons durante a maior parte da refeição foram os dos talheres batendo nos pratos e um ocasional arroto do tio Og. Seth ficou de cabeça baixa, tentando esconder o nariz ferido e inchado, e engoliu a comida em grandes garfadas. Ou a briga o deixara com uma fome voraz, ou ele só queria sair da mesa o mais rápido possível. Limpou o prato na metade do tempo que os outros e logo se levantou.

– Hoje você não vai sair, filho – decretou o papai antes que Seth tivesse a chance de anunciar seus planos.

– O que você tem a ver com isso?

Os olhos de Seth estavam semicerrados, como se as luzes da cozinha estivessem fortes demais. O nariz desfigurado transformara seu rosto.

– Olha a boca, garoto – advertiu o papai.

Ele passou manteiga num pão e deu uma grande mordida, mastigando

devagar e olhando com seriedade para o espaço vazio na mesa enquanto Seth balançava o corpo, ansioso. Papai engoliu e o mandou se sentar, então acrescentou:

– O jantar não acabou.

Minha mãe governava nossa família com as mais rígidas regras de etiqueta, metodismo e praticidade. Na opinião dela, havia o jeito certo e o jeito errado de fazer quase tudo, desde os modos à mesa, passando pela fala e pela costura, até a maneira correta de passar maionese numa fatia de pão, de bater os tapetes e de falar com as galinhas para convencê-las a botar mais ovos. Não podíamos cruzar as pernas na igreja, falar com os mais velhos sem que tivessem falado conosco primeiro nem cavalgar sem sela, e eu, por ser menina, não podia correr em público – a não ser na aula de educação física, na escola. Depois que ela morreu, o papai tentou preservar o alto padrão e as regras onipresentes, mas nunca foi da natureza dele segui-las e muito menos aplicá-las. A criação dos filhos fora o território da mamãe e, depois que ela se foi, ele pareceu não saber o que fazer conosco. Decretava a lei quando se lembrava de fazê-lo, mais em homenagem à minha mãe ou para expressar seu mau humor do que por preocupação genuína com nosso comportamento. Aplicava as velhas regras de modo tão esporádico que eu e Seth nunca sabíamos que princípio nos controlaria nem quando. Na maior parte das vezes, Seth terminava de comer e saía da mesa quando queria. O esperado era que eu lavasse a louça, isso era óbvio, portanto eu comia sem pressa e sempre terminava por último. Nessa noite, porém, havia novas regras.

– Hoje você lava a louça – disse o papai a Seth antes de dar outra mordida no pão.

Não sei quem se surpreendeu mais com esse anúncio em tom trivial, Seth ou eu. Um princípio consistente na família era o de que as mulheres cumpriam todas as tarefas domésticas. Minha mãe fazia tudo sem se queixar. Se a exigência incomum do papai era para poupar meu tornozelo, para castigar Seth ou pelas duas coisas, ele não disse. Seth jogou a cabeça para trás e gemeu. O tio Og soltou uma risadinha, chiando com sarcasmo.

Meu pai terminou o pão, limpou os lábios com um guardanapo de musselina e disse:

– A esta altura aquele mexicano já foi embora há muito tempo. Se não foi

ainda, ir atrás dele só vai criar mais confusão. E essa família não precisa disso.

A suposição de que Wil era mexicano chamou a atenção de todos nós.

– Mexicano? – grunhiu Og com desdém, dando um tapa no coto curto da perna direita, depois repreendeu Seth: – Você deixou um *chicano* te vencer no braço, *Sarinha*?

– Vai ver não era – retrucou Seth. – Não sei o que ele era, só sei que era um filho da puta.

– Já chega – ordenou o papai.

Eu não sabia se era o preconceito, a maldade ou apenas o som da voz dos dois que ele não conseguia tolerar.

Queria me levantar e declarar que eles não sabiam nada sobre Wilson Moon. De alguma forma, eu já sentia que Wil me pertencia e que os homens à mesa, embora meus parentes, significavam menos para mim do que ele.

Uma regra que minha mãe me ensinou por meio do exemplo foi que, quanto menos a mulher fala, mais ela se favorece. Muitas vezes julguei-a indiferente à conversa, principalmente com os trabalhadores que se sentavam à nossa mesa. Com o tempo, no entanto, compreendi que ela, tal como eu, tal como as mulheres ao longo dos séculos, sabia o valor do silêncio feito um cão de guarda da sua verdade. Ao mostrar na superfície apenas uma pequena fração do seu íntimo, a mulher não deixava aos homens muito o que saquear. Fingi desinteresse pelo assunto de Wilson Moon, embora minhas veias zumbissem feito cabos elétricos a cada menção ao nome dele. Terminei meu prato. Bebi meu leite. Pedi licença para me retirar. Ao me levantar, percebi Seth me olhando de cara feia, furioso com a inversão de papéis, é claro, mas também havia algo ilegível e medonho em seus olhos. Saí da cozinha mancando e subi a escada de madeira gasta até o conforto do meu quarto, procurando na mente uma descrição para a emoção no olhar de Seth. Eu não conseguia identificá-la. Não queria que fosse desconfiança e, naquele momento da minha vida, nada sabia sobre o fogo indomável da vingança.

Naquela noite, eu me deitei na cama e senti saudade da minha mãe.

Fazia anos que não sentia tanta saudade dela e me surpreendi que a lembrança me ocorresse naquele momento, quando poderia me distrair do tornozelo latejante pensando em Wil, tramando nosso reencontro ou revivendo na memória a sensação prazerosa de ser carregada nos braços dele. Não é que não me lembrasse da mamãe com frequência nos cinco anos desde sua morte, mas ela havia me ensinado a ser sensata e eficiente, e ansiar por algo que não se pode ter não emprega nenhuma dessas virtudes. Tentar não sentir saudade dela era uma forma de homenagear sua praticidade, o que no meu coração parecia tão absurdo quanto dizer isso em voz alta. Para ser sincera, a falta dela doía demais.

Após o acidente, primeiro pensei que era de Calamus que eu sentia mais saudade. Ele morava conosco desde que eu era pequena, depois que os pais dele – a irmã mais velha da minha mãe e o marido – foram mortos por um tornado que arrasou sua fazenda de criação de perus em Oklahoma. Ninguém jamais falou comigo sobre as circunstâncias reais da morte deles, por isso minha imaginação infantil forjou a imagem da casa inteira voando pelos ares, girando entre centenas de perus que gritavam, comemorando a esplêndida descoberta do voo nos momentos finais de vida, enquanto o pequeno Cal, aos 8 anos, continuava enraizado no chão, como que por mágica, olhando para o céu com assombro e resignação, acenando um adeus.

Como quer que tenha sido sua chegada à nossa casa, desde que eu me entendia por gente o bem-humorado Cal fora a confluência que fundia os riachos separados da nossa família na forma de um rio único. Às vezes ele fazia minha mãe rir, e o trabalho preciso dele, feito de boa vontade, parecia a única coisa – além de uma colheita excepcional de pêssegos – que deixava o papai orgulhoso. Cal conseguia concentrar a energia de Seth em atividades úteis como a pesca e o conserto de motores; às vezes, era capaz até de acalmá-lo com algumas palavras. Para mim, Cal quase sempre era o único colo para o qual eu podia correr quando precisava de um beijo num joelho esfolado ou simplesmente de um amigo.

Depois de um tempo, porém, à medida que minhas lembranças dele se desvaneciam, comecei a entender o que significava ser uma menina sem mãe neste mundo. Cercada de homens, eu não tinha parâmetros. Após a morte da mamãe, os homens esperaram que eu assumisse em silêncio o

papel dela – preparando suas refeições, limpando seu xixi no banheiro, lavando e estendendo suas roupas sujas e cuidando de tudo na casa, no galinheiro e no jardim. Minha mãe tinha me ensinado o básico das tarefas domésticas, mas, com apenas 12 anos, quando o trabalho passou a ser meu, eu não sabia se estava cumprindo as tarefas da maneira correta e sem dúvida não as fazia tão bem quanto ela. Mais do que tudo, não sabia ao certo se queria fazê-las nem se tinha autorização para dizer isso. Com o tempo, entendi as respostas.

O pior é que, poucos meses depois da morte da minha mãe, meu corpo começou a mudar. Eu estava amadurecendo mais depressa do que as poucas meninas da minha idade na escola e não tinha como saber o que estava acontecendo nem fazia ideia do que esperar. Em todo o caso, era muito tímida e passava tempo demais trabalhando para ser amiga íntima de qualquer uma daquelas meninas. Minha única esperança era me esconder para evitar provocações no pátio da escola. Sem saber onde nem como comprar um sutiã, usava blusas largas e uma camisa por cima da outra. Quando isso deixou de bastar, comecei a enfaixar o peito com uma atadura elástica que encomendei com o Sr. Jernigan, depois de contar a ele uma mentira elaborada demais sobre uma dor no joelho.

Minha primeira menstruação veio pouco depois. Acordei num círculo de sangue e tive certeza de que estava morrendo. O pudor e a intuição recomendaram que não comentasse nada com meu pai. Tirei os lençóis, horrorizada ao ver que a mancha havia chegado ao colchão. Sem tempo para limpá-lo da forma adequada antes de preparar o café da manhã e ir para a escola, enrolei os lençóis, a roupa íntima manchada e a camisola, enfiei-os debaixo da cama e cobri o colchão sujo com minha colcha florida. Sem saber mais o que fazer, dobrei um monte de lenços e os coloquei dentro da roupa íntima limpa para absorver o sangue. Vesti uma saia preta e, por baixo, meias-calças de lã cobertas por uma calçola justa para tentar segurar tudo no lugar.

– Meu Deus, por que você está andando tão devagar? – Seth havia reclamado enquanto eu o seguia até a escola.

– A mãe não quer que você use o nome do Senhor em vão – respondi.

– É, só que a mãe morreu, né? – retrucou ele, andando ainda mais rápido até se transformar num ponto em movimento ao longe.

Minha mãe nunca me parecera mais morta do que naquele dia, enquanto

caminhava até a escola, sangrando pelas partes íntimas, temendo que os lenços saíssem do lugar, sentindo cólicas por todo o abdômen, na certeza de que iria desabar e morrer daquela doença misteriosa antes de chegar à escola.

Ao voltar para casa, encontrei um balde de água com sabão e um escovão ao lado da minha cama. Os lençóis não estavam mais escondidos, mas empilhados ao lado do balde, ainda ensanguentados, mas também imundos, como se tivessem sido arrastados na terra. A roupa íntima suja tinha sumido. Obediente, comecei a lavar os lençóis, esfregando as manchas, torcendo-os para tirar a água e depois esfregando de novo. Lágrimas silenciosas escorreram pelos cantos do meu nariz, acumulando-se embaixo do meu queixo e pingando dentro do balde.

O papai apareceu de repente à porta com o macacão sujo e o chapéu de palha desfiado. Retorceu os lábios, como se estivesse experimentando o sabor das palavras que poderia dizer. Eu quis contar a ele o que estava acontecendo, do mesmo jeito que uma vez falei da ferida sangrenta que descobri quando um dos nossos melhores porcos mordeu outro. Queria que ele explicasse aquilo tal como explicara então – "porco é um bicho territorialista" – e me garantisse que os corpos saram. Ele também parecia querer dizer alguma coisa, mas, em vez disso, recuou até a porta, me deu as costas e saiu.

– Não deixa suas coisas onde os cachorros podem pegar e arrastar pro quintal – murmurou do corredor.

Seguiram-se passos pesados escada abaixo e cozinha afora. A porta de tela rangeu e bateu.

Tínhamos só um cachorro, um cão boiadeiro preto com pintas cinzentas, que chamávamos de Cachorro, até ele começar a pegar peixes do riacho Willow e ganhar o nome de Truta. Era o tipo de cão curioso que descobriria meus lençóis sujos, mas o papai tinha dito *cachorros* – no plural –, e, embora eu saiba, olhando em retrospecto, que ele tinha apenas se enganado ao falar ou que eu ouvira mal, na época todos os meus medos, minha inocência e minha ignorância criaram a visão de uma matilha cruel, atiçada por aquele tipo especial de sangue, espreitando a minha família e esperando, talvez, para me atacar no quintal. Puxei os lençóis até o rosto e chorei neles, encharcando a blusa e a saia.

Daquele dia em diante, toda manhã, ao sair, eu fechava a porta do

quarto. Também a fechava à noite antes de dormir. Se pudesse andar pela casa e cumprir minhas tarefas atrás da minha própria porta, teria feito isso. Eu era uma garota sozinha numa casa de homens, transformando-me rapidamente numa mulher. Era como florescer num monte de neve.

Conhecer Wil reuniu o fantasma dessas emoções antigas e lhes deu vida nova. Os sentimentos que ele despertou em mim eram meu passo seguinte no caminho para me tornar mulher e, assim como acontecera cinco anos antes, eu precisava de outra mulher por perto. A verdade é que não contaria à minha mãe sobre Wil nem se ela estivesse no quarto ao lado. Ela ficaria horrorizada com nossa falta de decoro na Main Street e com a ousadia dele ao me carregar nos braços. Não era tanto pelo conselho da minha mãe sobre o desabrochar do amor que eu ansiava. Mais que isso, meu desejo naquela noite, enquanto adormecia, era por alguém que se pusesse perante os homens da minha casa e defendesse o direito da mulher de tomar suas próprias decisões sobre o amor. Duvido que, se estivesse viva, minha mãe me ajudaria. No entanto, a única vantagem de ter uma mãe morta é a possibilidade de transformá-la numa aliada inabalável, quer isso fosse verdade ou não.

Naquela noite, sonhei com minha mãe, de braços largos e robustos, contendo uma inundação caudalosa enquanto eu fugia para os braços de Wil. Seth lutava contra as ondas atrás dela, desesperado, furioso, mas incapaz de ultrapassá-la a nado. Os olhos dele, enormes e flamejantes, lançavam o mesmo olhar estranho que naquela noite me seguiu da mesa até o alto da escada rangente.

Quatro

Na manhã seguinte, o rugido estrondoso do motor do carro de Seth fez minha vidraça estremecer, me arrancando de um sono profundo. Pulei da cama, esquecendo o tornozelo machucado e desabando no chão de tábuas de pinho no instante em que apoiei meu peso nele.

Os resmungos de Og nunca tinham sido fonte de conforto para mim, mas ouvi-lo ralhar com Seth pela janela do quarto dele, no andar de baixo, significava que eu não precisaria gritar com meu irmão. Eram 5h10, vinte minutos antes de meu despertador diário me levar da cama à cozinha para começar a fazer o café da manhã e quase uma hora antes de os homens da casa acordarem. Seth, porém, já estava no quintal em meio à madrugada escura, trabalhando no Chrysler decrépito que ele nunca havia conseguido fazer andar de verdade, mas cujo motor botava para roncar a fim de se exibir para os amigos. Rastejei até a janela e me levantei numa perna só. Pela vidraça, além do salgueiro amarelado, vi a silhueta de Seth e o brilho fraco da calça de brim desbotada e da camiseta branca.

A cabeça dele estava descoberta: o corte militar que ficava loiro a cada verão já ganhara o tom castanho-claro do outono. Eu nunca o vira acelerar o carro sem plateia, muito menos naquele horário absurdo, mas nada do que ele fazia chegava a me surpreender. Seth se levantou debaixo do capô erguido e praguejou para Og, embora do meu ponto de vista parecesse estar xingando a própria casa, a boca exalando vapor ao gritar no ar frio da manhã.

– Essa casa é *minha*, seu filho da puta aleijado! – rosnou Seth. – O que é

que você faz aqui? Hein?! Não vem me dizer o que fazer!

Seth o chamou de imprestável, sanguessuga, miserável e saco de banha. Og retrucou que Seth era um fracassado, maricas, *Sarinha*. Na guerra de agressões verbais, os dois se equiparavam.

Voltei mancando até a cama, puxei as cobertas para evitar o frio e os gritos e refleti sobre meu irmão, imaginando o que estaria aprontando. Eu o ouvi vociferar no pátio até o papai gritar com ele, mandando-o parar.

Desde que nasceu, Seth era feito de carne, ossos e malícia. As severas restrições de minha mãe limitavam sua selvageria com obediência forçada, mas a inclinação dele para a ameaça se debatia pouco abaixo da superfície, como um homem numa camisa de força. A atenção dela estava quase sempre voltada para ele, antecipando o próximo ato inadequado antes mesmo de ele cogitá-lo, advertindo-lhe que não atirasse a pedra antes de Seth se abaixar para pegá-la, que não puxasse o cabelo de uma criança antes de ele levantar a mão e que não dissesse bobagem na igreja antes de ele abrir a boca. Ela e Seth tinham desenvolvido uma linguagem silenciosa falada apenas com os olhos, as sobrancelhas e uma das mãos, um idioma que, por mais breve e simples que fosse, continha toda a autoridade da lei de Deus. Muito antes que Seth pudesse lançar um pêssego feito uma bola de beisebol ou pular numa poça de lama, mamãe arregalava os olhos, erguia as sobrancelhas e passava a mão direita depressa pelo ar, dizendo sem emitir som: *Nem pense nisso. Não se atreva*. Seth, em resposta, estreitava os olhos, franzia as sobrancelhas e passava a mão direita no ar, frustrado, a única microrrebelião que lhe era permitida.

Era raro eu ou Cal "ganharmos a mão", como dizíamos, já que tomávamos cuidado para não aumentar o fardo de minha mãe. Nunca saberei quanto de nossa obediência constante às expectativas dela se devia à nossa própria virtuosidade ou ao desejo de contrabalançar os transtornos que Seth causava, como se minha família estivesse numa gangorra precária que precisava ser mantida em equilíbrio.

Os olhos da mamãe, no entanto, nem sempre podiam vigiar Seth, e, longe do olhar desconfiado dela, ele criava muita confusão. Testemunhei boa parte, bem mais do que uma garotinha deveria, e imaginava que aconteciam muito mais coisas que ninguém sabia. Eu o vi roubar moedas da banca de pêssegos; chutar Truta quando o cachorro não o ouvia e, às vezes, mesmo quando o atendia; levar a caminhonete do papai sabe-se lá para

onde, sendo que mal tinha altura suficiente para enxergar por cima do painel. Seu comportamento era ainda pior perto dos amigos, principalmente na escola, quando ele e seus semelhantes transformavam o menor desentendimento em trocas de socos no chão ou formavam grupos para roubar o almoço de alguma criança mais nova. Uma vez, contornei o celeiro até os fundos e encontrei Seth com os três meninos Oakley, que moravam na mesma estrada, derramando querosene sobre sapos, ateando fogo neles e rolando de rir enquanto as pobres criaturas pulavam, aterrorizadas. Entrei no celeiro antes que pudessem me ver e chorei abraçada ao focinho macio de Abel, nosso cavalo.

No verão anterior ao acidente, sempre que Cal fazia uma pausa na ceifa de feno e eu já tinha terminado todas as minhas tarefas, nós trabalhávamos na construção de uma casa na árvore no maior álamo à beira do riacho. Recolhemos restos de madeira das fazendas ao longo da nossa estrada, levamos tudo para casa, poucas peças de cada vez, nas costas de Abel, amarramos cordas e içamos cada tábua lascada até os galhos altos. Cal fez a maior parte do trabalho, mas me dava pequenas tarefas para que eu sentisse que estava participando. Perguntamos a Seth se queria ajudar, mas naquele verão ele estava cavando trincheiras com Holden, o mais velho e mais grosseiro dos irmãos Oakley. Minha mãe tinha revirado os olhos e autorizado os dois a cavar covas num canto sem cultivo da fazenda, onde o papai guardava estacas sobressalentes e equipamentos. Os meninos transformavam galhos em metralhadoras e esfregavam carvão nas bochechas, e quase todos os dias faziam tocaia enquanto eu e Cal trabalhávamos, emboscando-nos com sons de disparos cuspidos do chão, gritando, dizendo que nossa casa na árvore era feia e que estávamos perdendo tempo.

No dia em que nosso projeto foi concluído – com uma plataforma como piso, quatro paredes irregulares mas sólidas, telhado de meia-água e uma escada de corda que descia até o chão através de um buraco quadrado no meio da plataforma –, eu e Cal fizemos um piquenique comemorativo, com direito a uma limonada absolutamente azeda que preparamos. Nós nos sentamos lado a lado num cobertor velho e comemos sanduíches de geleia.

– Aposto um níquel que o Seth vai querer participar agora que o serviço acabou – comentou Cal, apoiado nos cotovelos enquanto admirava sua obra.

– É melhor a gente recolher a escada – respondi, mais preocupada com a

possibilidade de dividir a limonada do que com qualquer outra coisa.

Cal sorriu ao ouvir minha ideia, estendeu a mão e puxou a escada para cima, empilhando-a no chão da casa na árvore.

Sentindo a doçura de estar isolada do mundo, sem nada além da segurança e da bondade de Cal ao meu lado, percebi que nem mesmo a limonada importava muito. Pela primeira vez, tomei consciência do conforto de estar onde Seth não podia estar e, ao fazer isso, percebi, bem no íntimo da irmã que eu era, num lugar profundo que eu não sabia identificar, que tinha medo do meu próprio caçula. Tinha escutado na igreja toda a pregação sobre as trevas – Satanás, serpentes e pecadores –, mas naquela idade não sabia nada sobre o tipo de trevas que Seth carregava, o tipo com o qual talvez nasçam algumas crianças, aquelas que passam a vida procurando destruir as regras pelas quais as outras pessoas concordaram em viver. Eu só sabia que, enquanto permanecia deitada no cobertor ouvindo o canto dos pardais, o som de Cal mastigando e meus próprios suspiros, havia em mim uma profunda apreciação pelo fato de Seth não poder arruinar nada daquilo.

Adormecemos lá em cima como dois pássaros no ninho após o trabalho exaustivo de construí-lo, contentes e acomodados, longe do alcance dos gatos.

Acordamos ao mesmo tempo, assustados, quando a primeira pedra atingiu a parede da casa e estilhaçou nossa paz. Tontos de sono, só conseguimos entender o que era aquela perturbação quando veio a segunda pedra, momentos depois.

– Seth – murmurou Cal, cerrando o maxilar.

Nenhum de nós dois se mexeu nem falou nada, não tanto para nos esconder, mas por não querer responder, esperando que ele fosse embora. Outra pedra bateu na parede, depois mais uma. Quando a quinta pedra rachou uma tábua, Cal finalmente se levantou e gritou, mandando Seth parar.

– Me deixa subir! – berrou ele em resposta.

– Não! – retrucou Cal.

– Me deixa subir agora!

A intimação foi seguida por outra pedrada na parede. Seth era baixo mas musculoso e conhecido pela força de seu arremesso. Eliminava um batedor

após o outro nos jogos de beisebol no campo da cidade, derrubava todas as garrafas e ganhava o chiclete todo ano na feira do condado de Gunnison.

Cal negou mais uma vez e Seth começou a fumegar de raiva na base da árvore, chamando-o de nomes que fariam minha mãe lavar a boca dele com sabão de soda cáustica se o ouvisse. Embora tivesse apenas 10 anos e Cal, 18, Seth nunca se curvava ao status de mais velho do primo. Convencido desde a tenra infância de que sua opinião a respeito de tudo era a correta e eternamente na defensiva, Seth estava decidido a não procurar no primo sinais do que era ser um bom garoto nem de como o mundo funcionava. Passava na frente de Cal no quintal, nos campos, no pomar; arrancava ferramentas da mão dele quando achava que o primo estava trabalhando muito devagar e que ele mesmo poderia executar melhor a tarefa. E, quando Cal implicava com ele ou o confrontava como um irmão mais velho, Seth irrompia numa fúria que apagava a diferença de tamanho e idade entre os dois, forçando o primo a revidar ou recuar. Cal aprendeu desde cedo a não contrariar Seth. Qualquer afinidade que houvesse entre eles era graças a essa decisão.

Fiquei sentada no chão da casa da árvore, cutucando uma borda desfiada da cesta de piquenique, sem saber o que fazer. Tinha sido ideia minha recolher a escada de corda e barrar o acesso de Seth. Não podia deixar Cal sofrer toda a força do conflito resultante.

– Você disse que a casa na árvore era idiota! – gritei de onde estava, sem saber se minhas palavras percorreriam a distância tronco abaixo e desejando, em parte, que não.

Se havia alguém na nossa família que tentava não contrariar Seth ainda mais do que Cal era eu.

Assim que falei, entendi que havia cometido um erro. Cal se virou para me encarar e pôs o dedo na frente dos lábios, como se, ao silenciar a própria boca, pudesse impedir as palavras de saírem da minha.

– Torie?! Você também tá aí em cima, cacete? – perguntou Seth, a ira e a surpresa catapultando sua voz através da abertura no chão.

Achei que ele soubesse que eu estava na casa da árvore com Cal. Afinal, nós a construímos juntos. A casa também era minha. Mas de repente senti um peso na consciência por estar lá, embora não conseguisse entender por quê. Por mais que Seth se recusasse a pedir a orientação de Cal, aos 11 anos eu procurava em meu primo um guia para quase todos os meus atos. Se Cal

apreciava uma coisa, eu também apreciava, pois ele era sábio e bom, e eu adorava o modo como seus olhos se arqueavam na forma de duas luazinhas crescentes quando eu fazia algo agradável ou engraçado. Ele era uma bússola confiável.

– Não fala nada – sussurrou Cal, agachando. – Só vai piorar a situação.

– Por quê?

– É que ele fica com ciúme, com inveja.

– De uma casa na árvore que ele acha besta?

– De nós dois – sussurrou Cal.

Ele se sentou ao meu lado no cobertor, ajeitando e reajeitando as pernas algumas vezes, como se dissesse: *Vamos esperar acabar e pronto, vamos nos acomodar*. Enquanto isso, Seth gritava meu nome, parando de vez em quando para bater na árvore com um galho caído ou para atirar em nós com sua metralhadora imaginária, e, a julgar pelos grunhidos e pancadas surdas que vinham de baixo, fazia tentativas fúteis de escalar o tronco largo e sem galhos.

Eu nunca tinha me considerado digna de inveja. Aos olhos de Deus, a inveja, como ensinavam minha mãe e as Escrituras, era semelhante à malícia e até ao assassinato. "A inveja é a podridão dos ossos", diz o provérbio. "A inveja colocou Jesus na cruz", pregava o reverendo Whitt. Se eu, acanhada e rústica como era, conseguia despertar inveja, então, sem dúvida, qualquer coisa poderia acender a faísca desse sentimento. Eu me senti perigosamente próxima de algo sinistro e não sabia ao certo como havia chegado lá. Seth passou um longo tempo na base da árvore, latindo para mim como um cão que anseia pela presa.

Eu e Cal ficamos lá uma hora ou mais, em silêncio, e Seth não desistia. Quando o sol começou sua lenta descida de verão pelo horizonte a oeste, o papai veio nos procurar para cuidarmos dos animais.

– Que raio está acontecendo aqui? – gritou ele ao se aproximar, fazendo com que Seth finalmente se calasse.

Eu e Cal espreitamos o buraco da casa na árvore para ver Seth receber o que merecia.

– Nada – respondeu ele, de olhos baixos, chutando uma pedra, o cabelo suado espetado feito um arbusto de artemísia.

– Não parece que é nada – disse o papai com as mãos no fundo dos

bolsos do macacão sujo, do jeito que ficava quando estava em busca de informações.

– É que eles não me deixam subir nessa cabana deles! – choramingou Seth.

– E como é que o chiqueiro vai ficar limpo se você ficar vadiando numa casinha de brinquedo? Anda.

O papai ficou olhando enquanto Seth, derrotado, se dirigia ao chiqueiro. Eu não sabia se ele estava refletindo sobre o filho ou só garantindo que Seth fosse aonde ele o mandara ir, mas levou muito tempo até parar de olhar na direção de Seth e nos mandar descer da árvore.

A escada de corda balançou e girou com meu peso insignificante até o papai a segurar com firmeza na base, então desci até seus braços, que me esperavam. Não ganhava abraços dele com frequência, por isso aproveitei a oportunidade para passar os braços por seu pescoço, enterrar o rosto no ombro dele e sentir seu cheiro. Cheguei a envolver a cintura dele com minhas pernas magras até Cal descer para o chão carregando o cobertor e a cesta de piquenique num dos braços.

Havia alguma coisa na forma como o papai me arrancou do pescoço e me deixou no chão com força, no tom ríspido com que disse que não teria feito mal nenhum deixar Seth subir. Ele me recordou outra das admoestações da mamãe, do Evangelho de João: "Quem ama a Deus, que ame também o seu irmão." Ela nos lembrava com frequência que pecamos e nos arrependemos não de forma isolada, mas coletiva. Desde as minhas lembranças mais antigas, sabia que eu e Seth estávamos ligados de forma eterna e misteriosa. Fiquei lá enquanto papai se afastava, apenas uma menina confusa debaixo da casa da árvore que agora estava um pouco arruinada, sem a menor ideia do quanto as coisas entre mim e meu irmão viriam a piorar.

Seth acelerou o carro uma última vez antes de eu ouvir o estardalhaço da porta da cozinha e a voz furiosa do papai no quintal. A porta bateu de novo e mais uma vez alguns minutos depois, decerto quando os dois entraram,

um atrás do outro. Meu despertador tocou e eu me levantei, me vesti e manquei pela casa silenciosa e fria até a cozinha. O tornozelo doía enquanto eu fazia o café da manhã, mas continuei, com a esperança de que a lesão fosse de pouca importância. Se eu não pudesse andar, não poderia tentar localizar Wil, nem que fosse para encontrar provas de que tivesse partido ou permanecido por lá, de possibilidades negadas ou ainda vivas.

Os homens entraram em silêncio na cozinha iluminada por lamparinas, um por um, sem olhar nos olhos uns dos outros nem nos meus. Os talheres tilintaram nos pratos enquanto o presunto era cortado, os ovos fritos misturados e tudo consumido. Seth saiu primeiro, depois Og e, por fim, o papai. Eu fiquei à mesa, aliviada por terminar a refeição e tirar a mesa sozinha. Quanto mais irritados ficassem uns com os outros, mais eu passaria despercebida, o que era exatamente do que precisava para encontrar Wil.

Enquanto terminava de lavar a louça, ouvi a cadeira de rodas do tio Og ranger pelo corredor. Quanto mais peso ele ganhava, mais a cadeira gemia e mais ele suava, no esforço de se movimentar pela casa. Eu imaginava que um dia a cadeira iria se partir ao meio, jogando-o no chão aos palavrões, cada roda fugindo como se estivesse por fim livre do desprazer da sua companhia constante.

Certa vez, uma professora me disse que o presidente Roosevelt tinha uma cadeira de rodas, talvez parecida com a de Og, com encosto de madeira e tábuas compridas que terminavam em pés como duas pernas rígidas. Roosevelt nunca se deixava fotografar nem saía em público na cadeira, disse a minha professora, uma fachada tão bem preservada que poucas pessoas acreditavam no boato de sua deficiência. Ele parecia muito presidencial nas fotografias de jornal e falava com autoridade e eloquência no rádio. Até dirigia um belo automóvel em paradas e desfiles. Eu nunca tinha conhecido nenhuma pessoa nessa situação até Og voltar da guerra destroçado e cheio de maldade. O novo Ogden não se parecia em nada com o antigo, muito menos com o único presidente que conheci. Só muito tempo depois de Roosevelt e Og falecerem e as cadeiras de rodas já não serem feitas de madeira, vi uma das duas únicas fotografias conhecidas do presidente na cadeira dele. Tentei imaginar quantos veteranos de guerra, tristes e sem pernas como Og, poderiam ter sofrido um pouco menos se o presidente não tivesse escondido a cadeira por vergonha.

Enxugando a louça apoiada numa perna só, ouvi Og bater na parede e

soltar um palavrão. Ao me virar, eu o vi passar pela soleira da cozinha carregando muletas numa das mãos e tentando controlar a cadeira com a outra. Nossos olhares se encontraram e nenhum de nós soube reagir a esse gesto atípico de civilidade.

– Toma – grunhiu ele, jogando as muletas no chão.

Depois, recuou pela porta e avançou pelo corredor.

Não via aquelas muletas desde o dia em que o tio Og voltara da guerra transformado.

Eu me lembrei de quando fomos de carro para Montrose com as roupas de domingo engomadas, no mesmo verão em que eu e Cal construímos a casa na árvore, em 1942. Ansiosa para rever meu tio, sentei-me suada e inquieta entre Cal e Seth no banco de trás do grande sedã que o papai tomara emprestado do vizinho, o Sr. Mitchell. No longo banco da frente, enquanto o papai dirigia, a tia Viv tagarelava com mamãe, nervosa, os cachos esculpidos com cuidado saltando feito molas. Imaginei Ogden e o irmão, Jimmy, saindo do trem com os belos uniformes de soldado, olhando de um lado para outro na plataforma até que os olhos azuis e límpidos de Og se iluminariam ao nos ver, sua nova família, dando-lhe as boas-vindas. Eu o imaginei agarrando a tia Vivian pela cintura, puxando-a para junto dele, beijando-a como eu o tinha visto fazer no pomar poucos dias antes de ele partir para lutar na Europa, arqueando as costas dela como um gracioso salgueiro.

Não tivemos muito tempo para conhecer Ogden antes de a guerra o levar, pouco depois que ele e Viv se casaram. Mas isso não nos impediu de parecer uma capa de revista, reunidos na plataforma, prontos para receber Og e Jimmy como parte da família. À medida que a locomotiva preta entrava em nosso campo de visão, eu não precisava de nenhum motivo a não ser uma vaga noção de patriotismo e ideias tiradas de revistas populares para adorá-lo. Era um herói de guerra, um astro de cinema, um gigante. Quando o trem parou à nossa frente, metálico e vagaroso, a expectativa se acumulara de tal forma em mim que era como se eu estivesse esperando ver o próprio Roosevelt descer do vagão.

No instante em que Ogden apareceu na porta, eu soube que tinha sido enganada. Minha mente girou numa tentativa de descobrir por quem, mas só consegui concluir que devia ter sido pelo próprio Ogden – aquele soldado de uma perna só, sozinho, com os braços agarrados a muletas de madeira

amareladas, os olhos opacos espiando por baixo do quepe de soldado que parecia um barco de ponta-cabeça.

Vivian arfou ao vê-lo e escondeu o rosto no ombro da mamãe, que a empurrou e a endireitou às pressas, agarrando e manobrando os ombros da irmã como se conduzisse um arado pesado.

– Não se atreva – sussurrou rispidamente junto aos cachos de Vivian.

Cal e o papai se entreolharam, depois correram para ajudar Og. Ele reagiu às mãos estendidas com um golpe de muleta, quase atingindo Cal bem no rosto, e firmou-se de lado no batente da porta, murmurando:

– Tirem essas mãos de mim.

Cal e o papai recuaram e todos ficamos imóveis, estupefatos, observando-o descer desajeitado os degraus do trem e dar as costas para nós. Lembro-me dos gemidos da tia Viv e do baque oco daquelas muletas inesperadas na plataforma de madeira, de novo e de novo, como batimentos cardíacos doentios e vagarosos enquanto ele partia, mancando. Olhei para os rostos murchos dos soldados que saíam do trem. Nenhum deles era o Ogden de que eu me lembrava. Nenhum deles era Jimmy.

Encontramos Og olhando para o calçamento em frente à estação. O papai trouxe o carro e minha família entrou. Esperamos que meu tio se juntasse a nós – por tanto tempo que meu pai desligou o motor e os gemidos da tia Viv tornaram-se o único som. Então a mamãe saiu e deu um jeito de persuadi-lo a ocupar o banco da frente ao lado dela. No trajeto para casa, ninguém falou nada. Vivian ficou espremida entre mim e Cal, fitando a nuca imóvel do marido, incrédula. Coloquei a mão em seu joelho, e ela a agarrou como uma tábua de salvação.

– É a vontade de Deus – respondeu minha mãe no dia seguinte, quando tia Viv entrou aos prantos pela porta da cozinha, falando sobre seu soldado destruído.

Viv se lamentou, sem tentar manter a voz baixa: por que, afinal, se Og passara a odiar a vida e tudo que tinha a ver com ela, ele não havia morrido no campo de batalha e deixado o corpo ali mesmo na praia, ao lado do de Jimmy? A mamãe colocou duas canecas de café na mesa e disse para a irmã se sentar.

Sempre que eu ouvia a mamãe fazer qualquer referência à vontade de Deus – o que era frequente –, eu pensava assim: Deus quer ou não quer. Deus quer deixar um jovem soldado morrer nos braços do irmão.

Deus quer criar a guerra e toda essa amargura e transformar um homem numa sombra do que foi. Deus não quer explicar o porquê.

Manquei pela cozinha e peguei as muletas velhas que Og tinha jogado para mim. Enfiei-as debaixo dos braços e testei o passo.

Deus quer arrancar sua mãe, seu primo e sua tia desta Terra como pêssegos colhidos cedo demais.

Apaguei a luz da cozinha sem guardar a louça limpa nos armários, peguei meu casaco de lã azul-marinho que estava pendurado no gancho ao lado da porta dos fundos, afrouxei o cadarço do sapato para acomodar o pé inchado e enfaixado, e saí de muletas para alimentar os animais.

Deus quer reunir dois desconhecidos na esquina da North Laura com a Main e conduzi-los em direção ao amor. Deus não quer facilitar as coisas.

Deus quer tirar uma vida, dar uma vida e tornar uma vida irreconhecível. Deus não quer avisar sobre o que está por vir.

Depois de cuidar dos animais, quando os primeiros raios de sol cruzaram o vale, olhei à minha volta para ter certeza de que ninguém me via. Subi na bicicleta, posicionei as muletas com cuidado sobre o guidão e, sem me perguntar se Deus queria ou não, saí para encontrar Wilson Moon.

Cinco

Eu esperava topar com alguns obstáculos antes de encontrar Wil, mas com certeza não imaginava que Ruby-Alice Akers seria um deles.

Ruby-Alice morava numa casa marrom desbotada que ficava num pedaço triangular de terra, com mata fechada, na mesma estrada que a minha família. Embora fosse nossa vizinha mais próxima, exibia uma expressão azeda, sempre usava uma touca de meia preta por cima dos cachos descorados e morava com um verdadeiro zoológico de animais vira-latas. Por isso, a mamãe a considerava peculiar demais para justificar a atenção de um bom cristão. Passávamos pela casa dela quase todo dia, mas nunca parávamos para visitá-la nem deixávamos uma torta como sinal de cortesia entre vizinhos. Minha mãe nos instruía a não olhar na direção de Ruby-Alice quando a víssemos passar pela cidade em sua bicicleta preta desengonçada, com sua cesta desfiada pendurada no guidão. Ela era conhecida por encarar as pessoas com seus olhos estranhos e abrir a boca como se estivesse se preparando para rosnar alguma grosseria, mas nunca dizia uma palavra. Todo mundo em Iola a achava louca, mas inofensiva o bastante para ser deixada em paz.

Certa noite, durante o jantar – quando a mamãe ainda se sentava no lugar que Og ocuparia depois –, os olhos de Seth ficaram radiantes ao contar que havia atirado pedras na velha enquanto ela passava de bicicleta, encarando-o, na estrada que compartilhávamos.

– Uma pedra acertou ela em cheio – gabou-se ele, sorrindo com um

pãozinho meio mastigado na boca –, mas aquela doida continuou pedalando como se não tivesse sentido nada.

Eu esperava que a mamãe o repreendesse pela brutalidade contra a vizinha, ou pelo menos por falar de boca cheia, mas ela continuou a comer presunto em mordidelas educadas.

– Ela é o diabo – disse Seth, rindo.

O papai e Cal olharam para minha mãe, esperando, mas ela continuou em silêncio. A boca de Seth correu com a liberdade inesperada de um cão solto da coleira.

– O diabo encarnado, morando bem ali no meio dos pinheiros!

Ele esticou os dedos indicadores acima de cada orelha como se fossem chifres, até minha mãe finalmente o repreender:

– Não se fala de Satanás nesta casa.

Pouco tempo depois, Ruby-Alice passou de bicicleta por mim e minha mãe na Main. Não pude deixar de olhar para ela, imaginando se era mesmo Satanás num disfarce improvável e se eu conseguiria perceber. Ela era feia como o diabo, isso era óbvio. Cachos brancos emaranhados saíam de baixo da touca preta. A pele enrugada tinha um tom azulado doentio. Um olho ficava tão fundo na órbita que parecia ausente. O outro – de um azul gélido, desvairado e esbugalhado – cruzou com os meus por um momento alarmante.

Ela me olhou de cima a baixo e abriu os lábios finos ao passar, mas o único som foi o da bicicleta rangendo sobre o cascalho que estalava por baixo das rodas. Um pequeno chihuahua preto e esfarrapado, de orelhas pontudas como um morcego, tremia na cesta de vime da bicicleta.

– Você olhou para ela? – perguntou minha mãe, parando para levantar meu queixo e me olhar nos olhos.

– Não, senhora – respondi, sem saber por que mentia, as palavras já escapando dos meus lábios.

– Doida varrida – disse ela, soltando meu queixo e pegando meu braço para continuar rumo ao mercado Chapman's. – Que Deus nos acuda.

Minha mãe apertou o passo como se para fugir de uma ameaça, embora Ruby-Alice já tivesse virado uma esquina da Main. Eu me esforcei para acompanhá-la. Fiquei pensando: se Ruby-Alice Akers era a louca, por que *nós* é que precisávamos da ajuda do Senhor, e não ela?

Em segredo, comecei a rezar por Ruby-Alice. Toda vez que ela aparecia,

eu repetia mentalmente a mesma bênção breve e clandestina, depressa, como se fosse tudo uma palavra só, de modo a acabar com a transgressão contra minha mãe o mais rápido possível: *DeusAcudaRubyAliceAkersAmém*. Achei a frase eficiente e objetiva – pois incluía a insanidade, Satanás, a pele azul e qualquer outra coisa que a afligisse –, e ligeira o bastante para ser enviada ao céu sem que a mamãe notasse. Era estranho esconder uma prece, algo que ela sempre exigia de mim e dos meninos, mas, obviamente, tinha decidido que não havia salvação possível para Ruby-Alice. Não sei dizer por que eu achava que, sozinha, poderia restituí-la à graça de Deus, mas acreditava nisso de todo o meu jovem coração.

Mesmo depois que ela me encarou por trás de uma árvore quando eu saí trêmula da igreja, de olhos inchados, após o velório da minha família, mesmo naquele momento em que minha mente estava fraca de tristeza, pensei *DeusAcudaRubyAliceAkersAmém*. O reverendo Whitt mandou os filhos dele a expulsarem do terreno da igreja. Um dos meus poucos momentos lúcidos daquele dia sombrio foi quando a vi subir na bicicleta e partir a toda velocidade.

No outono dos meus 17 anos, eu abandonara havia muito tempo as preces infantis pelo bem-estar de Ruby-Alice e, embora ainda fôssemos vizinhas, ela raramente me passava pela cabeça. Eu não a via desde o alto verão, quando ela passara depressa pela nossa barraca de pêssegos à beira da estrada, espiando-me à sua maneira peculiar e fazendo Truta latir como louco. Eu acalmei o cachorro, pedi desculpa aos clientes que escolhiam os pêssegos e nunca mais pensei na velha.

Nessa manhã, quando saí para encontrar Wilson Moon – as muletas balançando no guidão da bicicleta enquanto eu a manobrava pela longa estrada da fazenda rumo à estrada de terra que levava à cidade –, lá estava Ruby-Alice Akers, como uma aparição repentina na luz pálida. Estava sem a touca preta e a bicicleta. Os cabelos brancos fugiam em espirais um tanto desesperadas para longe do rosto pálido. As pernas despontavam feito dois palitos de dente pálidos das botas de couro gastas. Ela usava um vestido de musselina encardido com barra na altura dos joelhos ossudos e camadas de casaquinhos de lã, todos em tons de verde tão semelhantes ao dos pinheiros no entorno que o tronco dela parecia ficar em segundo plano, dividindo-a em metades incolores. O olho afundado me examinou como se eu fosse uma desconhecida, enquanto o olho esbugalhado me fitava numa acusação, como

se estivesse à minha espera havia muito tempo e sentisse amargura ao me ver chegar.

Quase caí da bicicleta ao tentar contorná-la. Ela ficou parada com um olhar fixo, irredutível. O olho saliente examinou as muletas e meu tornozelo enfaixado. Ela soltou um muxoxo e balançou a cabeça.

Nem me ocorreu parar. Para mim, a mulher com quem eu me preocupava tanto quando criança havia se tornado, como para todas as outras pessoas, mero pano de fundo. Naquele momento, era apenas um obstáculo, tal como seria uma vaca ou um pedaço de madeira caído no meio da estrada.

Eu me assustei quando ela estendeu as mãos, as palmas brancas feito neve com dedos esticados e torcidos na minha direção como se quisesse me empurrar. Recuei e pedalei o mais depressa possível. Ao fazer isso, percebi sua bicicleta caindo aos pedaços largada entre as margaridas mortas na vala à beira da estrada.

Em retrospecto, tenho vergonha de nem sequer ter parado para perguntar se ela precisava de ajuda. Estava tão concentrada na minha busca por Wilson Moon, ou talvez tão condicionada a ignorar Ruby-Alice como se fosse um cachorro vadio, que não pensei que ela pudesse estar ferida ou desorientada. Nem me passou pela cabeça que poderia ser ela quem ofereceria ajuda, mas não tinha ideia de como me abordar, assim como eu a ela.

Na cidade, não encontrei Wil em lugar nenhum. Iola estava em silêncio, acabando de acordar. Meia dúzia de habitantes iam a pé para o trabalho ou para o café. O Sr. Jernigan varria a calçada na frente de sua loja de ferragens. Dois automóveis e um caminhão de leite passavam pela Main. Rodei o centro de bicicleta duas vezes, enquanto senti que poderia fazer isso sem chamar atenção. Minha esperança era que Wil me visse e aparecesse numa porta ou janela, sorrindo, acenando. Imaginei como ele estaria depois de ter tomado banho na Dunlap's e, talvez, arranjado roupas limpas. Meu coração bateu forte.

Quando não encontrei nenhum sinal dele, estacionei a bicicleta na frente da pensão, posicionei as muletas debaixo dos braços, respirei fundo e subi os degraus de madeira. Havia uma pedra marrom mantendo a porta aberta. Olhei para dentro, senti o cheiro de café, bacon e homens, mas vi apenas um longo hall de entrada com paredes de madeira, contornado por bancos e

ocupado por meia dúzia de casacos pendurados e botas incrustadas de lama. Minha mente procurou um pretexto para entrar.

Um homem barbado da idade do papai, porém mais aprumado e forte, entrou no hall e se sentou num dos bancos. Pegou as botas e calçou o pé direito, assobiando uma melodia baixinho enquanto amarrava o cadarço. Alcançando a bota esquerda, olhou para a porta e seus bigodes se empertigaram num sorriso inquietante. Ele soltou um assobio longo e agudo por entre os dentes amarelos enquanto olhava para mim de cima a baixo e ria.

– Ora, ora, o que temos por aqui?

Todo outono a Dunlap's ficava cheia de trabalhadores do campo em busca de serviço na ceifa de feno e na colheita, além de vaqueiros com a esperança de serem contratados para recolher os rebanhos dos campos altos e levá-los ao vale antes da primeira nevasca. A movimentação era útil e bem-vinda, embora eu soubesse que alguns dos homens criavam problemas. E havia alguma coisa naquele ali, de sorriso amarelo e olhos ávidos, que me fez ansiar pelo inverno.

Gaguejei por um momento, agarrada às muletas. Ouvi o som de pratos vindo de dentro da pensão e supus que o Sr. e a Sra. Dunlap estavam arrumando a cozinha depois do café da manhã.

– Vim ajudar os Dunlaps a preparar as coisas pro almoço – menti com uma facilidade surpreendente.

– Eles estão lá no fundo, doçura – disse ele, íntimo demais.

Respirei fundo de novo e cruzei a soleira, atravessando o longo hall enquanto os olhos do homem me acompanhavam.

– Mas pelo jeito não vai ajudar muito – acrescentou, indicando meu tornozelo enfaixado com um aceno da cabeça e um sorriso malicioso.

– Eu dou meu jeito – respondi, encorajada por minha mentira instantânea e pelos primeiros passos que dei na pensão proibida.

No interior, esperava encontrar outros homens, mas, para meu alívio, eles pareciam estar na casa de banho ou já terem saído para o trabalho matinal. A sala de estar era escura e úmida, com dois sofás de couro desgastados e uma porção de cadeiras de madeira espalhadas ao acaso em volta de um fogão a lenha redondo, preto e quente. Ao lado da lareira de tijolos havia uma tigela de latão robusta, de boca larga, e uma placa apoiada

nela dizia FAVOR USAR A ESCARRADEIRA em letras maiúsculas pintadas à mão. Havia uma cabeça de cervo com galhada de seis pontas pendurada na parede, vigiando a cena com olhos negros e inexpressivos. Segui o som dos pratos.

Encontrei a Sra. Dunlap secando o último prato do café da manhã com um pano xadrez vermelho, cantarolando em voz baixa. Ao contrário do desleixo da sala escura, a cozinha tinha paredes brancas e limpas, com uma fileira alta de janelas voltadas para o leste que irradiavam a luz da manhã. A Sra. Dunlap era uma mulher clara e alta, com corpo em formato de pera. Usava um vestido de algodão branco e simples, coberto por um avental de brim amarrado em laços frouxos no pescoço e na cintura. O cabelo castanho-claro estava preso num lenço azul-marinho amarrado em ambos os lados da testa, as pontas projetando-se como um segundo par de orelhas. Estava tão perdida nos próprios pensamentos que só me viu à porta da cozinha quando pigarreei deliberadamente.

– Ah! Torie, querida. Não tinha visto você aí.

A Sra. Dunlap levou a mão ao coração e depois me cumprimentou com um sorriso caloroso, franzindo os pequenos olhos castanhos numa expressão gentil. Levou mais um susto ao avistar minhas muletas, então largou o pano de prato no chão e se apressou em pegar uma cadeira, dizendo:

– O que aconteceu com você? Sente-se, meu bem.

Eu tinha esquecido que a Sra. Dunlap era tão amável, pois só tivera conversas breves com ela desde a morte da minha mãe. Mas logo me lembrei dos abraços longos e apertados que ela me dera no velório e dos ensopados e tortas que havia deixado na nossa varanda nos meses que se seguiram.

– Estou bem, Sra. Dunlap – falei, sentando-me e deixando as muletas no chão. – Só torci o tornozelo. Aqueles buracos de cães-da-pradaria, sabe.

– Ah, sei. Já me aconteceu. Que criaturas irritantes. Pobrezinha de você. – Puxou uma cadeira para o lado da minha e se acomodou. – O que posso fazer por você? E pode me chamar de Millie, meu bem, só Millie.

As mentiras haviam fluído com tanta facilidade desde que eu entrara na pensão que abri a boca já esperando que mais uma explicasse minha visita. Não saiu nada. Cutuquei os botões de madeira do meu casaco. Millie aproximou o rosto um pouco mais e ergueu as sobrancelhas.

Incapaz de inventar uma mentira e confortada demais pelo carinho de Millie, cometi a tolice de dizer a verdade.

– Eu estava pensando: está hospedado aqui um rapaz chamado Wilson Moon? – perguntei, tímida, com o coração dando piruetas enquanto pronunciava o nome dele pela primeira vez.

A mudança na expressão de Millie me disse imediatamente que eu havia cometido um erro.

– Aquele *índio*? – perguntou ela com uma careta, afastando-se como quem se afasta de um cheiro horrível. – Torie, querida, por que você está querendo saber de um índio imundo?

Fiquei sem palavras. Eu nunca tinha visto um índio. Só sabia o que tinha aprendido na escola sobre a violência deles contra a geração dos meus avós, quando os brancos estavam tentando civilizar o Oeste, e que o governo, havia muito tempo, tinha transferido todos para um lugar onde não criariam mais problemas. Eu me lembrei dos comentários do papai e de Seth na noite anterior, sobre Wil ser mexicano. O fato de ser indígena provocaria ainda mais desdém. Eu simplesmente não conseguia acreditar que fosse verdade.

Millie esperava uma resposta; sua postura demonstrava desconfiança e beirava a repulsa.

– Eu... Meu... – gaguejei. – Meu pai ouviu dizer que um rapaz com esse nome estava procurando trabalho. Temos muito o que colher nas próximas duas semanas. Não conheço ele, só sei o nome que me mandaram procurar.

Millie relaxou.

– Bom, guarda as minhas palavras: o seu pai não vai querer nada com aquele rapaz. Aposto que o velho Truta nem deixaria ele chegar perto do pomar de vocês. – Ela sorriu ao insinuar que Wil não merecia sequer a aprovação de um cachorro. – Demos uma olhada naquele pele-vermelha e pusemos ele para correr ontem à noite.

– Ah – arquejei, tentando não me entregar, mas incapaz de esconder minha aflição.

– Nossos hóspedes ficariam danados se a gente começasse a receber esses *índios* aqui, sem falar das doenças que eles espalham. – Ela estremeceu, como se falasse de uma infestação de ratos. – Diga ao seu pai que vai ser um prazer pôr um cartaz dizendo que ele precisa de um trabalhador, mas não

vai ser esse rapaz. Até porque a esta altura ele deve estar longe. Bom – ela me deu um tapinha na perna supondo uma aliança entre nós –, *tomara*, né?

O toque dela me deixou nauseada. Felizmente, seu marido entrou na cozinha no exato momento em que eu não conseguia mais fingir indiferença sobre o assunto Wilson Moon. Dos braços dele transbordavam espigas de milho verdes. Millie se levantou de um pulo para ajudá-lo.

– Dia, Torie. Bom te ver – disse ele em tom despreocupado, como se eu tivesse passado por lá para uma visita de rotina.

Millie interveio antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, sem dúvida para evitar a menção a Wil:

– O Sr. Nash está procurando um ajudante para a última colheita de pêssegos. Eu disse à Torie que vamos avisar os homens. – E piscou para mim.

– É um prazer ajudar – disse ele.

O Sr. Dunlap abriu a primeira longa tira de palha de uma espiga, expondo o ventre de fios brancos e sedosos. Era um homem grande e musculoso, com os antebraços marcados por veias que saltavam a cada puxão certeiro.

– Tem uns hóspedes que logo vão acabar de ceifar o feno. Algum deles com certeza vai querer mais trabalho.

Agradeci, depois troquei mais alguns comentários sobre a colheita, meu tornozelo e o clima bom do outono. Assim que a educação me permitiu, peguei as muletas, pedi licença e atravessei de novo a pensão, mancando. Mais desconfortáveis que o ferimento eram meu fardo de mentiras e a rejeição dos Dunlaps a Wil – intolerância que ele devia receber de muitas outras pessoas se de fato tivesse sangue nativo. Quando cheguei à varanda da frente, meu casaco começou a me sufocar ao sol da manhã. Joguei as muletas no parapeito e o desabotoei quase em pânico, livrando-me dele e largando-o no chão, ofegante e suada.

Muito mais preocupante do que a questão do sangue de Wil era o fato quase inegável de que ele havia deixado a cidade. Expulso pelos Dunlaps, maltratado e ameaçado pela minha família, eu não conseguia imaginar por que ele iria querer permanecer em Iola. Sem dúvida, uma garota sem graça como eu não poderia mantê-lo onde ninguém mais o queria. Respirei fundo, me armei da praticidade sensata da minha mãe e jurei deixar toda aquela bobagem para trás. Wil tinha ido embora. Eu disse a mim mesma que a vida

continuava igual à do dia anterior – à de antes de eu ver aqueles olhos escuros e profundos.

Mas, enquanto ia de muletas até minha bicicleta e depois pedalava para casa, só conseguia fingir convicção. Pois naqueles olhos eu tinha visto não só um tipo inesperado de homem, mas uma nova parte de mim da qual não queria abrir mão.

Seis

Acordei na manhã seguinte com a cabeça rodopiando em meio aos acontecimentos dos dois dias anteriores. Precisava da distração das mãos ocupadas e me convenci de que meu tornozelo ainda inchado havia melhorado o bastante para voltar ao trabalho.

Antes de ir para a cozinha preparar o café da manhã, fui devolver as muletas de Og. Encostei-as na parede ao lado da porta fechada do quarto do meu tio e pensei nele de um jeito novo: como devia ser para Ogden, com uma perna perdida na guerra e a outra sem pé nem uso após a gangrena, o corpo antes ágil confinado a uma cadeira? Desde o dia em que tinha voltado, a fúria de Og sem dúvida era o leão que escondia o cordeiro de seu sofrimento. Viv não guardara segredo sobre o descontentamento com seu guerreiro mutilado, apesar de minha mãe tentar convencê-la a parar de chorar e acolher o plano de Deus. Quando Viv morreu de repente, eu me ressenti ao ver que Og não tinha ficado tão triste quanto eu esperava. Mas talvez, para ele, a ausência dela tenha sido um vestígio a menos da vida anterior que não podia mais levar. Se eu não consegui tolerar um segundo dia de muletas, como é que o antigo aventureiro aguentava toda a realidade estéril da sua vida pós-guerra?

Deixei as muletas e me esgueirei até a escrivaninha na sala. Dentro dela encontrei os papéis de carta de minha mãe. As folhas cor de lavanda formavam uma pilha organizada, proibida para mim durante a vida dela e intocada desde sua morte. Peguei a folha de cima, quase esperando que o gesto repressor da mão da mamãe aparecesse diante de mim. Tirei um lápis

ainda perfeitamente apontado de uma lata prateada e escrevi: “Obrigada.” Dobrei o bilhete e o deixei em frente à porta do quarto de Og, sem esperar nem receber qualquer resposta.

Durante os dias seguintes tive muito com que me ocupar. Estávamos colhendo e vendendo ótimos pêssegos desde julho, mas são as noites frias e os dias quentes do começo do outono no oeste do Colorado que adoçam o açúcar das frutas. Nossos clientes ficavam na expectativa dessa preciosa colheita final. O papai fazia seu ritual no outono, acordando várias vezes à noite para consultar o termômetro, sabendo muito bem que o nosso sucesso se equilibrava no fio da navalha. Uma queda súbita de apenas três graus poderia transformar uma colheita tardia perfeita e lucrativa em um amontoado de bolas macilentas que serviriam apenas aos porcos e à lata de lixo. O objetivo era colher devagar o suficiente para manter o produto fresco durante todo o outono, mas depressa o bastante para tirar todos os frutos das árvores antes da primeira geada. Naquele outono, vínhamos tendo sorte até então, conseguindo atrasar a colheita final duas semanas além do habitual, mas o papai não acreditava que a sorte poderia durar e eu percebia que estava nervoso. Desconfiando de uma queda de um grau na manhã em que Seth fez aquela algazarra com o carro e de mais um grau na manhã em que devolvi em silêncio as muletas de Og, deu a ordem de colher tudo o mais depressa possível. Com ou sem dor no tornozelo, fiquei feliz por ter trabalho a fazer.

Eu tinha colhido pêssegos a vida toda. Para mim, era tão natural quanto respirar. Não me lembro de uma época em que não soubesse dizer pelo aroma e por toques suaves se a fruta já estava no ponto. Em que não soubesse como deveria levantar e torcer de leve cada pêssego no caule para não rasgar a carne frágil ou como determinar qual fruta rosada estava pronta para o mercado, qual para entrega e qual eu deveria comer diretamente da árvore. Ao contrário de uma maçã ou de uma pera, um período de poucos dias – três, talvez quatro – determina o momento crucial para colher e comer um pêssego. Minha família havia estabelecido a reputação do nosso pomar não só com a forma e o sabor perfeitos dos nossos frutos, mas também com nossa habilidade, passada ao longo de três gerações, de colhê-los e vendê-los no momento exato da maturação.

Com o cesto pendurado no braço esquerdo e folhas douradas em forma de banana fazendo cócegas no rosto e nos ombros, levantei a mão direita

para tirar pêssego após pêssego dos galhos, levando com frequência a fruta ao nariz para sentir o doce perfume. O papai, é claro, estava correto. A safra final estava pronta para ser colhida, sem exceção.

Decidi colher na solidão do bloco de árvores mais antigo, no canto mais distante do pomar. O papai colhia num bloco mais novo perto do celeiro, com Truta ao lado. Seth colhia nas fileiras ao longo do riacho. Os irmãos Oakley – Holden, Chet e Ray – chegaram no meio da manhã para ajudar. Eu não conseguia imaginar que fizessem isso apenas pela bondade de seus corações esfarrapados. Conforme desconfiava, depois descobri que o pai deles havia feito um acordo com o meu, trocando o trabalho dos filhos pelo do papai e de Seth para conduzir o gado dele dali a duas semanas. Seria um compromisso de dois dias recolher o rebanho dos vales superiores e levá-lo para a planície, atravessando Almont e Gunnison, até o rancho nas cercanias de Iola. Conhecendo os garotos Oakley, meu pai disse ao deles que o acordo só valeria se os garotos não fizessem nenhuma travessura nem deixassem os frutos machucados. Assim que eles se juntaram a Seth na fronteira leste do pomar, pude sentir o cheiro dos Lucky Strikes e ouvi-los xingar e provocar. Ou estavam fora do alcance dos ouvidos do papai, ou ele estava tão ávido pela ajuda que deixou a algazarra continuar.

Nem é preciso dizer que eu pararia de colher para almoçar à mesa ao meio-dia. À medida que o sol se aproximava do meio do céu lápis-lazúli, juntei meus cestos cheios e os deixei ao lado da estradinha do pomar, onde o papai teria mais facilidade para colocá-los na caçamba do caminhão. Passei por Seth e pelos Oakleys – ignorando seus comentários abafados e risadinhas enquanto eu passava – em direção à nossa casa. Quando me aproximei, vi o papai falando com um desconhecido no quintal. O homem era jovem e sardento, uma cabeça mais alto do que meu pai, mas com metade da largura dele, vestindo um macacão de brim imundo e um chapéu de palha de aba larga. Luvas de trabalho bem gastas pendiam do bolso de trás. Truta abanava o rabo numa saudação, mas o homem parecia não perceber. Ao me ver chegar, o papai me chamou com um aceno e o homem se virou para me olhar com o rosto comprido e equino.

– Ele veio lá da Dunlap's – disse o papai, apontando para o homem sem fazer nenhuma apresentação.

Meu coração deu um pulo. Os longos braços das minhas mentiras chegavam a toda parte. Tentei inventar outro engodo para explicar por que

estivera na pensão proibida, por que tinha dito que ele precisava de um ajudante, mas, antes que eu pudesse pronunciar uma palavra, meu pai continuou:

– Gentileza deles. A ajuda vem a calhar.

Ele meneou a cabeça para o homem, que imitou o gesto, selando o acordo. Em seguida, se virou para mim e disse:

– Não tenho como pagar muito, então dá um almoço bom pro rapaz.

Suspirei, aliviada. Então sorri para o homem, que não sorriu para mim, e respondi:

– Pode deixar.

Quando os homens se amontoaram na cozinha para almoçar, o cheiro deles foi junto. Uma mistura pungente de suor, tabaco, sumo de pêssego e sol de outono expulsou dali o aroma da comida, mesmo quando tirei os pãezinhos do forno, mesmo quando deixei o frango assado e as batatas no meio daquele círculo voraz. O tio Og entrou com sua cadeira, carrancudo, acrescentando uísque e tabaco de mascar ao cheiro geral.

Eu me ocupei no fogão enquanto eles começavam a comer, de costas para a mesa, passando o caldo da assadeira para uma frigideira e mexendo o molho para o jantar daquela noite. O papai apresentou o homem com cara de cavalo aos outros como Forrest Davis. Og resmungou, os jovens disseram "olá" e continuaram trocando palavrões e histórias escandalosas. Todos comeram com vontade e ninguém percebeu que não me sentei, o que para mim foi ótimo.

Estava acrescentando farinha no molho e prestando pouca atenção nos homens quando Davis, até então em silêncio, pigarreou de repente e disse com uma voz espantosamente grave:

– Quase tive que ficar no mesmo quarto que um índio lá na pensão. Ficaram sabendo?

Estaquei, enrijecendo as costas e apertando com força o batedor de massa. Minha respiração estava curta nos pulmões paralisados enquanto eu ouvia.

– Aposto que é aquele filho da puta imundo com quem você se atracou, Seth – disse um dos Oakleys com a boca cheia: Holden, adivinhei pelo tom de voz venenoso.

– Ouvi dizer que botaram ele para fora da Dunlap's – respondeu Seth.

Tentei imaginar como ele sabia, a quem tinha perguntado e por quê.

– Foi – disse Davis –, mas primeiro contaminou a casa de banho. Entrou de fininho, o nojento. – Ele mastigou e engoliu. – O Dunlap pegou ele roubando roupa do varal. Fugiu com uma trouxa na mão.

O molho esquecido à minha frente empelotou, ferveu e transbordou. Respingos marrons saltaram e queimaram meu polegar. Dei um pulo, derrubando a frigideira com um estardalhaço e derramando molho queimado no fogão. Os homens atrás de mim se calaram, sem dúvida olhando para mim, mas meu rosto tinha ficado tão vermelho à menção de Wilson Moon que não ousei me virar.

– Perdão – falei, pegando um trapo na pia. – Que desastrada – acrescentei, com uma risadinha falsa enquanto limpava.

A conversa recomeçou. Perdi a noção de quem dizia o quê, só entendi que alguém ouvira falar que o rapaz tinha fugido de uma prisão no sul, perto de uma das reservas; outro ouvira dizer que era de um internato indígena que ele havia fugido; outro, que era um ladrão, um vagabundo que atacava de cidade em cidade. Fizeram piadas sobre sua pintura de guerra e seus sapatos, chamaram-no de selvagem ímpio, de bicho do mato.

– Já deve ter ido embora faz tempo – comentou Davis.

– Melhor pra ele – resmungou o tio Og.

– É isso aí – respondeu Seth. – Se eu vir aquele pele-vermelha sem-vergonha de novo, eu mato ele.

– Já chega – disse o papai, falando pela primeira vez.

Eu o ouvi pôr os talheres no prato e empurrar a cadeira para trás, levantando-se.

– Vamos colher aqueles pêssegos, rapazes.

Os homens saíram da cozinha fazendo algazarra, levando com eles a conversa cruel e o cheiro forte, e deixando a mesa cheia de migalhas, pratos e uma carcaça de frango tão limpa que parecia ter sido devorada por abutres. Minhas mãos tremiam enquanto eu tirava e rapava os pratos. Eu quase não conseguia conceber a possibilidade de Wil ser mesmo indígena nem o que isso significava para mim, muito menos acreditar que ele era fugitivo ou ladrão. A conversa cruel sobre ele parecera muito errada, mas, na verdade, o que eu sabia sobre aquele rapaz além do fato de que tinha encanto, mistério e força para me levantar e carregar como se eu não pesasse nada?

Enchi a pia, apoiada num pé só para descansar o tornozelo, e lavei os

pratos com movimentos distraídos, lembrando como tinha sido estar nos braços de Wil e olhar aqueles olhos gentis e penetrantes. Lembrei sua história do trem de carvão e imaginei o que era verdade e o que era mentira. Supus que os homens deviam ter razão, que ele já devia ter saído de Iola havia muito tempo. Mesmo assim...

Enxuguei e guardei os pratos, depois voltei para minha parte do pomar para continuar a colheita à tarde. Acima de nossa fazenda, a terra árida estava salpicada de artemísias verde-claras, carvalhos vermelhos e pinheiros arrepiados. Grupos dispersos de álamos amarelos tremulavam como festejos pequeninos na encosta solene. Uns poucos pinheiros-ponderosa se elevavam acima dos outros, espalhando a folhagem em saias rodadas e escuras. O sol cobria tudo como se não tivesse sido avisado de que o verão tinha acabado. À sombra do pomar, onde meu coração se aquietava mais e meus sentidos se aguçavam, a intuição me disse que, para o bem ou para o mal, Wil não estava longe. Não sei como eu sabia, mas sentia que ele me observava enquanto eu pegava, cheirava e colhia cada pêssego macio e maduro. Mais tarde, ele me contaria como o sol da tarde se refletia nas folhas douradas e reluzia amarelo sobre a minha pele, como me viu morder um pêssego gordo, o sumo escorrendo pelo meu antebraço e pelo meu cotovelo nu, e como minha boca cintilava, como se o convidasse a encostar os lábios nos meus. Ele disse que aquele foi o momento em que percebeu que estava se apaixonando por mim, mais e mais a cada mordida ávida e a cada olhar insuspeito que eu lançava na direção dele por entre as árvores frondosas.

Minha esperança de que o trabalho árduo daria um jeito de tirar Wil da minha cabeça revelou-se totalmente infundada. Pelo contrário: durante aquela longa e tranquila tarde no pomar, só ele ocupou minha mente. Perdida em pensamentos, o dia passou depressa. Quando enchi o último cesto antes de tomar o rumo da cozinha para fazer o jantar, ouvi um farfalhar repentino à minha esquerda. O som me assustou e deixei cair o cesto, derrubando vários pêssegos, que rolaram pela grama. O farfalhar se aproximou, obviamente o som de alguém empurrando galhos ao atravessar o pomar, não nos corredores de grama entre as fileiras de pessegueiros, mas de través, em meio às próprias árvores. A parte lógica da minha mente me disse que era um cervo se aproximando, mas meu coração implorou para que fosse Wil. Eu o imaginei emergindo da folhagem, um ombro largo,

depois o outro, até se colocar em silêncio diante de mim, o sorriso de cumplicidade iluminando seu rosto, a palma da mão estendida como se pedisse para eu lhe dar um pêssego, embora eu soubesse que ele na verdade queria a minha mão.

De repente, Forrest Davis abriu caminho pela fileira vizinha a uns 5 metros de mim. Seu passo era decidido, agressivo até, como se estivesse concentrado para chegar a algum lugar. Porém, se isso fosse verdade, ele usaria uma das muitas trilhas até a estrada da fazenda em vez de atravessar fileira após fileira de árvores. Ele parou para espiar a fileira na direção contrária à minha. Usava as luvas de trabalho, mas não carregava um cesto. Em geral, o papai não permitia o uso de luvas, por acreditar que, para a colheita, o tato era tão fundamental quanto a visão e o olfato. Imaginei se meu pai não havia explicado isso ou se o novo ajudante não gostava de seguir as regras.

Pendurado por um cordão em volta de seu pescoço, um grande chapéu de palha pendia na parte superior das costas estreitas. Os movimentos eram rápidos e nervosos. Quando ele se virou na minha direção para espiar minha fileira, vi sua testa nua imensa, larga e saliente, que acentuava o aspecto já equino das bochechas sardentas e ossudas, do maxilar comprido e pontiagudo. Fiquei imóvel, com a esperança tola de passar despercebida. É claro que ele me viu, pulando de surpresa ao fazê-lo. Por um brevíssimo instante nossos olhos se encontraram. Depois ele olhou para além de mim, inexpressivo, como se eu fosse apenas um coelho. Girou o longo pescoço de um lado para o outro, procurando alguma coisa, em seguida se virou de repente e, esticando os membros magros no espaço repleto de galhos entre duas árvores, desapareceu. Continuou, parando e farfalhando, parando e farfalhando um pouco mais, até que não pude mais ouvi-lo.

Davis estava procurando Wil. Eu tinha certeza disso. Estremeci tanto pela brisa fresca da tarde quanto pelo olhar breve mas atento que tinha recebido daquele estranho.

Acontece que Davis não era o único à procura de Wil. Na alvorada fria do dia seguinte, enquanto eu ajudava o papai e Seth a fazer as entregas na cidade, descobri dois avisos na frente do mercado Chapman's. Não havia menção a nome nem detalhes do crime, mas os dois cartazes idênticos com letras pintadas à mão pregados nos dois lados da entrada tinham a óbvia

intenção de capturar Wil: "Procurado, ladrão, pele marrom, cabelo preto, perigoso. Recompensa: 20 dólares. Falar com Martindell."

Ezra Martindell era o mais próximo que tínhamos de um policial em Iola. Seu avô havia construído uma das primeiras casas de verdade na Main, quase setenta anos antes, e toda a família Martindell tomou para si a função de se empoleirar na ampla varanda e ficar de olho nos acontecimentos da cidade. Sem nenhuma qualificação além dessa, o pai de Ezra, Albert, foi nomeado delegado pelo departamento do xerife do condado de Gunnison. Após a morte de Albert, Ezra assumiu o distintivo e o jeito autoritário de andar. Depois que o serviço telefônico foi instalado em Iola, em 1942, a principal função de Ezra era ligar para o xerife Lyle, em Gunnison, se houvesse alguma coisa errada, e preservar a ordem enquanto os verdadeiros policiais faziam a viagem de trinta minutos até a cidade. Fiquei furiosa ao pensar que gente como Ezra Martindell pudesse oferecer uma recompensa por Wil com base apenas em mentiras e conjecturas e talvez em algumas roupas perdidas que o vento poderia muito bem ter arrancado do varal.

O que me incomodou ainda mais foi o jeito como Seth assobiou ao ver os cartazes, como se um desafio que estava ansioso por aceitar tivesse se colocado diante dele. Pior ainda foi o olhar malicioso que me lançou enquanto punha o dedo imundo no cartaz e tocava a palavra *Recompensa*.

– Pode apostar – disse ele, com um sorriso maldoso. – Eu vou ganhar essas vinte pratas.

Sete

O papai não tinha comentado que me vira mancar naquela manhã, mas, quando voltamos ao caminhão depois da entrega no Chapman's, ao me sentar no banco traseiro, fumegando de raiva em silêncio atrás do meu irmão, ele disse que queria que eu trabalhasse na banca à beira da estrada até a hora do almoço.

– Se aquele Davis voltar, vamos ter ajuda suficiente – explicou meu pai. – Hoje a Cora vai estar enrolada.

Cora Mitchell, a filha solteirona dos nossos vizinhos que morava numa cabana rústica mas bem-arrumada no terreno dos pais, cuidava da nossa banca durante a maior parte do fim do verão e do outono em troca da ajuda do meu pai no rancho deles às segundas e quartas-feiras. Nossas famílias tinham esse acordo desde muito antes de eu nascer. Cora se saía bem, falando sobre o clima, os pêssegos, tagarelando de um jeito que fazia os estranhos se sentirem íntimos. Era capaz de convencer o cliente a comprar uma dúzia de pêssegos se ele quisesse só meia, e um cesto inteiro se quisesse uma dúzia. Muitas vezes, já tinha vendido tudo no começo da tarde. Não havia motivo nenhum para me colocar na banca com ela, a não ser o machucado que eu estava decidida a ignorar. No entanto, minha raiva de Seth e a desconfiança quanto a Forrest Davis me deixaram feliz por me afastar um tempo dos dois.

– Por mim, tudo bem – respondi ao papai.

Cora, dedicada, já estava lá quando chegamos à barraca de frutas feita de ripas brancas desbotadas. Como éramos os únicos produtores de pêssego da

área, tínhamos a única barraca permanente ao longo da Highway 50, do outro lado da ponte na saída da Highway 149 para Iola. Às vezes, alguns dos outros fazendeiros da região montavam mesas e vendiam seus produtos, geralmente hortaliças comuns e tubérculos, mas nossa banca tinha um telhado de zinco de verdade, piso de tábuas e uma licença oficial do governo. Dizia a lenda que o meu avô havia emoldurado a licença no dia em que a pegara em Gunnison e a pendurara na parede da sala de estar como se fosse uma obra de arte, em vez de pregá-la na banca como o instruíram a fazer.

O papai e Seth levantaram as cestas da caçamba do caminhão, soltando uma lufada de vapor no ar fresco da manhã a cada vez que respiravam. Cora nos cumprimentou com seu sorriso de covinhas e logo começou a organizar as novas frutas no balcão, com rapidez e capricho, arrumando filas precisas, girando os pêssegos para revelar aos clientes a parte mais rosada e, de vez em quando, jogando uma fruta machucada de volta à cesta.

Cora Mitchell era uma mulher alta e rechonchuda, talvez a maior que eu já tinha visto até aquela altura da vida, e, embora a conhecesse desde que nasci, muitas vezes me surpreendia com seu tamanho. Ela usava uma blusa branca imensa que se esticava nos grandes seios e na barriga, o franzido elástico cravando-se na carne farta acima do cotovelo. Apesar do frio, duas linhas finas de transpiração escorriam pelas laterais dos cachos castanhos e miúdos de Cora enquanto ela trabalhava. Ocupei meu lugar ao lado dela, arrumando as frutas até o papai e Seth terminarem de descarregar tudo e partirem no caminhão.

A manhã começou devagar, com uns poucos madrugadores locais visitando a banca durante as primeiras uma ou duas horas. Eu e Cora fizemos comentários amenos sobre o clima, nossas famílias e as fazendas. Ela se sentou no banquinho largo e bem gasto que seu pai havia construído para a banca muito tempo antes e, embora meu tornozelo doesse e houvesse outro banquinho vazio, eu andava para lá e para cá. Entre um cliente e outro, Cora ocupava as mãos tricotando um cachecol verde enquanto eu só conseguia pensar no cartaz de Martindell. Queria desesperadamente contar a Cora tudo que sabia sobre o suposto ladrão, mas minha experiência com Millie Dunlap me fez ficar de boca fechada.

Por volta das nove, havia carros estacionados na estrada e uma fila de três clientes na banca. Enquanto trabalhava, Cora conversava e puxava o saco de todos como a anfitriã de uma festa. Riu quando alguém nos

agradeceu por ainda estarmos abertos no fim da temporada e respondeu que deveriam agradecer a Deus todo-poderoso pelo bom clima no outono. Eu esperava que a gaiataria dela compensasse minha óbvia desatenção. Tentei travar conversas cordiais, embalar corretamente os pedidos e dar o troco certo, porém, mais de uma vez, Cora me olhou intrigada e brincou comigo, dizendo que o tornozelo machucado tinha arrumado um jeito de infectar minha cabeça.

Não conseguia conciliar a impressão que tivera de Wil com a outra versão que se espalhava pela cidade, de que ele era uma ameaça, um selvagem, um ladrão. Imaginava como poderia descobrir a verdade sobre ele, para além dos boatos e rancores nascidos da intolerância implacável, para além do meu profundo anseio. Ruby-Alice Akers era a única pária que eu conhecia. Tinham me ensinado que ela era uma criatura louca, selvagem e perigosa, indigna de respeito e consideração, não muito diferente de Wil aos olhos de Seth, Millie Dunlap, Martindell e dos outros. Pensei então naquela manhã, dois dias antes, quando encontrara Ruby-Alice longe da bicicleta, parada na estrada, sozinha. Por que não lhe ofereci ajuda?

Numa hora de movimento mais calmo, perguntei a Cora se ela tinha visto Ruby-Alice nos últimos tempos.

– Na verdade, mais do que nunca – respondeu.

As tábuas rangeram enquanto ela ia da lata de dinheiro até o banco. Ela se sentou e bufou algumas vezes, de lábios franzidos, como se apagasse velas invisíveis.

– Ela 'pareceu na nossa estrada a semana inteira. Ficou parada lá como se 'tivesse esperando alguém. 'Cês também devem ter visto ela quase todo dia, logo ali onde começa a estrada da fazenda docês.

Cora tinha um jeito de cortar as palavras, como se algumas fossem longas demais para a pronúncia completa.

– Você acha que tem alguma coisa errada com ela? – perguntei, sem pensar muito no que dizia.

– Booom...

Cora deu uma risadinha como quem diz *Quer a lista completa? Por onde é para começar?*

Tentei de novo.

– É que eu também vi a Ruby-Alice parada na estrada. Achei meio esquisito, até pra ela. Será que está doente, ou alguma coisa assim?

– Acho que nunca pensei em perguntar – disse Cora. – Pode até ser. Ontem, quando eu fui pra cidade c'a mamãe, ela 'tava bem no mei' da estrada, pasmada, olhando em volta. Quase que não deu pra gente passar.

Eu não sabia se o fato de Cora e a mãe terem reagido à velha com o mesmo descaso que eu me confortava ou perturbava.

– Por que é que todo mundo tem tanto medo dela? – perguntei. – Seth acha que ela é o diabo.

Cora riu.

– Ah, acho que a maioria das pessoas não tem medo dela, não. Só uma desconfiança natural do que é diferente. Esqueceram que ela não foi esquisita a vid' inteira.

– Não?

– Hm-hm. – Cora balançou a cabeça. – Pelo que eu sei, ela ficou gozada depois q' a gripe passou por aqui. De repente foi a febre. De repente foi tristez'.

– Ela perdeu algum parente?

Cora fez que sim com a cabeça e ergueu as sobrancelhas escuras.

– Todos eles.

– Quantas pessoas? – perguntei, perplexa.

Cora deu de ombros.

– Sei lá. Na época eu ainda 'tava no berço. Ouvi falar por aí. Eu cresci vendo a me'ma Ruby-Alice que você. Andando por aí naquela bicicleta velha, encarando a gente c'aquele olho de doida. Nunca fala nada. E pega todo bicho abandonado pra ficar com ela. Deus nos acuda.

– DeusAcudaRubyAliceAkers – respondi distraída enquanto refletia sobre as palavras de Cora.

Cora fez que sim e pegou seu tricô. Em silêncio, acrescentei *Amém*.

Quando era mais nova, me deitava de barriga para baixo com Cal na margem do laguinho do pomar. Ele passava a mão pela água e afastava as folhas flutuantes, revelando um mundo escondido por baixo delas. Ficávamos lá à toa, lado a lado, observando, pacientes, o que quer que passasse nadando ou borbulhasse na superfície. Cada peixinho, larva ou inseto aquático era um minúsculo milagre a descobrir. Minha conversa com Cora foi assim, como afastar a sujeira que me impedia de ver abaixo da superfície. Ruby-Alice era uma pessoa solitária de coração partido, não louca nem diabólica, assim como Wil era só um andarilho, um

desconhecido de pele morena numa cidade que via poucos andarilhos e poucos homens de pele morena. De repente, entendi o que antes não conseguia compreender: a velha estivera na estrada dia após dia me esperando. Na manhã em que passei depressa por ela, estendera as mãos não para me empurrar, mas para chamar minha atenção. Wil tinha ficado em Iola, escondido na casa de Ruby-Alice. A velha tinha lhe oferecido refúgio. Eu tive certeza.

– Cora, tudo bem se eu der um pulo ali rapidinho? – perguntei, fazendo o possível para falar num tom descontraído, embora meu coração estivesse batendo forte.

– Claro, querida, tudo bem. 'Cê vai arrumar o almoço dos homen'.

O almoço era a última coisa na minha cabeça, mas Cora tinha razão. Saí da banca e olhei para o céu sem nuvens. Imaginei que tinha pouco mais de uma hora para pôr a comida na mesa. Precisei de toda a minha força de vontade para não correr. Não fazia ideia do que aconteceria depois que encontrasse Wil, mas resolver o enigma de seu paradeiro me animou. Andei com velocidade e propósito, mancando de leve, tamanha era a certeza de que minha teoria estava correta. Imaginei várias versões do nosso reencontro, e todas acabavam comigo nos braços dele.

Uma garota de 17 anos pode ser tola, principalmente quando não sabe nada do extraordinário poder do amor – até ele a dominar como uma enchente repentina. Porém a intuição de que Wil estava por perto, a certeza de que o encontraria esperando por mim, no terreno vizinho onde Ruby-Alice cuidava de suas criaturas estranhas, estavam absolutamente corretas. Bastava cruzar o pinheiral escuro, destrancar um portão antes proibido e atravessar um quintal cheio de galinhas-d'angola, frangos e cachorrinhos esquisitos. Só precisava bater numa porta rosa-clara em que nunca-havia batido.

Dei uma batida tímida com o nó dos dedos, sem dúvida baixa demais para alguém ouvir. Como ninguém atendeu, bati outra vez, com mais vigor. Depois dei um passo atrás, respirei fundo e esperei. Pensei, no último instante, em tirar o cabelo da cara e endireitar o vestido, aprumar os ombros e levantar o queixo. Minha aparência, que sempre ficara em segundo plano, de repente pareceu ter grande importância, mas não havia muito que eu pudesse fazer a respeito quando vi a maçaneta da porta começar a girar.

A porta se abriu com um rangido metálico, e lá estava Wilson Moon,

sorrindo, radiante, com uma calma paciente, como se estivesse me esperando o tempo todo. Percebi então, como quem acorda de repente de um sonho, que havia passado muito mais tempo com aquele rapaz na minha imaginação do que na realidade. Éramos pouco mais do que estranhos, mas eu tinha me convencido de que ele me receberia. Parada diante dele, corei e me remexi para lá e para cá, sem saber o que dizer ou fazer.

Por sorte, ele estendeu a mão quente e eu a aceitei. Ele me levou para dentro e eu o acompanhei.



Os homens entraram na cozinha um por um, mais uma vez trazendo consigo seus odores, apetites e a troca incessante de insultos. Depois que se acomodaram, coloquei diante deles um prato de sanduíches de presunto e uma tigela cheia de salada de repolho, com um jarro de chá gelado. Com calor e inquieta pela pressa, fiquei de cabeça baixa.

– Tá doente?

Foi Seth quem notou minhas bochechas vermelhas e o suor que escorria pelo cabelo. Ele me olhava boquiaberto, acusador, como se eu não tivesse o direito de ficar doente, ou, pior, estivesse fingindo. Davis levantou a cara equina, me observou por um instante e depois voltou a cuidar do próprio prato.

– É que eu vim correndo da banca – respondi, virando-me para cortar tomates na bancada da cozinha.

– Alguma venda? – perguntou o papai, servindo chá num copo alto.

– Muitas – respondi com sinceridade.

– Algum bugre? – indagou Seth, provocando.

Ele e os irmãos Oakley irromperam em gargalhadas.

O tio Og entrou naquele momento e tomou seu lugar à mesa, rosnando:

– Qual é o motivo para tanta graça, hein?

– Nada, não, seu aleijado – retrucou Seth.

– Chega – disse o papai.

Os homens comeram.

Só um *índio*, eu queria responder a Seth, me gabando. *Só o* meu *índio*,

pensei, sem ter certeza do que isso significava nem se o rótulo se aplicava a Wil, mas ciente de que havia encontrado o homem que Seth e seus capangas procuravam e que o conhecia muito melhor do que eles.

Sabia que Wil estivera dormindo numa cabana de caça abandonada que havia encontrado nas montanhas de Big Blue, que andava se esgueirando pela cidade para fazer alguns serviços para Ruby-Alice em troca de comida e cobertores e que estivera à minha procura, até mesmo me espionando enquanto eu trabalhava no pomar, confiando que iríamos nos encontrar de novo. Eu soube que as acusações contra ele eram falsas no instante em que o vi vestido com o mesmo macacão e a mesma camiseta, já limpos, que usara no dia em que nos conhecemos. Só faltava o boné vermelho. Eu conhecia até o calor de sua mão na minha bochecha, o toque da pele lisa e, ainda que breve, o sabor doce e salgado dos lábios macios que me deixaram querendo mais. Sabia com absoluta certeza que ele estaria esperando por mim perto do álamo arqueado no fim da estrada assim que eu pudesse enxotar os homens da cozinha. O segredo me dava um frio na barriga, como se eu tivesse engolido uma pena voando ao vento. Tirei o prato de cada homem antes que terminassem de mastigar a última mordida e sorri em meu deleite secreto enquanto me inclinava sobre a pia para lavar tudo.

Quando o papai se levantou para sair, eu disse a ele que iria voltar para ajudar Cora a fechar a banca.

– Tudo bem – respondeu ele sem nem olhar para mim, totalmente ignorante quanto ao significado das minhas palavras, a primeira mentira que contei ao meu pai.

Era um preço que estava disposta a pagar para abraçar Wilson Moon mais uma vez.

Oito

Wilson Moon se tornou meu amante. Começou com o beijinho rápido na manhã em que o descobri na casa de Ruby-Alice Akers e os longos abraços quando nos reencontramos mais tarde naquele dia, como planejado, perto do álamo que crescia quase paralelo ao chão no fim da nossa estrada. Cada nova mentira que eu contava ao papai saía com mais facilidade do que a anterior, e conseguia escapar da fazenda para me encontrar com Wil quase todas as tardes, assim que terminava minha parte da colheita.

Às vezes nos encontrávamos debaixo do álamo, às vezes perto do riacho Willow ou dos juncos na margem do rio Gunnison, às vezes junto do abeto-azul solitário na colina ou na casa de Ruby-Alice em meio à coleção de animais. Todas as vezes, Wil estava à minha espera a céu aberto, como se sua única preocupação na vida fosse me receber e me tomar nos braços fortes e seguros. Seu cheiro almiscarado me dava alívio quando eu enterrava o rosto em seu peito e serenava. Ele se afastava um pouco, apenas o bastante para me olhar com admiração, como se eu fosse uma aparição ou uma lenda recém-descoberta em carne e osso.

Algumas tardes ele me via chegar e partia para a floresta ou para dentro do capim alto, muito leve e veloz, e eu o seguia. Caíamos juntos no chão para nos beijarmos, rindo de nada em especial. Nós nos deitávamos de barriga para cima para ver as nuvens se transformarem ou os falcões voando pelo céu. Uma vez, vimos uma águia-de-cabeça-branca singrando as alturas com uma truta nas garras. Wil apontou e disse que era um sinal. Eu era

tímida demais para perguntar sinal do quê, mas o jeito como ele me abraçou com mais força e beijou minha testa me fez sentir que tínhamos sido abençoados.

Sem termos muito a dizer, poucas palavras eram pronunciadas naqueles encontros vespertinos. O silêncio nos caía bem, como um espaço moldado para o nosso deleite tranquilo. Certa vez contei que tinha perdido muitas pessoas da minha família e ele disse que também perdera. Depois desejei ter feito perguntas, mas, no momento, o murmúrio leve da brisa entre o capim seco e o ombro dele encostado ao meu pareceram a resposta mais gentil. Ele comia meus pêssegos com mordidas sinceras e gemidos de apreço, depois segurava minha mão com tanta firmeza que o sumo de pêssego que ficara ali quase colava nossas palmas uma na outra. Ele escapava de todas as categorias e convenções e, às vezes, até da lógica, como quando soube exatamente como esfregar meu tornozelo dolorido para que o inchaço restante se esvaísse levando consigo os últimos lampejos de dor.

Olhando para trás, me admira como nossa inocência evaporava aos poucos a cada encontro secreto e a cada carícia, até que, apenas duas semanas depois de Wil abrir pela primeira vez aquela porta rosa-clara e me receber, a paixão nos levou além de todo o bom senso, direto para a cama dele, após uma caminhada de duas horas até a cabana isolada nas montanhas de Big Blue.

Naquela manhã, logo depois do café, vi o papai e Seth vestirem as jaquetas pesadas de lona e os chapéus gastos de vaqueiro, depois colocarem na caminhonete selas, cordas longas enroladas em formato de oito e as duas mochilas de lona que eu havia enchido com cantis, carne-seca, feijão enlatado e jarros de vidro com ovos cozidos. Eles passariam dois dias fora recolhendo o gado dos Oakleys nos pastos das montanhas ao norte e conduzindo-o pelo vale até os pastos de inverno.

Enquanto a velha caminhonete saía pela estrada da casa, a expectativa ardia na minha barriga. Lavei os pratos do café da manhã e cuidei dos animais, mas pensava apenas em Wil. Nunca tinha tomado banho numa quarta-feira, mas enchi a banheira e me lavei sem pressa, imaginando o toque de Wil enquanto passava o sabão na pele, meu íntimo despertando, abrindo-se e aquecendo-se até eu me levantar da água, corada e trêmula. Sequei o cabelo ao sol do outono, depois servi o almoço do tio Og acompanhado de uma mentira fácil sobre precisar passar a noite com Cora

Mitchell, que estava muito doente. A única preocupação dele era ter sanduíches de presunto suficientes e chá gelado na geladeira, então preparei uma boa quantidade de ambos às pressas antes de sair pela porta dos fundos.

Quando alcancei Wil, que esperava por mim no limite dos fundos do pomar, quis correr até ele. Eu o segui ao longo da margem do riacho, depois pela trilha comprida e íngreme que saía de Iola. A paisagem se transformou, deixando para trás artemísias, rochas e pinheiros e levando a prados de grama polvilhada com álamos amarelos enquanto a trilha ia se estreitando e o ar se tornava fresco e rarefeito. Quando finalmente avistei a velha cabana à luz minguante, mal notei o riacho correndo atrás dela e a luz suave no prado. Meu coração palpitava tanto de desejo quanto pela longa caminhada, e tudo que eu queria era a cama dele. Wil afastou a pele de veado que cobria a entrada e se virou para mim com uma pergunta silenciosa no olhar. Assenti, dizendo *Sim, estou pronta; sim, tenho certeza* – e ele sorriu e me levou para dentro.

Ao entrar com Wil na cabana e deixá-lo tirar minha roupa – cada camada escorregando para o chão de terra batida até estar nua diante dele, que também se despiu –, pela primeira vez na vida eu estava livre. Ficamos parados por um momento, impressionados com a nudez um do outro. Então ele pegou meu queixo na palma da mão com muita delicadeza e levou meus lábios aos dele. Deslizamos para a cama, tão perdidos um no outro que toda a existência parecia condensada naquele momento e lugar, em nossa pele, em nosso toque e em nossos movimentos.

Fazer amor com Wil foi como chegar a um lugar para onde eu me arrastava havia muito tempo. Em seus braços, me tornei tudo que nunca imaginei ser antes de nos conhecermos. Eu era linda, desejável e até meio perigosa. Eu estava passando a noite fora de casa, uma mulher tomando as próprias decisões e correndo riscos, não uma garota tímida e obediente.

Depois, me deitei com o rosto apoiado em seu ombro quente enquanto ele dormia, seus braços me envolvendo com tanta naturalidade que era como se descansássemos no nosso leito nupcial. Eu nunca tinha me deitado nos braços nus de um homem, nunca tinha sequer pensado em dormir no peito nu de um homem. Mesmo enquanto estava debaixo de mim e eu sentia sua respiração, o bater constante do coração e o cheiro ligeiramente doce do suor, ele ainda era insondável para mim. Um raio prateado de luar

entrava pela janela pequena da cabana e iluminava o rosto liso, o pescoço musculoso, o braço forte pousado fora das camadas de colchas cor-de-rosa que Ruby-Alice lhe dera. Tentei ler naquela mão larga algumas pistas de sua história – a pulseira trançada de vermelho e preto que ele nunca tirava, as cicatrizes brancas que riscavam os nós dos dedos, os calos grossos que sugeriam as mãos de um homem muito mais velho. Fiquei pensando no extraordinário poder de seu toque, como sua carícia havia curado não apenas meu tornozelo, mas algo no fundo do meu ser que eu não sabia estar doente.

Com cuidado, tirei minha própria mão de baixo das colchas quentes e a pousei sobre a dele, pensando na coisa mais notável que eu testemunhara aquelas mãos firmes fazerem, uma semana antes, quando ele havia tirado um filhotinho das garras da morte.

Estávamos na casa de Ruby-Alice e eu admirava as prateleiras de bugigangas e seu amor surpreendente pela cor rosa. Mesmo quando era criança e rezava pela alma dela, nunca tinha considerado que Ruby-Alice poderia dormir, comer e viver numa casa pequena e aconchegante com estatuetas de anjos, cachorrinhos e bonecos de neve organizados daquele jeito. Foi então que ela entrou em casa num rompante.

Chegou sem palavras, como sempre, mas ficou claro que estava em pânico, seu olho desvairado instando Wil. Nas mãos pálidas levava um cachorrinho flácido. Um muco pegajoso brilhava na pelagem branca e castanha. Sem dúvida natimorto, a cabeça do cachorro pendia para um lado. As minúsculas patinhas de ponta branca estavam moles. Sem dizer nada, Wil estendeu as mãos. Ruby-Alice entregou o filhote para ele com ternura. Wil o aproximou da própria barriga e começou a esfregá-lo para cima e para baixo, de uma forma delicada e ao mesmo tempo frenética. Ergueu o corpinho sem vida até os lábios, soprou suavemente no rosto dele, depois baixou-o de novo, esfregou, soprou, esfregou. Ruby-Alice parecia não notar a minha presença, embora estivéssemos a poucos centímetros de distância, ambas petrificadas. Wil virou o cachorrinho mole, expondo uma barriga nua e salpicada como um sapo, e esfregou o peito minúsculo, usando apenas dois dedos, para cima e para baixo. Levou o corpo aos lábios e falou baixinho, palavras tão abafadas e desconhecidas que não consegui entendê-las. Então esfregou o peito diminuto outra vez, apertou o cachorrinho junto do coração, fechou os olhos e expirou.

O primeiro movimento sutil do filhote em direção à vida foi surpreendente demais para acreditar. Achei que fosse coisa da minha imaginação, mas ele se mexeu de novo, dessa vez foi inquestionável, e de novo e de novo, até começar a se contorcer nas mãos de Wil, como se tivesse nascido na palma das mãos dele. A criaturinha esticou o pescoço, cega, farejando, à procura de um mamilo. Wil sorriu, deu um beijo rápido no focinho do filhote e o ofereceu para Ruby-Alice. Ela bateu palmas duas vezes e sorriu, os dentes tortos de um amarelo-ocre contrastando com o rosto pálido. Aninhou o cachorrinho junto do peito flácido e escapuliu de casa com a mesma rapidez com que havia entrado, batendo a porta ao sair.

Eu estava boquiaberta.

– Como é que você... – comecei.

Mas, antes que a pergunta se formasse, a boca de Wil estava colada à minha e fomos para o chão. Precisei de todas as minhas forças para me afastar daquelas mãos e correr de volta para casa a tempo de fazer o jantar.

Uma semana mais tarde, nua e deitada no peito de Wil na cabana iluminada pela lua, eu vibrava de desejo depois que aquelas mãos haviam tocado todo o meu corpo. Inclinei a cabeça e olhei para o contorno dos lábios dele. Sem saber se deveria acordá-lo, beijei de leve a carne macia logo abaixo da clavícula. Não pude deixar de beijar outra vez. No terceiro beijo, ele se mexeu. No quarto, virou-se para mim e nossas bocas se tocaram. Nossos corpos deslizaram juntos em primorosa sincronia, sabendo exatamente como se mover e onde tocar, ainda que o amor físico fosse novidade para ambos. Fizemos amor de novo, dessa vez num ritmo lento e constante, como se a primeira tivesse sido um mero ensaio.

Abraçados ao luar do outono, arquejantes e ávidos, eu não poderia imaginar, mas nosso filho começava a crescer.

Nove

Exausta pela falta de sono e pela longa caminhada de ida e volta da cabana na montanha, cheguei em casa na tarde seguinte, poucos minutos antes de papai e Seth voltarem do serviço que fizeram para os Oakleys. Wil tinha me acompanhado pelo portão dos fundos até o limite do pomar, despedindo-se de mim com um beijo e sumindo entre as árvores. Caminhei pelo quintal, sonhadora, mal percebendo meus pés no chão, até que o som repentino da caminhonete do papai chegando pela estrada me fez voltar à realidade como o estalo de um chicote. Entrei pela porta da cozinha, tirei o casaco e as botas sujas de lama correndo, prendi o cabelo alvoroçado num rabo de cavalo e coloquei uma panela de água para ferver no fogão, tudo às pressas, sem saber sequer o que poria para cozinhar nela. Por sorte, o papai e Seth demoraram descarregando os equipamentos e cuidando das tarefas que tinham ficado por fazer no celeiro. Sabia que levaria uma bronca por não ter recolhido os ovos e alimentado os animais naquela manhã. Eu me lembrei dos detalhes da mentira que havia contado ao tio Og sobre a doença de Cora e me preparei para contá-la outra vez.

Quando o papai e Seth entraram, tão cansados quanto eu, a julgar pela aparência deles, eu já pusera sanduíches de queijo e chá gelado na mesa, vagens e cebolas a crepitar na frigideira e batatas para cozinhar na panela. Mexi a frigideira para parecer ocupada enquanto os homens tiravam os casacos e Seth atravessava a cozinha depressa. Perguntei ao papai como tinha sido a viagem, fazendo minha voz soar leve e melosa, como se a garota que falava não tivesse se tornado uma mulher, completamente

transformada. Ele resmungou mal-humorado que "perderam uma", depois saiu da cozinha, deixando-me imaginar se a vaca tinha sumido ou morrido e por quê. Não me lembrava de nenhuma vez que o papai não tivesse levado todo o gado para o pasto de inverno em segurança, quer conduzisse os animais para os Oakleys ou os Mitchells, quer trabalhasse apenas como ajudante. A intuição me dizia, corretamente, que de alguma forma essa perda era obra de Seth.

Primeiro meu pai, depois meu irmão voltaram à cozinha e sentaram-se à mesa. No fim da tarde e após uma lida extenuante, estavam famintos, devorando cada tigela que eu colocava diante deles.

Og entrou na cozinha e assobiou, dizendo:

– Ora, olha só quem voltou pra casa.

Morrendo de vergonha, levantei os olhos da pia onde escorria as batatas e descobri que Og estava mesmo falando comigo. Meu estômago revirou, mas se acalmou quando vi a atenção do papai e de Seth ainda concentrada na comida, ambos parecendo presumir que o comentário de Og se dirigia a eles. Minhas mãos tremiam quando comecei a amassar as batatas mal cozidas com manteiga e leite.

– Dessa vez foi difícil – respondeu o papai, olhando para Seth por um instante.

– Vai, fala de uma vez – disse Seth, desafiando-o.

No entanto, o papai serviu mais vagens no próprio prato e as comeu em silêncio. Og pegou a comida e olhou do papai para Seth e de novo para o papai, com um brilho de prazer no olhar ao perceber o conflito óbvio entre eles. Deixei o purê na mesa, desesperada por um pretexto para não me sentar, mas estava com tanta fome que meu corpo pareceu me sentar e me servir sem o consentimento da minha mente. Wil tinha um pouco de feijão e carne de porco na cabana, uma lata fria que eu tinha dividido com ele como café da manhã, mas isso fora horas antes.

Tentei comer com delicadeza e inventar algo para dizer que pudesse nos distrair do meu embaraço, do antagonismo do papai e de Seth, mas nada me ocorria.

– Queria mais laçar um bugre do que uma novilha perdida, é, *Sarinha*? – disse Og.

Seth bateu a palma das mãos na mesa com tanta força que os utensílios pularam e o chá se derramou dos copos. A cadeira desabou de costas no

chão enquanto ele se levantava e saía bufando da cozinha, chutando a cadeira de rodas ao passar, dando a Og um solavanco e uma desculpa para gargalhar, rouco e zombeteiro.

O papai viu Seth sair, balançou a cabeça e, irritado, confirmou a Og:

– É isso aí. Custou uma novilha.

Os cartazes de "procurado" descrevendo Wil e prometendo uma recompensa de 20 pratas ainda adornavam Iola. Pelo que eu sabia, estavam pendurados nas cidades vizinhas de Sapinero e Cebolla, talvez até em Gunnison e além. Tentei imaginar quantos homens que não sabiam nada sobre Wil estavam procurando por ele. Quis mudar de assunto, mas a verdade e o tempo não estavam do meu lado.

– Desculpa por ter deixado o purê cheio de caroço, papai – me arrisquei a comentar.

Ele se limitou a dar de ombros e levar outra colherada à boca, dizendo, à sua maneira silenciosa, que a comida estava boa.

– É nisso que dá cozinhar com pressa – sibilou Og.

Meu coração afundou com a referência ao meu atraso. Senti a primeira camada fina do meu segredo se soltar.

– Aliás, e a coitadinha da Cora, como vai? – perguntou Og com uma voz açucarada, olhando para o papai e depois para mim.

A falsa polidez do questionamento e a maneira como inclinou a cabeça fingindo solidariedade só tornavam a pergunta mais sinistra. Ele sabia a verdade.

O papai olhou intrigado para mim e eu o encarei de olhos arregalados. Fui pega na mentira tal como um guaxinim flagrado pelos faróis de uma caminhonete. Para piorar a situação, de uma forma devastadora, como eu viria a descobrir, Seth voltou à cozinha naquele momento, avançando em direção à jaqueta e à porta dos fundos até ver o papai e Og de olho em mim e parar.

– Continua doente – consegui murmurar.

– Bondade sua passar a noite inteira cuidando dela – disse Og num golpe final contra o meu disfarce.

Levantei o copo de chá, encostei-o nos lábios e engoli, vendo o papai franzir as sobrancelhas.

– Cora não está doente – disse ele, e meu estômago se revirou. – Ela foi

com a gente até o pasto pra ajudar a recolher os cavalos e os cachorros. Estava bem.

Seth via a cena se desenrolar da porta dos fundos, enfiando o braço devagar na manga do casaco, depois o outro, os olhos cravados em mim.

Fiz o que pude para salvar minha trama. Falei demais, nervosa e tola, sobre Cora ter melhorado depois do café da manhã, sobre como tinha passado a noite com febre, rolando na cama, chamando por Jesus enquanto dormia, mas melhorado de manhã ao comer alguns pãezinhos com bacon.

Og riu e então, por milagre, como se me jogasse uma boia depois de ter feito o barco da minha farsa naufragar, disse, maldoso:

– Se tem uma coisa que aquela moça gosta mesmo, é de bacon.

O papai passou mais um tempo intrigado com a informação, depois me mandou cuidar das galinhas e voltou a comer. Seth continuava olhando para mim do outro lado da sala, e um sorriso se abria em seus lábios. Ele fechou a jaqueta com um movimento rápido e saiu pela porta dos fundos. O som da porta de tela se fechando às costas dele foi como o disparo de uma arma de fogo.

Eu sentia o olhar de Og em mim. Se olhasse nos olhos dele, talvez encontrasse o vago lampejo de um pedido de desculpa, mas me recusei a levantar a cabeça. Meu apetite desapareceu. Eu me levantei, empilhei meu prato meio cheio com os outros vazios da mesa e fui até a pia para começar a lavar a louça.

Do celeiro, ouvi o rugido feroz do carro de Seth ganhando vida. Ele o acelerou de novo e de novo, como se provocasse meus nervos de propósito. Quando o capô amarelo do carro apareceu pela primeira vez na janela acima da pia, minha mente não conseguiu entender o que via. Nos últimos tempos Seth andava obcecado com o carro, muitas vezes com Holden Oakley e Forrest Davis a seu lado, os três debruçados no capô aberto, barulhentos e sujos de graxa, com Lucky Strikes pendurados na boca. Depois de anos vendo meu irmão mexer naquele motor defeituoso, nunca imaginei que o carro chegaria a andar. Quando passou devagar pela janela da cozinha, curvado sobre o volante e olhando para mim em triunfo, ele levou a mão à testa e me saudou com falsa estima. Parou o carro e acelerou o motor numa barulheira impressionante – fazendo o papai correr para a porta lateral e Og gritar da mesa, irritado –, depois saiu em disparada pela

estrada, deixando em seu rastro duas marcas de garras profundas e uma névoa de poeira e fumaça no ar.

Naquela noite, Seth não voltou para jantar. Ninguém comentou, como se sua cadeira estivesse vazia desde sempre. O papai me perguntou se eu tinha feito as minhas tarefas no galinheiro e no celeiro. Respondi que sim. Og não disse nada. Depois que eles saíram da cozinha e terminei de lavar os pratos, subi a escada e fechei a porta do quarto com um baque mais alto do que o necessário para anunciar que tinha ido dormir cedo. Coloquei um travesseiro debaixo da colcha para imitar uma forma humana e vesti mais uma blusa antes de descer a escada na ponta dos pés, calçando as botas e vestindo o casaco de lã em silêncio antes de me esgueirar pela porta dos fundos.

Arrepios tomavam conta de mim enquanto eu atravessava o pátio, menos por causa do ar do final de outubro, tão frio que ardia nas narinas, do que pela expectativa de abraçar Wil. Eu também tremia de nervosismo, olhando para trás o tempo todo, espiando a noite enluarada à esquerda e à direita, temendo ser seguida e acabar levando Seth ou um de seus comparsas diretamente até o homem que procuravam. No momento em que avistei o álamo arqueado, acompanhado da silhueta tranquilizadora e sossegada de Wil apoiado no tronco, eu já havia me emaranhado de tal forma na agitação e no temor que comecei a chorar. Corri na direção dele, que me recebeu de braços abertos.

Passamos por baixo dos salgueiros e nos sentamos juntos numa pequena clareira, cara a cara, com minhas mãos aninhadas nas dele. Falamos de amor e perigo, de Seth e dos outros da mesma laia. Wil afagou meu cabelo e enxugou as lágrimas frias nas minhas bochechas. Olhei para os olhos dele, castanho-escuros e ternos, e reuni coragem para trair meu próprio coração.

– Você precisa ir embora daqui – falei, acreditando nas minhas palavras e ao mesmo tempo desprezando-as.

Por um tempo, Wil deixou a ideia pairar no ar fresco entre nós. Depois, sorriu para mim – como havia feito na nossa primeira conversa na esquina da North Laura com a Main e como fez quando fiquei nua diante dele na cabana –, com apreço por alguma coisa dentro de mim que ninguém mais percebia, muito menos eu. Eu me sentia louca por dentro, minha sugestão em conflito com meu desejo de tal forma que era como se outra garota a tivesse feito.

Ele balançou a cabeça, negando.

– Existe mais gente igual ao Seth do que estrelas no céu – respondeu por fim, tentando soar despreocupado e reconfortante, mas surtindo o efeito oposto.

Pois o que disse sem dúvida era verdade: aonde Wil poderia ir que não houvesse um garoto como Seth, tomado pelo ódio e pronto a culpar um jovem de pele escura por todos os problemas? Eu sabia que Wil não fugiria.

– Eu sigo como um rio – falou ele. – Meu avô sempre me disse que esse é o único jeito.

Fiz que sim com a cabeça, como se entendesse o que ele queria dizer, e planejamos nos encontrar no dia seguinte.



Com o discernimento afetado pelo desejo e pela confiança de Wil de que o nosso amor resistiria à fúria de Seth, continuei a encontrá-lo sempre que podia. A lógica nos chamava de tolos, mas nos recusávamos a ouvi-la. Mesmo assim, eu tomava cuidado. Saía apenas quando ninguém poderia me ver – ou pelo menos era nisso que acreditava. Seth ficava pouco em casa. Cumpria suas tarefas, ainda mais rabugento e amuado do que o normal, e aparecia para comer de vez em quando, mas passava a maior parte do tempo fora, passeando de carro. Não se falava mais de nenhum bugre e a cada dia ficava mais fácil acreditar no que eu queria desesperadamente que fosse verdade: que Seth havia esquecido Wil.

Não sei dizer em qual dos nossos encontros eu, sem saber, levei Seth até ele. No entanto, uma semana depois que Wil segurou minhas mãos entre os salgueiros e disse que não iria embora de Iola, uma semana desde a hora exata em que ele enxugou as lágrimas do meu rosto úmido e tentou afugentar meu medo com beijos, ele não apareceu no local combinado.

Enquanto esperava por ele na noite fria de novembro, andando de um lado para o outro em frente ao álamo arqueado, apontando a lanterna para os campos silenciosos e as valas ao longo da estrada, ficou evidente que ele não chegaria. Fui verificar a clareira nos salgueiros, depois corri para o limite do pomar, para a curva do riacho, a margem do rio Gunnison, o abeto

na colina, todos os lugares isolados onde já havíamos nos encontrado, rezando entre um e outro para ter apenas me enganado quanto ao ponto de encontro.

Sem fôlego, abri o portão de Ruby-Alice, provocando um frenesi de latidos e correria entre as criaturas no quintal. A porta do antigo celeiro estava aberta, mas, no interior, só algumas galinhas e um morcego assustado se agitaram quando chamei o nome de Wil. Uma luz fraca brilhava na casa. Desejei que ele me recebesse lá, tal como havia feito naquele dia quente de outono, poucas semanas antes e, mesmo assim, muito tempo atrás, quando eu tinha toda a certeza de que o encontraria atrás daquela porta cor-de-rosa. Enquanto andava devagar pelo quintal como se pisasse na lama, entendi que ele não estava lá. Olhei pela janela e vi Ruby-Alice deitada no sofá, com o rosto e os cabelos brancos cintilando como a lua que faltava ao céu noturno. Ela estava com uma colcha agarrada ao peito, parecendo morta e ao mesmo tempo desesperada por algo a que se segurar nesta terra.

Desmoronei no chão, tendo esgotado todas as possibilidades além da cabana, tão inacessível nas alturas de Big Blue que poderia muito bem estar no topo do mundo. Um cachorro pequeno se aproximou de mim, curioso com os meus gemidos, e lambeu minha perna. Eu o afastei com um chute e ele rosnou.

Não me lembro da caminhada para casa nem de me arrastar escada acima até a cama. Lembro apenas que era lá que eu estava, ainda completamente vestida, acordada até bem depois da meia-noite, chorando, quando o carro rugiu no pátio. O som sacudiu a janela e meus ossos. Ao ouvir a porta lateral se abrir e fechar, pulei para fora das cobertas, saí em disparada do meu quarto e desci a escada para confrontar Seth na cozinha.

Ele não havia acendido a luz. Sua silhueta escura estava sentada, curvada, no banco ao lado da porta dos fundos. Pelo volume, percebi que ainda estava de jaqueta e botas. Sem dúvida ele sabia que eu estava na porta da cozinha, mas continuou sentado em silêncio, imóvel. Exalava um cheiro de uísque, cigarro e fumaça de automóvel. Estendi a mão para o interruptor, mas mudei de ideia. Não queria ver o rosto dele. Sabia tudo de que precisava saber.

– Eu te odeio, Seth! – Cuspi as palavras na escuridão como a bílis azeda que se acumulara nas minhas entranhas durante a vida inteira.

– Ganhei mais do que aquela recompensa, Torie – resmungou ele num

tom espantosamente terno, como se estivesse dando uma boa notícia a um amigo. – Mais e melhor – acrescentou, com um suspiro cansado e uma risada ébria. – Mais e melhor – repetiu de si para si.

A incredulidade que borbulhava em meio ao seu orgulho bêbado bastou para eu perceber, com um tremor nauseante, que Seth não havia apenas expulsado meu Wil da cidade, nem o capturado e entregado às autoridades. Se eu acendesse a luz, tinha certeza de que veria sangue nas mãos dele.

Dei as costas e subi a escada de quatro, zonza, mal conseguindo controlar os braços e as pernas, cambaleando pelo corredor até minha cama como um animal doente.



Nas semanas de espera pela confirmação dos meus temores, trabalhei mal sentindo meu próprio corpo, indisposta, como um zumbi, achando o nascer, o subir e o pôr do sol de todo dia insuportáveis.

– Está doente?

O papai abriu a porta do meu quarto no dia em que não me levantei para fazer o café da manhã. Soltei um grunhido abafado por baixo das cobertas.

– Preciso chamar o Dr. Bernette?

– Não – resmunguei.

Ele fechou a porta e desceu a escada. A culpa tomou conta de mim enquanto o imaginava fazendo o próprio café da manhã, por isso me levantei para cozinhar, e na manhã seguinte fiz a mesma coisa, e continuei, dia após dia, fazendo o que precisava fazer, apesar de estar entorpecida e dolorida ao mesmo tempo.

Ao anoitecer, eu já estava exausta de tanto fingimento e tristeza, mas toda noite, depois que as últimas tarefas eram concluídas, quando a casa ficava escura e silenciosa e Og e o papai se acomodavam atrás da porta fechada dos respectivos quartos, com Seth sabe-se lá onde, eu vestia camadas de roupas e saía na escuridão gélida para procurar Wil. A geada salpicava os galhos das árvores acima e folhas mortas rangiam sob as minhas botas. Assim como havia feito na noite em que Wil desapareceu, eu andava e andava mais, visitando cada lugar onde tínhamos nos encontrado,

desejando a cada esquina ver sua silhueta apoiada numa árvore, paciente, o sorriso radiante iluminando a escuridão. O tempo todo eu sabia que estava flertando com a loucura, que toda a esperança não passava de um truque do meu anseio. Wil não estava em lugar nenhum.

Noite após noite olhei pela janela de Ruby-Alice Akers apenas para encontrá-la sozinha, dormindo como um cadáver no sofá. Seus cachorros, dentro de casa por causa do frio, dormiam encolhidos como bolinhas, espalhados pela sala. Enquanto eu voltava pelo quintal dela, estranhamente sossegado, imaginava se os passeios constantes de Ruby-Alice com a bicicleta eram seu jeito de vagar de dia tal como eu vagava à noite, procurando, em conflito com a razão, os entes queridos que havia perdido, e imaginei se a loucura do luto que havia infectado Ruby-Alice tinha vindo me pegar também.



Certa manhã, no final de novembro, quando estava no corredor dos fundos do Chapman's escolhendo uma caixa de bicarbonato de sódio, como se uma coisa dessas tivesse qualquer importância, dois fazendeiros encostados no balcão de frios do mercado falavam em voz alta o bastante para eu ouvir trechos do que não suportei ouvir: *Um corpo. No fundo do Black Canyon. Aquele garoto bugre. Todo esfolado. Arrastado atrás de um carro. Jogado.*

Existem limites para o que um ser humano é capaz de suportar. Dentro de mim já carregava enormes fardos de dor, culpa, amor, medo e confusão, e, embora ainda não estivesse plenamente consciente disso, uma criança começava a se formar no meu ventre. As palavras dos homens forçavam entrada e eu não conseguia contê-las. Mesmo as poucas que absorvi eram demais. Caí de joelhos e vomitei.

O Sr. Chapman saiu de trás do balcão em meu socorro. Ele me afastou da sujeira que deixei em seu piso impecável, me levou até um banco e me trouxe um copo d'água. Outras pessoas foram me acudir – embora agora não me lembre quem eram, um borrão de mãos estendidas, vozes gentis e olhos preocupados – enquanto Chapman limpava o chão. Eu me recompus o bastante para pedir desculpa e sair, trêmula.

Havia nevado um pouco na noite anterior e o reflexo do sol na Main era insuportavelmente claro. Protegi os olhos. *Arrastado atrás de um carro,* ecoava na minha cabeça. *Aquele garoto bugre. Todo esfolado*.

Saí do mercado cambaleando para tomar o caminho de casa, evitando a esquina da North Laura com a Main. Acima de Iola cintilava a floresta de Big Blue, a neve branca e fresca ondulando disforme em meio às minhas lágrimas. Wil poderia ter escolhido o refúgio naquelas montanhas. Em vez disso, escolheu a mim. Tentei suportar o insuportável imaginando-o lá naquele momento, escondido debaixo das colchas na cabana, com a luz do sol entrando por uma janela pequenina para pousar suave em sua pele perfeita. E, mesmo assim... Eu sabia a verdade: que o mundo era cruel demais para proteger um rapaz inocente ou medir o que podemos ou não suportar, que o Black Canyon tinha se tornado o túmulo fundo e terrível de Wil porque ele havia ficado para me amar.

PARTE II



1949–1955

Dez

1949

Aquele inverno foi o mais seco já registrado no condado de Gunnison. A temperatura em Iola sempre caía e ficava bem abaixo de zero, mas, na maior parte do tempo, a neve se recusou a cair.

Enquanto o papai se preocupava com os rios baixos do verão seguinte e com a possibilidade de seca, eu apreciava cuidar das minhas tarefas sem ter que tirar a neve nem fazer caminhadas difíceis em meio a ela. A exaustão era irmã do meu luto durante aquele inverno longo e assustadoramente marrom. Às vezes, não conseguia encontrar forças para tirar uma cesta de ovos do galinheiro nem conseguia levantar e passar um ancinho pela baia de Abel. Eu me lembro de mal ser capaz de erguer os braços para lavar o cabelo como se deve durante o banho de domingo. Em vez disso, olhava para meu corpo e contemplava os seios crescendo, a barriga inchada. As veias antes finas das minhas mãos e dos meus pés se salientavam como cobras pequeninas debaixo da minha pele. Tinha parado de sangrar todo mês. Ingênua como era, presumi que a tristeza me deixava pesada, acumulando sangue, saudade e angústia até que por fim, felizmente, eu acabaria explodindo. Só quando surgiram as primeiras palpitações de vida – muito sutis no começo, como uma borboleta piscando um olho, depois mais fortes, como um passarinho dentro da minha barriga –, entendi por completo a verdadeira fonte do inchaço e da fadiga.

Passei aquele inverno escondendo dos homens da casa minha forma crescente. No começo foi simples, questão de envolver os seios volumosos

com uma atadura elástica, tal como havia feito quando eram meros botões de uma adolescente tímida, e usar camadas de blusas e saias para me proteger do frio seco. O papai se distraía juntando feno e cortando esteios de cerca no rancho dos Mitchells, além de reconstruir uma parede do nosso celeiro que estava prestes a cair. O tio Og passava a maior parte dos dias no quarto, bebendo uísque, ouvindo programas de rádio e sabe-se lá o que mais para passar o tempo até que a primavera o deixasse voltar a ficar empoleirado na varanda. Às vezes eu o flagrava olhando para mim quando eu estava servindo uma refeição ou pendurando roupas limpas no armário dele, só olhando, sem desconfiança, malícia nem pena perceptíveis, mas com olhos que pareciam dizer que acabara de perceber que eu estava lá, um ser humano de verdade, morando debaixo do mesmo teto que ele. Og sabia algo dos meus segredos, mas nunca disse uma palavra.

Seth estava quase sempre ausente. Desde o dia em que o corpo de Wil foi descoberto, ele vivia arrumando uma razão ou outra para sair de Iola. Primeiro, foi uma viagem de caça com Forrest Davis. Passaram duas semanas fora e trouxeram para casa apenas três tetrazes e um veado insignificante, com no máximo um ano de idade. Depois, foi um serviço na ferrovia de que Holden Oakley tinha ouvido falar, lá no sul, perto de Durango, que empregou os dois garotos e Davis por quase um mês. Seth voltou com um maço de dinheiro para guardar no jarro da casa; passou alguns dias ajudando o papai a terminar os pontos altos da parede do celeiro e se embebedando na cidade toda noite sem nunca falar comigo nem olhar na minha direção. Em seguida, partiu de novo para trabalhar numa construção em Montrose. O papai não se importava, desde que ele continuasse a contribuir com as contas da família. Na verdade, aquelas ausências esporádicas pareciam aliviar meu pai. Ninguém na cidade havia associado Seth à morte de Wil, embora qualquer um que quisesse mesmo encontrar o culpado pudesse fazer isso sem dificuldade. Eu percebia que o papai tinha suas suspeitas.

Eu não tinha forças para confrontar Seth. Depois que Wil se foi, fiquei tão arrasada com tudo que havia acontecido que retrocedi ao papel de menina obediente. Procurava conforto e segurança nos hábitos diários da fazenda e me distanciava o máximo possível daquele ato horrível: nunca olhei o para-choque traseiro do carro de Seth em busca de marcas de corda nem sangue, nunca permiti que minha mente visualizasse a carne de Wil

esfolada no cascalho, nunca exigi que o xerife Lyle investigasse o assassinato nem apontei o dedo para meu irmão. Em suma, eu era uma covarde, tal como Seth sabia que seria.

Ainda assim, minha barriga crescente garantia que eu não poderia me esconder atrás da rotina para sempre. Em fevereiro, tive que costurar os botões para alargar as saias. Todas as manhãs, ficava faminta e enjoada ao mesmo tempo. Aromas matinais comuns – os ovos, a pimenta, o presunto, os pãezinhos, a manteiga, até o cheiro dos cercados dos animais e da lenha empilhada que chegavam com a brisa quando o papai entrava – me invadiam tão profundamente que muitas vezes eu corria para vomitar no banheiro. No final de março, estava grande demais para todas as minhas roupas, com exceção de um vestido largo. Minhas bochechas estavam arredondadas, os dedos roliços, a barriga se projetava como um melão sob camadas de blusas cada vez mais sufocantes. Em abril, entendi que precisava ir embora de casa.

Comecei a planejar minha partida como se fosse para outra garota. Não tivera muitas amizades na infância e na adolescência, imaginárias ou não, por isso não foi pensando em ninguém em particular que comecei a guardar suprimentos numa velha mochila de lona – corda e carne-seca, fósforos e velas, uma panela, uma machadinha, jarros de vidro com tampa e latas de comida, uma faca, sementes de legumes, agulhas de tricô, novelo de lã, uma barra de sabão embrulhada em papel encerado, uma das blusas gigantescas de Og –, tudo para uma moça que estava numa encrenca e precisava fugir. Ponderei que caminho ela poderia seguir e fiquei aliviada por ela, por não haver neve funda no planalto do Colorado. Tentei calcular todas as necessidades e possíveis obstáculos em seu caminho. Até aquela manhã nublada em meados de abril – quando o tio Og voltou para o quarto depois do café da manhã e o papai colocou Truta na caminhonete, saindo para ajudar o Sr. Mitchell no parto das vacas –, em certo nível absurdo, me recusava a acreditar que a garota grávida, que iria para as montanhas para poupar a si mesma e à família da vergonha, para manter o bebê a salvo do próprio irmão assassino, na verdade era eu.

Dei um balde de aveia para Abel, coloquei a sela nele e o tirei do celeiro. Levei nas costas a mochila pesada, cheia de suprimentos, montei o cavalo sem muito jeito e trotei para longe da fazenda, atravessando o pomar ainda adormecido. Não olhei para trás.

Cavalguei Abel ao longo do riacho Willow e subi uma encosta rochosa até estar tão acima de Iola que podia olhar para baixo e ver a pegada quadrada e pequenina que a cidade deixava no vale sinuoso. O rio Gunnison parecia uma fita cinza a cruzá-lo, a água baixa e vagarosa em razão da seca e do frio, a ferrovia e a Highway 50 correndo ao lado dele. Consegui ver a mancha escura do pinheiral de Ruby-Alice a sudeste da cidade e, perto dela, a longa estrada da nossa fazenda. Meus olhos seguiram o caminho de cascalho pálido até os dois blocos esbranquiçados que eram minha casa e o celeiro, delimitados pelos galhos nus das árvores frutíferas no começo da estação. O pasto dos Mitchells esverdeava pouco a pouco, salpicado de grandes pontos castanhos ao lado de pequenos pontos da mesma cor – as novilhas e seus bezerros recém-nascidos –, e, em algum lugar entre eles, o ponto que era meu pai. No canto mais distante do vale, a fumaça subia da terra chamuscada onde alguém – o Sr. Clifton, pela localização, ou talvez os Oakleys – queimava os campos, preparando-os para o plantio. Senti uma pontada de culpa por não ter cuidado da horta antes de partir. As cebolas tinham sido plantadas no outono anterior e o papai poderia arranjar ajudantes para plantar as batatas, mas cuidar da horta assim que o tempo esquentasse seria trabalho de mulher. Imaginei se ele encontraria as sementes que eu tinha deixado rotuladas e as plantaria pessoalmente ou se ficaria sem a horta. Eu mal conseguia assimilar o fato de que o que ele decidisse fazer, como comeria, se lavaria e se viraria não eram mais da minha conta. Dei as costas e continuei ladeira acima, deixando tudo que conhecia para trás, subindo e descendo uma crista até o alto de outra montanha – longe das vistas da cidade, mas não tão distante que Abel não conseguisse encontrar o caminho de volta para casa –, e desmontei.

Ao pôr os pés no chão, a mochila quase me derrubou. Segurei as rédeas de Abel para me equilibrar e senti o peso premente da dúvida duplicar o peso da bagagem. Passei um bom tempo ao lado do cavalo, contemplando o que fazer a seguir, sentindo igual medo de todas as opções, incapaz de avançar em direção ao meu plano ou de recuar de volta para minha casa. Duvidei da minha força, tanto física quanto mental, e tive vontade de montar outra vez no animal que, leal e paciente, esperava uma decisão.

Apoiei o rosto no pescoço de Abel, ciente de que libertá-lo significava renunciar a todos os laços com as coisas que eu conhecia. Depois que ele se virasse e descesse a colina daquela maneira lenta e confiante dos cavalos, navegando por instinto de volta para onde sabia que a alfafa doce e um leito macio de palha o aguardavam, eu ficaria completamente só, um pontinho minúsculo de garota numa região vasta, selvagem e imprevisível.

Abel respirava profunda e ritmicamente junto do meu rosto. Seu pelo alazão estava quente e úmido, macio como fios de algodão. Eu tinha 8 anos quando testemunhei o nascimento dele. Convocada da cama pela minha mãe pouco antes de o sol nascer, me sentei num fardo de palha com ela e os meninos, fascinada, enquanto o papai puxava com destreza uma perna comprida, depois outra, do buraco ensanguentado da égua. Abel deslizou para este mundo com tanta força que o papai caiu para trás com o potro pegajoso nos braços, em parte xingando, em parte rindo, depois olhando para o recém-nascido atordoado, como se estivesse embalando o próprio filho. Minha mãe chamou o potro de Abel no mesmo instante, dizendo ao papai que nem Adão poderia ter olhado a própria prole com mais admiração.

– Caim, não? – dissera de brincadeira meu pai, que era então um homem diferente, com lampejos de humor e leveza, antes de soltar o potro para se aconchegar junto do focinho da mãe.

– Caim, não – respondera minha mãe, sucinta; nunca faria piada com nada de interesse bíblico.

Minha mente jovem não conseguia entender que um cavalo que não existia momentos antes de repente tinha um corpo, um nome e uma vida, e passara a ser parte da nossa fazenda tal como os pessegueiros e o riacho. A mamãe deu um suspiro exasperado com o gracejo do papai e voltou para casa a fim de preparar o café da manhã. Ele se lavou na pia funda do celeiro, e Cal e Seth pegaram baldes de ração e ancinhos para começar as tarefas matinais. Mas eu não conseguia sair dali. Algo tinha surgido do nada bem diante dos nossos olhos. Aproximei-me com cuidado do recém-nascido Abel, que estava deitado, e estendi a mão para tocar seu pescoço novo e escorregadio. Ele olhou para mim com olhos mansos e curiosos que me disseram que entendia sua chegada ao mundo tanto quanto eu.

Cocei, então, o mesmo ponto no pescoço de Abel e lhe dei um beijo de despedida. Eu me afastei e disse:

– Eia, pode ir.

Deixei a mochila no chão para agitar os braços com mais facilidade e enxotá-lo colina abaixo.

– Vai pra casa, Abel. Vai! – berrei, sem ter certeza da decisão ao mesmo tempo que a tomava.

O cavalo se virou para descer, mas não seguia.

– Vai! Anda! Vai embora! – gritei com ele, girando os braços.

Abel não se mexeu. Continuei a berrar ao mesmo tempo que ponderava a ideia de mantê-lo comigo, montando outra vez e partindo para as montanhas com o conforto tanto do amigo quanto do transporte. Mas eu já tinha causado problemas demais. Por mais que quisesse ficar com Abel, não podia levar embora o cavalo do papai, nem pôr Abel em perigo diante do desconhecido.

De olhos marejados, peguei uma pedra do tamanho de uma bola de beisebol e a joguei no lombo de Abel. Ele se assustou e deu alguns passos adiante quando a pedra atingiu o chão perto das patas traseiras. Encontrei mais uma pedra e a atirei, atingindo-o pouco acima da cauda. Lancei outra, depois outra, já chorando de soluçar com o absurdo dos meus atos contra um animal que eu amava, e ele começou a descer a encosta, relutante, amedrontado, olhando às vezes para mim como se quisesse fazer uma pergunta e não soubesse como.

Eu tinha sido uma boa menina. Havia sido obediente, prestativa e respeitosa com os mais velhos. Lera a Bíblia. Colocava os pêssegos nos cestos de colheita como se cada fruto fosse feito de vidro fino. Mantivera a casa arrumada, as barrigas cheias, a roupa limpa e dobrada, a fazenda bem-cuidada. Não fazia perguntas demais e nunca deixava ninguém me ouvir chorar. Por minha conta, descobri como viver sem mãe. E depois encontrei por acaso um desconhecido imundo na esquina da North Laura com a Main e me apaixonei. Assim como uma única tempestade pode erodir as margens e mudar o curso de um rio, uma única circunstância na vida de uma garota pode apagar quem ela foi antes.

Gritando e jogando pedra após pedra, com lágrimas escorrendo pelo rosto, lancei todo o meu medo e toda a minha tristeza contra o pobre cavalo. Assim como eu era antes de conhecer Wil, Abel só conhecia a lealdade e a obediência. Cada pedra arremessada lhe ensinava o que eu tinha aprendido: a cada pitada de bem neste mundo, duas pitadas de mal a superam. Você

pode ser uma boa menina ou um bom cavalo, pode obedecer e amar, mas não ache que, se fizer o que é certo, receberá o que é certo.

A última pedra arranhou a mandíbula de Abel e, para meu horror, o fez sangrar. Ele disparou colina abaixo, para longe da garota que um dia fora boa para ele. Caí sobre a mochila e chorei bem no momento em que as nuvens se separaram, o sol do meio-dia fazendo das lágrimas uma crosta salgada no meu rosto.

Imaginei a cozinha da fazenda silenciosa como a meia-noite, o fogão frio e vazio. O papai almoçaria na casa dos Mitchells, por isso Og seria o primeiro a saber que eu tinha fugido. Mesmo antes de chegar à cozinha, ele perceberia a ausência de aromas e, ao entrar e não encontrar ninguém para servi-lo, suas suspeitas sobre mim se confirmariam. Ele não telefonaria para alertar o papai nem para contar o que achava que sabia. Ambas as reações chegavam perto demais do ato de se importar. Quando o papai chegasse em casa à noite, cansado e manchado de sangue depois dos partos, primeiro encontraria Abel selado e solto no quintal, em seguida entraria e não acharia nenhum jantar à sua espera. Era difícil imaginar meu pai ponderando a minha ausência, pensando em mim, na realidade de sua filha, como mais do que um acessório, uma simples arrumadeira, a garota correta e previsível. Eu o imaginei entrando com receio no meu quarto, encontrando o bilhete que eu tinha deixado para ele na cama e abrindo-o devagar com as mãos calejadas. Lamentei não ter escrito mais, sem coragem de lhe contar a história completa. O bilhete dizia:

Papai,

Vou passar um tempo longe. Tive que cuidar de um assunto importante.

Por favor, não me procure. Volto para casa quando puder. Amo o senhor.

Me desculpe. Não se preocupe.

Victoria

Deitada na mochila, tentei imaginar: quando viesse a manhã – com os

bezerros ainda nascendo e tanto o Sr. Mitchell quanto as novilhas dependendo das mãos hábeis do papai –, será que ele voltaria ao trabalho que precisava ser feito ou procuraria por mim? Eu não sabia. Esperava que minha assinatura – *Victoria,* em vez de *Torie* – sugerisse que eu havia amadurecido sem que ele notasse, que eu agora tinha idade suficiente para tomar essa decisão. Nunca, em toda a minha vida, ele havia me chamado de Victoria, nem com raiva nem com afeto. Assim, talvez visse a garota que tinha fugido, a jovem mulher chamada Victoria, como uma pessoa inteiramente nova.

Pensei então que era Torie quem não tinha condições de se levantar e prosseguir, mas Victoria – a Victoria de Wil – tinha a força de uma mulher para seguir em frente.

Eu, Victoria, me levantei e fiquei de pé. Coloquei a mochila nas costas, passei os polegares entre as alças e os ombros para ajustar a posição, então comecei a andar. Sem ter certeza de que sabia o caminho para a cabana onde havia me deitado com Wil, invoquei o instinto e até mesmo o bebê no meu ventre para me guiar. Por mais absurdo que fosse, eu tinha pouco mais que o puro magnetismo para me levar até lá, uma confiança improvável de que eu e o bebê seríamos atraídos para o lugar do nosso devir.

Atravessei a paisagem sem trilhas, tentando não imaginar Abel marchando na direção contrária pelas colinas que pareciam intermináveis, repletas de artemísias e rochas. Procurei algo familiar na minha caminhada de muitos meses antes com Wil, quando o outono estava virando inverno. Imaginei nós dois na época, inebriados de amor andando lado a lado, como era belo o seu sorriso e a facilidade com que ele pegava e soltava a minha mão, como se abaixava para apanhar um ramo de artemísia, torcia-o até romper as folhas, inalava o perfume com prazer e o levava ao meu nariz.

Como se para conjurar uma parte dele, inclinei-me para pegar um talo de artemísia, rasguei-o como ele tinha feito e o enfiei na alça da mochila. Sua pungência reviveu uma lembrança vaga que pareceu me guiar na direção certa. Logo venci uma subida onde encontrei uma fileira de picos altos de arenito que confirmaram minha recordação. Wil os chamara de sentinelas, dizendo que pareciam estar com o quadril colado uns nos outros. Subi a colina e contornei as quatro torres rochosas. Além delas, a trilha desapareceu, mas agora eu sabia que conseguiria encontrar o caminho. Andei por entre os álamos sem folhas, salpicados de brotos avermelhados, e

subi mais uma colina. Eu me sentei ali por um tempo, ofegante mas determinada, e bebi do meu cantil, depois atravessei um arroio seco e subi uma última encosta de álamos misturados a pinheiros e um ou outro monte de neve que derretiam. Então, do outro lado de uma clareira, eu a vi – a cabaninha de madeira onde Wil havia se refugiado. Era ainda mais humilde do que me lembrava, pouco maior do que uma baia num estábulo, construída diretamente sobre a terra irregular e coberta por um telhado de camadas caóticas de lata enferrujada.

– É só uma cabana de caça velha e abandonada – dissera Wil quando eu me perguntara em voz alta se estávamos invadindo a propriedade de alguém. – Ninguém sente falta dela, a não ser as aranhas e as criaturinhas que eu enxotei.

Uma pontada no coração me recordou mais uma vez que, se Wil tivesse passado o inverno ali, enfrentando a neve, o frio gelado e a fome, teria mais chance de continuar vivo do que ficando perto da cidade. Eu nem sempre sabia onde ele dormia depois que descia das montanhas – na casa ou no celeiro de Ruby-Alice, eu imaginava –, mas sabia com uma certeza dolorosa que ele havia deixado aquele porto seguro por minha causa.

Entrei no campo lamacento. Largando a mochila pesada no chão, sentei-me em cima dela e examinei os arredores. Tinha chegado à cabana, mas o que faria a seguir? Entrar na sala onde nosso amor havia florescido, mas aonde Wil nunca mais voltaria, parecia doloroso demais. Permanecer ao ar livre, exposta à natureza, parecia igualmente impossível. Começar a montar acampamento e estabelecer uma vida naquele lugar era absurdo. Passei muito tempo sentada ali, paralisada pela fadiga e pela indecisão.

À medida que a noite fria chegava e a floresta ficava escura e sinistra, não tive escolha a não ser me levantar e adentrar a cabana. Imaginei Wil pegando a minha mão, me ajudando a me levantar e me guiando, afastando a pele de veado pendurada na entrada e me convidando a entrar, tal como fizera na primeira vez em que eu havia cruzado a soleira. Lá dentro, vi que o quartinho estava exatamente como ele o havia deixado: havia latas de feijão e de carne de porco organizadas em pilhas num canto, um cantil de alumínio pendurado num prego enferrujado e um pote de vidro com uma vela meio derretida em cima de uma caixa de fósforos. Era fácil acreditar que ele poderia voltar a qualquer momento. A cama estava coberta pelas colchas de Ruby-Alice. Coloquei a mochila no chão de terra, exausta demais

para vasculhá-la em busca de comida. Tirei as botas, puxei hesitante a roupa de cama e rastejei para baixo dela, sentindo o bebê se remexer dentro de mim. Respirei profunda e demoradamente na esperança de sentir o cheiro de Wil. Não sei se a cama ainda guardava seu aroma ou se conjurei a fantasia para evitar enlouquecer de tristeza e medo, mas me enrolei naquele perfume e ignorei todo o resto para adormecer.

Durante todo o dia seguinte, entreguei-me à exaustão. Saí da cama apenas para me aliviar fora da cabana e para abrir uma lata de sopa e comê-la fria. Eu nunca havia passado um dia inteiro na cama. Mesmo quando estava doente, ajudava a mamãe nas tarefas, e, após a morte dela, concluía meu trabalho todo dia, não importando as circunstâncias, assim como ela havia feito. A liberdade de me deitar na cama sem deveres nem ninguém a quem responder poderia parecer um luxo, mas, em vez disso, eu sentia que era algo completamente errado. Eu caía no sono e acordava num estranho torpor, atormentada pela ansiedade quanto à preguiça, às escolhas e aos ruídos desconhecidos ao redor da cabana. Sonhei com Wil, às vezes me acariciando, às vezes rindo, e, pela primeira vez, morrendo ao ser arrastado por aquele carro em alta velocidade, a pele se rasgando como um papel de embrulho fino. Acordei suada e entrei em pânico com um raio de sol quente que atravessava a janela minúscula, sem saber onde estava durante um instante de perplexidade. Longe da atenção e do julgamento alheio, me deitei em posição fetal e chorei com uma angústia que nunca imaginara ser possível. Uma vez desimpedidas, as garras sombrias do luto agarravam minha mãe, Cal e a tia Viv quase tanto quanto Wil, quatro dedos grossos apertando meu coração como um punho em volta de uma esponja, torcendo e extraindo minhas lágrimas, meus uivos guturais. Naquela noite, dormi um sono profundo, sem sonhos, ávida por algum refúgio.

No dia seguinte, fiz um esforço para me levantar. Eu me arrisquei a sair na manhã gelada para fazer não sabia o quê, mas entendendo que algo precisava ser feito para começar minha vida naquele lugar. Na manhã seguinte, na outra e na outra, a pura força de vontade me levou a fazer o mesmo.

Depois que me levantava, eu ficava sobressaltada. Não tanto pela solidão, mas pela consciência aguda do fato de estar completamente sozinha naquela floresta sem fim. Ruídos comuns me amedrontavam. Eu me assustava com os estalos bruscos dos cervos pisando em galhos caídos e com o barulho de

ramos desabando com a passagem de um esquilo ou do vento. Até o silêncio me enervava, dando-me a nítida impressão de ser vigiada de longe ou espiada por entre os pinheiros. Eu me virava de repente para encontrá-lo – o urso, o puma imaginado ou sabe-se lá o quê –, mas encontrava apenas o movimento ligeiro de um roedor curioso ou mesmo coisa alguma. Tentava me refugiar na cabana, apenas para ficar sentada, rígida e alerta, ouvindo com atenção o murmúrio do riacho atrás de mim, antecipando os passos estrondosos do homem ou do animal que perturbariam o leito do rio rumo à minha vulnerabilidade.

Tentei encontrar formas de fechar a velha pele de veado pendurada no batente torto, mas não tinha pregos nem martelo e percebi que, se fizesse isso, me prenderia lá dentro ao mesmo tempo que impediria a entrada dos intrusos. A maior parte das noites terminava comigo enfiada debaixo dos cobertores, segurando firme a longa faca que havia levado da cozinha da fazenda, com os olhos arregalados fixos na porta. Por fim, a sonolência vencia o medo e eu fechava os olhos, entregando-me com relutância ao que quer que viesse. Pela manhã, ficava maravilhada com a sorte de acordar, ainda inteira, com a faca enfiada no chão de terra da cabana feito um peixe congelado no meio do salto.

Eu não estava com saudade de casa, isso era certo. Embora sentisse uma vaga falta do papai e do pomar de vez em quando, ambos já tinham se tornado nebulosos para mim, como se fossem parte de um sonho meio esquecido. Mais do que tudo, eu sentia um grande alívio por estar livre de Seth, do tio Ogden e de tudo que tinha a ver com eles. Não importava quão inquietante fosse a solidão, eu não voltaria para casa. Cansada e irritadiça, passei aquela primeira semana decidida a montar um acampamento, a fingir, pelo menos, que eu poderia criar um novo lar por conta própria. Eu tinha o filho de Wil para cuidar e, embora a saudade que sentia dele muitas vezes parecesse insuportável, precisava manter a sanidade, concentrar a atenção no que me fazia querer continuar viva, em vez de me deixar remoer um motivo para não querer.

Cavar uma latrina parecia um ponto de partida lógico. O solo, porém, mostrou-se tão duro e a minha espátula, tão pequena, que eu avançava como se estivesse trabalhando com uma colher de sopa. Frustrada, joguei a ferramenta no riacho, onde ela passou dias enferrujando. Eu precisava ter sucesso em alguma coisa, então escolhi as tarefas seguintes com cuidado: reabastecer meus cantis e os de Wil na margem de seixos do riacho, cortar um galho de pinheiro para varrer as aranhas, as teias e as fezes de rato da cabana, construir um círculo de pedras para acender uma fogueira, juntar lenha e montar um tripé de gravetos que eu esperava ser firme o bastante para pendurar uma panela. Amarrei uma corda de um galho grosso de álamo a outro, tirei as mantas cor-de-rosa da cabana, pendurei-as e bati nelas com um galho. A poeira escapou delas e rodopiou, esvaindo-se na brisa como fantasminhas dançantes. Recuperei a espátula do riacho e tirei mais terra da latrina. Entalhava marcas na parede da cabana para contar a passagem dos dias.

Sabia que acabaria precisando aprender a procurar comida, mas ainda tinha um bom estoque trazido de casa – carne-seca, sopas enlatadas, feijões e aveia secos, pêssegos em calda e ovos em conserva, uma lata de biscoitos – e a pilha de latas de feijão e carne de porco que Wil tinha deixado. Por isso, adiei a tarefa até entender mais sobre o meu entorno. Procurei peixes nos redemoinhos do riacho e numa lagoa de castores que encontrei ao descer a correnteza. Nada além de pedras reluzia nas águas límpidas, mas disse a mim mesma que encontraria as trutas quando precisasse delas. Se eu seria mesmo capaz de pescar sem vara, linha nem anzol, ainda não estava pronta para descobrir. Para o bem ou para o mal, minha sobrevivência viria um dia de cada vez.

Minha primeira aventura na floresta escura do outro lado do riacho foi procurar pés de framboesa. Eu sabia que era cedo demais para darem fruto, mas queria ter certeza de que haveria bagas em julho. Encontrei um trecho de águas rasas correnteza acima com quatro pedras em formato de tartaruga que facilitavam a travessia para a outra margem. Peguei um galho em forma de taco de beisebol para me proteger, mas em meus primeiros passos na floresta não fui recebida por inimigos, mas por fragrâncias. Na gravidez, meu olfato ficou tão apurado que muitas vezes me sentia uma loba, capaz de sentir o cheiro de tudo ao meu redor. A mata era pungente, com o cheiro forte dos pinheiros, a terra almiscarada e camadas úmidas de matéria em

decomposição. Até as pedras cheiravam a metal e musgo. A mistura era estranha, mas não desagradável. Inalei profundamente e prossegui.

Ao vagar mais para dentro da floresta, fiquei desconsolada. A maior parte do solo ainda estava coberta por uma camada dura de neve, em alguns pontos até os tornozelos, em outros até os joelhos. Os pinheiros altos, largos, pretos e frondosos impediam o sol de descongelar o solo. Percebi que, àquela altitude, levaria meses até conseguir encontrar frutas silvestres comestíveis. Até os brotos emergentes das sementes que eu levara de casa sem dúvida congelariam e apodreceriam se fossem plantados antes de meados de maio. Entendi por que tinha sido tão difícil cavar a latrina. O solo não estava compactado: na verdade, ainda estava congelado. Raspei um pouco de neve com a ponta da bota. Chutei a terra e a espetei com o galho. Nem uma pedra poderia ser mais dura.

Derrotada, sentei-me num toco de árvore, suspirando. Olhei para a floresta ao redor, para as camadas de vida e morte suspensas na quietude fria e na meia-luz: a não ser pelo canto dos pássaros, tudo era silêncio. Árvores caídas se espalhavam entre rochas, galhos derrubados e pinhas. Enormes troncos avermelhados se erguiam em meio às copas de galhos. Dezenas de mudas se empinavam rumo à vida, algumas mal chegando a espichar a cabeça eriçada acima dos tocos de capim e da neve, outras brotando de troncos em decomposição como bebês nascendo de ventres abertos. Havia beleza naquele caos. Cada parte da vida ali tinha função no eterno ofício do viver. Eu me senti pequena e desnecessária, mas não completamente indesejada.

Fiquei de pé e continuei a avançar pela neve nas profundezas da floresta, cada passo rompendo a quietude. Enquanto procurava qualquer coisa que pudesse um dia me alimentar – alimentar a *nós dois* –, o bebê se mexeu dentro de mim, nadando no meu ventre com mais vigor e presença do que nunca. Ele – como eu saberia depois, era menino – pela primeira vez deu o que poderia ser considerado um chute, e eu ri, afagando a barriga redonda por cima da blusa de lã, na certeza de que acariciava seu pezinho liso e imaculado. Ele recolheu o pé e chutou de novo, e eu ri mais uma vez da nossa brincadeira. Afinal de contas, eu não estava verdadeiramente só naquela floresta estranha.

Nas montanhas, o tempo muda depressa. Eu soube disso a vida inteira e aprendi a ler o céu com a precisão de um texto escolar. Era capaz de ver uma

tempestade se formar e o céu escurecer, e calcular à perfeição a hora de sair do pomar, dos cercados dos animais ou mesmo da Main Street para passar pela porta da cozinha assim que o estrondo da primeira trovoada abalasse o vale. No entanto, tudo que eu acreditava saber sobre a terra e o céu foi posto à prova nas profundezas daquelas colinas. Foi como reaprender a ler.

A tempestade começou como uma lufada de vento entre os pinheiros mais altos. As copas das árvores começaram a balançar como gigantes bêbados antes mesmo de eu sentir uma brisa. Os pássaros canoros silenciaram, lançando um aviso que não entendi. Tudo ao meu redor – até mesmo o bebê dentro de mim – ficou absolutamente imóvel.

Como uma expiração repentina, uma cascata de vento chegou feito uma onda transparente pelo chão da floresta, dobrando os pinheiros jovens e espalhando destroços. O vento atingiu meu rosto como um tapa de mão aberta. Era frio e úmido. De súbito, consegui pressentir o que me aguardava antes mesmo de as nuvens escuras tomarem conta do céu, convertendo em noite o meio-dia. Eu me virei e, guiada por minhas próprias pegadas, corri, cambaleando sobre as pedras e os troncos caídos, soltando o galho, escorregando na neve, levantando-me, correndo e escorregando outra vez. Os cristais de gelo que cobriam a neve velha rasgavam a palma das minhas mãos e espirravam no meu rosto a cada vez que eu caía. Eu me censurei por ter me afastado tanto do acampamento, por ter me deixado atrair demais pela calmaria da floresta que, conforme eu sabia, podia mudar muito depressa. Quando finalmente cheguei aos limites da mata, a ventania furiosa e salpicada de chuva me golpeava. Lutei contra ela e corri pelo riacho em direção ao acampamento. Em pânico, escorreguei na última pedra e mergulhei o pé no fundo das águas geladas.

Uma trovoada ribombou no céu. Tentei pegar a panela de feijão que tinha deixado de molho ao lado do círculo de pedras, mas quando fiz isso a ferocidade total da tempestade se manifestou numa chuva torrencial que caía inclinada. A panela escorregou da minha mão trêmula e despejou na lama a comida preciosa como pedrinhas inúteis. Um relâmpago estilhaçou o céu, logo seguido de mais um clarão branco, depois outro. Os trovões rugiram. Lutei contra a chuva fria, tropeçando e escorregando na terra pegajosa até, por fim, atravessar uma poça larga na entrada da cabana e me atirar lá dentro. Minhas mãos congeladas e trêmulas mal conseguiram segurar a pele de veado e puxá-la na porta.

A chuva martelava a cabana. Goteiras minavam de todos os cantos do telhado de lata enferrujada. Apressei-me a recolher toda a água que conseguia nas poucas latas vazias que havia guardado, mas estava impotente contra as outras goteiras. O chão de terra escurecia em círculos crescentes de lama marrom debaixo dos meus pés frios e molhados.

O aguaceiro tornou-se ensurdecedor, como se um milhão de moedas fossem arremessadas contra o telhado e aquela única janela. Um relâmpago brilhou através dela, branco e ofuscante, logo seguido de um trovão estrondoso, tão poderoso que fez meu coração tremer. Naquele momento, como se alguém tivesse puxado um gatilho, caí de joelhos. Meu corpo se dobrou. Os antebraços e o rosto caíram no chão enlameado. A bola dura que era minha barriga, meu bebê, colidiu contra as minhas coxas. A não ser pelo tremor violento, eu não conseguia me mexer. Fui tomada por uma tristeza esmagadora e imobilizante, como se a tempestade sombria tivesse permeado meu interior da mesma forma que tomara posse do céu vespertino. Por que acreditei que poderia sobreviver ali? Só porque meus olhos haviam acompanhado o contorno distante daquelas montanhas durante toda a minha vida? Encharcada, tremendo de frio e medo, entendi que o horizonte não é um lar. Ali não era o meu lugar.

Pouco antes de perder a consciência, um grito irrompeu de mim, mais alto do que a cacofonia implacável da tempestade, anunciando com agourenta clareza o que eu não podia mais negar: meu plano nunca daria certo.

Onze

Minha lembrança mais vívida do despertar na manhã seguinte é do coro alegre de pássaros que substituiu a temível tempestade. No começo fiquei zonza, sem saber onde estava, mas reconheci o trinado longo das graúnas-de-asa-vermelha, o arrulho triplo e baixo das rolinhas, a tagarelice dos chapins, tentilhões e pardais fora da cabana.

Eu me lembro vagamente de acordar no chão lamacento no meio da noite e recuperar os sentidos apenas o bastante para tirar as botas e as meias molhadas, rastejando do chão para a cama e o bendito monte de colchas. Quando o canto dos pássaros me despertou, me aconcheguei mais fundo no calor da cama. Afaguei a barriga para estimular algum sinal de vida e senti um grande alívio quando o bebê deu três chutes delicados.

A pele dos meus braços e da minha testa estava repuxada, incrustada de lama seca. Minha cabeça e minhas orelhas úmidas pareciam congeladas. Acrescentei uma touca de lã à longa lista mental de provisões que tinha esquecido, que não quisera roubar do papai ou nas quais, por tolice, não tinha pensado ou que simplesmente não pudera carregar: uma pá de verdade, uma lona, um balde, lápis e papel, uma arma de fogo.

Estava considerando todas as coisas sem as quais precisava aprender a viver quando ouvi aquela voz de novo, tal como a ouvira na noite anterior, a proclamação sombria e clara de que meu plano nunca daria certo.

Meu plano nunca daria certo.

Eu me senti tola e amedrontada, ludibriada tanto por minha própria idiotice quanto pelas circunstâncias cruéis. Minha bexiga doía, cheia, mas eu

simplesmente não conseguia me levantar e encarar o que existia fora do casulo dos cobertores. Aquele não era o meu lugar, eu não tinha lugar e não fazia ideia do que fazer.

Então me lembrei daquela manhã distante, quando acordei no primeiro dia de uma vida sem mãe. Passara a noite toda sonhando com a viatura preta e branca do xerife Lyle e o colapso reservado do meu pai no quintal. Abri os olhos sabendo que minha mãe, meu Cal e minha tia não estavam em casa nem em lugar algum, e não havia nada a fazer quanto a isso. A luz dourada da manhã que se infiltrava no meu quarto era insuportável. Fiz a única coisa que sabia fazer aos 12 anos: pulei da cama para meu armário escuro e me fechei dentro dele.

Horas depois, Seth me descobriu lá, mas me deixou em paz. Depois Cora Mitchell tentou me convencer a sair, mas eu não cedi. O papai não apareceu. Imaginei que ele estava do outro lado do corredor, no próprio armário, escondido como eu na escuridão de naftalina. Naquela tarde, alguém deixou um prato de comida diante da porta e o cheiro foi tentador demais para uma criança faminta resistir. Hesitante, rastejei para fora rumo a colheradas de ensopados desconhecidos, decerto preparados e entregues à nossa família por cidadãos solidários, e comi, primeiro com delicadeza, depois em bocados grandes e vorazes. Eu me desprezei por fazer isso, por me nutrir, por seguir em frente, mas não consegui evitar. Uma força maior do que eu me levava adiante, da fome primitiva àqueles primeiros passos curiosos quarto afora e escada abaixo, à consequente regularidade e à aceitação do papel da minha mãe como cuidadora da família. Não foi bem uma decisão, mas uma submissão à necessidade.

Eu não sabia se meu plano de passar a gravidez na floresta e trazer meu filho com Wil a este mundo daria certo, mas sabia que precisava seguir em frente. Tinha que esvaziar a bexiga. Precisava comer. Assim como havia despertado para uma vida sem mãe, despertaria para a vida de uma mãe. Atenderia ao chamado da necessidade. Eu me levantaria.

Quando ergui a pele de veado e saí para o canto dos pássaros e o ar fresco da manhã a fim de me agachar perto da cabana, foi como se a tempestade nunca tivesse acontecido. O prado se espalhava diante de mim, úmido e completamente imóvel. A primavera começava a se desenrolar em cada folha, ramo e broto novo. O sol nascente iluminava apenas a ponta dos picos ao redor com uma claridade suave como manteiga batida à mão. Os

sopés e o vale jaziam na sombra, esperando, pacientes, que a luz alimentasse os trechos verdejantes, secasse a lama e derretesse a neve rala. Inspirei profundamente aquela calma, segurei-a nos balões retesados dos pulmões e a soltei devagar.

Com uma rapidez espantosa, a esfera radiante do sol emergiu pouco a pouco de trás da crista pontiaguda de uma montanha a leste para espalhar sua luz pálida no vale. Chegou primeiro aonde eu estava, banhando-me num calor sutil e refletindo as gotículas que se agarravam a cada folha e caule à minha volta, iluminando minúsculos insetos voadores e fios cintilantes de teias de aranha que, pouco antes, eram invisíveis. A luz do sol tocou a casca branca dos álamos e os ramos vermelhos que brotavam do espesso labirinto de salgueiros ao longo do riacho. Pouco a pouco, a luz se alastrou. Em questão de minutos, todo o fundo do vale acordou tomado pelas cores da primavera, entregando-se ao amanhecer e à celebração dos pássaros canoros.

Quando o sol se elevou acima do cume e liberou todo o seu calor e toda a sua claridade, levantei o queixo para encará-lo. No avanço constante da manhã, reconheci que eu havia ganhado mais um dia. No dia seguinte, talvez ganhasse mais um.

Em contraste com o desespero da tempestade na noite anterior, a manhã era uma possibilidade. Meu plano poderia não dar certo, mas, na chegada gentil do alvorecer, parecia igualmente provável que desse certo, sim. Os pássaros cantarolavam, mergulhando no ar, arremetendo e girando ao meu redor. Em algum lugar naquela folia encontrei um incentivo.

Então continuei, dia após dia, e aos poucos comecei a relaxar, substituindo o medo por certo nível de confiança. É claro que o conforto não chegou de uma vez só e, muitas vezes, assim que eu o vislumbrava, um barulho ou mais uma tempestade me assustava e me forçava a recuar. Mas logo percebi que ainda mais urgente do que plantar sementes, cavar a latrina ou estabelecer uma rotina de vida diária era acalmar a mente. A apreensão e o medo não mudariam o resultado da minha situação nem o meu destino.

O horizonte pode não ser um lar, mas encontrei um jeito de ficar.

Com o tempo, comecei a achar o crepúsculo suave do outro lado do prado mais belo do que sinistro. A maior parte dos sons e silêncios tornou-se apenas o que já era e, por fim, mero cenário conhecido para a vida diária, mais música do que ameaça. Ao longo do primeiro mês, criei uma frágil

camaradagem com a floresta. Cada vez mais eu passava o dia de acordo com o ritmo a que todas as criaturas da natureza obedecem por instinto e hábitos milenares – vidas moldadas pelo nascer e pelo pôr do sol, pelos ditames do frio e do calor, pela fome e pela necessidade de sono do corpo, pela passagem espetacular das tempestades e pelas noites escuras ou luminosas, dependendo do ciclo da lua.

Quando o solo descongelou, terminei de cavar a latrina. Enchi a mochila com os alimentos que poderiam atrair ursos e a amarrei a um galho alto de álamo no canto mais distante do acampamento, tal como Wil tinha feito. No calor do lado sul da cabana, plantei as sementes que havia recolhido da horta no outono anterior. Bebia água do riacho com gosto de pedra e a derramava, muito fria e limpa, sobre meu corpo nu. Aproveitei o tempo para admirar o mundo – o silêncio absoluto de uma raposa a marchar, a simetria perfeita de uma toca de castor, o modo como as borboletas chegavam feito um punhado de confetes coloridos assim que as primeiras florezinhas de néctar desabrochavam, o desfile diário de grous-americanos que migravam nas alturas e sabiam exatamente aonde ir.

Recolhi e cortei montes de lenha; tricotei redes de trama larga e as mergulhei na lagoa da represa dos castores para capturar de vez em quando uma jovem truta-das-fontes; entalhei uma cadeira de encosto alto a partir de um toco e me sentei nela quase todas as noites, enrolada numa colcha, observando o sol poente e ouvindo os sons minguantes da floresta, respondendo aos pios da coruja que ouvia todas as noites mas nunca via, contemplando as estrelas que apareciam no tecido preto do céu, uma a uma. Em noites sem lua, olhava a névoa espantosa da Via Láctea e, como não tinha aprendido os nomes e as formas da astronomia, inventava constelações entre as estrelas cintilantes: Mãos em Prece, Flor de Pessegueiro, Rabo de Leitão, Trombeta.

Em meio a essa cadência eterna, meu medo definhava, e eu e meu filho crescíamos. No final de maio, minha barriga estava redonda e rígida como um melão, todo o meu corpo carnudo, fértil e surpreendente, meu filho espreguiçando-se, golpeando e revirando-se dentro de mim.

Uma noite, enquanto nuvens baixas abraçavam o vale, eu nos aconcheguei – eu e meu filho ainda não nascido – em nosso ninho de cobertores e imaginei todos os animais da floresta fazendo a mesma coisa, deitando-se e se curvando para se aquecer. Contemplei como algumas mães

da floresta sentiam os bebês chutarem dentro delas assim como eu, como outras cuidavam, nutriam e protegiam a prole tal como eu faria. Pensei em toda vida que começava, perdurava e acabava ao meu redor, do maior urso ao menor inseto, da semente ao broto e à flor. Ali, na floresta, eu não estava sozinha. Tinha certeza de que isso era algo que Wil passara o tempo todo tentando me explicar. Envolvi com delicadeza o globo que era minha barriga, abraçando o bebê, mas também algo mais, uma imensidão indescritível da qual me sentia parte.

Eu me lembrei das muitas noites em que havia tentado adormecer na minha cama em casa, enquanto Seth e Og discutiam lá embaixo ou os amigos do meu irmão gritavam uns com os outros, bêbados, acelerando o motor do carro no quintal. E também do que tentara esquecer: as poucas vezes que acordei com alguém mexendo na maçaneta da porta do meu quarto na escuridão – um dos amigos de Seth, ou talvez até o próprio Seth, testando a fechadura, sucumbindo a um desafio, a um desejo louco ou a uma fraqueza sombria e desesperada – e depois passos arrastando-se para longe, derrotados, deixando-me a salvo.

Adormecendo em meu novo lar na floresta, entrelaçada a uma grande e misteriosa tapeçaria, o único som que ouvia era o pulso constante da vasta coleção de corações batendo, a inspiração e a expiração de um milhão de vidas sendo vividas ao lado da minha. Percebi então que nunca havia sentido menos medo na vida.

Doze

Junho trazia promessas.

O tempo estava quente e quase sempre ensolarado. Os dias eram longos e espantosamente vastos sem as tarefas domésticas e agrícolas e o dever de pôr as refeições na mesa. As horas que passava sentada no prado ou caminhando pela floresta, imersa em minhas próprias observações e meus pensamentos, pareciam menos estranhas e ociosas e mais vitais a cada dia.

A não ser por algumas trutas pequenas, não tive sorte em colher alimentos, mas os arbustos de framboesa amadureciam fartos numa encosta ao sul e folhas diminutas emergiam na horta, garantindo a alimentação de julho e agosto. Embora ainda não tivesse capturado um coelho ou um tetraz na minha armadilha improvisada, tinha a esperança de que minhas habilidades melhorariam com a prática e a necessidade.

Num crepúsculo violeta, sentei-me imóvel no capim à beira de um pequeno prado nas redondezas. A armadilha – uma pequena arapuca que havia montado com gravetos e fio de lã – estava apoiada de viés numa vara em forma de Y e munida de flores de trevo como isca. Esperei, obstinada – talvez ingênua –, fiel ao meu método. Os morcegos mergulhavam e giravam acima de mim, agarrando mariposas no ar. Os ruídos noturnos despertavam grilo após grilo. Uma corça surgiu à beira do prado, vindo pé ante pé do bosque de álamos. Esticou o pescoço, surpresa, piscou e bateu de leve os pés, sem saber o que pensar de mim. Seus olhos negros brilharam e piscaram outra vez, a cauda branca abanou de lá para cá na indecisão. Imóvel como

pedra, eu a encarei. Tinha visto muitos animais desde a minha chegada – esquilos terrícolas e arborícolas, tâmias de nariz pontudo, marmotas, coelhos, porcos-espinhos, raposas e um coiote solitário caçando no campo, manadas de veados e cervos-canadenses atravessando as colinas –, mas aquela corça era a primeira a parecer tão interessada em mim quanto eu nela. Passamos um bom tempo nos encarando.

A corça deu as costas com graça, voltando por onde tinha vindo e sumindo de vista. Um instante depois, reapareceu, seguida de um delicado filhote pintado. Arquejei diante daquela beleza simples e eles olharam para mim em perfeita sincronia. O filhote se aproximou da mãe com passos silenciosos e cuidadosos. Atravessaram o prado sem percalços, lado a lado, e desapareceram na folhagem. De repente, os arbustos farfalharam no lugar de onde a corça havia saído. Eu me preparei para ver um predador a persegui-los. Em vez disso, vi um segundo filhote, menor e ainda mais delicado que o primeiro. Correu apressado pela clareira para acompanhar a mãe e o irmão, tão esquelético e alheio a tudo que me doeu o coração.

Vi a corça de novo algumas noites depois – com o filhote preferido a seu lado e o franzino vários passos atrás –, quando o trio se aproximou com cautela do riacho perto da cabana. Depois de me observarem outra vez no anoitecer seguinte, passaram a frequentar meu acampamento para beber à noite. Sentia camaradagem em sua confiança e alívio cada vez que o filhote fraco saía dos arbustos determinado a ir atrás da família.

O mês transcorreu um passo de cada vez: um despertar, uma fogueira, um pote de mingau de aveia, uma caminhada na floresta, uma tentativa de apanhar comida, um pôr do sol, uma lata de feijão, uma noite. Peguei galhos caídos da floresta para construir uma cerca torta ao redor da horta. Derramei a água do riacho recolhida no cantil nas hortaliças que nasciam e as cobri com uma colcha todas as noites para protegê-las da geada.

Quando me lembro de junho de 1949, vejo minha versão de 17 anos sentada nua à beira do riacho, depois do banho, com o sol a escorrer pelo corpo jovem como mel quente; a barriga, um globo pálido e misterioso; os seios muito cheios e estranhos. Meu bebê se revirava no ventre e me chutava o coração. Girassóis, tremoceiros roxos e rosas silvestres rosa-claras ornamentavam as colinas. Hastes magenta brotavam dos brejos do riacho; cada uma era um pequeno circo de cabeças de elefante cor-de-rosa erguendo as trombas ao sol. Capturei gafanhotos só para estudar suas

mandíbulas minúsculas. Contei borboletas de uma dezena de cores diferentes. A delicada felicidade atravessou a lama do luto assim como a floresta de verão floresceu a partir do inverno.

Mas, com o fim de junho, minhas forças começaram a se esvair. Pior: começaram os desejos. As refeições dos dois meses anteriores não tinham sido fartas, sem dúvida, mas eram o bastante. É verdade que fazia um inventário da comida todos os dias – lendo como um veredito as latas cada vez menos numerosas no canto da cabana e o peso decrescente do estoque toda vez que o baixava da árvore. Tentava comer o mínimo possível para conservar as provisões. Quando chegou julho, quente e árido, a carne-seca, os pêssegos em calda e os ovos em conserva haviam acabado fazia muito tempo e os produtos enlatados tinham quase se esgotado, mas as verduras e as ervilhas estavam amadurecendo na pequena horta. Logo viriam as beterrabas e a couve e, por fim, as batatas e as cenouras. Pequenas trutas-das-fontes e trutas-arco-íris gorduchas nadavam na lagoa dos castores. As framboesas amadureciam devagar. Eu não tinha razão para me preocupar.

O desejo de comida impossível começou sutil. Certa noite, sentada no toco entalhado, esperando a família de cervos e tricotando fraldas quadradas de algodão enquanto o sol deslizava por trás das nuvens malhadas de rosa e cinza, pensei no pernil que minha mãe fazia nas datas comemorativas. O papai abatia um porco a cada poucos meses, então comíamos bastante carne de porco ao longo do ano, mas o pernil da minha mãe era especial, caramelizado com açúcar mascavo e assado inteiro, pingando uma gordura espessa e doce como melado. Estranhamente, era por aqueles pingos que eu mais ansiava, ou mesmo um pedaço escorregadio de gordura de lombo. Imaginei cortar a cartilagem densa e branca e engolir pedaço após pedaço, fazendo-os deslizar entre os meus lábios. Quando recuperei o juízo, fiquei horrorizada com o absurdo da situação. Fazia anos desde que tal pernil não era servido à nossa mesa e eu nunca tinha gostado da parte gordurosa.

No dia seguinte, ansiei por frango frito e, no fim da semana, não conseguia parar de pensar em molho de carne, escuro e saboroso, espalhado num prato de pãezinhos ou apenas comido às colheradas. Comi as primeiras vagens pequeninas de ervilha da horta, mas, depois de tanto cuidado e expectativa, elas não me satisfizeram. Colhi framboesas amargas e verdes desejando encharcá-las de creme. Guisado de cervo, joelho de porco,

fatias grossas de bacon, pães pingando manteiga, batatas fatiadas mergulhadas no queijo – cada vez mais, eu só conseguia pensar em comida. Dia e noite, sonhava em comer com um anseio tão poderoso que me pegava salivando e, mais de uma vez, irrompendo em lágrimas quando a fantasia se desvanecia e cristalizava de volta a minha realidade faminta. A fome não era diferente do meu anseio por Wil quando havia chegado àquele lugar. Eu sabia que precisava controlar meus pensamentos. Dessa vez, porém, simplesmente não conseguia.

Não tive sorte em pescar mais trutas, mas, de repente, fiquei ávida por uma. Durante quatro dias completos lancei a rede feita à mão na lagoa dos castores, lutando contra o tamanho da minha barriga para conseguir me ajoelhar, e não tirei da água nada além de juncos mortos. O pânico tomava conta de mim toda vez que a rede voltava vazia. Por fim, um lampejo de escamas iridescentes cintilou na lagoa iluminada pelo sol e mergulhei a rede. O que consegui não foi muito – o peixe não chegava a 20 centímetros de comprimento –, mas levei-o depressa para o acampamento, eviscerei-o com avidez e o espetei num graveto para assá-lo depressa sobre os restos da fogueira matinal. Devorei a truta em segundos, com ossos e tudo. Espinhas ficaram presas na minha garganta e tossi e gargarejei para soltá-las. Ainda assim, ansiava por mais, até mesmo os ossos, principalmente eles. Olhando em retrospecto, sei que estava passando fome.

Além dos desejos, o cansaço, as dores e as cólicas repentinas me incomodavam, tornando cada vez mais difíceis as tarefas diárias, como buscar água e recolher lenha. Mal conseguia me abaixar para arrumar os gravetos e acender uma fogueira sem precisar me sentar e descansar. Quando as primeiras framboesas que havia muito tempo eu esperava amadureceram na forma de doces joias, eu me arrastei ladeira acima para colher e engolir até a última delas. No entanto, minhas pernas mal me sustentaram colina abaixo e de volta à cama, e nunca mais reuni forças para subir de novo até as framboesas.

Minha barriga estava tão grande que cada grama do que restava de mim parecia condenado a sustentá-la. Meus braços e pernas tinham murchado. Meus pés doíam. Ao me deitar na cama, as costas doíam. Ficar sentada torturava a bexiga e os intestinos. De pé, meus quadris não aguentavam, e ao caminhar tinha a impressão de que se partiriam ao meio.

Numa noite sem lua – creio que no final de julho ou no começo de

agosto, já que tinha parado de registrar os dias com marcas na parede da cabana, abandonando tudo que era desnecessário –, eu me revirava na cama em busca de uma posição adequada, tentando purgar os desejos e os desconfortos da mente. Depois de horas, finalmente me levantei, frustrada, sem saber aonde ir nem o que fazer para conseguir algum alívio. Acendi uma vela, vesti o suéter grande que havia roubado de Og e saí da cabana na noite fresca e escura. Milhões de estrelas piscavam acima de mim, mas mal olhei para elas, tão afoita que estava para encontrar algo que me apaziguasse. A horta me chamava.

Eu me ajoelhei e puxei a primeira beterraba. Não era maior do que uma uva, mas eu a comi – inclusive o resíduo de terra e grande parte do caule. Puxei outra e mais outra, sabendo que estava arruinando a colheita ao comê-la antes que tivesse qualquer valor real, mas não conseguia parar. A terra rangia entre meus dentes, grãos insuportáveis e ao mesmo tempo prazerosos, e logo, inexplicavelmente, estava agarrando punhados de terra e enfiando-os na boca. O ato era tão errado e tão certo que comecei a chorar, tomada pela confusão. As lágrimas salgaram o solo enquanto eu lambia a palma das mãos sujas.

O bebê dava chutes ferozes como se pedisse mais.

Quando me levantei para voltar ao calor da cabana, envergonhada e perplexa com meus atos, meu ventre enrijeceu. A dor começou pequena e familiar, depois se intensificou, estendendo-se e retesando-se até toda a minha barriga ficar alta e rígida. Pensei que fosse desmaiar. Fiz um esforço para entrar e voltar à cama. Por fim, a dor e a tensão diminuíram. Mesmo na minha ignorância a respeito do parto, reconheci aquela como a primeira contração. Fiquei apavorada. Quando o sono chegou, sonhei que procurava alguma coisa e não conseguia encontrá-la. Acordei com as roupas íntimas e os lençóis molhados, a umidade colando minhas coxas.

Dizem que uma amnésia misericordiosa acompanha o parto, e talvez seja verdade, pois não me lembro de muitos detalhes da chegada do meu filho. Mas disto eu me lembro: sabia que estava fraca demais para fazer o que precisava ser feito, porém entendia que devia fazê-lo mesmo assim.

As contrações se intensificaram ao longo dos dias e eu fui ficando mais sensível, feral e amedrontada. Era a inevitabilidade do nascimento que mais me causava pânico, como se eu houvesse montado num cavalo selvagem e não tivesse escolha a não ser cavalgar até ser atirada das costas

dele. Todos os pensamentos sobre comida desapareceram. Meu entorno desapareceu. Eu não era nada além de corpo, abertura e ardência. Quando a dor se tornou insuportável, uivei, bufei e caí de joelhos no meio do acampamento, balançando de quatro como um animal agoniado. Na hora em que tive certeza de que meus quadris iriam se partir ao meio, eu tinha, de alguma forma, rastejado para dentro da cabana. Não me lembro de tirar a roupa, mas logo me vi nua, agachada no chão de terra, agarrando a beirada da cama.

Eu me lembro de levar a mão trêmula à virilha e tocar a coroa rígida de um crânio minúsculo. Não me recordo de puxar as colchas da cama para o chão debaixo de mim, nem da série de empurrões que fizeram o bebê deslizar para fora do meu corpo; tenho a vaga lembrança de cair de joelhos e levá-lo, escorregadio como uma enguia, ao meu peito, nossos corpos ainda ligados pelo cordão roxo e pulsante. Sobre a chegada do meu filho a este mundo, a única lembrança nítida é a de que ele não estava se mexendo.

Era pequenino e inerte como uma boneca. O único movimento vinha das minhas mãos trêmulas.

Minha mente girou, tentando conciliar o impossível com o real. A potente força vital que chutava com tanta insistência querendo ser livre havia desaparecido. Sabia que precisava tomar alguma atitude para salvá-lo, mas eu não passava de uma garota tola, sozinha na floresta, sem a menor ideia do que estava fazendo. É claro que o bebê iria morrer, pensei em meu delírio e angústia, e eu, murcha e exausta, com sangue escorrendo pelas pernas, com certeza o acompanharia. Não consegui pensar em nada a fazer senão gritar.

– Vive! – berrei, talvez tanto para mim quanto para o bebê no meu colo, azul e mole. – Vive! – E solucei de novo e de novo, como se meras palavras pudessem ressuscitar os mortos.

Mas foi então que, juro, Wil apareceu ao meu lado. Ele tirou nosso bebê da dobra do meu braço, tomou minha mão livre na dele e, juntos, começamos a esfregar o peito da criança, assim como ele tinha feito com o cachorrinho flácido de Ruby-Alice. No começo com delicadeza, depois com vigor e propósito, Wil massageou minha mão aberta sobre o coração do bebê, virou-o, acariciou as costas macias e virou-o de novo, esfregando, chamando-o à vida. Soprou nos minúsculos lábios azuis. Ainda assim, nosso bebê não despertou.

Wil não desistia. Através da palma das minhas mãos, esfregou em círculos rápidos o peito do bebê, as faixas finas das costelas, a carne roxa e macia feito lã. De repente, como um interruptor que se vira súbita e misteriosamente, o bebê arquejou. Foi um som rouco, profundo, congestionado e surpreendente. Eu o virei de bruços e bati nas costas dele, tentando limpar-lhe os pulmões, e, sem êxito, virei-o de novo para mim e enfiei os dedos no muco que obstruía a boca diminuta e pegajosa. Ele gorgolejou outra inspiração, fraca e insegura. Levei a boca dele até a minha e suguei com força, cuspi o muco, colei as bocas de novo e suguei outra vez, puxando a vida para fora assim como o sol faz com os brotos para saírem do solo.

O primeiro choro do meu bebê foi a coisa mais linda que já ouvi. Com um sorriso atônito, eu me virei para Wil, e fiquei perplexa ao descobrir que ele não estava ao meu lado. Estivera lá um momento antes, me ajudando a salvar o nosso filho. Ainda assim, a única realidade de Wil estava no próprio bebê, que corava e chorava. Com uma das mãos eu o embalei junto do peito e com a outra arranquei mais um cobertor da cama. Limpei-o e o envolvi, murmurando sem firmeza para acalmar seus gritos. Sabia que precisava encontrar uma forma de cortar o cordão, mas só conseguia me agarrar a ele e balançar para a frente e para trás, chorando de alegria, descrença e gratidão. Meu bebê tinha vivido. Talvez eu não fosse tão tola quanto acreditava ser, pois fizera aquela vida nova e lhe dera passagem.

Quando ele abriu os olhinhos inchados e, curioso, olhou para mim pela primeira vez, senti um assombro incomparável. Durante todos aqueles meses eu acreditara que o ser dentro do meu corpo era um desconhecido, mera criatura de mistério ou, talvez, uma expiação merecida. Nunca imaginei que seria alguém que eu reconheceria de algum lugar profundo e inominável dentro do meu ser, *aquele* bebê com *aqueles* olhos escuros, misteriosamente familiares.

Ele franziu as sobrancelhas pequeninas e nós nos encaramos por um longo tempo como duas almas reunidas depois de separadas por um universo de distância.

Treze

A primeira vez que amamentei meu bebê, depois do drama e da euforia do nascimento, meu leite estava espesso e amarelo como manteiga. A dor varou meu mamilo e sinalizou para o útero expelir a placenta. Encontrei a faca e cortei o cordão umbilical. Esguichou sangue até eu o amarrar com um pedaço de lã amarelo da minha bolsa de tricô, esperando pelo melhor. Deixei toda a sujeira no chão da cabana e subi na cama e nos aconcheguei debaixo das duas colchas limpas que restavam. Tive medo de que os fluidos aromáticos do parto pudessem atrair animais, mas não consegui reunir forças para me levantar e removê-los.

Enquanto amamentava, fiquei admirada com a perfeição do meu bebê: lábios, nariz e testa impecáveis; a curva extraordinária de cada orelha; os olhos escuros e contemplativos, tão parecidos com os do pai. Seu sobrenome seria Moon, imaginei, a Lua, e arrulhei para ele apelidos como Carinha de Lua, Meu Luar e o que pegou, que combinava a música "Blue Moon" e a região selvagem de Big Blue – meu Bebê Blue. Estava extremamente cansada depois do parto, mas muito grata – pela respiração dele, pelo meu leite, por já ter passado por sua chegada apavorante, por ter uma parte de Wilson Moon nos braços.

No casulo sagrado do nascimento, dormimos por dias. Em algum ponto no meio desse torpor, meus seios incharam e arderam e temi que houvesse alguma coisa terrivelmente errada, mas o leite continuou a fluir, dessa vez branco e cremoso.

Porém o que restava das minhas forças logo diminuiu e, com elas, o

único alimento para o bebê. Não conseguia encontrar energia para pescar. Mesmo que conseguisse subir a encosta onde cresciam as framboesas, havia ursos demais por ali agora. Todas as reservas haviam se esgotado muito tempo antes, e restava apenas a pequena colheita diária da minha horta ainda em maturação, principalmente verduras e ervilhas – eu tinha sido muito tola ao plantar tubérculos e repolho, que demoravam a crescer –, além de cenouras magras, batatas minúsculas e algumas beterrabas, que não chegavam a ser maiores do que o punho de Bebê Blue. Estava tão desesperada que, quando finalmente embrulhei a placenta na primeira colcha e a tirei do acampamento, arrastando-a para tão longe quanto minhas poucas forças permitiram, pensei por um instante em comê-la, tal como sabia que outro animal faria. Também pensei em beber meu próprio leite da palma da mão em concha. Mas recusei ambas as possibilidades, pois eram minha queda derradeira na indecência. A horta teria que ser suficiente. No entanto, não era, e eu sabia disso.

Quando Bebê Blue tinha pouco mais que duas semanas – cada vez mais alerta para a vida, apesar de o meu leite e a minha mente estarem começando a falhar –, acordei numa manhã tão escura e fria que poderiam ter sido as últimas luzes de um crepúsculo de dezembro. Senti algo de errado desde o momento em que abri os olhos.

Deixei o bebê adormecido ao meu lado, enfiando as colchas que dividíamos em volta do cobertor de tricô em que ele estava enrolado. Trêmula, vesti o suéter e olhei pela janelinha. Neve. Pelo menos meio metro havia caído durante a noite. Não importava que fosse final de agosto – eu imaginava. Em se tratando dos caprichos das montanhas, qualquer clima é possível. Talvez as pessoas em Iola tivessem comemorado o que devia ter sido a primeira chuva desde a primavera naquela terra sedenta. Eu, ao contrário, nem precisei sair da cabana para perceber que a nevasca inesperada e o ar gelado tinham selado meu destino. A horta estaria arruinada.

O único desafio na decisão de procurar ajuda era esperar a tempestade passar. Assim que decidi desistir, quis me ver livre logo. O céu não clareou nem a temperatura subiu durante dois dias agonizantes. Mantinha o bebê dentro da minha blusa, pele contra pele. Passava a maior parte do tempo amamentando-o e dormindo. Quando o calor ou o leite não bastavam, ambos chorávamos. Saí na terceira manhã ao sol de verão e vi a terra beber

avidamente a neve derretida. À tarde, restavam poucos vestígios além das manchas lamacentas nas sombras e do lodo verde e flácido que havia sido a horta. Nada tinha sobrevivido. As beterrabas, as cenouras e as batatas diminutas ainda eram comestíveis, mas as folhas e os caules e, portanto, o futuro delas estavam arruinados. Cavei entre os destroços para colher e comer o que pudesse. Depois coloquei uma fralda limpa no meu bebê magro, enrolei-o bem firme no cobertor de tricô, apertei-o junto ao peito e comecei a andar na direção em que imaginava ser mais provável encontrar outro ser humano.

Meses antes, ao chegar, eu imaginara como, quando chegasse o dia de partir, eu desmontaria o acampamento com cuidado. Lavraria a terra da horta, removeria as pedras do círculo da fogueira e o tripé de pau que sustentava a panela, baixaria as cordas, limparia a cabana e derrubaria o tronco entalhado que usava como cadeira. Apagaria meu verão da vergonha e ninguém saberia o que havia acontecido. Mas naquela hora, enquanto saía, fraca demais até para arrumar a cama ou pôr os talheres na mochila e içá-la nas costas, eu me perguntava duas coisas: quem se importaria o suficiente comigo para investigar aquele lugar? E o que tinha planejado fazer com a prova mais incriminatória e duradoura de todas, o próprio bebê? De que serviria esconder o acampamento quando eu chegasse a Iola com um recém-nascido nos braços? Balancei a cabeça e comecei a andar, uma vida inteira mais velha do que aquela garota boba que havia chegado em abril.

Foi a caminhada mais longa da minha vida. Não consigo avaliar se foi de 1 ou 10 quilômetros. Só sabia que precisava manter agarrado ao peito o bebê leve demais e pôr um pé na frente do outro. O delírio brincava comigo, fazendo a viagem parecer etérea. Caminhava com urgência e propósito, mas não sabia para onde, e a floresta ao redor parecia mais antagônica do que nunca – o sol do final do verão era um açoite diabólico, os pássaros canoros, uma fanfarra incessante, o terreno tão acidentado e atemorizante quanto um campo de crânios. Até os caules altos do epilóbio magenta zombavam de mim com sua elegante capacidade de resistir à nevasca que havia destruído minhas esperanças. Quando o bebê chorava baixinho, eu parava de andar e o levava ao peito, sabendo que poderia oferecer apenas alguns goles decepcionantes de um leite fraco, que o satisfaria por meros instantes antes de ele choramingar por mais. Como a paisagem árida antes da neve, meu corpo estava seco. Não tinha mais nada a oferecer.

Quando entrei numa clareira na caminhada solene, a corça mãe e eu nos vimos e nos assustamos. Fazia semanas que não a via. A menos de 5 metros, encaramos uma à outra. Tal como ela, eu me tornara mãe, mas onde estavam seus filhotes? Os arbustos farfalharam e o preferido emergiu, alto e elegante. Ele me olhou com prudência sensata ao se colocar ao lado da mãe. A dupla seguiu em frente, graciosa. O segundo filhote não apareceu. Eu me sentei numa pedra e esperei. Ao perceber que o cervo franzino não viria, abracei Bebê Blue com mais força, lamentando, e segui em frente.

Catorze

A princípio, não sabia se o longo automóvel preto era uma miragem. Tinha vagado por não sei quanto tempo, procurando os picos rochosos para guiar meu caminho e encontrado apenas quilômetros de terras desconhecidas. Horas antes, os álamos e os salgueiros tinham dado lugar à artemísia, ao zimbro e às rochas, e por fim a isto: um carro preto da cidade, estacionado à beira de uma estrada perto de um grupo de pinheiros. Era mais do que a minha mente desnorteada conseguia entender.

Eu me escondi atrás de uma árvore e tentei compreender a cena. Pessoas fazendo um piquenique. Um homem e uma mulher, uma toalha vermelha aberta no chão exibindo a refeição: um pão dourado e um queijo redondo, camadas de presunto cor-de-rosa como o que o Sr. Chapman cortava em fatias muito finas atrás do balcão e – seria possível? – dois pêssegos rosados, lindos, grandes como bolas de beisebol, em cima de um saco de papel pardo. A visão fez meu estômago doer.

Mas ainda mais surpreendente do que a preciosa comida era um bebê, envolto num cobertor de flanela azul-claro e embalado nos braços da mulher. Era maior que Bebê Blue, embora devesse ser mais novo que ele. Debatia-se, esperneava e gritava como fazem os bebês. O homem estava de pé ao lado deles, fumando um cigarro e xingando dois gaios-de-mitra estridentes empoleirados num galho alto de pinheiro. A mulher abriu a blusa e expôs desajeitadamente um seio branco e redondo, tão cheio e suculento quanto os meus estavam drenados e murchos. O bebê recusou,

mas a mãe persistiu. Quando ele se acalmou e começou a mamar, eu soube o que precisava fazer.

Há um tipo de tristeza que transcende a tristeza, que entra como xarope quente em cada fresta do seu ser, começando no coração e depois vazando para as próprias células e a corrente sanguínea, de modo que nada – nem a terra, nem o céu, nem mesmo a palma da sua mão – será igual ao que era antes. É essa a tristeza que muda tudo.

Eu presumia já conhecer esse sofrimento mais profundo. Sem dúvida, perder minha mãe, minha querida tia Viv e meu Cal havia aberto um buraco no que fora a tapeçaria firme de minha infância, mas a Bíblia da minha mãe e as necessidades da vida diária me explicaram que era preciso remendar esse rasgo. Minha mente jovem e atordoada aceitou a resposta da praticidade e assim seguiu em frente. Engoli o luto como um bolo duro de cinzas, e lá no meu âmago ele permaneceu. E, quando estava no mercado e ouvi a notícia do trágico destino de Wil, não voltei para casa para pegar uma faca de cozinha e enfiá-la em Seth numa vingança desenfreada. Em vez disso, continuei obediente, cozinhando, lavando a louça, cuidando de Abel e limpando o galinheiro entre lágrimas silenciosas e secretas. Segui em frente. Fugi para a floresta, fiz preparativos, dei à luz, fiquei viva. O sofrimento tentou, mas não se apossou de mim.

No entanto, esgueirar-se até aquele longo carro preto, deitar meu bebê no estofado de couro quente do banco de trás e deixá-lo ali desencadeou uma onda de dor que se apoderou de todas as minhas células. No começo, não percebi isso, tão zonza estava de fome, tão acostumada a resistir e fazer o que era necessário. Quando fechei a porta do carro e me afastei dele, foi quase como se tivesse largado ali uma simples pedra. Ou, se não uma pedra, então um cachorrinho, um pintinho, algo de que eu precisara cuidar e depois passar adiante numa troca prática, como a venda de um leitão do chiqueiro ou de uma muda do pomar. Não o aconcheguei uma última vez na curva do meu pescoço nem rocei a bochecha em sua cabeça felpuda para me despedir. Não inspirei seu cheiro nem o gravei na memória ao deixá-lo no banco. Não olhei pela última vez para os lábios perfeitos através da janela aberta do carro. Quem cresce numa fazenda aprende desde cedo a não se apegar aos bebês cujo destino é se separar de nós. Queria olhar para trás, observar de um lugar escondido até que uma daquelas pessoas notasse meu filho – ter certeza de que ele havia sido descoberto, vê-lo ser pego no colo e

abraçado –, mas, em vez disso, corri. Mesmo fraca como estava, dei as costas para o carro e fugi da clareira sem sequer virar a cabeça.

Galguei rochas, galhos e tocos, corri em volta de arbustos de artemísia e pedregulhos, irrompendo inexplicavelmente da minha exaustão ao atravessar valas e subir encostas, tropeçando e caindo, lutando para me levantar e continuar. O que é que eu tinha feito? Estava frenética, perplexa, sem noção do meu rumo. Se houvesse olhos na floresta para testemunhar minha retirada, sem dúvida achariam que algo sombrio e faminto me perseguia. Ninguém poderia imaginar que o único predador era meu próprio ato inimaginável.

Por fim, desabei no chão da floresta. Eu me deitei de costas e ofeguei, sem fôlego. Minha única lembrança é esta: acima de mim, o céu era de um azul vívido, sem nuvens, e nele, voando em círculos, havia um falcão-de-cauda-vermelha. Então me concentrei naquele voo gracioso como se fosse a única coisa que restava para acreditar no mundo. A ave parecia estar não caçando, mas apreciando o passeio numa brisa particular. Girando e girando ela pairava, sem esforço, nem sequer batendo as asas. Girando e girando meus olhos a seguiam. Fiquei deitada, trêmula e sem filho, muito abaixo do deleite dela, tomada pela solidão. O parentesco que sentira com todo o mundo durante a gravidez se fora. Imaginei a possibilidade de que no dia em que me deitara com Wil – talvez até mesmo no exato instante em que minhas costas se arquearam no êxtase do amor – aquele falcão poderia ter voltado ao ninho e descoberto que havia sido roubado e seus bebês tinham desaparecido. Seria possível que estivesse perdida no meu próprio júbilo quando aconteceu o desastre da ave, assim como ela, naquele voo, estava indiferente à minha tragédia?

Pela primeira vez me perguntei o que estava fazendo exatamente no instante em que o carro da minha família saiu da curva. Estava brincando no pomar? Na primeira vez que o carro capotou, enquanto aqueles que eu amava foram jogados, um por um, através das janelas abertas, partindo a cabeça nas pedras, será que eu estava mordendo um pêssego doce? E onde estava quando o carro de Seth avançou, dando o primeiro puxão catastrófico em Wil, amarrado pelas mãos? Poderia ser tola a ponto de estar tirando do forno um pão perfeitamente dourado quando meu Wil sofreu o primeiro rasgo da carne contra as pedras ou quando deu o último suspiro?

Como era absurdo desejar que o falcão compartilhasse do meu

sofrimento. Como tudo que dizia respeito ao meu Bebê Blue, eu suportaria sozinha a agonia de perdê-lo. O simples fato de que sua existência – as dobrinhas impossivelmente macias do pescoço, o hálito doce, as mãos minúsculas e fechadas – era sabido e importante apenas para mim.

E, apesar disso, pensei então nela: a mulher de blusa branca, a outra mãe.

Tivera somente vislumbres dela ao me aproximar do carro por trás de arbustos e árvores, mas lembrava-me do cabelo ondulado e castanho-claro, curto e penteado de lado com elegância, de como ela o pusera atrás da orelha ao olhar para o próprio bebê agitado. Era bonita, com maçãs do rosto arredondadas e nariz delicado, mas também pálida e inexpressiva, talvez cansada do trajeto, embalando solenemente o bebê e dando-lhe tapinhas delicados no traseiro, incentivando-o a se acalmar e aceitar o peito. Às vezes olhava para o marido, que continuava com as costas largas voltadas para ela, xingando os gaios e observando a floresta, com um fio de fumaça de cigarro ondulando acima da cabeça escura.

Na imaginação, vislumbrei o que viria a seguir com tanta nitidez quanto se testemunhasse a cena: os gaios estridentes por fim silenciariam e a mulher inclinaria a cabeça em direção aos primeiros gritos fracos que viriam do carro. A princípio ela deve ter confundido o som com o canto dos pássaros, mas depois o instinto materno lhe disse o contrário. Eu a imaginei abotoando a blusa e entregando o filho ao marido, indo na direção do carro, primeiro com cautela, depois com urgência, passos decididos e velozes. Eu a vi espreitar pela janela e arfar de susto antes de abrir a porta do carro e olhar para dentro, incrédula. Em seguida, eu tinha certeza, com pressa e por instinto, a mulher levou meu bebê faminto ao peito e deu a ele seu leite doce e farto, o alimento vital que eu não podia oferecer.

E, enquanto o segurava junto do peito, imaginei – esperei – que ela pensaria em mim. Lançaria olhares inquisitivos e solidários à floresta, sabendo que ali, em algum lugar, uma jovem mãe, muito semelhante a ela, deixara o bebê e partira, confusa. Refletiria sobre um ato como aquele e as circunstâncias extremas que poderiam levar uma mulher a tomar uma decisão tão impossível e idiota.

Fiquei deitada no chão da floresta, ainda hipnotizada pelos círculos constantes do falcão, e encostei a mão direita – a última parte de mim que havia tocado meu filho – com firmeza na bochecha. Imaginei que a marca da cabecinha dele ficaria esculpida nas linhas e dobras da palma da minha

mão e acariciei meu rosto várias vezes, na esperança de que ele pudesse, de alguma forma, sentir esse toque.



Devo ter adormecido, pois me lembro de depois acordar no solo duro onde havia desabado, com pedras espetando minhas costas e a cabeça latejando. Continuei ali, imóvel, sem olhar para nada além de um crepúsculo escuro e uma nuvem cinza em forma de rosa. Repassei o dia na minha mente. Ao sair para pedir socorro, eu não tinha a intenção de entregar meu filho. Mas, quando vi o piquenique – o elegante carro preto, os seios fartos, a família –, as possíveis vidas do meu bebê lampejaram diante de mim. Numa versão, ele continuaria a ser meu, mas enfraqueceria e quase com certeza morreria, e, se ele e nós dois conseguíssemos sobreviver, onde encontraríamos refúgio? Na outra versão, ele seria tirado de mim para sempre para se tornar filho de outra mulher, mas seria nutrido, engordaria, teria um futuro, um pai, um lar.

Como a corça, cujo instinto de favorecer o filhote mais forte estava sem dúvida em conflito com o desejo de nutrir o mais fraco, uma voz no meu âmago, algo mais profundo do que a lógica, o amor e mesmo a esperança, me disse que eu deveria tomar uma decisão semelhante. Eu tinha caminhado inconsciente, como num sonho, como se alguma força diferente do mecanismo cerebral fizesse meus pés atravessarem o capim alto e seco, os arbustos e o solo rochoso em direção ao carro, avançando sem plena consciência do que fazia até fazê-lo. Num momento eu agarrava o corpinho dele junto do peito. No seguinte abria a porta do carro, deixava-o no banco de couro, fechava a porta com um estalo baixo e partia.

A noite caiu depressa, escura e sem luar. Eu me levantei e cambaleei em direção a um grupo de pinheiros para me deitar debaixo deles, na ilusão de proteção durante a noite fria. Adormecia e acordava, atormentada por sonhos em que meu bebê chorava por mim e eu o procurava, mas não conseguia encontrá-lo.

Assim que a mais tênue faixa de luz amarela surgiu no horizonte ao leste, levantei-me, trêmula e rígida, e comecei a andar, tentando refazer os passos

do dia anterior. No momento em que a alvorada raiou por completo, eu conseguira encontrar a clareira e estava no lugar exato onde tinha deixado meu bebê. O carro e o casal haviam desaparecido. Não restava pegada nem rastro de pneu, como se fantasmas tivessem roubado meu filho depois de lançar um feitiço cruel na minha mente. Meio atordoada, eu girei e girei, olhando a cena volta após volta, em círculos, como se olhar mais uma vez pudesse revelar alguma evidência do destino dele. Um pânico terrível tomou conta de mim ao pensar que todo o episódio fora uma ilusão, que eu o tinha deixado sabe-se lá onde.

De repente, minha vista se iluminou diante de um pêssego em cima de uma pedra alta, como uma joia alaranjada ao amanhecer. Antes, havia dois pêssegos na toalha de piquenique. Ela ficara com meu filho e eu, com o pêssego dela. Tinha o deixado para mim, talvez adivinhando, pelo pouquíssimo peso de Bebê Blue, que a mãe dele estava com fome, mas, mais importante, também devia saber que eu voltaria àquele lugar em busca de uma confirmação de que aquela troca tinha sido real.

Eu me aproximei do pêssego com cuidado, sem confiar na minha mente. Quando estendi a mão e vi que a fruta era de verdade, tão perfeitamente amadurecida que pude sentir a mão do papai ao colhê-la do galho e o toque tenro de Cora ao colocá-la num saco, percebi que nossas vidas – a minha e a da família no carro preto reluzente – haviam se cruzado antes mesmo de eu a encontrar. Eles tinham passado pela nossa banca à beira da estrada. Podem ter perguntado a Cora sobre um local agradável para fazer um piquenique, onde parar perto da estrada por um tempo. Enquanto Cora apontava com os braços grandes, explicando as viradas à esquerda e à direita até aquele lugar, talvez eu tivesse acabado de começar a vagar, zonza, em direção à mesma clareira que ela descrevia.

Nunca tive a fé sólida da minha mãe num destino divino, mas naquele momento decidi que ela devia ter razão quanto à vontade de Deus. Meu bebê precisava de seios fartos de leite, uma mãe que pudesse cuidar bem dele e um pai desta terra, e eles haviam chegado. Eu precisava de comida e da confirmação de que meu filho havia sido encontrado, e lá estava tal confirmação: a fruta miraculosa na minha mão.

A primeira mordida foi tão primorosa que doeu. Deixei a doçura explodir na minha boca seca e solitária, depois saboreei devagar as várias mordidas seguintes como uma salvação. Sem querer, comecei a devorar a

fruta com bocados imensos e ansiosos, o sumo escorrendo pelos meus pulsos até as mangas esfarrapadas da blusa. Num instante, o presente precioso se acabou. Eu tinha sugado cada pedaço de carne do caroço, em seguida lambi as mãos e os pulsos imundos em busca das últimas gotas de sumo.

Ávida por mais, saí da clareira onde o carro preto havia estacionado. Isso me levou a uma estrada de terra estreita que atravessava a floresta por menos de 1 quilômetro antes de cruzar uma estrada mais larga de cascalho amarelo e opaco. Se estivesse em meu juízo perfeito, já teria reconhecido onde estava, mas o simples ato de levar meu corpo fraco adiante, passo após passo cansado, exigia tudo de mim. Escolhi a descida para evitar uma subida lógica direcional. Mas aquele era o caminho certo para casa, como descobri quando a estrada de cascalho infinita começou a passar ao longo do riacho que cortava Big Blue e, por fim, desembocou na Highway 50. Sem olhar para ver se algum carro se aproximava, atravessei o asfalto preto e quente como uma idiota até agarrar o parapeito do outro lado. Abaixo de mim corria o rio Gunnison, lento e raso; os trilhos passavam ao longo da margem. A leste ficava Iola, a cidade e a vida de que eu não me permitira ter saudade até aquele instante.

Devo ter sido uma visão e tanto para o motorista a quem acenei. Isso não me preocupava, mas, com o cabelo desgrenhado, a silhueta emaciada e as roupas imundas, me admira que ele tenha parado. Não era um morador da região, mas tinha um rosto gentil e concordou em me levar à cidade.

Loção pós-barba doce, hortelã, cigarro, graxa de sapato, gasolina, couro – meu olfato estava tão aguçado e desacostumado aos odores comuns da civilização que o interior do carro era quase opressivo. Os comentários amenos do homem foram as primeiras palavras que alguém me dirigiu desde que eu saíra de casa, em abril. Um som barítono, ondulante e sincero. Felizmente, ele não era tagarela. Encostei a cabeça no vidro quente, fechei os olhos e deixei a vibração do motor me embalar no sono até sentir o automóvel desacelerar e sair da estrada, atravessar a ponte e virar mais uma vez, entrando na estrada de cascalho em direção a Iola.

Lá estava a nossa banca, muitíssimo familiar, com as fileiras impecáveis de pêssegos perfeitos e a querida Cora, igualzinha, encostada a um poste, encantando um forasteiro. Fora o apelo daqueles pêssegos que me atraiu das colinas, mas, naquele momento, estando tão perto, eu não conseguia mais

me imaginar entre eles, conversando com Cora ou entrando pela porta da minha casa. Tinha me tornado uma criatura selvagem, uma estrangeira na minha própria terra. Instruí o homem a contornar o limite da cidade e pegar a nossa estrada, mas, ao mesmo tempo que fazia isso, não tinha a menor intenção de ir para casa. O motorista parou em frente ao que não sabia ser uma residência escondida nas profundezas do pinheiral escuro.

– Tem certeza? – perguntou, cético, espiando as árvores.

– Sim, senhor.

Ruby-Alice Akers me receberia, assim como havia recebido Wil. Disso eu tinha certeza. Agradeci ao homem, saí do carro aromático e cambaleei pelo pinheiral até o portão da casa. Nervosos, os cachorrinhos, as galinhas e as galinhas-d'angola ganiram, cacarejaram e se espalharam.

Antes que eu alcançasse a porta cor-de-rosa, Ruby-Alice a abriu em boas-vindas. Ela me levou para dentro segurando meu cotovelo, como se fosse eu a velha frágil, e não ela, e desmoronei em seu sofá. Olhou para mim com algo que parecia pena e apreensão no olho afundado, mas também compreensão no olho desvairado.

Suas mãos azuladas e trêmulas levaram um copo d'água aos meus lábios ressecados. Ela me deu caldo e pão. Serviu um pêssego fresco, cortado em pedaços pequeninos como se para uma criança pequena, dispostos com cuidado num pires de porcelana fina. Por mais quente que estivesse o interior da casinha, ela me cobriu com uma colcha rosa, que agarrei junto ao peito em memória ao meu bebê e a Wil.

Dormi por três dias e noites, acordando de vez em quando para receber as pequenas porções de comida e bebida que meu corpo conseguia suportar. Ruby-Alice foi aumentando o tamanho e a sustância de cada porção até que, ao acordar após o meio-dia do quarto dia, consegui consumir a primeira refeição completa em meses. Ela havia abatido e assado uma galinha, que devorei como se eu fosse um urso recém-saído da hibernação. Comi tudo que ela pôs na minha frente: morangos, batatas fritas, vagens cozidas com pedaços de presunto, bolinhos aerados de framboesa cortados e besuntados de manteiga. Comia até ficar enjoada, deixava passar uma hora e depois comia de novo. Ruby-Alice me ajudou a tomar banho e me deu roupas limpas. Ela desembaraçou os emaranhados do meu cabelo comprido, torceu-o como numa corda e o enrolou num coque frouxo. Ambas acostumadas ao silêncio, eu e a velha não falamos nada, a não ser pelas

minhas muitas expressões de agradecimento e seus grunhidos satisfeitos em resposta. Se ela me ouviu soluçar e fungar enquanto chorava pelo meu bebê perdido, entendeu que o melhor era deixar estar.

Se não fosse por Wilson Moon, eu nunca saberia que Ruby-Alice não era apenas uma velha louca que precisava da ajuda de Deus. Se não fosse por Wilson Moon, não conheceria meu próprio encanto, minha beleza, minha força e a sensação preciosa de segurar Bebê Blue nos braços. Jurei tentar colocar essas lembranças acima da dor e da perda quando finalmente me levantei do sofá e caminhei com Ruby-Alice até o portão. Ela me permitiu dar um rápido abraço de gratidão em volta dos seus ombros ossudos antes de eu entrar no pinheiral e seguir até a trilha que levava à fazenda da minha família. Enquanto andava, o apito longo e baixo do trem das 17h47 cantou, chamando-me a voltar para casa.

Quinze

Ninguém estava na fazenda: nem Seth, nem Ogden, nem o papai, nem Truta. Até as galinhas e os porcos tinham sumido dos cercados. A casa estava cheia de sinais do papai – jornais velhos, canecas manchadas de café, pegadas de botas enlameadas, roupas sujas e luvas de trabalho largadas em qualquer lugar –, mas os quartos de Ogden e Seth estavam limpos e vazios, a não ser pelas camas nuas e pelas cômodas cobertas de poeira. Vários dias de pratos sujos se acumulavam na bancada e na pia. A horta estava seca e sem cultivo. Apenas meu quarto parecia normal, intocado desde o dia em que eu havia partido, o bilhete para o papai aberto em cima da cama. Eu me sentei e reli minhas palavras: *Amo o senhor. Me desculpe. Não se preocupe.* Naquele momento, o recado pareceu ingênuo e infantil. Amassei o papel numa bola e o joguei no lixo ao sair do quarto. Eu amava mesmo meu pai, mas havia me livrado do medo e da obediência que acompanhavam esse amor e não tinha ideia de quem ele seria para mim a partir de então.

A única criatura a quem eu realmente devia um pedido de desculpa era Abel. Encontrei o cavalo no celeiro, malcuidado mas bem. Ele ergueu a cabeça numa saudação, os olhos ternos de chocolate lampejando reconhecimento e alívio. Acariciei o pescoço alazão e elegante com movimentos longos e lentos, e ele roçou meu ombro como se dissesse: *Está tudo bem entre a gente. Que bom que você voltou para casa.* Pelo menos era essa a minha esperança. Eu lhe ofereci um balde de aveia e ele comeu.

Beijei a estrela branca sobre o osso largo e plano entre os olhos de Abel e

acreditei, pelo menos por um instante, que era apenas por tê-lo machucado que eu deveria buscar o perdão de Deus, do homem ou dos animais. Ter me apaixonado por Wilson Moon foi o ato mais sincero da minha vida. Os efeitos colaterais imprevistos de um ato sincero não tornam a decisão menos verdadeira. Só o que se pode fazer, conforme aprendi com Wil, é enfrentar esses efeitos – por mais inimagináveis, horríveis, belos ou desesperados que sejam – com o melhor que tiver à mão. Imaginei Bebê Blue, já com mais uma semana de vida, crescido, rosado e bem nutrido. Embora o coração doesse e a tristeza escorresse como alcatrão espesso pela minha medula, eu sabia que deixar meu bebê tinha sido mais um ato sincero.

Ao longe, ouvi a caminhonete do papai resmungar subindo a longa estrada de casa. Eu me preparei e saí do celeiro para recebê-lo. Ele não me viu andar em direção ao carro enquanto estacionava e saía, mas Truta pulou de trás dele e correu para mim abanando o rabo de alegria. Agachada para acariciar o velho cachorro, ergui o rosto para olhar os olhos cinza-claros do meu pai. Estavam inexpressivos como as pedras de um rio, encarando-me como se eu fosse uma tola, uma desconhecida, ou as duas coisas.

– Papai – arrisquei-me a dizer.

Mas ele se limitou a me dar as costas e ir em direção à porta da cozinha como se nem tivesse me visto. Estava magro e encurvado, usando um macacão imundo. Faltava-lhe o boné, e a cabeça meio calva estava rosada e ferida do sol. Três tossidas profundas e úmidas enquanto ele entrava pela porta me informaram que não estava bem. Afaguei Truta por um tempo enquanto ele se contorcia e gania comemorando o nosso reencontro, depois me levantei e segui o papai até o interior da casa.

Ele já estava preparando o jantar tal como devia ter feito todas as noites durante os últimos cinco meses. Surpresa com seus movimentos fluidos com a faca, a espátula e a frigideira, fiquei ao lado da porta lateral observando-o trabalhar. Ele sabia que eu estava lá, mas não tirou os olhos da carne e das cebolas fumegantes que mexia no fogão. Não imaginei que estivesse preparando o suficiente para eu comer também, mas ainda assim tratei de pôr a mesa para dois e de encher os copos com o chá gelado da jarra na geladeira. Ocupei meu lugar à mesa e esperei para ver se ele me serviria. Por fim, a frigideira apareceu perto do meu ombro direito e uma porção cheia pousou no meu prato. Ele serviu uma porção menor para si mesmo,

devolveu a frigideira vazia ao fogão e se sentou do outro lado da mesa, diante de mim.

Não forcei a conversa que ele não estava pronto para ter, não senti a necessidade de ocupar nervosamente o vazio com falatório, explicações ou perguntas. Assim, naquela noite, comemos em silêncio, a não ser pelos vários acessos daquela tosse borbulhante e, no fim da refeição, por sua insistência brusca em lavar os pratos. Eu não sabia se o silêncio do meu pai era uma expressão de raiva implacável ou uma muralha contra assuntos que ele queria evitar, como o motivo da minha partida ou onde eu estivera, mas aquilo foi bom para mim.

Depois do jantar, caminhei entre as frutas perfumadas do pomar debaixo das últimas pinceladas rosa-claras do pôr do sol. Cestos cheios no final de cada fileira de árvores aguardavam o transporte para a banca na manhã seguinte. Antecipei a familiaridade confortável de pôr tudo na velha caminhonete, sentar-me ao lado do papai no caminho até a banca, atirar-me no abraço de boas-vindas de Cora, descarregar os cestos e organizar os pêssegos. Torci o caule de uma fruta perfeita no galho e afundei os dentes na carne macia, o sabor inconfundível do meu lar. Eu me sentei num toco largo para inspirar a quietude do crepúsculo e, em silêncio, chorar com saudade a ausência do meu menininho.

No café da manhã seguinte – também preparado e depois retirado pelo papai, apesar da minha oferta de ajuda –, trocamos mais algumas palavras e, no caminho até a banca, mais outras. No almoço, mais um punhado, no jantar mais outro, e assim por diante. Ele era um pingente de gelo que derretia devagar, e eu, um fio d'água paciente.

Durante a semana, já executávamos tarefas lado a lado e a conversa tinha ganhado um fluxo constrangido. A cada momento, a tosse do papai se tornava mais profunda e persistente. Diante de uma torta de pêssego e framboesa que fiz como uma oferta final de paz que parecia irresistível, soube que o xerife Lyle havia interrogado Seth sobre "o problema com aquele garoto bugre", como disse o papai, e meu irmão havia saído da cidade em obediência ao que entendi ser ordem de Lyle.

Deixei o prato de torta de lado e respirei fundo.

– Seth matou aquele rapaz, papai – declarei depois de um longo silêncio, sentindo o coração se contorcer tanto com a verdade quanto com a insuficiência das palavras.

O rosto já solene do meu pai desmoronou numa mescla sombria de vergonha, decepção e pesar. Ele olhou para a caneca de café e a envolveu com as mãos ásperas como se precisasse de algo sólido a que se segurar.

– Desconfiei – foi só o que disse, e tudo que ele diria, sobre a morte de Wilson Moon.

Eu nunca soube se o papai também imaginava que Wil tinha sido meu amante e a causa da minha ausência. Queria contar a ele que tinha um neto, um menininho perfeito, mas as palavras se recusaram a sair da minha boca.

– E Ogden? – perguntei.

O papai se limitou a grunhir e a afugentar a pergunta com o garfo. Eu o conhecia bem o bastante para deixar estar.

Naquela noite, o papai começou a tossir sangue. As tossidas e as cuspidas aumentaram enquanto ele lavava os pratos do jantar. Afastava-se de mim a cada acesso, depois voltava à pia como que esperando que eu não tivesse notado. Quando voltou das tarefas noturnas, mal conseguia respirar entre um acesso e outro. Recusou minha oferta de chamar o Dr. Bernette e foi se deitar cedo.

Durante toda a noite a tosse rasgou o silêncio escuro entre nossos quartos. Quando os acessos se tornaram tão violentos e constantes que eu não aguentei mais, bati na porta dele e entrei. Eu o encontrei sentado na poça de luz fraca do abajur cuspindo muco ensanguentado numa tigela.

– Papai – sussurrei, incapaz de esconder o choque e a piedade.

Ele olhou para mim com o ar de um animal ciente de que o fim está próximo, aquela triste mistura de medo e resignação, depois baixou de novo o olhar para a tigela e aguardou a onda seguinte. Estava tão magro e pequeno em seu pijama que parecia uma criança. Quando me aproximei da cama, ele levantou a mão para me deter.

– Papai, me deixa ajudar o senhor – implorei.

– Não tem nada a fazer – respondeu com a voz rouca. – Volta pra cama.

Passei o resto daquela noite deitada, em claro, ouvindo-o sofrer. Depois de me separar do meu filho, meu pai era meu último laço na terra. Cada acesso de tosse era mais um fio que se soltava do cordão da família. Quando imaginava a fazenda distante no meu retiro na floresta, presumia que continuasse lá, essencialmente inalterada. Mas estava muito enganada. Tudo tinha minguado – exceto pelos pêssegos –, e eu voltara a uma relíquia ainda mais arruinada de quem já tínhamos sido. Sempre havia acreditado que

eram os homens da casa que a mantinham em pé. Nunca imaginei que eu era mais do que uma arrumadeira e ajudante, que eu, de alguma forma, me tornara o coração da família e da casa. Enquanto o papai enfraquecia, só o que nos restava éramos eu e o pomar.

Uma das últimas coisas que ele me disse, em meio ao delírio da febre e dos pulmões fracos, poucas semanas depois, foi que eu ficara igual à minha mãe, agora que estava de cabelo comprido e o prendia num coque atrás da cabeça.

– Ela era uma beleza – disse, expressando rara saudade, recordando com doçura seu amor perdido, mas ao mesmo tempo sugerindo que também me achava bonita.

Segurei sua mão enquanto ele adormecia e acordava, apreciando a maneira como entrelaçava os dedos aos meus e gravando na memória todas as suas sardas, dobras e articulações salientes.

Dezesseis

1949–1954

Meu pai morreu no sábado depois da colheita final ser concluída e entregue. Como se tivesse programado tudo com cuidado, na primeira manhã em que a temperatura caiu abaixo de zero os ajudantes contratados colheram os últimos pêssegos e ele não conseguiu se levantar.

Eu me sentei ao lado da cama, com Truta aninhado solenemente aos meus pés, e olhei com tristeza para o meu pai. Quando estendi a mão para o último toque, nunca imaginei uma mão tão fria.

Quase todas as pessoas em Iola compareceram ao enterro do papai sob o céu mais azul do outono. Depois, quando se reuniram para comer e prestar condolências na nossa casa, eu soube pelo xerife Lyle que o papai havia entregado Seth pessoalmente. Na falta de provas incontestáveis, Lyle não pôde prendê-lo, mas garantiu tanto a Seth quanto a Forrest Davis que estariam em apuros se continuassem na cidade. A dupla foi para a Califórnia com o carro de Seth, explicou o xerife, "levando com eles suas peraltices".

– Foi muito mais do que *peraltice* – afirmei, cerrando o maxilar.

Lyle fez que sim com a cabeça, solene, o olhar inquisitivo e pesaroso. Percebi que queria me fazer perguntas, mas continha-se por educação.

– Fique sabendo que depois disso seu pai procurou você todo dia, indo de carro para Gunnison, Sapinero, Cebolla e pras montanhas, cavalgando o Abel – disse ele, remexendo a comida no prato. – Acho que ele imaginou que você voltaria pra casa se soubesse que o Seth tinha ido embora. Pediu que eu ficasse de olho.

Refleti sobre a informação, tentando imaginar tudo que o papai sabia, me perguntando se vagar pelas montanhas lhe rendera a tosse que crescera até tomar conta dos pulmões, se eu era a causa da ruína do meu pai, assim como tinha sido de Wil.

– Eu teria voltado, sim – respondi, triste.

Senti arder no fundo da garganta, como se tivesse engolido uma vespa, a alternativa inimaginável de não tratar meu bebê como se fosse algo indesejado. Lamentei ter duvidado da devoção do meu pai. Era tarde demais para lhe agradecer e tarde demais para levar seu neto para casa.

– Ele até me fez realocar o seu tio – continuou Lyle.

– Realocar? – perguntei.

Tive dificuldade para conciliar o termo com o que papai acabara me contando a respeito de Og – que o "aproveitador" sempre tivera parentes, mas só entrara em contato com eles quando não havia mais uma mulher na nossa casa para cuidar dele.

– No fim das contas, Ogden tinha mãe – disse Lyle.

– Todo mundo tem mãe – respondi rispidamente, cansada das exigências do dia.

– Nem todo mundo tem uma mãe que estava procurando a pessoa fazia quase oito anos. Seu pai encontrou uma carta. Pediu pra eu vir pegar o Og, levá-lo pra Salida e pôr no primeiro trem pra Denver. O safado passou a viagem toda me xingando.

– O que a carta dizia? – indaguei.

– Dizia que ela não acreditava na notificação que mandaram dizendo que os dois meninos dela morreram nos primeiros meses da guerra. Que Deus não faria isso com uma mãe.

– Faria, sim – comentei, pensando: *Deus quer ou não quer*.

– Mas não fez. Aquela senhora sabia disso, não sei como. Encontrou o filho e implorou a ele que voltasse pra casa.

– Intuição de mãe – falei, invejando-a, pois não tinha ideia do que Deus havia ou não destinado ao meu filho nem de onde ele estaria.

– A nossa delegacia tentou encontrar os parentes do garoto que morreu – acrescentou Lyle, olhando nos meus olhos para avaliar se eu sabia de alguma coisa e se aquilo tudo era demais. – Achei que ele também devia ter uma mãe em algum lugar.

Meu coração apertou.

– Ele tinha nome, Sr. Lyle.

– Aquele moço Moon – disse ele, corrigindo-se. – Mas é difícil saber qualquer coisa de um andarilho. Os últimos registros que achamos davam conta de que ele estivera numa escola pra índios em Albuquerque, mas não de que reserva vinha. Fugiu da escola uns anos atrás. Não descobrimos mais nada.

E, com isso, foi demais mesmo. Despedi-me do xerife Lyle e de toda a multidão de vestidos pretos, ensopados, apertos de mão e condolências.

Logo me vi andando sozinha no pomar, que passara a ser meu pomar, entre as folhas amareladas e os poucos pedaços de frutas podres que se recusavam a cair das árvores. Wil tinha um lar para o qual nunca voltara, onde conhecia a terra e a terra o conhecia e no qual, talvez, sua família ainda esperasse por ele. Eu tinha ouvido falar de crianças indígenas retiradas das reservas e levadas para escolas especiais. Apesar de ter crescido acreditando que nada importava tanto quanto o lugar de onde a pessoa vinha, nunca tinha pensado no que cada uma daquelas crianças era forçada a deixar para trás. Wil não havia me contado sobre seu passado, talvez por sentir muito a falta dele ou talvez porque já não importasse. Eu não fizera perguntas, mas ele me parecia ao mesmo tempo filho de algum lugar e de lugar nenhum, seu encanto peculiar talvez oriundo da terra natal, mas amadurecido ao partir, a resiliência necessária para seguir em frente. Só esperava que o nosso bebê tivesse a mesma força para se adaptar.

Menos de um mês depois de o meu pai perder o derradeiro alento, o último trem rasgou Iola, com o maquinista fazendo o apito soar mais e mais alto do que nunca. A Denver & Rio Grande Western Railroad tinha acabado com os vagões de passageiros uma década antes, e, após quase setenta anos, decidiu parar também com o transporte de gado e carvão, encerrando todas as operações na região no outono de 1949. Muitos disseram que a ferrovia tinha sido uma loucura desde o começo, pois o árduo processo de assentar os trilhos através do Black Canyon até Cimarron custara mais vidas e dinheiro do que as autoridades da época se atreviam a admitir. Mas aqueles apitos tinham definido o ritmo da minha vida. Tinham até levado Wil para mim.

Naquele primeiro dia sem apitos, um silêncio sinistro caiu sobre Iola. “Parece a morte”, lamentaram algumas pessoas. “Parece uma noite eterna”, disseram outras.

Mal sabíamos que esse era apenas o primeiro silêncio, que um dia toda Iola seria engolida, cada som e cada estrutura afogada e desaparecida.



Depois que papai faleceu, mantive a fazenda em operação o melhor que pude, por muitos anos. Por um tempo, os Mitchells foram de grande ajuda, e eu contratava ajudantes quando necessário. Replantei a horta e consertei cercas quebradas. Mantive as valas de irrigação desimpedidas e as larvas de mariposas e cochonilhas, assim como os guaxinins, longe das árvores. Podei, fertilizei, adubei, reguei, aparei e colhi. Quando um quarteirão de árvores ficava velho demais para produzir, eu contratava trabalhadores para me ajudar a removê-las, enxertava novos brotos meticulosamente, do jeito que o papai havia me ensinado, e os plantava num novo quarteirão, num terreno em pousio, tal como minha família havia feito ao longo de gerações.

Imagino que ao olhar externo tudo parecesse estar em ordem, mas a cada manhã eu me levantava com uma verdade rasgando meu coração: meu amor pelo lugar era mais uma folha murchando na árvore estéril da minha família.

O velho Truta, sempre leal, morreu no meio da cama do papai no mesmíssimo dia em que tirei o último baú com os pertences dele. Cavei um buraco fundo junto ao lago e acariciei o peito primorosamente felpudo do cachorro uma última vez antes de envolver o corpo mole num cobertor e depositá-lo na terra. No inverno seguinte, encontrei Abel deitado de lado, ofegante, num trecho de gelo fora do celeiro, com a tíbia saindo de um rasgo sangrento na linda pele alazã. Não consegui atirar nele. Em vez disso, acariciei o pescoço perfeito, tal como fiz quando ele nasceu, enquanto a veterinária do condado aplicava a injeção que fez o coração dele parar. Eu me refugiei no celeiro e chorei enquanto a veterinária e os assistentes o levavam dali. Com isso, minha única família tornou-se um punhado de pobres galinhas.

Por mais que tentasse negar, o vazio com que eu conduzia meus dias e cuidava da fazenda aumentava dia após dia. Passava muitas tardes na casa de Ruby-Alice apenas para estar em outro lugar, para ajudá-la a cuidar da

horta, do galinheiro ou da cozinha, consolada por estar onde Wil já havia morado, pela presença estranha e silenciosa da idosa e pelos cachorrinhos adormecidos.

Em casa, as recordações me assombravam. O peso certo de um travesseiro ou de um saco de arroz, de repente, parecia meu Bebê Blue, e, embora soubesse que era loucura, não conseguia deixar de embalá-lo. Várias vezes acordava à noite com tanta certeza de que ele chorava por mim naquela cabana distante que corria escada abaixo e só recuperava o juízo quando chegava às minhas botas. Em algumas noites, eu me sentava sozinha com o jantar à mesa da cozinha e, tão claro quanto o prato, via o carro de Seth passar pela janela e ouvia o rosnado baixo do motor demoníaco devorando a estrada.

Certa noite de primavera, quando o luar branco se elevava sobre as montanhas distantes lançando sombras escuras na varanda, tive certeza de que Seth estava me espiando pela janela da sala. Pulei da cadeira da mamãe e, admito com vergonha, me escondi. Agachada no armário de vassouras como se uma coisa dessas pudesse me salvar, tremendo feito um coelho patético, de repente lembrei que havia lavado a roupa de cama naquele dia e pendurado as colchas para secar na varanda, e não no varal do quintal lamacento dos fundos. O que achei ser o rosto ameaçador do meu irmão era apenas um quadrado da colcha de retalhos. Eu me levantei e tentei recuperar um pouco da dignidade marchando diretamente até lá para recolher e dobrar a roupa de cama.

Não importava quantos anos se passassem, eu os via: Wil à beira do pomar, esperando por mim, me estendendo a mão; papai entre as árvores frondosas, torcendo habilmente o cabo de um pêssego no galho; mamãe cuidando da horta, colhendo verduras frescas para o jantar; Cal me chamando da nossa casa na árvore, como se ela não estivesse em ruínas havia muito tempo; a tia Viv e o tio Ogden, ambos ainda muito cheios de vida, trocando beijos furtivos na varanda. Naquele lugar já houvera promessas e amor. Uma a uma, as esperanças pereceram. Imaginei como meu filho poderia ter revivido tudo aquilo se eu houvesse tido coragem de levá-lo para casa. Imaginava a cena até doer – ele brincando no chão da cozinha, me chamando de mamãe, e depois, com o tempo, ficando alto e magro, correndo pelo pomar com o mesmo andar gracioso do pai. Mas, em vez disso, restava apenas uma coisa boa na nossa terra: os pêssegos.

Numa tarde quente de julho de 1954, quando o homem do governo bateu na minha porta e perguntou se poderia trocar algumas palavras comigo, nos servi dois copos altos de chá gelado e me juntei a ele na varanda. Eu tinha ouvido boatos sobre a proposta de construção de uma represa no rio e as possíveis ofertas de compra das terras do vale. Todos em Iola estavam furiosos com a ideia de perder tudo por causa de um novo reservatório. O alvoroço era esperado e correto, não só contrário à inundação da nossa cidade, mas também contra o sufocamento do selvagem e maravilhoso rio Gunnison. Os planos eram, na melhor das hipóteses, equivocados, e, na pior, trágicos, tal como haviam se mostrado inúmeros outros projetos em nome do progresso em todo o oeste. Eu sabia que estava tudo errado, porém, sentada ali, ouvindo o homem do governo fazer a oferta, percebi que, em segredo e para minha vergonha, o plano me agradava. Eu queria aquele apagamento. Disse ao homem que pensaria no assunto e o despachei.

Fui a primeira em Iola a vender tudo. Em setembro, o governo me pagou generosamente por minha propriedade, embora o preço tenha sido uma compensação pequena pela ira que sofri dos conterrâneos quando a notícia da minha traição se espalhou. Dizer que me senti odiada não seria exagero. Pessoas que eu conhecera a vida toda pararam de comprar nossos pêssegos e viravam o rosto ao passar por mim na Main. Até os Mitchells cortaram os laços comigo, por raiva genuína ou, talvez, por medo do ostracismo por associação. Contra o desejo do pai, e sem dúvida mais por obrigação do que por vontade, Cora permaneceu na banca até o final daquela temporada de pêssegos. Seu comportamento antes alegre tornou-se uma polidez fria ao falar com todos os forasteiros e, principalmente, comigo.

Enquanto Cora entrava na própria caminhonete depois de vendermos o último saco de pêssegos e eu começava a fechar a banca para sempre, ela olhou para mim pela janela aberta como se eu tivesse mudado tanto que me tornara irreconhecível.

– 'Cê sabe que o seu pai 'tá rolando no túmulo, Torie – disse ela. – Dá uma volta completa pra cada dólar que 'cê aceitou dos 'ome do governo.

Agradeci por seus muitos anos de serviço leal e lembrei-lhe que meu nome não era mais Torie.

O sol da tarde se infiltrou pela poeira do rastro da caminhonete, concedendo à estrada comum uma estranha beleza enquanto Cora partia.

Eu havia amado Cora Mitchell, assim como amara uma centena de outros pormenores da minha vida em Iola. No entanto, a tragédia e o luto corroeram tudo que eu sabia ser verdade a respeito daquele lugar. Preguei a última tábua na frente da banca vazia e sussurrei um pedido de perdão ao meu avô. Contudo, não ofereci a mesma expressão de pesar ao meu pai, pois, ao contrário do que julgava Cora, acreditava que ele jazia calmo e inerte no túmulo. Não importava o que ela ou qualquer outra pessoa tivesse a dizer; eu tinha certeza de que o papai teria apoiado minha chance de fugir daquela cidade e de todas as lembranças. Isto é, desde que eu fizesse o que era certo com o pomar, como pretendia fazer.



Meu avô, Hollis Henry Nash, tinha sido louco por tentar adaptar os pêssegos da Geórgia ao oeste alto e árido, mas isso não o havia impedido de tentar. Depois de muita tentativa e erro, acabou alcançando o sucesso no lugar mais improvável possível, no ar frio de Iola, Colorado. Ou assim dizia a história contada ao longo da minha infância. Era a única explicação que eu conhecia. Muitas vezes eu testemunhara o papai defender o nosso pomar contra os incrédulos, alguns desacreditando que existisse mesmo enquanto seguravam na palma da mão o peso redondo de um dos nossos frutos perfeitos. Tanto a proliferação quanto a qualidade do pomar tinham sido uma espécie de milagre biológico desde o começo. Com ou sem nossos célebres pêssegos, a mamãe nos ensinou que a natureza da soberba era pecaminosa e que nossa fazenda era um bom lugar para chamar de lar, não uma fonte de ostentação. Foi assim até eu ter que decidir o que viveria e o que se afogaria. Muito do que havia perecido na minha vida era impossível de salvar. Eu não tinha conhecido meu avô Hollis, mas por ele e pelo papai estava decidida a salvar o pomar.

Infelizmente, não tinha ideia de como fazer isso e estava totalmente por conta própria depois que a cidade me virara as costas. Ruby-Alice parecia incapaz de ajudar, a não ser oferecendo um ouvido confiável para os meus problemas. Mas, de certa forma, foi por meio dela que encontrei a solução.

A cada ano, desde que me tornara amiga de Ruby-Alice – ou, mais

precisamente, desde que ela fez a grande gentileza de se tornar minha amiga –, ela definhava. A anciã das minhas lembranças de infância era jovem em comparação com quem ela se tornara. Havia anos que a bicicleta fora descartada e enferrujava no quintal, tornando-se o poleiro preferido das galinhas e dos cães. Seus mantimentos e a comida dos animais eram entregues pelo Chapman's; de resto, ela não tinha contato com ninguém além de mim. Sua coluna estava tão curvada quanto o velho álamo onde eu e Wil nos encontrávamos, os olhos de um azul gélido passavam a maior parte do tempo voltados para o chão, um deles ainda desvairado e penetrante, o outro viscoso e retraído. Os membros magros tremiam. Eu tinha certeza de que ela apreciava as minhas visitas, embora tivesse poucas provas além de um afago na mão de vez em quando e talvez um jantar meticulosamente preparado para duas pessoas.

Foi durante um desses jantares, poucas semanas depois de eu fechar a banca de pêssegos, que Ruby-Alice soltou um grito agudo e fraco, como uma roda enferrujada, e desabou no prato. Corri para levantá-la, leve e mole como um saco de penas, e a carreguei até o sofá. Procurei um telefone, que, é claro, ela não tinha. Apesar da necessidade urgente de correr pela estrada até a minha casa para pedir socorro, simplesmente não consegui deixar a comida espalhada em seu rosto enrugado. Se ela morresse enquanto eu estava fora, não morreria suja. Molhei um pano de prato e limpei com delicadeza a pele fina, devolvendo-lhe o mínimo de dignidade, assim como ela havia feito por mim. Depois corri para casa, repetindo sem fôlego meu ditado de infância: *DeusAcudaRubyAliceAkersAmém*.

Nos dez minutos que levei para correr até o meu telefone, ligar para o Dr. Bernette e voltar com a caminhonete do papai até sua casa, ela não se mexeu. Apertei seu punho pequenino para sentir o pulso, vago e instável como as primeiras gotas de chuva. A respiração mal erguia e baixava o peito ossudo. Eu me lembro daqueles minutos longos e silenciosos – antes da chegada do Dr. Bernette, depois o caos da ambulância, das luzes vermelhas ofuscantes e dos homens correndo e gritando, em pânico, afugentando galinhas e cachorros – numa espécie de bolha atemporal. Ao contrário de todas as outras mortes que eu havia testemunhado, aquela passagem seguia a lógica eterna de uma vida longa que simplesmente se encerrava. "Das cinzas às cinzas, do pó ao pó", diria a mamãe com toda a confiança na

sabedoria divina da mortalidade. Segurei a mão absurdamente leve e sedosa de Ruby-Alice e me despedi.

No entanto, como um ato final de rebelião contra as expectativas, Ruby-Alice não morreu. Eu não sabia disso quando passei a noite na casa dela para acalmar os animais e cuidar deles depois que a ambulância a levou, enquanto, num gesto sentimental, me deitava uma última vez naquele sofá, envolvendo-me nas colchas cor-de-rosa e contemplando a estranha vida daquela mulher. Quando voltei para casa, ao nascer do sol, o telefone estava tocando. O Dr. Bernette disse que estava ligando havia horas. Contou que Ruby-Alice tinha se sentado de repente, no meio da noite, e não se deitara desde então; o hospital perguntou se tinha parentes que poderiam falar por ela, já que era calada como uma porta.

Fui com a caminhonete do papai até Gunnison e disse ao recepcionista do hospital que Ruby-Alice era minha avó. Preenchi formulários. Penteei o cabelo dela. Levei colheradas de gelatina verde a seus lábios trêmulos. Dormi ao lado da cama dela numa cadeira rígida. Ela rolava um pouco na minha direção quando uma enfermeira a espetava com uma agulha e, às vezes, levantava o rosto para mim sem motivo algum, com uma espécie de aquiescência no olho desvairado e, creio eu, gratidão na fina faixa do outro. Para mim, esse agradecimento bastava.

Quando Ruby-Alice dormia, eu escapava da brancura estéril do hospital para andar pelas ruas largas de Gunnison. No começo, os cafés, os bares e os carros coloridos da Main Street pareceram animados e interessantes, mas não demorou muito para o agito me exaurir. No segundo dia, me esquivei do centro da cidade para passear pelo campus da universidade. Nunca tinha visto gramados tão bem-cuidados, verdes mesmo em outubro, com um pelotão de trabalhadores varrendo as folhas amarelas quase com a mesma rapidez com que elas caíam dos álamos. As calçadas curvas de concreto que ligavam os prédios altos de tijolos vermelhos estavam repletas de estudantes – rapazes bem barbeados com suéteres elegantes e calças com cinto, moças com saias de lã justas e blusas brancas passadas a ferro. Nunca havia considerado que as mulheres iam à faculdade. Em Iola, era raro as meninas sequer irem até Gunnison para frequentar o ensino médio. Eu sem dúvida não vira motivo para isso. As garotas por quem passei no campus me instigavam a mesma curiosidade que animais num zoológico. Pequenos grupos passeavam de salto alto ou sapatos Oxford pretos e brancos,

marcando um ritmo oco na passarela. Eu estava a menos de 50 quilômetros de casa, mas me sentia numa terra estrangeira. Ainda não tinha decidido para onde me mudaria quando a compra do governo fosse concluída e eu finalmente saísse de Iola, mas decidi ali, naquele momento, que não seria Gunnison.

Na frente de um prédio de estuque branco, um jardim elaborado com dezenas de plantas incomuns chamou minha atenção. Vaguei por ele, admirando principalmente as árvores estranhas e maravilhosas, cada uma com um nome impronunciável impresso numa placa de metal retangular cravada no chão. O caminho terminava numa porta de vidro, que era a entrada, percebi, do Departamento de Ciências da faculdade. Olhei através do vidro e vi um longo corredor repleto de portas numeradas, todas fechadas, a não ser uma onde se lia SECRETARIA.

Respirei fundo e entrei.

A loira sentada atrás da mesa segurava uma caneca de café com uma das mãos e com a outra preenchia um formulário. Antes mesmo de erguer o rosto e notar minha presença com um olhar educado e curioso, ela me lembrou alguém que a tia Viv poderia ter sido se tivesse vivido até a meia-idade. A mulher tinha estilo, autoconfiança e um ar de competência para lidar com diversas demandas ao mesmo tempo. Uma placa de identificação em preto e branco com moldura retangular prateada dizia: LOUISE LANDON, SECRETÁRIA.

– Diga em que posso ajudar, querida – falou ela, apressada e prestativa ao mesmo tempo.

– Meu nome é Victoria Nash. – Estendi a mão e ela largou a caneta para apertá-la. – Não sou aluna daqui, mas preciso de um conselho.

Falei dos famosos pêssegos da minha família e do plano do governo de inundar Iola. Ela disse que tinha ouvido falar de ambos os assuntos. Ouviu com atenção, arqueando as sobrancelhas e ignorando o café que esfriava ao lado.

Quando terminei de explicar meu dilema, ela pegou o telefone preto. Enquanto discava com movimentos rápidos e eficientes, olhou de relance para mim e declarou:

– O que precisa, Srta. Nash, é de um botânico excêntrico.

A Srta. Landon me acompanhou até o escritório do Dr. Seymour Greeley

depois de explicar minha situação para ele rapidamente por telefone. No caminho, apontou o laboratório dele através de uma janela do corredor – uma selva de trepadeiras, folhas e raízes numa mixórdia de vasos, tubos, baldes e aquários. Ela riu e disse que eu não me preocupasse.

– Confie em mim – acrescentou. – Ele é o homem certo.

Seymour Greeley nos esperava à porta do escritório. Eu nunca tinha conhecido um professor de universidade, mas os óculos redondos e pretos e o corpo esguio debaixo do paletó grandalhão de tweed correspondiam ao que eu imaginava. Era mais jovem do que eu esperava e seus modos, mais nervosos, mas também mais amigáveis. O cabelo avermelhado estava revolto como se ele mexesse demais naqueles fios. O sorriso era desajeitado, mas sincero. Gostei dele na mesma hora.

– Pêssegos Nash – comentou, estendendo a mão num gesto animado.

– Victoria – respondi, estendendo a minha.

O professor a apertou com grande entusiasmo, como se estivesse conhecendo uma pessoa proeminente.

– Seymour Greeley. Os alunos me chamam de Greeney, "verdinho", porque eu sou o cara das plantas. Pode entrar.

Ele pousou a mão nas minhas costas para me conduzir. A Srta. Landon abriu um sorriso satisfeito e se despediu.

O escritório era uma confusão de livros, papéis e plantas. O professor se sentou atrás da mesa e gesticulou para que eu ocupasse a outra cadeira. Tirei uma pilha de papéis do lugar e me sentei. Ele apoiou os cotovelos na mesa e me ouviu descrever o destino do meu pomar. Quando terminei o relato, implorando sua ajuda, ele passou as mãos pelos cabelos e franziu a testa.

– Acho que a senhorita não pretende fazer enxertos e começar de novo, não é?

– Não – respondi, sem sequer saber do meu plano até ter que dizê-lo em voz alta. – Quero salvar os pessegueiros. Tirar cada um deles de lá.

– Entendi. – Ficou pensativo. – Até os antigos? Creio que não valha a pena salvar as árvores mais velhas.

Eu sabia que ele tinha razão. As árvores da minha família produziam frutos de qualidade por mais tempo do que a maioria, de vinte a 25 anos, antes de começarem a murchar. O vovô Hollis e o papai mantiveram um cuidadoso esquema de rotação, plantando sempre uma cultura de cobertura para esperar uma leva de mudas recém-enxertadas quando um quarteirão

antigo precisava ser arrancado e transformado em adubo. Eu conhecia bem a rotação, mas não queria admitir que não poderia salvar todos os pessegueiros. Nossa fazenda tinha apenas um quarteirão que logo envelheceria, quatro fileiras longas de árvores velhas e retorcidas que eu adorava, plantadas no ano em que nasci. Deixá-las para trás faria meu coração doer.

– Certo – respondi, triste. – Concordo. Mas é só um quarteirão. Temos mais uma dezena de quarteirões que precisam viver.

A testa de Greeney ficou ainda mais franzida. Ele olhou para a estante de livros, refletindo.

– Não posso prometer nada – disse por fim, antes de começar a explicar as complexidades do transplante.

Algumas daquelas palavras eu conhecia por ter passado a vida toda entre as árvores, mas outras, tais como "pH do solo", "golpe de sol" e "raiz pivotante", soavam como termos científicos extravagantes para um pomar que sempre soube exatamente como crescer.

– Nossas raízes são fortes – afirmei.

– Ah, nisso eu acredito. Suas árvores são lendárias. Mas são fortes no solo em que já estão. Se forem deslocadas... Bom, só quero que a senhorita entenda: podemos perder todas.

– Preciso tentar – respondi, e fui sincera.

Falei com calma, mas a hesitação e as advertências dele provocaram um pânico em mim. Ali, no escritório desarrumado daquele estranho, de repente tive certeza de que simplesmente não seria capaz de viver sem o pomar. Não pude salvar Wil, nem minha família, nem a fazenda. Nunca mais poderia abraçar meu bebê. Mas poderia salvar as nossas árvores.

– Por favor, senhor – implorei.

Ele assentiu, depois relaxou as sobrancelhas.

– Então eu também devo tentar – declarou, gentil, e alisou o cabelo desgrenhado. – Será um desafio e uma honra, Srta. Nash.

– Victoria – repeti, com um sorriso.

O hospital liberou Ruby-Alice na manhã seguinte.

O médico, que parecia mais um vaqueiro com cinto de fivela e botas, me disse que o coração dela era um relógio velho e instável. Entendi que isso significava que faria tique-taque até não fazer mais, aí seria o fim.

Enquanto ajudava Ruby-Alice a sentar-se no banco do carona da caminhonete, um jovem casal saiu pelas portas de vidro do hospital. O homem estava com o braço em volta do ombro da mulher, que carregava um recém-nascido num abraço frouxo demais. A cabecinha que despontava do cobertor de flanela azul tinha um redemoinho de cabelo preto idêntico ao de Bebê Blue. Engoli em seco e os encarei, reprimindo a vontade de arrancar o bebê dela e sair correndo. Quando a mulher olhou para mim com os olhos arregalados e apreensivos de uma nova mãe, tive vontade de dizer a ela que segurasse aquele bebê muito bem.

Durante todo o percurso pela Highway 50, ao longo das curvas do rio Gunnison até Iola, não pensei nos pessegueiros nem nos riscos do transplante. Não conseguia tirar da cabeça os olhos daquela mulher. Pensei no bebê dela, no tipo de vida que teria, se a mãe faria jus à função e que tipo de mãe eu teria sido se tivesse dado uma chance a nós dois – a mim e ao meu filho.

Animais famintos me receberam no portão de Ruby-Alice. Eu a deixei dormindo na caminhonete enquanto os alimentava, primeiro os cinco cachorrinhos, depois as galinhas. Peguei um dos cachorros quando ele terminou de comer para aconchegar o corpo liso no meu peito e aninhar a cabeça preta na palma da mão. Logo me vi pondo cada cachorrinho na cabine da caminhonete. Ruby-Alice acordou quando todos se juntaram a seus pés e pularam no colo dela, então estendeu a mão trêmula para tocar cada um. Enxotei as galinhas para as gaiolas e as levei, junto com o saco de ração, para a carroceria. Tinha decidido: a velha mulher e sua bicharada iriam para casa comigo.

Encontrei um saco de aniagem na cozinha e entrei no quarto de Ruby-Alice para pegar algumas roupas. O quarto era pouco mobiliado, organizado e tão cor-de-rosa quanto o resto da casa. Peguei dois suéteres verdes e uma touca de meia de um gancho na parede e os guardei no saco. Eu me senti uma ladra ao abrir a gaveta da cômoda, à procura de algo que pudesse ser útil, talvez camisolas ou roupas íntimas. O que encontrei, em vez disso, foi uma estranha coleção de itens muito bem organizados numa única camada,

como num mostruário de museu: um espelho de mão de marfim, um bastidor de bordar, um relógio de bolso de prata, um cachimbo de mogno, um molinete de pesca, um lenço masculino dobrado com um bordado de passarinho marrom, uma boneca pequena com vestido de musselina e rosto de porcelana pintada e duas alianças de casamento amarradas com um barbante. Todos eram velhos e desgastados mas polidos, sem nenhuma poeira; vinham de uma época que me fez pensar neles como relíquias especiais, pertences, presumi, dos familiares que Ruby-Alice havia perdido de uma só vez para a gripe. Eu não conseguia ler a história que os objetos contavam – se as alianças eram dos pais ou dela, se a boneca pertencia a uma irmã, prima ou filha –, mas entendia que a história era sobre um amor e uma tristeza fortes demais para ela suportar.

Fechei a gaveta, sentindo-me culpada pela invasão. Peguei duas colchas cor-de-rosa da cama e acrescentei alguns bibelôs das prateleiras da sala ao saco, depois retornei à caminhonete. Ruby-Alice tinha voltado a adormecer, com um dos cachorros no colo. Nenhum deles se mexeu quando liguei o motor e os levei para casa.

Depois de se acomodar no antigo quarto de Og, com suas coisas ao redor e os cachorros enrodilhados na cama, Ruby-Alice pareceu contente com a mudança. Passava a maior parte das horas dormindo tranquilamente e aceitava comida quando eu a levava aos lábios dela. Era bom ter de novo galinhas no quintal e alguém de quem cuidar.

Greeney e vários estudantes de pós-graduação chegaram duas semanas depois, descarregando todo tipo de engenhocas científicas e começando logo a trabalhar. Passaram semanas recolhendo dados. Eu ficava fora do caminho quase sempre, a não ser para responder perguntas, oferecer pêssegos recém-enlatados e, à medida que os dias ficavam mais frios, distribuir jarras de café quente com uma caixa de sapatos cheia de canecas. Quando a neve de dezembro começou a cair, Greeney tinha um plano. Encontraríamos um terreno nas montanhas West Elk, no exuberante vale de North Fork, passaríamos o inverno preparando o novo solo para combinar com a argila rica da fazenda e, na primavera, cavaríamos as profundezas do pomar da minha família e levaríamos as árvores uma por uma. Não era mais impossível do que o sonho original do meu avô, como Greeney gostava de me lembrar, e ele conseguira uma bolsa da universidade para subsidiar os custos.

– Pêssegos milagrosos desde o começo – dizia, em um tom reconfortante.

Depois franzia a testa, como um cientista que na verdade não acreditava nem um pouco em milagres.



Acomodei-me para passar meu último inverno em Iola. A neve caía calma pela fazenda como farinha peneirada, silenciando toda a criação e incentivando o repouso. Acolhi a quietude e aproveitei os dias sossegados. A mudança estava chegando. Quando liguei para um corretor de imóveis para fazer uma oferta às cegas por uma propriedade que Greeney havia encontrado para mim perto da cidadezinha de Paonia, percebi que precisava reunir forças para a primavera.

A tarefa seguinte era decidir, peça por peça, que partes da antiga vida iriam comigo. Juntei os cestos de colheita do celeiro e os deixei no canto da sala ao lado de uma pilha de panos de prato brancos e limpos. Todas as noites, depois de alimentar Ruby-Alice e pôr os cachorros para dentro, eu me sentava no sofá dourado cercada pelas coisas da minha família e tentava fazer as malas para me mudar.

Com frequência, eu me lembrava do homem do governo que se sentara naquele mesmo sofá numa segunda visita, as pernas finas cruzadas e as mãos lisas dobradas com delicadeza sobre o joelho, e do modo descontraído como me informara que tudo que eu deixasse para trás seria leiloado, queimado ou afogado. Eu desviei o olhar daqueles olhos azuis ansiosos e voltei-o para a sala ao redor. Minha mãe permanecia em cada ponto preciso das almofadas de musselina e bordados emoldurados; sua coleção de crucifixos de porcelana se exibia na prateleira branca e alta; o vaso azul-claro, seu preferido, estava na mesa de canto, feita de carvalho, em cima da toalha de crochê branca. O papai estava no rádio lustroso de madeira que ele tinha levado para casa contra a vontade da mamãe; Cal, no tabuleiro de damas feito à mão; Vivian, na sua cadeira preferida. Balancei a cabeça e garanti ao homem que nada ficaria para trás.

– Por favor, assine aqui – disse ele, entregando-me mais um documento,

apontando para uma linha preta e vazia na base, abrindo um sorriso cético e dizendo: – Só por precaução.

Revirei os olhos diante do absurdo e assinei.

No entanto, com os cestos à minha espera, eu não conseguia embrulhar nada. Tentei. O sofá sem as almofadas da minha mãe e a mesinha sem o vaso azul pareciam todos errados, por isso coloquei-os de volta. O rádio não funcionava havia anos. O tabuleiro continha Cal e Seth; levar um dos meninos comigo significava levar o outro também. A cadeira de Vivian era terrivelmente desconfortável. *A escrivaninha da minha mãe, então*, pensei, mas, ao abrir o tampo com cuidado, descobri que ainda era toda dela, o conteúdo perfeitamente organizado e intocado.

Noite após noite, acendia o fogão a lenha e me sentava à janela da sala para ver a neve a cair. Dizia a mim mesma que era cedo demais para fazer as malas. Sem dúvida, chegada a primavera, eu encontraria uma forma de cuidar disso.

Dezessete

1955

A manhã de fevereiro raiou fresca e clara. Após o café da manhã, ajudei Ruby-Alice a se levantar e ir ao banheiro, depois a conduzi, segurando seu braço esquelético, até uma cadeira junto à janela. Qualquer expressão facial que ela um dia tivera se tornara ilegível, mas acho que gostava de olhar para a neve cintilante e para o céu azul vívido. Escovei seus cabelos finos. Ela ergueu a mão vacilante na minha direção, roçando a ponta dos dedos sedosos no meu pulso, reconhecendo que nossa estranha amizade era tudo que havia entre nós e a solidão.

Depois, eu a alimentei com aveia e mel e, em seguida, acomodei-a de novo na cama para uma soneca. Calcei minhas botas de neve e vesti o casaco de lã azul para uma passada rápida na cidade. Tinha apenas duas paradas: algumas compras no Chapman's e um novo cabo de machado no Jernigan's, depois voltaria para casa. Sem dúvida, não haveria nenhuma conversa amigável para me atrasar. Havia meses que ninguém me dirigia sequer um aceno tolerante. As pessoas já estavam bem zangadas com a venda da minha propriedade, mas, desde que se espalhara o boato de que eu tinha forçado Ruby-Alice a vender a dela também e ficado com todo o lucro, eu era uma verdadeira pária. Na realidade, nunca tinha falado com Ruby-Alice sobre a represa nem sobre as ofertas do governo, imaginando que a paz de espírito no dia em que morresse era a única riqueza de que precisaria.

Ao caminhar pela longa estrada da casa, senti o ar do inverno, em geral cortante como uma navalha, suavizado pelo sol e brando em meus pulmões. A neve brilhava como magia. Estorninhos tagarelavam e disparavam entre os álamos nus, um sinal claro de que a primavera se aproximava. Ao passar

pela propriedade de Ruby-Alice, lembrei-me do conforto daquela casinha entre os pinheiros, onde pela primeira vez senti o abraço de Wil e onde Ruby-Alice cuidou de mim depois que voltei de Big Blue. Senti uma pontada de melancolia por tudo que deixaria para trás, pela paisagem inocente que prosseguia como sempre fora, mas condenada a ser inundada. Porém, quando me aproximei da cidade, pensei que aquele lugar tinha também a crueldade da ignorância: era onde algumas pessoas acreditavam que uma velhinha solitária era um demônio e que um lindo rapaz de pele morena era um fora da lei e um bandido. Eu passara a ser o alvo daquela mesma ira mal informada, e nenhuma nostalgia me fazia querer ficar. Percorri a Main e subi os degraus do Chapman's sonhando com o dia em que iria embora.

Quando parei na entrada, desabotoando o casaco, o Sr. Chapman olhou para mim com fria indiferença por sobre a cabeça dos clientes sentados ao balcão de frios. Não me importei. Mesmo quando os dois clientes giraram nos banquinhos e fiquei cara a cara com Millie e Matthew Dunlap, eu me senti encorajada e imune a qualquer coisa que pudessem dizer.

Suprimi a vontade de revirar os olhos quando Millie cantarolou meu nome com doçura:

– Ora essa, Torrrrie Naaaash.

Os Dunlaps haviam mandado alguns trabalhadores da pensão para mim naquele outono, como felizmente faziam a cada colheita desde a morte do papai. Mas, depois que se espalhou a notícia da venda, pararam de pedir entregas e de frequentar a banca de pêssegos.

– Senhora – respondi e cumprimentei Matthew com um aceno antes que ele me desse as costas bruscamente.

– Ah, não me chama de *senhora*. É Millie, meu bem, só Millie. – Ela se levantou do banco e avançou até mim como uma árvore desabando depressa demais para eu fugir. – Há *quanto tempo*, hein? – Agarrou meus ombros, quase num abraço. – Olha só pra você. Quem diria.

Seu rosto redondo ficara enrugado e pálido como um repolho, mas a curva em meia-lua dos olhos castanhos ainda sugeria que ela era bem menos inofensiva do que parecia. Eu aprendera muito tempo antes a não confiar naqueles olhos nem em seu tom amigável e cantarolante. Quase sete anos haviam se passado desde aquela manhã terrível na cozinha da pensão e a repugnância súbita dela quanto à minha pergunta sobre o rapaz que ela chamou de "bugre imundo", mas para mim era como se tivesse acontecido

no dia anterior. Seu sorriso ávido na porta do Chapman's me lembrou por que, a não ser pelos assuntos básicos, eu mantinha distância dela havia tanto tempo.

Ela perguntou se eu tinha conseguido colher tudo, sem dúvida esperando um agradecimento pelos trabalhadores que enviara, e de fato agradeci. Depois tagarelou sobre o tempo e outras bobagens enquanto minha mente procurava uma forma de fugir.

Antes que eu pudesse escapar, exibiu um sorriso com dentes demais e disse:

– E, minha nossa, como você deve estar feliz em ver seu irmão de novo!

Olhei para ela tão aturdida quanto se tivesse levado um tapa.

– O quê? – perguntei.

Tinha ouvido muito bem as palavras, mas voaram diretamente dos meus ouvidos para o intestino, ignorando a mente.

– Por ver o Seth de novo. Que bom pra vocês dois. – E deu um tapinha no meu braço como uma gata brincalhona.

Fazia anos que não ouvia o nome do meu irmão. Presumi que Seth tivesse sido apagado da memória comum – assim como nós, em Iola, para nos precaver contra a vergonha ou a má sorte, nunca falávamos de um ano em que a colheita fracassara nem de um acidente infeliz com uma colheitadeira.

– Eu e o Matty ficamos muito surpresos ao saber que o Seth não sabia *nadinha* sobre você aceitar o dinheiro daqueles homens do governo, já que metade do pagamento seria dele. – Os olhos de meia-lua se semicerraram ainda mais.

– Seth... – sussurrei, sentindo o nome queimar minha garganta – ... está na Califórnia.

– Ai, nossa, não. – Ela bateu de novo no meu braço, como se estivesse boquiaberta com a minha tolice. – Ele passou um tempo lá perto de Fresno, como disse pro Matty, mas já está em Montrose faz quase um ano. No oeste da cidade. Trabalhando na colheita de milho doce. Vimos ele lá no leilão umas vezes e também uns dias atrás, depois do cinema. Se bem que ele não é de falar muito. Você conhece o Seth.

Ela deixou esse comentário pairar, observando o efeito que surtia.

É, eu conheço o Seth, queria cuspir em resposta na cara dela.

– Não sei o que deixou o pobrezinho mais agoniado quando

conversamos – continuou Millie, com a falsa doçura já azedando. – Ouvir que você vendeu a fazenda ou que pegou aquela velha doida da Akers e obrigou ela a vender também. – Fez uma pausa maldosa e depois deu de ombros. – Mas ele disse que iria te visitar, então imagino que vocês já devem ter resolvido tudo.

Seth. Em Iola. Saí do mercado e corri para casa antes mesmo que Millie Dunlap, tendo causado o dano desejado, pudesse saltitar presunçosa de volta ao banquinho.

Entrei pela porta da cozinha ofegante e esbaforida. Sem parar para recuperar o fôlego nem tirar as botas, corri para o quarto de Ruby-Alice e abri a porta. Não sei ao certo o que esperava encontrar – Seth assomando-se sobre ela, de arma na mão, ou pior, o resultado sangrento de sua invasão –, mas a encontrei exatamente como a havia deixado, num sono profundo, a respiração superficial e devagar. Dois dos cachorrinhos encolhidos ao lado dela me lançaram um olhar preguiçoso e depois voltaram a dormir.

Minhas mãos tremiam enquanto eu enchia um copo d'água na torneira da cozinha. Engoli o copo todo, depois o enchi de novo e bebi mais. O carro de Seth ainda assombrava a janela à minha frente. Eu nunca pararia de imaginá-lo passando e rugindo do outro lado da vidraça na noite em que Wil havia morrido. Esperava ver Seth lá naquela hora, recriando a saudação sinistra. Mas ele não estava lá. Também não estava na sala, nem no andar de cima, nem no celeiro, nem escondido no chiqueiro caindo aos pedaços onde antes cuidava dos porcos. A neve lisa não revelou pegadas indo nem vindo do pomar.

Passei o dia inteiro procurando por ele em todos os lugares possíveis e impossíveis. Quando não estava procurando, apurava os ouvidos, todo o meu ser em alerta como um cão ameaçado. Fechei todas as cortinas, tranquei todas as janelas e portas. Naquela noite, não dormi.

Deitada na cama na noite sem luar, espiava a maçaneta da porta tal como havia feito tantas noites quando criança. A repugnância tomou conta de mim, por Seth, sim, mas também por mim mesma. Passara tempo demais na vida com medo do meu irmão, com medo de coisas que não sabia nomear.

Eu me lembrei, então, daquelas primeiras noites intermináveis na cabana da montanha, com a certeza de que algo perverso espreitava lá fora e a coragem que dia após dia crescia dentro de mim para enfrentar o que viesse.

Eu me lembrei do terror e da alegria de dar à luz, de criar uma vida e trazê-la ao mundo, da coragem de deixar meu bebê para salvá-lo. De voltar para casa e encarar o papai, de amá-lo e de seguir em frente com muita competência depois que ele se foi. De arrancar com raiva aquelas colchas que uma vez confundi com o rosto de Seth na varanda e de jurar, naquela noite, que nunca mais o deixaria me assombrar.

Joguei as cobertas de lado e me levantei. Se Seth viesse, eu estaria mais do que preparada.



O dia seguinte amanheceu cinza e solene. A alvorada incolor me encontrou tomando café na cozinha escura com o rifle do papai ao meu lado. Não tocara na arma depois da morte dele, nem por muitos anos antes, desde que ele me levara para atirar uma dezena de vezes quando eu tinha 13 anos, enfileirando garrafas de Coca-Cola na cerca dos fundos. No começo, meus tiros eram relutantes e imprecisos. Mas o papai era tão insistente quanto eu era obediente, então continuamos tentando. Por fim, derrubei as seis garrafas em sequência e perguntei se podia parar. Detestava o peso da arma nos meus braços, o estrondo ensurdecedor, o coice contra meu ombro pequeno, o cheiro acre. Detestava, inclusive, atingir o alvo, todo aquele vidro a voar, imitando a forma como o projétil destruía uma vida.

Naquele momento, a arma estava encostada à minha cadeira na cozinha, mas eu não tinha intenção de usá-la. Se Seth viesse mesmo, queria estar com a arma nas mãos. Precisava que ele visse logo de cara que eu não era mais a garota de quem se lembrava.

Fui alimentar as galinhas e os cachorros, carregar lenha e cozinhar o mingau de aveia matutino de Ruby-Alice, determinada a ser destemida, sem jamais deixar a arma longe de mim. A vontade de partir da fazenda crescia a cada momento e finalmente comecei a fazer as malas, dedicando minha energia nervosa a encher quatro cestos de colheita até a boca antes do meio-dia e voltando à tarefa depois do almoço. De repente, já não era sem tempo de fazer logo a mudança.

Levei uma escada de colheita do celeiro até a sala de estar para alcançar a

coleção de cruzes de porcelana que a mamãe mantinha na prateleira branca. A escada velha rangeu e oscilou debaixo de mim, mas permaneci num degrau alto, admirando a coleção e me lembrando das manhãs de Natal em que minha mãe desembrulhava a nova cruz que papai havia comprado para ela e de como sempre reagia com surpresa e satisfação. Cada uma era mais ou menos do tamanho da minha mão, de um branco reluzente, ornamentada com desenhos azuis de flores, fitas ou pássaros voando. O papai encomendava as peças especialmente de um catálogo da Sears no Jernigan's a cada dezembro, sem falta, e senti a ternura dessa tradição ao polir e embrulhar cada uma.

Sabia que entre elas havia uma cruz quebrada, por isso a procurei para levantá-la com ainda mais cuidado. Ao esfregar a ponta do dedo nas emendas ásperas onde papai havia colado os pedaços, revivi aquela manhã terrível de Natal em que Seth, furioso com alguma provocação ou afronta imaginada, pegou o objeto mais próximo para jogar em Cal. O presente da minha mãe colidiu contra a parede da sala e se partiu em pedaços. O silêncio arrasou o recinto enquanto esperávamos a reação dela, que se limitou a tensionar o maxilar e olhar para as mãos entrelaçadas. Em geral, as birras de Seth a enfureciam, mas dessa vez percebi que ela ficou simplesmente triste. O papai expulsou nós três da sala e passei o resto da manhã de Natal chorando na baia de Abel.

Segurando a peça colada, ainda sentindo a melancolia daquele dia de muito tempo antes, notei uma cruz de madeira artesanal deitada de lado na prateleira, atrás das outras. Era feita de dois gravetos de salgueiro unidos no meio por uma fita vermelha de presente. Havia muito esquecida, eu a reconheci na hora. Seth a tinha feito para minha mãe. Colocara a cruz numa caixinha, fechando-a com um laço torto e oferecendo-a timidamente assim que nos deixaram voltar para dentro na hora de comer o pernil caramelizado da ceia de Natal. Minha mãe a aceitara com educação, mas também melancolia, deixando-a de lado e prosseguindo com a ceia. Seth não levantou os olhos para ela nem para nenhum de nós antes de começarmos a passar os pratos. Apesar da fartura de guloseimas que minha mãe e Viv preparavam exclusivamente para aquela data, ele mal comeu.

Desci da escada com a cruz de porcelana quebrada numa das mãos e a cruz feita de gravetos na outra. A dupla continha verdades sobre meu irmão, sobre sua impulsividade e sua raiva, mas também sobre uma parte dele que

entendia o que era certo e como fazê-lo, uma parte que queria mais amor do que sabia pedir. Sua ferocidade e os sofrimentos resultantes ocupavam tanto minhas recordações que mal me lembrava do garoto que era capaz de construir uma cruz de salgueiro com todo o cuidado como um pedido de perdão. Minha mãe havia guardado as duas cruzes. Senti que isso deveria significar alguma coisa para mim. Segurei ambas na palma das mãos e olhei para elas por um bom tempo antes de levá-las para a cozinha e largá-las na lata de lixo.



Alguns dias depois, estava enxugando e guardando a louça do almoço quando ouvi passos pesados na varanda da frente, seguidos por três batidas decididas na porta. Era ele, eu sabia. Meus nervos estremeceram, fazendo-me correr pela cozinha sem direção. Entre as muitas versões que eu imaginara da chegada de Seth à fazenda, um educado bater à porta da frente sem dúvida não era uma delas.

Respirei fundo e agarrei a arma do papai. Atravessando o corredor e a sala, pensei em todos os modos como Seth ainda poderia forçar a entrada. É claro que eu havia tirado a chave do prego na varanda onde passara décadas pendurada, mas talvez ele tivesse uma chave própria, quebrasse uma janela para entrar ou arrombasse a porta com o ombro. Porém, enquanto me aproximava, ele se limitou a bater de novo, mais alto, fazendo os cachorros trancados no quarto de Ruby-Alice irromperem num ataque de latidos.

Reuni coragem para espiar pela janela da sala e ali, olhando para mim, quase de rosto colado, estava meu irmão. Dei um pulo para trás, sentindo o coração se inquietar no peito.

– Abre logo essa porta, Torie – exigiu Seth pela janela.

O rápido vislumbre que tive dele informou apenas que estava mais magro e usava uma barba escura e desgrenhada que o fazia parecer mais adulto do que eu esperava.

– Anda – insistiu, com a voz grave e persuasiva. – Eu não vou machucar você.

Parei para desembaraçar minhas emoções e percebi que não temia por

mim. Qualquer mal que Seth trouxesse consigo, se fosse contra mim, eu poderia enfrentá-lo. Se fosse contra Ruby-Alice, já não tinha tanta certeza. Quando os cachorros se calaram, aproximei-me da janela outra vez e, pelo vidro, mandei que ele se sentasse na cadeira da varanda. Ele riu da minha exigência, mas obedeceu.

Vesti um suéter. Em seguida, agarrei a arma com força e saí depressa, travando a maçaneta e batendo a porta atrás de mim, olhando-o enquanto corria para o outro lado da varanda.

Seth deu uma gargalhada rouca e disse:

– Achei que você detestasse esse rifle velho.

– Detesto, sim – respondi, contente por aquela ter sido a primeira coisa que ele notou e esperando que a arma declarasse tudo que eu queria dizer sobre mim.

Houve um silêncio prolongado enquanto observávamos um ao outro. De uma forma estranha, aquele era Seth, mas também não era. O cheiro era o mesmo, de cigarro e uísque, mas o garoto atarracado de 16 anos e cabelo loiro-escuro que havia fugido de Iola se convertera num homem de 22, de barba e cabelos castanhos, o rosto esculpido em novos ângulos e curvas. Tinha vincos fundos entre as sobrancelhas grossas e uma longa cicatriz branca lhe cortava a pele de uma das bochechas. Os olhos acinzentados eram familiares, ainda nervosos e rápidos, mas de alguma forma mais brandos, menos zangados do que os do garoto que eu conhecera. Debaixo da jaqueta de lona marrom, tinha ombros largos, mas corpo magro. As mãos encardidas estavam grossas e nodosas como as do papai e tremiam um pouco enquanto ele as esfregava sem parar nas coxas sujas da calça de brim. Algo em sua postura dizia que havia passado por muitas dificuldades nos últimos seis anos – eu tinha certeza de que ele mesmo provocara todas elas.

Não conseguia adivinhar o que ele estava pensando sobre as mudanças que via em mim, mas, além do meu novo conforto em dar ordens e empunhar uma arma, não me importava muito.

– Topei com os Dunlaps em Montrose e... – começou a dizer.

– Eu sei. Millie me contou tudo.

– Contou? Achei que vocês não tinham mais nenhuma amizade.

Dei de ombros.

– Ela disse que você viria aqui. Pra pegar o dinheiro – afirmei.

– Então não te peguei de surpresa. – Ele deu uma risada nervosa.

– A única surpresa foi você ter demorado tanto pra vir.

Eu pretendia ofendê-lo por sua ganância, mas ele reagiu como se estivéssemos tendo uma conversa normal.

– É, acho que não consegui decidir o que fazer. Sempre falei pra mim mesmo que nunca mais voltaria aqui.

Pensei em como ele estava disposto a quebrar essa promessa por dinheiro, mas não para ir ao enterro do papai. Ele sabia que era isso que eu estava pensando e deu de ombros diante do meu julgamento silencioso.

– Quem sabe não foi só pelo dinheiro que eu voltei... – disse ele por fim.

– Pelo quê, por exemplo?

– É que eu precisava te dizer umas coisas.

Ele me olhou estreitando os olhos, lembrando muito o garoto que havia oferecido à mamãe aquela cruz feita à mão depois de arruinar o Natal.

Pensei em como eu e meu irmão carregávamos nossos fardos de um jeito diferente. Não tínhamos idade suficiente para saber como encarar a perda quando ela se abateu sobre a gente mesmo assim. Tínhamos seguido em frente – sem a mamãe, sem Cal e sem a tia Viv, com apenas um pai abatido e um tio malicioso e acabado no lugar deles –, sendo apenas versões mais solenes de quem sempre fomos: eu, a menina obediente; Seth, o menino raivoso. Nenhum de nós conhecia outro jeito. Mas amar Wil havia me libertado da armadura da timidez e Bebê Blue tinha me mostrado a minha força. Duvidava que Seth tivesse tido a mesma sorte. Eu me preparei para o que ele diria.

– Andei querendo te contar – disse, engolindo em seco com força – que não fui eu que matei aquele garoto bugre.

Tentei respirar com calma. Queria dizer a ele que Wil não era "garoto" nem "bugre", mas um homem que tinha nome e uma delicadeza além da compreensão dele. Mas não fazia sentido. Em vez disso, retruquei:

– Ora, é lógico que você diria isso, né? Vindo aqui, na esperança de tirar dinheiro de mim, você é capaz de dizer qualquer coisa.

– Não, Torie, é sério. – Seth balançou a cabeça com vigor. – Foi aquele sujeito, o Forrest Davis. Foi ele... que amarrou... que fez aquilo com o garoto. Eu estava lá quando não devia, mas não fui eu.

Não consegui dar outra resposta a não ser agarrar a arma visivelmente com mais força. Para mim, a violência era algo tão alienígena quanto Marte, mas naquele momento compreendi a vingança, a explosão, a tentativa

desesperada de obliterar a dor ao infligir ao outro o máximo sofrimento possível. Eu me lembrei daquela noite pavorosa em que Seth tinha voltado para casa, bêbado e triunfante, sem dúvida com sangue nas mãos, quando tudo que pude fazer foi rastejar para longe.

– Se você estava lá – falei quando enfim reencontrei minha voz –, por que não impediu?

Eu tremia agora, percebendo que sempre havia desconfiado de que o assassino fosse Forrest Davis, mas consciente também de que Seth tinha sido fraco demais, equivocado demais e preconceituoso demais para fazer alguma coisa além de assistir enquanto Wil morria.

– Por quê? – repeti, querendo gritar, mas mantendo-me firme e segurando as lágrimas. – Por que você não ajudou ele?

Seth passou um tempo fitando as tábuas gastas, depois disse:

– Naquela época eu era um idiota. Um idiota raivoso e burro.

O raspar das mãos ásperas nas coxas da calça tornou-se o único som entre nós. Ele então pôs a mão no bolso da jaqueta, tirou um maço de Lucky Strike, jogou um na palma da mão, levou aos lábios e acendeu. O tabaco crepitava no silêncio a cada longa tragada.

Nuvens se alastraram como uma ninhada de cobras cinzentas tomando posse do céu antes ensolarado e lançando sombras longas pela neve. O ar azedado pela fumaça esfriou.

– Tem uma coisa que eu não era burro demais pra entender – disse ele, gesticulando na minha direção com o cigarro aceso. – Eu sei por que você fugiu.

Fiquei em silêncio e esperei que ele dissesse que sabia do bebê, que o papai, Og, Lyle e a cidade inteira sabiam.

– Você ficou com medo da gente ir atrás de você também – afirmou com tristeza, dando mais uma tragada profunda e jogando as cinzas na varanda. – Mas eu nunca ia te machucar, Torie. Eu e você... A gente... – Ele parou, voltando a olhar para o chão. – Eu não gostei nem um pouco quando fui atrás de você e te vi beijando aquele bugre. Isso eu admito. Nem um pouco. Mas a culpa não foi sua. Você não sabia nada da laia dele, dos feitiços, das malandragens e tudo mais.

Aquele bugre, pensei com repulsa. *Da laia dele. Feitiços e malandragens.*

Eu me lembrei de Cal explicando a fúria de Seth quando o impedimos de

entrar na casa na árvore. *É que ele fica com ciúme, com inveja*, dissera Cal. *De nós dois*.

– Quando o Lyle começou a fungar no nosso cangote e o Davis achou melhor sair da cidade, eu procurei você – contou Seth. – Peguei o carro e fui pra todo lado. Queria te falar que, com o sumiço do Davis, com o sumiço daquele bugre, você podia voltar pra casa sem perigo. Diz que acredita em mim.

Eu não acreditava. Ou talvez sim. Nada daquilo importava mais.

– O que você quer, Seth? – perguntei, impassível, precisando dar aquela conversa por terminada. – Por que veio aqui?

– Não sei. – Ele jogou o cigarro nas tábuas do piso e o esmagou com a bota. – Pra pegar aquele dinheiro. Mas agora que eu tô aqui... – Parou, pensando, e apontou para a porta. – Aquela doida da Akers tá aí?

– Não. Ela morreu. Há muito tempo.

Ele riu de escárnio.

– Não foi isso que me falaram.

Dei de ombros e repeti:

– O que você quer, Seth?

– Bom, tô começando a pensar. Quem vai morar aqui depois que você for embora? Quem vai trabalhar na terra?

Os peixes, eu queria dizer. *As plantas aquáticas e o lodo.*

– Dizem que o reservatório não vai dar certo – comentou. – Dizem que não existe jeito de construir a tal da represa. Que é besteira vender as terras.

Quanto a isso ele poderia estar certo ou errado, mas não me importava. Eu tinha um plano e uma saída.

Ele continuou:

– Se você não quer esse lugar, de repente eu quero. Tô cansado de andar por aí sem ter onde morar. E ninguém mais sabe cuidar desse pomar melhor que eu.

– Tudo bem – respondi, agarrando o que esperava ser uma oportunidade. – Entrega o Davis pro Lyle, conta o que viu naquela noite, e a fazenda é sua.

– Aí tem dois problemas. Primeiro, ninguém vai ligar o suficiente pra um bugre morto anos atrás e convocar um júri.

Ele parou para sondar meus olhos, que lhe disseram, com tristeza, que eu sabia que isso era verdade.

– Segundo, não iria adiantar nada. Davis morreu numa briga quando a gente estava lá em Fresno. – Ele apontou para o risco branco na bochecha. – Quase que o desgraçado me levou junto. – Parou mais uma vez e depois acrescentou: – Essa é a única justiça que vai ter.

Meus olhos ardiam. Precisava que ele fosse embora.

– Vou embora daqui no verão – avisei. – É só ficar longe de mim, que não dou a mínima pro que você vai fazer. Se chegar perto de mim, eu jogo gasolina em cada canto deste lugar e queimo tudo até a última folha.

Ele soltou uma risada debochada.

– Mas o pomar, não.

– Vou começar pelo pomar – menti, olhando-o com arrogância.

Seus olhos aflitos me mostraram que havia pelo menos uma coisa neste mundo brutal que realmente importava para seu coração bruto: os pêssegos.

– Não duvida de mim, Seth – disse, me aproximando. – Fica longe daqui até eu ir embora. Depois pode ficar com essa terra, se ela te quiser. E se o Lyle te descobrir por aqui ou se os homens do governo vierem pedir a propriedade, não quero nem saber. Você vai ser invasor e vai pagar o pato sozinho.

Seth parecia perplexo com a minha concordância. Mas eu não havia cedido a ele nada que já não tivesse prometido à inundação. O que acontecesse à fazenda depois que as árvores estivessem a salvo e eu começasse minha vida nova não significava nada para mim. E Seth, eu disse a mim mesma, também não significava nada. Se ele voltasse mesmo, o pomar teria desaparecido e a fazenda estaria vazia, mas os fantasmas dos seus arrependimentos permaneceriam ali. Minha vingança, e a única justiça que conseguiria, estaria no tormento dele e no dia em que o rio Gunnison subiria para apagar tudo.

Levantei a arma, apontando-a diretamente para o peito dele.

– Agora dá o fora da minha varanda.

Seth se levantou e olhou para mim com um rosto tão acabado e atormentado que parecia ter 80 anos em vez de 22. Tão triste que, apenas por um instante, voltei a ser a garotinha que amava o irmão e queria desembaraçar esse amor do medo e da confusão, salvar o irmão de si mesmo e ser boa para equilibrar todo o mal que havia nele, todo o mal que havia no mundo. Queria dizer a ele que dentro de mim havia mais do que eu imaginava e que, talvez, houvesse mais dentro dele também.

Ainda assim, segurei o rifle com firmeza enquanto Seth descia os degraus da varanda devagar, tomava a estrada longa e sumia além dos álamos. Não baixei o cano nem sequer respirei até ouvir um motor distante rugir, ganhando vida, e um carro se afastar.



Quase como se Seth tivesse levado o inverno com ele, a neve começou a derreter depressa no dia seguinte. Nas duas semanas que vieram, a terra ressurgiu em manchas graduais e dispersas e, depois, de uma só vez, à medida que a neve cedia à lama e a lama cedia ao verde. Enquanto Greeney e seus alunos terminavam a preparação do solo na nova terra nas montanhas Elk, eu podava o pomar sem folhas, galho por galho, a não ser pelas árvores velhas que precisaria deixar para trás.

Em voz alta, garanti a mim mesma que o transplante funcionaria, que, quando maio chegasse, eu e minhas árvores floresceríamos juntas em Paonia. Ao mesmo tempo, meu estômago se embrulhava com a possibilidade de fracasso. Sentada no chão lamacento com as costas apoiadas no tronco largo e retorcido da velha árvore que mais me faria falta, juntei as mãos numa prece. Enquanto minhas palavras subiam para o céu, percebi que não falava com Deus, mas com o papai, a pessoa que conhecia e amava o pomar mais do que todas as outras. Pedi sua bênção e seu auxílio, pêssegos milagrosos e tempo bom, e roguei seu perdão caso tudo desse completamente errado, e a compreensão de que pelo menos eu havia tentado.

No dia 1º de março, fiquei ao lado de Greeney e de quatro alunos com mantas de aniagem à mão. Nervosa, vi dois dos jovens cavarem com cuidado em volta do primeiro pessegueiro, afrouxando o solo até as raízes começarem a se soltar. Enquanto levantavam a árvore da terra, eu me ajoelhei e Greeney fez o mesmo, admirando as raízes grossas e emaranhadas, juntando o máximo de terra possível a elas. Os outros dois alunos correram para embrulhar a grande raiz na manta de aniagem. Juntos, pusemos o pacote num carrinho de mão e transportamos a árvore para a carroceria aberta de um caminhão. Só voltei a respirar direito depois que

Greeney ergueu o polegar e abriu um sorriso esperançoso para mim. Sorri também, mas, por dentro, parecia que eu iria vomitar.

Dia após dia, continuamos, uma árvore de cada vez, até uma carroceria cheia ser levada e aparecer outra para ficar em seu lugar. Os buracos gigantes que iam ficando no pomar eram como feridas abertas. Receei que a terra sentisse a dor da extração, um sofrimento silencioso e sem sangue de solo rasgado, rocha e raízes deslocadas, tal como sentiria o último suspiro quando as águas da inundação chegassem. Entretanto, se aquelas montanhas me ensinaram alguma coisa, é que a terra persiste, expulsando a loucura humana quando é preciso, recuperando-se quando é capaz e seguindo em frente. Ainda assim, no crepúsculo azul e fresco, às vezes eu me sentava no pomar saqueado e pedia perdão pelo que tinha feito.

Ruby-Alice passava a maior parte do tempo dormindo e parecia não se preocupar com os planos e as mudanças, mas, quando completamos o primeiro carregamento, ela começou a virar a cabeça, rejeitando comida e bebida. Iola era seu lar e eu podia apenas imaginar que estava se recusando a ser retirada de lá como as árvores. Passaram-se dias sem alimento nem movimento. Quando senti que a hora dela estava chegando, carreguei seu corpo diminuto até a caminhonete do papai, coloquei os cachorrinhos na cabine e a levei de volta à sua casa entre os pinheiros. Poucas horas depois que a acomodei no sofá onde gostava de dormir e a cobri com uma colcha, sua respiração se tornou curta e superficial, com longos intervalos entre as inspirações. Ela faleceu na paz mais perfeita que alguém poderia desejar, com as mãos azuladas cruzadas em cima do peito, quatro cachorrinhos dormindo ao seu lado e um aninhado no ombro. Beijei sua testa e fiquei feliz por sua vida – tão estranha e singular, tão curiosamente entrelaçada à minha – e feliz por sua morte, a única que já considerei correta.

– Sigo como um rio – sussurrei para ela, como Wil poderia ter feito, e juro que senti o espírito dela se elevar.



O enterro de Ruby-Alice no cemitério de Iola seria como a nossa vida tinha sido nos últimos tempos: apenas nós duas e Big Blue nos observando lá de

cima. Pareceu apropriado deitá-la nas profundezas daquele solo, onde margaridas brancas floresciam durante todo o verão e sua família perdida, assim como a minha e gerações de conterrâneos, descansava sob lápides humildes. Se o reservatório fosse construído, aqueles restos mortais se afogariam junto com a terra, ou, como o homem do governo havia prometido, seriam realocados no alto de uma montanha acima de tudo, um monumento a tudo que havia existido ali. Guardei numa caixa os itens antigos que descobrira arrumados com todo o cuidado na gaveta da cômoda de Ruby-Alice e a entreguei ao reverendo Whitt para colocá-la no caixão antes que o selassem. Ele perguntou se poderia dizer algumas palavras na manhã do enterro e eu concordei.

O canto dos pardais e o sol dourado e perfeito me acompanharam na caminhada até o cemitério. Eu baixaria a cabeça junto ao túmulo enquanto o velho homem rezaria, depois me despediria. Uma vida nova se desenrolava diante de mim. Nunca deixei de questionar as escolhas do meu passado, mas, no mundo conhecido, cada passo sem dúvida gera o seguinte, e temos que caminhar nesse espaço aberto sem mapa nem convite. Wil, o rio Gunnison e as camadas de vida e morte nas florestas de Big Blue continuavam a me ensinar isso. Certo ou errado, o próximo passo estava diante de mim, e fiz o melhor que pude para confiar nele. Aquele enterro desataria meu último laço com Iola e em breve eu partiria.

Ao me aproximar do cemitério bem-cuidado, no começo meus olhos não acreditaram na visão da multidão reunida. Mas era verdade: duas dezenas de moradores entravam pelo portão branco de ferro forjado, vestidos de preto, alguns segurando ramos de artemísia amarrados com fitas em vez das flores que ainda não haviam desabrochado. A tradição reinou sobre todo o resto enquanto ocupei meu lugar entre eles. O pastor recitou salmos. Os picos brancos cintilavam. Todos demos as mãos e cantamos juntos, como sempre fizemos, a canção fúnebre da nossa comunidade, "In the Sweet By-and-By".

À minha volta, olhei para os rostos solenes e cansados, para a família Mitchell e os irmãos Whitt, para o Dr. e a Sra. Bernette, o Sr. Jernigan, alguns antigos colegas de classe que mal reconhecia, os fazendeiros para os quais papai trabalhara e as outras pessoas da cidade e das cercanias. Não havia uma maçã podre entre elas. Eram o povo decente e trabalhador em meio ao qual eu havia passado toda a minha vida, que ia a enterros e

protegia muito bem os seus, ainda que às cegas. Eu não podia imaginar aonde iriam, quem seriam e o que defenderiam depois que a inundação mudasse tudo, como juntariam os pedaços da vida e do coração para seguir em frente.

Agradeci a presença de cada um que saiu pelo portão. Muitos apertaram minha mão, deixando o passado para trás, pelo menos por enquanto. Tentei imaginar quem entre eles teria comparecido ao enterro de Wil se tivessem tido a oportunidade. Não todos, concluí, mas, sim, sem dúvida, a maioria. Isso fez escorrerem pelo meu rosto lágrimas copiosas por tudo que eu havia perdido e por tudo que não havia compreendido.

O reverendo Whitt e seus filhos concluíram o enterro, puseram os equipamentos numa caminhonete preta e partiram. Fiquei por um tempo diante do monte fresco de terra entre as oito lápides pequenas no terreno da família Akers, sentindo certo alívio por Ruby-Alice finalmente se reunir a eles.

Minha família estava enterrada no gramado acima. Passeei pela nossa área e toquei nas lápides de madeira arqueadas, dizendo os nomes em voz alta. Quando as pessoas se reuniram lá para dar as mãos e cantar para cada um deles, eu presumira que, no dia da minha morte, meu enterro seria exatamente igual. Como era estranho, pensei ao me despedir e descer a colina, não conseguir imaginar como seria a minha vida a partir de então – e muito menos a minha morte.

Em meados do mês, eu e Greeney já tínhamos supervisionado a remoção e o transporte de cada precioso pessegueiro. Com aquelas últimas árvores, também deixei Iola.

As galinhas engaioladas esperavam no sofá ao lado dos cestos repletos de objetos domésticos, caixas de pêssegos enlatados, as ferramentas de plantio do papai e tudo mais que os ajudantes universitários conseguissem encaixar na carroceria da caminhonete. Em seguida, Greeney e os alunos entraram nos próprios veículos para ir na minha frente até o novo pomar. Voltei à porta lateral para atravessar a casa uma última vez, mas me detive. Já tinha

percorrido os cômodos silenciosos, fazendo as pazes com as lembranças e os objetos que deixaria para trás. Assim, coloquei o último cesto no banco do carona. Havia amarrado uma fita azul para marcar o conteúdo dele como especial: as cruzes de porcelana, os bordados emoldurados e a Bíblia da mamãe, as camisas de flanela do papai, duas colchas de Ruby-Alice e os bibelôs dela de que eu mais gostava. Juntei os cachorrinhos da casa e do quintal e os acomodei no banco de trás. Então fechei a porta da cozinha com um tranco.

Comecei a percorrer a longa entrada da casa, tentando não olhar para trás, mas não consegui. Estacionei a caminhonete e saí para lançar um longo e derradeiro olhar ao lugar que me criou. Depois voltei ao carro e segui em frente. Deixaria o passado para trás e tentaria reconstruir minha vida, na esperança não de milagres, mas apenas de encontrar forças no novo chão. Imaginei que, se minhas árvores conseguissem sobreviver, arrancadas do solo e contra todas as expectativas, então, que o azar fosse para o inferno: eu também conseguiria.

PARTE III



1955–1970

Dezoito

1955

Andando de carro pela Grand Avenue pela primeira vez, achei Paonia chique demais para mim.

Por cima do volante olhei as calçadas e os meios-fios de verdade, o colorido Paradise Theatre com o cartaz emoldurado de um filme e um prédio alto com o nome HAYS VARIETY pintado em letras vermelhas sobre os tijolos amarelos. O café tinha toldo verde, portas de vidro transparente e um quadro-negro avisando que o especial do dia era waffle com truta. Algumas pessoas me olharam enquanto eu passava, curiosas, e mal consegui suportar o constrangimento da minha intromissão, o motor da caminhonete interrompendo com seus resmungos aquela tarde sossegada de primavera.

No entanto, depois que saí da Grand Avenue para a Second Street e atravessei os trilhos da ferrovia em direção ao riacho Minnesota, pomares, pastagens e campos abertos se desenrolaram diante de mim. Um pinheiral distante subia até uma cordilheira ondulada ligando dois picos cobertos de neve: um pontiagudo e proibitivo, o outro suave e liso como as costas de uma baleia. Peguei no painel o bilhete rabiscado de Greeney e segui as instruções restantes: à esquerda num celeiro vermelho, à direita numa ponte em cima de uma vala de drenagem, entrando numa estrada de terra sem nome, depois à esquerda de novo.

Minha nova fazenda me deu então as boas-vindas, promissora e estranha, como um parente distante que eu ainda não conhecia. A casa azul-celeste precisava de pintura e de um novo telhado de metal, mas era

quadrada e graciosa, com uma ampla varanda na frente e uma fileira de janelas com caixilhos brancos no segundo andar. O quintal de grama era pequeno, amarelado por dentes-de-leão e sombreado por álamos com folhagem nova. Lilases em flor e outros arbustos que eu ainda não sabia identificar contornavam uma cerca de ferro forjado enferrujada.

Segui a estrada de cascalho da propriedade até um longo quintal lateral, passando por um pátio com piso de tijolinho, ladeado por uma horta elevada e canteiros de flores com ervas daninhas, e enfim cheguei a uma velha garagem, cuja porta larga escancarada mostrava o interior vazio. Parei por um momento, sentindo-me uma invasora, mas a estrada continuava, portanto também continuei – passando por dois salgueiros-chorões e um galpão envergado margeado pelos ramos dormentes de algumas framboesas e indo além de um grande celeiro acinzentado pelos anos, mas ainda reto e firme.

Meu coração pulou quando vi o pomar.

Lá estavam as árvores. As *minhas* árvores. Algumas ainda aguardavam o plantio, inclinadas em ângulos esquisitos nas mantas de aniagem ao lado dos buracos que as esperavam, mas a maioria se empertigava em fileiras longas e retas, cada tronco escorado e adubado, cada galho nu estendido em direção a um novo pedaço do céu. Seria tolice dizer que as árvores me deram as boas-vindas, mas eu aceitaria de bom grado qualquer garantia de que a mudança não as prejudicara e de que eu não cometera um grave erro. Em vez disso, só pude extrair delas e do solo substituto que uma nova jornada estava começando. Não tinha ideia do que aconteceria a seguir. Era sensata o bastante para saber de uma única coisa: a terra decidiria meu destino.

Greeney e vários alunos ouviram a caminhonete se aproximar e correram para a estrada do pomar de braços erguidos, acenando, dando vivas e rindo como crianças triunfantes. Buzinei várias vezes em resposta e me senti mais esperançosa do que nunca. Não muito longe dali, soou um apito longo e grave e, pela primeira vez em anos, sorri com o som familiar de um trem.

Naquele dia, andei pelo pomar e toquei em cada árvore, contando, abençoando e incentivando-as em voz alta – e fiz isso duas vezes por dia durante várias semanas. Eu podava, regava e fertilizava de acordo com a experiência herdada do papai, meus próprios instintos e as recomendações de Greeney, e aos poucos conseguia estimular sinais de vida sutis.

À noite, tratava da estranha missão de cuidar do que parecia ser o lar de outra pessoa. A casa velha tinha o cheiro que só as casas velhas têm: cheiro de histórias, de décadas de cafés da manhã puxados na manteiga, de café preto e torneiras pingando, de família, vida e madeira envelhecida. De certa forma, a casa em Paonia se assemelhava à minha em Iola, mas não eram os causos, os hábitos e a história da minha família que perfumavam suas paredes.

Sem a menor ideia de quem eram os fantasmas entre os quais eu andava, tive dificuldade para me acomodar. Posicionei o sofá dourado diante da melhor vista para a montanha, em frente à janela da sala de estar, e dormi lá todas as noites. Arrumei com cuidado as cruzes da minha mãe em cima da lareira. Coloquei meus pratos brancos nos armários da cozinha e abasteci a despensa com uma dezena de vidros de pêssegos em compota da última temporada. Os proprietários anteriores tinham deixado uma longa mesa de jantar feita de pinho, talvez por ser difícil demais de levar na mudança. No andar de cima, duas camas queen-size com cabeceiras de carvalho e escrivaninhas do mesmo estilo pareciam esperar que eu me estabelecesse logo, aceitando a hospitalidade dos verdadeiros proprietários.

Naquelas primeiras semanas, quando não estava no pomar, não sabia ao certo onde deveria ficar. Foi bom plantar na horta as sementes que trouxera de casa, assim como passear com os cachorros de Ruby-Alice pelas trilhas e estradas rurais. Greeney ou um dos alunos passavam por lá para recolher dados toda quinta-feira, e eu os convidava para almoçar e informar sobre o nosso progresso, ainda lento e inseguro. Quando os vizinhos chegavam com pratos de boas-vindas, tortas recém-assadas ou geleias feitas conforme a receita da avó, eu recebia as ofertas com gentileza e trocava números de telefone. Até que a conversa era simpática, mas não escondia que, para a maioria daquelas pessoas, uma jovem que morava sozinha e administrava um pomar parecia coisa rara e condenada ao fracasso.

Muitos tinham ouvido falar dos pêssegos Nash, mas diziam que eu e minhas árvores tínhamos nos mudado para a terra dos pêssegos do

Colorado, ao lado das melhores cerejas, peras e maçãs do estado. Alguns insinuaram e outros afirmaram abertamente que, se minhas árvores sobrevivessem, o que ainda não estava garantido, eu não deveria me achar especial. Fiz que sim com a cabeça, apertei a mão deles e disse que por mim não havia o menor problema, embora desconfiasse que, na primeira vez em que abrissem um doce pêssego Nash para remover o caroço do interior de rubi e dar a primeira mordida, talvez reconsiderassem. Rezei para que tivessem essa chance.

Numa manhã escura no final de abril, eu me sentei no sofá, tomando café e olhando a chuva. O mundo estava felpudo e silencioso. Nuvens cor de chumbo cobriam o fundo do vale. Eu já havia memorizado a nova vista da janela – o pinheiral longínquo que se elevava até a rocha íngreme, a subida rochosa e acentuada que levava à série de penhascos serrilhados no monte Lamborn e a encosta lisa e florestal até o vizinho monte Landsend –, mas, naquela manhã, pouco se via por trás do manto cinzento. Apenas a ponta dos dois picos assomava além das nuvens, uma pontuda e a outra lisa, ambas apunhalando o céu e captando os primeiros indícios do amanhecer violeta. O mundo parecia estar de ponta-cabeça – a inversão da terra acima das nuvens, as nuvens abaixo da terra –, o todo belo e desconcertante ao mesmo tempo.

Quando a chuva finalmente parou, calcei as galochas e fui para o pomar. O solo encharcado tinha um cheiro rico e doce, mas diferente do de casa. Os pássaros estavam imóveis e calados. Soou o apito de um trem distante. Nuvens densas pairavam por toda parte, subindo devagar para apagar o topo das montanhas e qualquer esperança de sol. O clima combinava com a tarefa ingrata daquela manhã. Minhas árvores tinham finalmente produzido folhas verdes reluzentes e, entre elas, botões do tamanho de ervilhas, com a promessa milagrosa de vida, flores e frutos contida em cada um deles. Naquele dia, porém, fui de ramo em ramo com uma tesoura de poda e matei até o último deles. Cada corte ia contra tudo que eu sabia sobre a sacralidade de um botão de pêssego, sobre cuidar dele como uma joia até que se revelasse na forma de uma delicada flor rosa. A pesquisa de Greeney o convencera de que não poderia haver frutos no primeiro ano após o transplante, talvez nem no segundo. Podar os botões revertia a energia da árvore de volta para as raízes, dizia ele. Sacrificar aqueles botões significaria, posteriormente, um crescimento mais forte. Tive que acreditar nele. Mas a

cada corte, a cada broto precioso que caía no chão, desperdiçado, meu estômago doía e eu imaginava o que o papai diria. Quando a chuva recomeçou, primeiro leve e dispersa, depois feroz e dura como pedras, continuei podando enquanto as lágrimas se misturavam à chuva nas minhas bochechas. Ergui o rosto para o céu, de olhos fechados e braços abertos como que em rendição, e deixei a chuva me purificar.

Naquela noite, dormi outra vez no sofá, debaixo das colchas de Ruby-Alice. Dois dos cachorrinhos estavam deitados aos meus pés e mais dois enrolados no chão ao meu lado sob uma faixa branca de luar. O cachorro mais velho tinha desaparecido dias antes – havia se perdido, fora pego por um coiote ou simplesmente partira para morrer, como fazem os cães velhos. Tentei imaginar o que Ruby-Alice sentiria quanto a isso e procurei sentir o mesmo, tão estoica e silenciosa em relação às criaturas desaparecidas quanto ela era a respeito de quase tudo. Pensei então naquele filhote malhado que Wil salvara com suas mãos encantadas, imaginei o que teria acontecido com ele e por que eu não havia prestado atenção. De repente, absurdamente, a tristeza por aquele filhote em que não pensava havia anos se apoderou de mim. Agarrei as colchas junto do peito e chorei enquanto o luar vagaroso se alastrava do chão para todo o meu corpo. Quando chegou ao meu rosto, fechei os olhos à luz e me aquietei, sabendo que as lágrimas não eram de fato pelo filhote.

Naquela noite, sonhei que caminhava por uma estrada longa e larga segurando um bebê embrulhado. Meu braço esquerdo sustentava o traseiro da criança, o braço direito envolvia as costas e a mão apoiava sua cabeça sedosa no meu ombro. Sua respiração me fazia cócegas no pescoço como uma pequena pluma. Eu sabia que precisava levá-lo a algum lugar, que sua vida dependia daquela chegada, mas, ao mesmo tempo que corria rumo ao destino, não sabia aonde ir.

Segui em frente, correndo freneticamente com o bebê para um lugar que era lugar nenhum. De repente, meus pés começaram a perder a tração. Olhei além da criança para examinar meu próximo passo com cuidado e percebi que estava caminhando no nada. O chão debaixo dos meus pés, a terra que deveria ser tão sólida e segura tinha se tornado cavernosa, totalmente desprovida de luz e substância. Meu coração palpitava. Precisava continuar em frente. Dei um passo cauteloso adiante, como se pisasse num gelo que receava não suportar meu peso, mas precisava fazê-lo, e segurei

mais firme o bebê, que dependia de mim para não cair. Foi então que escorreguei e caímos juntos na escuridão sem fundo. Girando e afundando, agarrei-me a ele com todas as minhas forças. Porém a força que o puxava era forte demais. Assim que ele foi arrancado dos meus braços, acordei de repente.

Pulei do sofá, suada e trêmula, e andei em círculos nervosos. É claro que tinha sonhado com Bebê Blue dezenas de vezes desde que ele nascera, mas raramente com tamanho terror. A escuridão sem fundo do sonho me perturbou tanto quanto a separação.

Vesti a jaqueta por cima da camisola. Quando saí para o pátio, os animais noturnos se aquietaram. O ar fresco cheirava a terra molhada. Uma meia-lua brilhante avançava em direção às montanhas do oeste. Passei um tempo olhando a paisagem sombreada. Quando conheci Wil, não consegui entender por que ele afirmou que qualquer lugar dava no mesmo. Quando ele disse isso, não acreditei que pensasse assim e continuava a não acreditar. Mas passei a entender o que talvez quisesse dizer: que, quando lugar nenhum nos recebe, qualquer lugar se torna uma espécie de lugar nenhum e todo território é tão inseguro quanto no meu sonho apavorante.

Enquanto a ponta da lua desaparecia além do horizonte e o céu ficava escuro e salpicado de estrelas, eu me ajoelhei na grama úmida e pedi a bênção da terra. Queria fazer dali um lar para mim e para as minhas árvores. Em troca, prometi amar e cuidar daquele pedaço de terra até o fim dos meus dias. Esperando ouvir alguma resposta, logo acrescentei ao pedido aquilo que mais queria, mas nunca me permitira admitir: que se, por algum milagre ou por destino, meu filho voltasse para mim, que eu e aquela terra pudéssemos alimentá-lo juntas, ensinar-lhe que um lugar não é igual a qualquer outro, que aquele pequeno pedaço do mundo vasto e incognoscível era onde formávamos uma família.

Todos os sons da noite que haviam se calado quando saí pela primeira vez na escuridão recomeçaram naquele momento – o canto dos grilos e os gafanhotos estridulantes, as pererecas cantando nos juncos úmidos, o chamado oco de uma coruja ao longe –, e, ao me levantar, tomei aquele coro como um sinal de concordância com a minha oferta, ou, pelo menos, de um talvez.

Uma batida forte na porta e o latido dos cães me acordaram de um sono profundo. Zonza, demorei um pouco para me levantar do sofá e localizar a porta da frente. Ainda não tinha pendurado nenhum espelho, mas tinha certeza de que estava descabelada depois daquela noite nada tranquila. Esfreguei os olhos inchados e prendi o cabelo com um grampo antes de me aproximar da porta. Percebendo que ainda usava a camisola com duas manchas de grama seca nos joelhos, voltei para vestir depressa a calça e o suéter que havia deixado no chão na noite anterior. Quando abri a porta, o sol brilhante da manhã me atingiu em cheio. Eu me encolhi e franzi os olhos diante da sombra alta e escura na varanda.

– Srta. Nash? – disse um barítono que reconheci como o corretor de imóveis com quem conversara muitas vezes por telefone e para quem assinara documentos pelo correio, mas nunca havia encontrado pessoalmente.

– Sou eu – resmunguei.

– Ed Cooper. – Ele se aproximou, estendendo a mão. – Seu corretor... Sinto muito. Acordei a senhorita?

Pelo que eu sabia, ninguém no campo dormia até depois das seis e, pelo aspecto do sol, já passava muito das nove. Comecei a dar desculpas por mim e por minha aparência desgrenhada, mas os olhos azul-claros dele eram generosos e despreocupados, então decidi simplesmente convidá-lo para entrar e tomar um café.

– Não gostou das camas que a Sra. Harding deixou? – perguntou ele ao passar pelo sofá ocupado por colchas, travesseiros e minha camisola suja.

– Ainda não – respondi.

Ele deu uma risadinha, como se não soubesse ao certo o que isso queria dizer, mas tivesse gostado mesmo assim.

Coloquei a chaleira no fogo e pedi perdão pela falta de cadeiras. Ele deu de ombros, apoiou o peso do corpo na parede da cozinha e perguntou como estava me adaptando. Usava uma camisa de colarinho branco, calça preta e sapatos pretos pontudos que haviam perdido o brilho. Os cabelos, quase inteiramente grisalhos, não combinavam com o rosto e os modos joviais. O

relógio de pulso e a aliança de casamento eram do mesmo ouro brilhante que as duas canetas-tinteiro encaixadas no bolso do peito.

– Estou me virando bem – respondi sem convicção.

– Bom, sabe, se acostumar com um lugar novo leva tempo – disse ele, tranquilizador. – Gostaria de fazer alguma pergunta?

– Gostaria, sim. – Coloquei as colheradas de café no coador. – Ando pensando nas pessoas que venderam esta casa. Por que foram embora?

– Ah, é uma história triste. – Ele balançou a cabeça. – Gente boa. Plantavam vários tipos de maçãs, um pouco de milho doce. Mas aí, sabe como é, começaram a enfrentar dificuldades. O filho foi morto na guerra, depois a filha fugiu com um ajudante mexicano, e a senhorita se lembra da seca de 1949? A essa altura o Sr. Harding já tinha começado a beber. Eles perderam quase tudo naquele ano, as árvores simplesmente murcharam até virar nada.

Ed disse que depois disso o Sr. Harding tentou trabalhar nas minas de carvão em Somerset. Um ataque cardíaco num dos poços profundos o matou. A Sra. Harding trabalhou como garçonete no restaurante e no balcão da Hays por algum tempo, mas não dava para pagar as contas.

– O nome dela é Lila – disse ele. – A mulher mais simpática que eu já vi.

Servi o café em duas canecas brancas e entreguei uma para ele, que a aceitou com um gesto de cabeça.

– E a terra? – perguntei.

– Ah, virou mato. Dá pra imaginar? Nessa região? Daria pra salvar se eles tivessem cuidado um pouco dela ou pedido ajuda. Aquele seu amigo cientista, o professor, foi a coisa mais maluca. Ele me ligou no mesmo dia em que a Lila Harding entrou no meu escritório chorando e dizendo que precisava vender a fazenda.

Com isso, ambos silenciamos por um momento, bebendo o café.

– É muito bom o que a senhorita e o professor fizeram aqui – comentou ele, gesticulando em direção à janela.

Sorri com educação e respondi:

– Vou fazer o melhor que puder. Se a terra me aceitar.

– Bom, os Hardings não foram os primeiros que a tristeza e os caprichos do clima arrasaram. Desejo mais sorte à senhorita e aos seus pêssegos.

– Um brinde a isso.

Batemos as canecas e tentei imaginar em que dia, em que momento a

boa sorte dos Hardings havia virado e se a minha, depois de tantas dificuldades e perdas, tinha se voltado para o lado contrário. Pensei em mim mesma de joelhos na grama molhada, no meio da noite, pedindo uma chance.

Ed passou a dar detalhes sobre a cidade e os arredores, alguns dos quais não eram do meu interesse, como fofocas sobre os vizinhos, onde encontrar o melhor hambúrguer e quais eram os solteiros disponíveis. Mas outras informações se mostraram valiosas: de onde vinham e para onde iam as linhas ferroviárias, onde encontrar as melhores bancas de legumes e a feira livre às terças-feiras, que encanador poderia atualizar meu sistema de irrigação, que mecânico poderia consertar o velho trator enferrujado atrás do celeiro e a quem eu deveria chamar se minha vala de drenagem entupisse com os resíduos escoados na primavera ou secasse no outono.

– O rio aqui, que alimenta minha vala – perguntei, percebendo que era a primeira vez que dizia que algo ali era meu –, o nome dele é North Fork?

Ele assentiu.

– Ele é afluente de qual rio? – indaguei.

– Ora, do Gunnison, é claro.

– Do Gunnison? – Eu não conseguia acreditar no que ouvia.

– Sim. Logo depois de atravessar o Black Canyon, o Gunnison deságua no North Fork e chega ao planalto Rogers. – Ed fez um V com as mãos para ilustrar a confluência, depois apontou para o sul. – Lá no vale, a uns 24 quilômetros. – Ele riu. – Bom, primeiro essas mesmas águas do Gunnison atravessam Iola. Então a senhorita as conhece bem.

– Conheço, sim.

Ele pretendia me reconfortar e aceitei o gesto, mas meus sentimentos sobre o Gunnison se tornaram tão caudalosos quanto o próprio rio. Imaginei sua rota, desde as nascentes nas encostas do vale em Almont, onde o papai e Seth levavam o gado montanha abaixo, depois através da cidade de Gunnison, através de Iola, a minha terra natal, passando pela junção com o riacho Big Blue, onde as lágrimas que derramei pelo meu bebê ainda corriam, em seguida esculpindo o Black Canyon, a trágica sepultura do meu Wil. Aquela parte do grande rio contava a minha história. Eu sentia amor e angústia em igual medida por seu caminho sinuoso e certo assombro por ele ter me seguido até lá.

Ed terminou o café e deixou a caneca na bancada da cozinha. Enquanto

eu o acompanhava até a porta e ele saía ao sol, sugeriu que eu o visitasse quando quisesse, que Zelda era o nome de sua esposa e que adoraria nos-apresentar.

– E nesse sábado vai ter uma venda de móveis na casa dos Walkers, lá na Dry Gulch Road – afirmou, apontando da varanda. – A senhorita pode comprar uns móveis e ficar lá um tempinho. – Ele deu uma piscadela simpática e acrescentou: – Não se preocupe. A história dos Walkers não é triste. Eles vieram da cidade e querem voltar pra lá. Vai entender.

– Vai entender – respondi, com um sorriso.

Dobrando as colchas cor-de-rosa no sofá, pensei no que Ed tinha dito sobre as vidas complicadas que antes habitavam aquela velha casa. Pensei no filho dos Hardings, que deixara a paz da fazenda rumo ao inferno da guerra, e na filha, que fugira com o que eu só podia presumir ser um amor proibido. Tenho certeza de que o rapaz era lembrado como herói e a filha, como a ovelha negra, mas a mesma valentia desvairada de sair daquela casa levara ambos a outros lugares. Pensei no Sr. Harding bebendo para esquecer a dor e em Lila Harding, cujo coração se partia um pouco mais a cada dia. Também pensei na minha própria inquietação desde que chegara e no quanto me parecia com Ruby-Alice dormindo no sofá noite após noite.

Como se uma decisão de repente se consolidasse diante de mim, peguei as colchas dobradas, marchei escada acima e guardei-as numa prateleira no armário do corredor. Depois tomei banho, coloquei um vestido decente e entrei na velha caminhonete para ir até a Hays Variety comprar roupas de cama novas pela primeira vez na vida.

Quando voltei, decidi que o quarto com as janelas que davam para o pomar me agradava mais. Arrumei a cama larga com os lençóis novos em folha, um cobertor de algodão azul-celeste e uma manta de chenile no mesmo tom que havia demorado meia hora para escolher. Coloquei fronhas brancas nos quatro travesseiros gordos que tinha comprado como uma última extravagância e os apoiei na cabeceira de carvalho. Dei um passo atrás e admirei meu novo quarto. Wil gostava de me provocar dizendo que eu tinha "nome de rainha". Eu sorri e pensei: *Olha, agora tenho um quarto de rainha*.

Sentada na beirada do colchão, olhei pela janela. Minhas árvores cada vez mais verdes formavam fileiras perfeitas. Além delas, eu via toda a paisagem até a cerca de arame farpado e a porteira de metal prateada que

delimitava os fundos do meu terreno e, depois dele, o campo de feno de um vizinho e o distante rio North Fork, cintilante e repleto da neve derretida das montanhas.

Comprei móveis na venda que Ed Cooper havia recomendado, dispondo-os de acordo com meu gosto. Escolhi tecidos listrados com pequenos girassóis amarelos na Hays e costurei cortinas para os quartos e a cozinha. Podei todos os botões das árvores, reguei-as, alimentei-as e reforcei minha fé no processo.

Em meio a essa lenta adaptação, comecei a passear de carro semanalmente pelo vale ao longo da margem do rio North Fork até a confluência com o Gunnison no planalto Rogers. Percorria a pé a trilha por entre as artemísias, as flores silvestres e os salgueiros, depois tirava os sapatos, enrolava a barra da calça e entrava nas águas frias e apressadas para ficar no lugar exato onde os dois rios se tornavam um só. O rugido da fusão abafava todos os outros sons, a não ser pela antiga conversa dos dois. Eu agarrava as pedras escorregadias do leito com os dedos dos pés, equilibrava-me contra a correnteza, fechava os olhos e ouvia. Não sei expressar exatamente o que me diziam aquelas águas translúcidas. Só sei que tudo que diziam era verdade.



Certo dia, no fim do verão daquele ano, eu me sentei na margem da confluência, deixando o sol aquecer minhas pernas. Wil tinha me incentivado muitas vezes a me deitar na terra em vez de me sentar nela, para sentir o corpo todo encostado ao solo e olhar para o céu: foi o que fiz naquele dia, apenas pelo prazer de absorver o mundo. Senti que conseguia identificar as vibrações dos rios, das pedras, do céu azul perfeito e dos insetos irrequietos. Quando me levantei, me senti amparada e segura. Voltei pela trilha e entrei na caminhonete. Antes que percebesse o que estava fazendo, eu me vi indo na direção de Iola. Não sabia ao certo que assuntos inacabados me atraíam para lá, até que os quilômetros de colinas de artemísia se abriram para o vale do Gunnison e percebi que não estava indo para casa.

Em vez disso, virei à direita na Highway 50, tomando a estrada de cascalho paralela ao riacho Big Blue. A caminhonete subiu resmungando a colina que eu havia descido aos tropeços quando era uma jovem faminta e atordoada. Pela primeira vez estava voltando ao lugar exato em que deixara o meu bebê. Não sabia o que imaginava encontrar lá. Um completo nada era o mais provável: a ausência absoluta onde eu ansiava vê-lo esperando por mim, embora soubesse, é claro, que não o encontraria.

Queria dizer-lhe que finalmente estava pronta para ele. Queria dizer que conhecia a dor de ser tirada de casa e que lamentava – muito mesmo, profunda e indescritivelmente – tê-lo entregado a outra pessoa, que na época não consegui encontrar outra forma de salvá-lo.

A estrada levou a uma estrada de terra estreita, mais íngreme e mais longa do que eu me lembrava, que saía de entre os arbustos de artemísia e carvalho para se curvar através de uma floresta densa. Fiquei sem fôlego ao reconhecer a clareira. Parei a caminhonete onde o longo carro preto estivera estacionado e saí no mesmo terreno onde abracei meu filho pela última vez. Com as mãos cruzadas sobre o coração, como que para mantê-lo no peito, atravessei a clareira até o tronco caído onde ainda conseguia ver com muita nitidez a mulher amamentando seu bebê. Estorninhos tagarelavam no mesmo ramo de pinheiro onde os dois gaios azuis e pretos gargalhavam acima do marido dela e do fio de fumaça do cigarro. A árvore lançava uma sombra ampla onde antes se via o piquenique espalhado numa toalha vermelha. Eu me sentei em cima do tronco, no mesmo lugar da outra mãe, e chorei.

Só posso comparar as emoções que experimentei naquele dia com as do próprio parto, a animalidade desenfreada, a pura força, me empurrando rumo a algo tão além da escolha e da razão que meus soluços se transformaram em uivos roucos. Abracei a barriga e me dobrei ao meio, embalando o peso inominável dentro de mim que choro nenhum poderia expulsar e a caverna oca e íntima que nada além do meu filho seria capaz de preencher. Inspirei o ar fresco da montanha como se tentasse sentir o gosto dele ali e, quando as lágrimas por fim se esgotaram, fechei os olhos e apurei os ouvidos, como se pudesse ouvi-lo na floresta silenciosa.

O pedregulho onde a outra mãe me deixara o pêssego ficava à margem da clareira. Era diferente das rochas ao redor – não redondo e claro, mas cor de bronze e alaranjado, de formato irregular, com três listras pretas na face

escarpada, como marcas de garras. Parecia dividido em dois, a outra metade corroída e levada pelos séculos. Entre tudo que o pedregulho havia testemunhado ao longo do tempo, minhas visitas àquele lugar eram tão infinitesimais quanto uma única gota de chuva. Contudo, para mim, ele representava um monumento e uma âncora, uma prova palpável de que o que acontecera ali no verão de 1949 não fora mero sonho.

Aproximei-me hesitante do pedregulho, embora não soubesse dizer por quê. A superfície plana à altura do peito não continha nada além de algumas agulhas de pinheiro cor de cobre e uma pedra lisa e redonda. Peguei a pedra e a segurei na palma da mão, lembrando-me do pêssego. Apoiei as costas no pedregulho e olhei em volta. Epilóbios magenta reluziam à luz da tarde. Pássaros canoros que meu choro havia afugentado voltaram aos galhos acima de mim. Ao olhar para baixo, notei uma pedra lisa semelhante à que estava na minha mão e me abaixei para pegá-la. Havia mais uma na terra úmida ao lado do pedregulho e eu a recolhi também.

Foi então que decidi: recolheria seis pedras lisas e as deixaria em cima do pedregulho, uma para cada ano desde o nascimento do meu filho. No verão seguinte, voltaria para acrescentar mais uma, e também no ano seguinte; assim teria uma espécie de monumento, um lugar onde senti-lo, um altar no qual oferecer uma simples bênção de aniversário ao meu filho.

Rezei para que cada um daqueles anos tivesse sido bondoso com ele enquanto organizava as seis pedras, uma por uma, num círculo perfeito.

Dezenove

1955–1962

No outono, a luz entra pelas janelas de um jeito totalmente diferente do resto do ano. Na minha fazenda em Iola também era assim. Quaisquer que fossem a temperatura externa e a cor das folhas, o outono sempre começava com o primeiro toque de luz solar direta no parapeito de uma janela voltada para o sul.

Além da luz inclinada, o outono de 1955 foi diferente de qualquer outro que eu já tinha vivido. Nenhum pêssego maduro esperava a colheita. Nenhum termômetro exigia monitoramento cuidadoso. Nada me mantinha acordada à noite: nenhuma preocupação com a geada, cestos tombados, frutas machucadas nem falta de ajudantes. Eu cuidava das árvores a cada manhã e anoitecer, mas elas não me exigiam muito além de paciência. Meus dias não eram tão longos desde o começo daquele verão na cabana da montanha, quando aprendi a confiar nas horas em vez de ocupá-las.

Naquele primeiro outono vasto em Paonia, depois de concluir minha pequena lista de tarefas na fazenda, comecei a vagar pelas margens do rio North Fork para conhecer seus meandros. Pedras pretas e redondas saíam da água rasa como tartarugas adormecidas; muitas vezes, eu pulava de uma para a outra a fim de me sentar no meio do rio vagaroso e observar tudo ao redor se preparando para o inverno. As trutas-arco-íris comiam libélulas em redemoinhos repletos de sol; taboas castanhas e rechonchudas se esticavam acima das longas margens douradas, preparando-se para brotar; campos quebradiços de flores silvestres lançavam sementes de todas as formas possíveis; e, nas alturas, os búteos-de-cauda-vermelha e os gaviões-quiri-

quiris caçavam, enquanto os gansos-canadenses migravam formando um longo e simétrico V.

Às vezes eu deixava o rio e ia com a caminhonete até o planalto de Lamborn e a floresta apenas para ficar lá, sentada sob as pequenas áreas que o sol alcançava, absorvendo tudo – os cheiros fedorentos, úmidos e frescos, e os zumbidos, os chilreios e os gorjeios por toda parte. A cada dia eu construía a vida que havia escolhido, e era uma vida boa. Sabia o que faltava, mas também apreciava o que eu tinha.

O outono deu lugar a um inverno ameno e ensolarado, com neve suficiente apenas para ser reconfortante, mas não tanto a ponto de ser um transtorno. Juntei várias cadeiras descombinadas à longa mesa de pinho que os Hardings tinham deixado para trás. Minha mesa sempre recebia Greeney e os alunos, assim como Ed Cooper e sua esposa, Zelda, uma loira alegre com joias coloridas que sempre chegava com pão da padaria, um bom papo e um ou dois convidados a mais numa tentativa nada sutil de me socializar. Naquele ano, Ed e Zelda me convidaram para a ceia de Natal pela primeira vez. Seus parentes ruidosos de todos os cantos do vale se juntaram a nós na casa deles, uma construção alta em estilo vitoriano no centro da cidade, e tenho certeza de que nunca ri tanto num dia só.

Em janeiro, uma nova família se mudou para minha estrada e muitas vezes mandava o filho ir à minha varanda pedir alguma coisa emprestada – uma xícara de açúcar, alguma ferramenta ou lâmpada, como fazem os vizinhos. A mãe era tímida ou ocupada demais, acho, para ir pessoalmente, então mandava o filho, Carlos, que era gentil e curioso, e tinha exatamente a idade do meu Bebê Blue. Eu entregava qualquer coisa que ele pedisse acompanhada de um biscoito, e falávamos de bobagenzinhas enquanto eu conseguisse fazê-lo ficar por lá. Parada na varanda fria, observando-o ir embora – ele parava no quintal para brincar com os cachorros ou fazer uma bola de neve, sorrindo e fungando com as bochechas vermelhas e o cabelo preto liso saindo da touca, como eu imaginava que meu filho seria –, não conseguia deixar de imaginar que a criança embrulhada era minha e, daquele dia em diante, Carlos se tornou minha medida de quanto meu filho havia crescido.

Chegada a primavera de 1956, as pessoas ficaram ocupadas demais nas próprias fazendas para se reunirem. Fiquei feliz em entrar no ritmo do trabalho diário à medida que minha plantação acordava do inverno. Dessa

vez havia o dobro de botões de pêssego, feito promessas roliças e reluzentes. Tínhamos o mesmo desejo, eu e aqueles botões: o de que pudessem se desenvolver. Mas Greeney recomendou mais um ano de repouso, e eu, mais uma vez, passei semanas cortando-os. Minha angústia com essa tarefa foi muito menor do que no ano anterior, pois eu via provas de que os métodos de Greeney funcionavam e de que todos precisávamos apenas de mais tempo. Fertilizei, aparei, arranquei ervas daninhas e esperei. Cultivei minha horta, reparei canos de água, limpei valas e estudei as nuances da minha nova terra, conhecendo-a como a palma da mão.

Naquele verão, voltei à clareira e acrescentei a sétima pedra ao círculo em cima do pedregulho, dizendo uma bênção para o meu filho. Isso também me atormentou menos do que no ano anterior. Eu me sentei no tronco, debaixo do canto dos pássaros e do pinheiro, e falei com ele, lhe contei que estava criando um novo lugar para nós, se era disso que ele precisava. E falei com ela, a outra mãe. Agradeci e perguntei em voz alta onde ela e meu filho poderiam estar.

Os detalhes dos anos que se passaram depois disso perdem-se na memória. Os problemas iam e vinham, como sempre fazem. Os cachorrinhos de Ruby-Alice morreram ou sumiram um por um. Descartei a maior parte dos dois primeiros anos de colheita e dei como lavagem para os porcos. Lutei contra geadas, secas, pragas, equipamentos avariados, solidão e inúmeras outras provações. Mas não tinha queixas a respeito da vida. A nova terra tinha decidido ficar comigo, e respondi com toda a determinação e todo o cuidado que essa honra merecia. Paonia e o vale do North Fork me mantinham em seu ritmo reconfortante e atenuavam meu luto.

Os outonos traziam dias de fazer conservas e muitas horas de vizinhos ajudando vizinhos; depois, chegavam os invernos sossegados de comida boa, tempo para ler, neve e datas comemorativas com os Coopers; com a primavera vinham o trabalho, o encanto e uma fartura de frutificação em quase todas as fazendas. Eu me lembro mais que tudo dos verões longos e quentes, cuidando do pomar, caminhando ao longo do rio e voltando à clareira todo mês de agosto para deixar uma pedra, e, por fim, abençoadamente, após vários anos de espera, veio aquela primeira colheita de pêssegos Nash, perfeitos e fartos, em cada árvore transplantada, o que se repetiria verão após verão.

Não é que eu não pensasse em Iola naqueles anos. Ed Cooper me

mantinha atualizada quanto aos boatos que ouvia sobre os planos do reservatório, até perder o interesse pelo projeto vagaroso e complicado e parar de comentá-lo. A cada agosto, depois de sair da clareira, eu parava no cruzamento da estrada de cascalho com a Highway 50, sabendo que poderia virar à direita e percorrer o caminho ao longo do rio Gunnison e dos velhos trilhos enferrujados para ao menos passar pelo que havia deixado em Iola. Mas toda vez eu decidia tomar a esquerda em direção ao que transformara no meu lar, desviando os olhos do concreto, dos guindastes e das escavadeiras que comiam o vale do rio no local da barragem em desenvolvimento, mas grata por ver que o Gunnison ainda corria livre.



Num dia fresco e nublado em junho de 1962, terminei minhas tarefas e fui à cidade comprar mantimentos. Depois, embora achasse bobagem pagar pelo café que poderia fazer melhor em casa, combinei de me encontrar com Zelda Cooper no restaurante The Diner. Conversar com Zelda era sempre interessante e agradável. Inteligente, culta e segura de si, ela me fazia rir com frequência. Eu desconfiava que ela fosse a razão por trás dos solteiros que bateram à minha porta ao longo dos anos. Embora não me interessasse por eles, ficava grata pela consideração. Após o meu curioso vínculo com Ruby-Alice Akers, Zelda era a minha primeira amiga de verdade.

Naquele dia, ela usava calça curta verde-limão e blusa listrada de laranja e rosa. Seu cabelo loiro descolorido saía de uma faixa verde e terminava numa onda curta em volta dos brincos de strass laranja. Ela fazia os outros fregueses – incluindo a mim, com meu velho vestido de algodão e trança sem graça – parecerem não saber que os anos 1960 tinham chegado. Tentei me imaginar vestida como Zelda Cooper e, mesmo na imaginação, não consegui. Certa vez, lembrei a Zelda que até aquela humilde rua principal tinha me parecido chique demais quando eu chegara a Paonia, e ela jogou a cabeça para trás relinchando feito um cavalo.

A garçonete entregou nossos cafés e duas fatias de cuca. Zelda fofocou e eu escutei. Ela agitou os dedos e perguntou se eu tinha gostado da cor das unhas dela.

– O nome é Azul Modesto. – Sorriu com uma timidez exagerada.

– Ah, tem tudo a ver com você – respondi de brincadeira, como se fosse natural para mim fazer gracejos amigáveis, e ela riu feito uma garotinha.

A espontaneidade de Zelda muitas vezes me deixava hiperconsciente de que eu havia passado mais tempo entre as árvores do que entre os seres humanos. Se eu dava algum passo em falso na conversa, ela felizmente nunca reclamava.

Zelda continuou a falar do esmalte enquanto eu olhava de relance para uma mesa próxima. O fazendeiro ao lado havia desdobrado seu exemplar do *Delta County Independent* e o puxara para perto do rosto, sem dúvida para usar como barreira contra a nossa tagarelice. A manchete do jornal dizia em letras maiúsculas e nítidas: "Adeus, Iola, Sapinero, Cebolla – cidades do oeste do estado evacuadas para novo reservatório."

Minha expressão murchou. Zelda olhou ao redor, apreensiva. Apontei para o jornal e tentei explicar tudo que significava para mim.

– Bom, chuchu – disse ela, não de forma rude –, você sabia havia anos que isso iria acontecer.

Fiz que sim. Zelda tinha razão. Mas só naquele momento acreditei de fato que as cidades poderiam mesmo ser apagadas do mapa, das próprias terras, que as pessoas poderiam ser obrigadas a sair e que suas casas e seu sustento seriam queimados e inundados. Eu tinha me realocado, mas e os outros? Pensei até mesmo em Seth. Se ele tivesse conseguido permanecer na nossa fazenda até então, aonde poderia ir depois, sem dinheiro, resiliência nem propósito? Imaginei as pessoas com quem cresci enchendo as caminhonetes com seus pertences, levando o gado em direção a um terreno seguro a leste de Gunnison, fazendo os cavalos, as galinhas e os porcos entrarem em reboques. A evacuação já devia estar acontecendo havia meses e eu nem tinha passado pela região.

– É de partir o coração, com certeza – comentou Zelda, com um gole de café. Comeu um pedaço de cuca e acrescentou: – Mas não é nenhuma novidade. Pensa no que aconteceu com os utes.

Sua franqueza me surpreendeu. A maioria das pessoas que eu conhecia tendia a pensar no povo ute com desdém ou descaso, mas o mais comum era não pensarem absolutamente nada sobre eles.

Ela continuou:

– Pensa, só estamos sentadas aqui agora porque eles foram obrigados a

sair desta terra que gostamos de chamar de nossa. O fato não é menos verdadeiro só porque as pessoas o ignoram.

Wil nunca tinha especificado qual era seu povo e eu fui tímida e ignorante demais para perguntar, mas queria responder a Zelda que pensava, sim, no tratamento trágico dado aos povos nativos, mais do que ela poderia imaginar.

– Não estou dizendo que seja a mesma coisa. Só digo que o governo faz o que bem entende e as pessoas sofrem – explicou ela. – E não aprendemos nada com a história.

Ela falou de questões políticas que eu não entendia por completo, mas sabia que deveria entender, embora não me importasse nem um pouco com elas naquele momento.

– Olha o que o Kennedy começou no Vietnã – falou ela. – Guarde as minhas palavras: aquilo vai virar mais uma lambança.

Eu não estava mais escutando. Pensava de novo em Wil, na origem dele, em quem eram seus pais e como tinha ido parar naquela escola em Albuquerque. E por que, depois que conseguiu fugir, não voltou para casa.

E pensei no meu filho de uma forma nova e perturbadora. Por ver Carlos, sabia que meu filho estava se tornando um adolescente alto e desengonçado, sem dúvida com o mesmo lindo tom de pele do pai e perguntas sobre por que não se parecia com a família. Será que ele perguntava se aquele era o seu lugar? E, se sim, porque a outra mãe lhe revelara o abandono ou porque carregava a estranha lembrança do deslocamento no fundo de seu ser? Tentei imaginar se alguma daquelas feridas poderia ser curada ou se a dor era simplesmente profunda demais.

A garçonete voltou a encher nossas canecas. Zelda parou para agradecer e depois continuou a falar do Vietnã. Naquele momento eu não fazia ideia de onde ficava esse país nem por que ela estava tão preocupada com aquele lugar.

– Era de imaginar que, depois de todos os homens bons que perdemos na guerra, as pessoas ficariam mais preocupadas com o que poderia acontecer – afirmou.

Dois velhos fazendeiros sentados à janela lançaram a Zelda olhares de reprovação, como se a guerra não fosse assunto dela.

– E você? – perguntou num sussurro, aproximando o rosto. – Perdeu alguém na guerra?

Disse "na guerra" como se tivesse havido apenas uma. Mas eu sabia o que queria dizer.

– Meu tio – respondi, o que era até verdade. – E o irmão dele.

O fato de ter perdido Wil e depois meu bebê para uma espécie de guerra sem nome continuou em segredo.

– Também perdi meu tio – disse ela; por um momento melancólica, depois gesticulou. – Mas chega disso. Eddie teria um ataque se me ouvisse falando de política outra vez. Diz que faço ele perder os clientes.

Ela revirou os olhos azuis e mudou de assunto, passando a uma avaliação da versão cinematográfica de *O sol é para todos*, dizendo que eu precisava ver enquanto ainda estava no Paradise Theatre. Ela me acompanharia para poder ver o filme outra vez.

Respondi que já tinha lido o livro e não queria estragá-lo vendo o filme. A verdade era que, com aquela manchete ainda a me encarar e toda a nossa conversa sobre deslocamento, injustiça e guerra, eu simplesmente não aguentava mais tristeza.

Na saída, tirei um jornal da pilha e deixei uma moeda na lata de café. Zelda era de abraçar as pessoas. Eu, não. Mas não me incomodei com o abraço de despedida, que durou um pouco mais do que o normal.

Fiquei sentada na caminhonete estacionada na Grand Avenue e li a matéria no *Independent*. Descobri que as cidades estavam sendo evacuadas fazia três anos, não meses. A matéria dizia que, àquela altura, a maioria das pessoas havia se mudado, com relutância mas sem muito protesto. Porém algumas tinham ficado até o prazo final, naquela semana. Havia uma citação de um dos resistentes – logo Matthew Dunlap. Balancei a cabeça, sem saber se queria ler o que ele tinha a dizer. A ironia de suas palavras me deixou enojada: "Aqui é a América", dizia a citação, "terra da liberdade. Onde os homens têm direitos e merecem respeito". Ele foi citado mais uma vez, fazendo meu sangue ferver: "Não podem expulsar um cidadão de bem que nem um cachorro. Não é certo."

Naquele anoitecer, caminhando pelo pomar, eu me sentia tristonha e exausta. Toquei em cada uma das árvores e avaliei o progresso dos jovens frutos, ainda verdes, imaginando as dezenas de vezes que vira o papai fazer isso em Iola. Imaginei Wil à beira do meu novo pomar com nosso filho ao lado. Disse a eles que lamentava pelo mundo ser como era.

Depois recortei a matéria de jornal – descartando as citações

enfurecedoras de Matthew Dunlap – e a guardei dentro da Bíblia da mamãe. Se Iola seria apagada em breve, minha família gostaria que eu guardasse alguma prova de que a cidade havia existido.



No dia seguinte, fiz a viagem de duas horas até Iola pela primeira vez desde a minha partida. Ou, mais precisamente, fui o mais longe que pude até um policial me parar na ponte. Ele se debruçou na minha janela sem tirar os óculos escuros e perguntou meu destino.

– Lake City – menti, sabendo que o tráfego para as cidades do sul estava autorizado.

– Pode seguir em frente, mas sem entrar em Iola – disse ele.

Sua viatura estava parada na beira da estrada com as luzes vermelhas acesas, como se houvesse um acidente.

– Ouvi dizer que estão expulsando as pessoas – comentei, apenas para ouvir sua resposta.

– Removendo – corrigiu, num tom monocórdio. – Abrindo caminho para o progresso, senhora.

Quando o policial recuou e gesticulou para que eu atravessasse a ponte, tentei imaginar quais seriam os limites do progresso e se perceberíamos quando os atingíssemos.

Virei na nossa banca de pêssegos abandonada, que estava coberta de tábuas e vegetação, como um anúncio de que o que antes vivera ali estava morto. Saí da estrada. Adiante, outra viatura vigiava uma barreira de madeira branca. Olhei para o policial na esperança de ver o xerife Lyle, sabendo que ele me receberia e me deixaria passar, mas aquele oficial era jovem e roliço, estava de braços cruzados e me encarou como se eu fosse uma invasora. Além dele, havia apenas quietude.

Lancei um último e longo olhar à estrada atrás dele, ao topo das construções familiares e ao mastro da bandeira nu na escola ao longe, aos currais e celeiros vazios e às caminhonetes sem rodas que, abandonadas, pontilhavam o fundo do vale. Embora eu não pudesse enxergá-la, lá também estava a fatídica esquina da North Laura com a Main.

Olhei mais uma vez para a nossa banca. Desde sua construção, passando por décadas de clientela fiel até o fechamento, a decadência e a completa ruína, aquela estrutura gasta e solitária contava a história da minha família no vale, uma história que então se encerrava. Dei a volta com a caminhonete e fui embora.

O policial na ponte estava encostado na viatura e mal olhou para mim quando passei de novo por ele. Depois de atravessar, parei e saí do carro para olhar o rio Gunnison.

Suas águas brancas corriam caudalosas com o começo do verão, tão lindas e ignorantes quanto a seu destino. Olhando para o meu rio, que logo seria um lago, tive a certeza de que, depois da construção da represa, as comportas se abririam em direção ao baixo Gunnison e parte da corrente continuaria a avançar. Não importava o quanto seu curso fosse lento e árduo, não importava o pouco fluxo que vazasse, eu sabia que o rio encontraria um jeito de continuar correndo. E, quando isso acontecesse, eu, na minha vida nova à margem do North Fork, estaria do outro lado para encontrá-lo.



Iola e tudo que tinha a ver com ela ficaram pequenos e distantes no espelho retrovisor enquanto eu seguia para o oeste. Saí da estrada no riacho Big Blue e a velha caminhonete resmungou subindo a estrada de cascalho. Era cedo para minha visita anual à clareira, mas ansiava pelo canto dos pássaros e por um lugar conhecido onde descansar.

Quando cheguei, encontrei alguns trechos ainda cobertos de neve – debaixo das árvores, nas sombras e em volta da clareira –, mas o tronco estava limpo e seco ao sol, então me sentei nele, como sempre fazia, no ponto onde um dia ela se sentara. Pensei nela, na outra mãe, como sempre fazia quando me sentava naquele tronco. Agradeci a ela em voz alta conforme o meu ritual. Inútil, sim, mas preservava o pequeno vínculo entre nós. Talvez, assim como sentiu que eu precisava daquele pêssego, ela também pudesse sentir que eu pensava nela ali, que queria pegar a mão dela, olhá-la nos olhos e simplesmente dizer obrigada.

Com o tempo, falar com meu filho naquele lugar tornara-se mais difícil. Antes, eu me sentava no tronco e dizia que o amava, apenas; que poderia encontrá-lo um dia, segurar sua mãozinha e explicar somente as melhores partes a respeito de seu pai e de seu nascimento. Tinha imaginado convidá-lo para morar comigo na minha nova terra e ensinar a ele sobre as árvores da família. Mas, em junho de 1962, ele não era mais uma criança que pudesse ser minha com essa facilidade e crer ingenuamente numa passagem adocicada da trágica história dos pais. Eu só conseguia pensar numa coisa para dizer a ele. Duas palavras inúteis, quando nem mil podiam expressar o que precisava ser dito.

– Me desculpe – falei para a clareira.

Impedida de entrar em Iola, eu sentia um estranho vazio, como se tivesse ficado órfã naquele dia.

Pegadas pequeninas de doninhas e esquilos ornamentavam os trechos de neve ao pé das árvores. Olhei para as profundezas da floresta e pensei em testar até onde conseguiria ir. Só uma vez, em todas as minhas visitas, tinha me aventurado além da clareira para tentar encontrar a cabana na montanha. Não conseguira me localizar, pois nada me parecia conhecido, e logo dei meia-volta para não me perder. Dessa vez, eu sabia que minhas pegadas na neve fina me guiariam de volta se eu me perdesse. Mas imaginei a cabana naquele momento, talvez derrubada por uma avalanche, apodrecida ou transformada em abrigo de outra pessoa – um pastor de ovelhas, caçador ou fugitivo, cozinhando feijão na panela que eu tinha deixado para trás, iluminando sua noite com as minhas velas –, e pensei: por que voltar? Quando nós – eu e o prado – terminamos nossa história, não restou mais nada entre a gente. Como eu tinha reaprendido nos limites de Iola naquele mesmo dia – algo que Wil também devia saber –, às vezes simplesmente não podemos voltar atrás.

Passei mais um tempo lá, respirando o ar fresco; depois levantei-me e procurei uma pedra, a 13ª do círculo. Quando a encontrei – lisa, oval e pálida, como todas as outras que havia escolhido e posicionado com todo o cuidado –, beijei-a e me aproximei do pedregulho com ela ainda encostada aos lábios.

Primeiro, vi as pegadas na neve em volta do pedregulho e na lama ao redor da neve. Dois pares de sapatos. Ao me aproximar, vi que um dos pares

era do tamanho dos meus pés e o outro, um pouco menor. Olhei para a mata silenciosa ao meu redor, desconfiada, de repente, de que houvesse olhos a me vigiar. Mas as pegadas, que revelavam as muitas direções em que os visitantes haviam caminhado, estavam cobertas de neve e deviam ser de vários dias antes. Em todos os anos em que frequentava a clareira, nunca tinha visto sinal de outros visitantes. Só de vez em quando eu encontrava uma das minhas pedras fora do lugar ou caída ao lado do pedregulho, empurrada pelos animais ou pelas intempéries. Observando as pegadas, meu coração disparou. Corri para ver a parte de cima do pedregulho. Meu círculo de doze pedras não estava desarrumado.

No meio dele, contudo, havia uma pedra redonda. Eu a peguei e a segurei na palma da mão, maravilhada, como se fosse uma aparição. Era pesada e redonda, inegavelmente do tamanho e no formato de um pêssego.

Olhei para a clareira de novo e de novo, ansiosa por uma explicação. Nem uma ave, nem um esquilo, nem um galho se mexeram. Até mesmo os fiapos longos das nuvens da tarde deixaram de se aproximar do sol. Fiquei naquela quietude por não sei quanto tempo, de ouvidos apurados. Segurei a pedra redonda junto da barriga e vasculhei toda a clareira em busca de pistas.

Por fim, como nada nem ninguém se revelou, fiz o que fora fazer. Deixei a 13ª pedra no círculo e disse uma bênção para meu filho. As nuvens se apossaram do céu e a tarde ficou fria demais para os meus braços nus, mas ainda assim continuei lá.

Sabia que uma pedra redonda deixada em cima de um pedregulho talvez fosse só uma pedra e as pegadas, meros vestígios de desconhecidos curiosos que tinham encontrado no meu círculo uma estranha obra de arte à qual acrescentaram sua contribuição. No entanto, não pude deixar de pensar em outra possibilidade: talvez, depois de tantos anos, aquele lugar os tenha chamado, a outra mãe e meu filho, tal como tinha me chamado; talvez o círculo de pedras os tenha feito pensar em mim como eu pensava neles, e talvez eles tenham deixado lá uma mensagem em forma de pêssego, só para o caso de eu a encontrar.

Vinte

1970

Conforme o tempo passava, eu me apaixonava cada vez mais pelo nascer do sol de verão no meu pomar. Toda manhã em que eu saía pela porta lateral da casa para o ar doce e orvalhado, perfumado por pêssegos maduros, pelo solo nutritivo e pela chuva noturna, era um bom dia para mim. Uma manhã tal como essa raiou límpida e dourada em meados de agosto de 1970. Abri as torneiras de metal frio para irrigar os sulcos entre as fileiras de árvores, peguei um cesto e comecei a colheita. As frutas eram uniformemente gordas, impecáveis e soberbamente doces.

A terra e os anos tinham sido muito gentis. Eu e Greeney levamos quase uma década para deixar as árvores transplantadas com o rendimento e a qualidade de antes – e o mesmo tempo para cultivar os enxertos em novos blocos do terreno. Mas, por fim, deixamos o papai e o vovô Hollis orgulhosos. Naquele verão, todas as bancas da região tinham pêssegos Nash, além de clientes fiéis que, mais uma vez, percorriam quilômetros até lá. Greeney publicou artigos, ganhou prêmios e estabilidade no cargo por seu papel, enquanto eu passava todas as manhãs do fim do verão e começo do outono colhendo pêssegos, tal como fazia quando era garota.

Continuava minha peregrinação anual à clareira, mas não tinha resolvido o enigma da pedra em forma de pêssego. Depois de encontrar a pedra e as pegadas na neve na primavera de 1962, passei meses voltando quase toda semana, na esperança de ver provas da volta dos visitantes ou pistas de sua identidade, mas não encontrei nada. Passei vários anos depois vasculhando as margens da clareira a cada viagem anual, ávida... pelo quê? Por qualquer mínimo sinal deles. Uma vez deixei um bilhete, escrito às

pressas num pedaço de papel que encontrei na caminhonete, breve e vago demais, provavelmente mal ancorado contra o vento. Dizia, simplesmente: *Falem comigo*. Mesmo assim, nada.

Por fim, parei de procurar pistas e abandonei a ideia desesperada de que a pedra redonda fora deixada para mim. Eu me forcei a acreditar que me sentar no tronco naquele lugar tranquilo e sagrado e acrescentar mais uma pedra para meu filho bastava. A pedra redonda estava havia muito tempo na minha casa, na estante de livros, não como símbolo da esperança de um reencontro com meu menino perdido, mas como um alerta contra os desejos tolos e as peças que a imaginação pode pregar quando se quer muito o que não se pode ter.

Eu contratava ajudantes a cada colheita – homens da região, seus filhos e trabalhadores temporários que batiam à minha porta –, que trabalhavam ao meu lado para garantir que cada pêssego fosse colhido e entregue no auge da maturação. Naquela manhã específica em agosto de 1970, quando os ajudantes chegaram, eu me despedi e fui para o galinheiro. As galinhas-d'angola correram e gritaram aos meus pés enquanto eu espalhava a comida e enchia uma cesta de ovos bege. Zelda vinha para o café da manhã. Ela havia feito o pedido que fiquei feliz em atender: ovos de galinha-d'angola mexidos com alho e espinafre da horta, acompanhados dos meus bolinhos de pêssego com framboesa servidos com pêssego fatiados, recém-colhidos e polvilhados com canela.

Ed e Zelda eram as únicas pessoas que eu conhecia no vale que não cultivavam nada da própria comida. Zelda gostava de dizer que ela e o marido foram feitos para comprar e vender a terra, não para trabalhar nela. Não era piada. Os Coopers nunca sujavam as mãos, o que tornava quase inexplicável a afinidade entre nós. Mas, no decorrer dos anos, passei a amar os dois e ela se tornou uma das maiores bênçãos da minha vida. Não nos víamos com frequência. Eu me ocupava da fazenda e gostava de ficar sozinha para vagar pelos bosques e pelas margens dos rios ou fazer qualquer outra coisa que quisesse. Zelda ajudava Ed na imobiliária, passava um tempo com sua grande família em Hotchkiss e ia toda semana a Grand Junction para fazer compras. Além disso, era uma leitora voraz, e, quando nos encontrávamos, sempre tinha algo a dizer. Em geral, levava uma *Reader's Digest* ou uma *Time*, e apontava para manchetes e resumia

matérias, me lembrando de que existia um mundo em movimento constante fora do vale do North Fork.

Naquela manhã, Zelda falou pelos cotovelos enquanto tomávamos o café da manhã na minha longa mesa de pinho, mostrando-me matérias sobre direitos civis, hippies marchando por um tal Dia da Terra e a mais recente tragédia na "porcaria de guerra no Vietnã". Eu gostava de aprender com Zelda. Só não gostava do seu outro assunto preferido: os homens.

– Aquele apicultor bonitão ligou pra você? – perguntou.

O sol do fim da manhã entrava pela janela e acendia seu cabelo loiro como uma auréola, mas suas esperanças em relação a mim e ao apicultor não eram lá muito angelicais.

– Ai, Zel – falei, suspirando. – A gente precisa cair sempre nesse assunto?

Havia muito tempo ela assumira a missão de corrigir meu desinteresse pelos homens.

– Precisa, sim. – Assentiu teimosamente com a cabeça, pegando um bolinho quente da cesta. – Ele ligou?

– Não quero namorar com ele.

– Quem falou em namorar? – Zelda deu uma piscadela, mordeu o bolinho e gemeu de prazer. – Pelo amor de Deus, Vi. Tá bom. Você não quer saber de casamento. Eu entendi. Mas todo mundo precisa de um... *docinho*... de vez em quando.

Ela riu e eu revirei os olhos.

– Bom, está esperando o quê? – perguntou. – Warren Beatty bater na sua porta?

– De jeito nenhum – respondi, sorrindo de lado e balançando a cabeça.

– Então, é *o quê*?

Ela suspirou e afundou os ombros num gesto dramático de derrota. Então, seus olhos grandes ficaram sérios, ultrapassando nossas brincadeiras típicas sobre o assunto, implorando que eu me explicasse. Mas não consegui.

Muitas vezes tinha vontade de contar a Zelda a história de Wilson Moon.

– Nada – foi o que eu disse. – Eu já falei. Não estou esperando nada nem ninguém. Muito menos o *docinho* de um apicultor.

Eu sorri, mas Zelda, que em geral ria tanto, e mais ainda de qualquer comentário picante, não mudou a expressão. Deixou o garfo no prato e aproximou o rosto de mim.

– O que é, Vi? Deixa disso. O que é que você está escondendo? Por que

não quer namorar?

Como eu poderia explicar a ela por que um primeiro amor trágico quando eu tinha apenas 17 anos me impedia de amar outra vez?

– Vamos falar sobre isso dessa vez – insistiu ela.

Mas eu só conseguia pensar nas muitas maneiras pelas quais havia falhado com Wil e com nosso filho, e que se eu passasse a vida sozinha nunca mais trairia os dois nem qualquer outra pessoa. Só me importava com aquilo que eu sabia amar: a terra, as árvores e os pêssegos.

– Algum desgraçado te machucou? É isso? – perguntou Zelda, franzindo as sobrancelhas bem delineadas.

– Não, não – respondi depressa. – Não é isso. É que...

Queria tanto contar tudo a ela. Porém meu segredo residia num cofre tão profundo que eu não tinha ideia de como abrir a fechadura e libertá-lo. Não temia o desprezo de Zelda. Ainda assim, não conseguia pronunciar as palavras. Mal conseguia explicar meu passado para mim mesma. Eu só sabia que um lindo rapaz tinha morrido por mim e que o nosso bebê estava em algum lugar sem saber quem era nem de onde vinha.

– Então... é o quê? – Ela esperou, o olhar cheio de ansiedade.

– É... Não é nada – respondi, mais uma vez deixando a verdade passar como uma semente flutuante, incapaz de se ancorar.

– Você é lésbica? – perguntou sem julgar.

– Não.

– Gosta daquele seu amigo cientista nerd?

– Greeney? Ai, nossa, não.

Greeney continuara a ser um conselheiro valioso ao longo dos anos e um visitante bem-vindo de tempos em tempos. Mas sua vida particular nunca foi do meu interesse e ele não a comentava. Falávamos de raízes, solo e fungos e provávamos pêssegos juntos com uma precisão metódica.

– Você é casada com seu pomar que nem uma espécie de freira das árvores? – perguntou sem ironia.

– Não. – Sorri para ela com olhos inexpressivos, considerando a porção de verdade em suas palavras.

Ela suspirou e terminou de comer os ovos enquanto eu ia para a cozinha cortar mais pêssegos.

– Então, nada de homem e nada de bebê – disse ela quando voltei.

Meu coração quase parou. De homem até conseguia falar. De bebê, não.

O círculo no pedregulho da clareira tinha então vinte pedras, tantas que dava uma volta ao redor de si mesmo, uma longa espiral como a concha de um caracol que ocupava toda a superfície plana do pedregulho.

A pedra cinzenta em forma de pêssego que eu tinha descoberto anos antes no meio do círculo estava na estante logo atrás da cabeça de Zelda.

– E você? – indaguei, evitando a pergunta sobre bebês. – Nunca disse por que você e o Ed não têm filhos. É claro que eu fico imaginando, mas não queria me intrometer.

– Ah, querida, nada que você perguntasse seria intromissão. – Zelda dispensou meu comentário absurdo com a mão de unhas bem-feitas. – Na verdade, é uma tristeza. Este corpo pode ser fantástico – ela passou as mãos pelas laterais do minivestido laranja sem mangas como se sua silhueta fosse um prêmio num concurso de TV –, mas não consegue fazer um bebê.

Seis vezes, disse ela. Seis gestações. Seis bebês perdidos. O sexto, explicou encolhendo-se de um jeito comovente, ela abortou num estágio tão avançado que chegou a segurar o minúsculo bebê azulado nas mãos.

– Ah, Zelda – gemi.

Eu me lembrei da agonia de segurar meu próprio recém-nascido sem vida e do puro milagre que foi a primeira vez que ele respirou. Lágrimas afloraram nos meus olhos, tanto pela lembrança do alívio quanto de tristeza por minha amiga.

– Era um menino – disse ela, solene. – Demos um nome pra ele. Joseph. – Ela se deteve. – Levo ele... todos eles... bem aqui. – E pousou a mão no coração. – Eu e Eddie construímos uma vida boa. Mas sempre faltaram umas peças, sabe?

Eu sabia, sim. Enxuguei os olhos e me limitei a ouvir.

– Você vai achar que eu sou louca – continuou –, mas eu olhava pra nossa sala de estar, pro quintal ou em volta da árvore naquelas manhãs de Natal antes de você chegar e imaginava eles, todos os meus filhos, fazendo bobagem juntos e brincando de lutar feito cachorrinhos. – Ela abriu um sorriso fraco, depois agitou as mãos na frente do rosto, afastando as imagens. – Talvez eu seja louca mesmo – disse, rindo.

Eu nunca deixara de ver Wil e meu filho no pomar, sorrindo para mim à beira das árvores ou mesmo trabalhando ao meu lado. Se ela era louca, eu também era.

– Sabe no que mais eu penso? – disse ela. – Que hoje o meu Joseph

estaria com a idade exata pra ser convocado para aquela porcaria de guerra no Vietnã. Arrancado do vale. Uma coisa eu garanto: se ele ainda fosse meu, levaria ele pro Canadá, aceitaria ir pra prisão ou pro inferno para ter certeza de que ele não precisaria ir.

Ela olhou pela janela, melancólica, talvez vendo o filho parado ali entre os álamos, e concluiu:

– Ah, se tivesse tido a chance, eu seria uma mãe bem coruja.

Eu invejava muitas coisas em Zelda Cooper – o talento para conversar, a compreensão da política, a família próxima, a noção de estilo, a gargalhada sem reservas e, para ser sincera, até mesmo aqueles olhos grandes, azul-esverdeados, com longos cílios pretos. Ela, por sua vez, comentava com frequência o que invejava em mim, dizendo que nunca conseguiria morar sozinha nem andar pela floresta sozinha como eu, nunca sequer começaria a fazer jus aos meus conhecimentos sobre o pomar, a horta e a cozinha. Eu não sabia muito sobre amizade, mas imagino que nisso éramos como a maioria das grandes amigas, apreciando nossas diferentes qualidades sem cobiçá-las. Mas naquele dia, quando Zelda falou com a franqueza de uma mulher completamente à vontade com o próprio passado difícil, lamentei por minha amiga, mas também tive inveja da sua franqueza sem filtro, da ausência total de culpa.

Talvez naquele momento eu finalmente me abrisse e contasse tudo a ela se não fôssemos interrompidas por uma batida na porta lateral.

Encontrei Carlos ali, com sua caixa de ferramentas vermelha. Tinha ficado alto e bonito: era um rapaz de 21 anos de ombros largos, um bom carpinteiro. Batia à porta toda vez que precisava de dinheiro, sabendo que eu sempre teria trabalho para ele.

Convidei-o a entrar e ele o fez à sua maneira calma e graciosa, sentando-se conosco por um tempo. Zelda conversou com o rapaz enquanto ele devorava três bolinhos de pêssego e respondia às perguntas dela com sorrisos e movimentos de cabeça. Eu me contentei em observá-lo: a maneira como comia, sorria e tirava a franja preta da testa com a mão larga e calejada.

– O que você vai fazer se te convocarem? – perguntou Zelda a ele antes de eu perceber que ela tinha voltado a falar do Vietnã.

– Vou sumir por aí – respondeu Carlos sem hesitar, com a boca cheia de

bolinho, apontando para a janela em direção à região vasta e selvagem da cordilheira West Elk. – Vou lá pras montanhas. Conheço elas.

Zelda fez que sim e apertou o ombro dele, como se quisesse enraizá-lo onde estava sentado.

– Bom menino.

Ele era jovem, ingênuo e audacioso, tal como eu tinha sido.

Quando acompanhei Carlos até o celeiro para mostrar a viga caída que precisava de reforço, ele se debruçou na caixa de ferramentas para já começar o trabalho, mas não consegui me retirar. Fiquei parada na porta do celeiro observando-o por muito tempo.

– Carlos? – falei por fim, e ele ergueu o rosto. – Se você tiver que ir embora, por favor, venha se despedir. Eu te mando uns potes de pêssegos.

Se ele estranhou o pedido, era educado demais para demonstrar.

– Vou tentar.

Ele fez que sim educadamente: a maneira de um rapaz dizer que provavelmente não faria aquilo.

Meu coração doeu quando fechei a porta do celeiro ao sair. Tornei a abri-la.

– Carlos? – repeti.

Ele ergueu os olhos gentis e escuros.

– Eu quis dizer que te levo de carro pra lá. Sabe, se precisar. Também conheço as montanhas.

Ele sorriu e agradeceu, e saí dali com um vazio terrível na barriga.

Voltei para casa e encontrei Zelda lavando a louça do café da manhã, dizendo que precisava correr para ajudar Ed a fechar um negócio. Não pareceu ser verdade. Em vez disso, ela parecia estar fugindo de mim. Achei que deveria pedir desculpas por alguma coisa, mas minhas mentiras para ela, e para mim mesma, foram todas por omissão. Eu não tinha nada a -contradizer.

– Desculpa – disse mesmo assim.

– Desculpa pelo que, Vi? – perguntou ela, obviamente dando-me mais uma chance de ser sincera.

Eu não sabia como responder.

– Desculpa por fazer você falar sobre... os seus bebês – falei feito uma tola.

Seu olhar foi tanto de incredulidade quanto de piedade.

– Por que eu não falaria sobre eles? São os meus bebês. Além disso, você não me *fez* fazer nada. Eu sempre quis te contar. Só que não sabia se isso te importava. Agora, se fossem mudas de pessegueiro...

Ela tentou implicar comigo, porém sua risada foi fraca demais e as palavras, verdadeiras demais.

– O que quer que você esteja escondendo – continuou –, a decisão é sua. Mas me deixa dizer duas coisas. Primeiro, sei que você é bem durona, que salva as suas árvores, administra a fazenda, trabalha muito, anda por aí e todas as outras coisas que faz sozinha. Só que carregar suas tristezas sozinha não é força, Vi. É castigo, puro e simples. O que quer que tenha te acontecido, você precisa parar de se culpar.

Eu me senti como uma criança ouvindo uma bronca e só queria que ela fosse embora.

– E, segundo, fiquei sentada aqui à sua mesa e vi você olhar para aquele garoto, o Carlos, com os olhos mais tristes deste mundo. No dia em que estiver pronta pra me contar do que se trata, vou estar aqui pra ouvir.

Virei a cabeça para que ela não pudesse ver meus olhos.

Ela me beijou na bochecha, agradeceu pelo café da manhã e parou a caminho da porta, dizendo:

– E vou parar de jogar os homens pra cima de você. Prometo.

Quando ouvi o carro de Zelda partir pela estrada, voltei ao pomar para retomar a colheita. Fileira após fileira de pêssegos perfeitos me rodeavam. Os ajudantes assobiavam músicas no alto das escadas e punham cestos cheios na estrada do pomar, esperando o caminhão de entrega. A água da irrigação fluía e o sol de agosto brilhava, quente e radiante. Minha fazenda inteira e meu negócio funcionavam como um relógio. Em cada banca, sem dúvida, uma fila de compradores esperava pelas minhas frutas. Como disse Zelda, eu tinha provado ser durona o bastante para trabalhar naquela terra, e a terra tinha se mostrado generosa o bastante para me aceitar. E, mesmo assim... Nos momentos mais sinceros, eu sabia que a tristeza continuava viva em cada folha e raiz, no caroço de cada pêssego. Era muito simples: Wil e nosso filho não estavam de fato sorrindo para mim na beira do pomar nem trabalhando ao meu lado, e nenhum esforço da imaginação mudaria isso.

Eu ainda não tinha feito a visita anual de verão à clareira, dizendo a mim mesma que estava ocupada demais com isto ou aquilo. Para ser sincera, ao colocar a vigésima pedra no verão anterior e olhar para o círculo, uma

sensação de desfecho tomara conta do meu coração. Eu tinha olhado para a clareira ao redor e me perguntado: com o círculo completo, com meu filho adulto, será que aquele lugar também já tinha cansado de mim? Inquieta por causa da manhã que tivera com Zelda e Carlos, a clareira me atraiu a voltar e fazer aquela pergunta mais uma vez.

Na garagem, uma nova picape Ford azul estava ao lado da velha caminhonete do papai. A relíquia enferrujada tornara-se temperamental e pouco confiável, mas mesmo assim eu a escolhi. Se aquele seria meu acerto de contas com a clareira, parecia apropriado que a velha caminhonete me levasse até lá.

Àquela altura, eu mal reconhecia a maior parte do longo caminho de volta à região selvagem de Big Blue. Novas estradas de cascalho e acampamentos de trabalhadores construídos às pressas marcavam as colinas que antes continham apenas artemísia e gado. Escavadeiras e retroescavadeiras jaziam ociosas, como dragões amarelos adormecidos depois de causar um estrago. A Highway 50, desviada, subia, descia e se curvava através de todas elas até a massa imponente de concreto e rocha que formava a represa de Blue Mesa surgir como uma grande cicatriz. Eu tinha visto a construção avançar, parte após parte horrenda, durante muitos dos verões anteriores quando ia para a clareira. Mesmo assim, a realidade da represa nunca deixava de me chocar. Pior ainda, eu me preparei para o que sabia que veria do outro lado: o reservatório vasto e azul onde antes existiam Cebolla, Sapinero e Iola, o rio Gunnison estrangulado e inchado a quase 2 quilômetros além das suas margens originais.

Pescadores e algumas famílias fazendo piquenique pontilhavam um trecho de areia na margem sul do reservatório, confundindo aquela paisagem com a natureza. Sem dúvida, achavam o novo lago bonito, e eu também poderia achar se não tivesse nenhuma história naquele lugar, nenhum conhecimento do seu artifício e da ruína espalhada nas profundezas. Fiz o melhor que pude para desviar o olhar enquanto contornava a beira do reservatório, aliviada por virar na estrada de terra conhecida que levava à clareira.

A caminhonete seguiu a longa subida e atravessou a floresta. Quando por fim saí dela e estacionei, dei um tapinha agradecido no painel. Uma brisa quente e doce soprava pela janela aberta enquanto eu observava a clareira do assento do motorista. Alguma coisa na luz intensa do sol da tarde

e nas sombras recortadas que o velho pinheiro-ponderosa lançava pareciam estranhamente sérias e pouco acolhedoras. Tão certo quanto ao acordar diante da neve de verão que selara o destino do meu bebê ou ao abrir a porta para o homem do governo que propôs comprar minha terra, entendi à primeira vista que estava na hora de partir.

E, naquela mudança de ideia, eu vi: ali, em cima do pedregulho, no meio do círculo de pedras do meu filho, no local exato onde uma vez encontrei um pêssego e, depois, uma pedra em forma de pêssego, havia um saco plástico debaixo de uma pedra chata, se debatendo na brisa como um pássaro preso.

Saí devagar da caminhonete, tentando me preparar. Meu coração batia apressado como uma cascata de primavera quando me aproximei do pedregulho e vi uma grossa pilha de papel azul-claro dentro do saco fechado. Minha mão tremeu quando a estendi. Eu me lembrei de estendê-la exatamente assim quando bati pela primeira vez na porta rosa de Ruby-Alice, acreditando que Wil a abriria, e ele o fez. Peguei o saco plástico, sabendo que abri-lo também mudaria tudo.

A poeira e o pólen dos pinheiros caíram do saco para a brisa. Não havia como saber se a camada fina se acumulara no plástico havia um dia ou um ano. Decidi que não importava. Ele estava lá e eu também.

Através do plástico transparente vi uma letra cheia de voltas, como uma carta escrita às pressas. Na primeira linha, senti um nó na garganta e as lágrimas turvaram minha vista. Não era bem uma carta, mas as páginas de um diário. Bastaram as primeiras palavras para eu saber que a oferenda era mesmo para mim e que tinha sido deixada não por ele, meu filho, mas por ela, a outra mãe.

Enxuguei os olhos com a barra da camiseta e reli a primeira linha através do plástico:

Com o bebê no peito, ouvi uma ave cantar.

Eu ansiava e temia cada palavra que viria a seguir. Levei o saco até o tronco e esperei um pouco no ponto onde sempre me sentava – no lugar dela – antes de abrir o selo e pôr as páginas no colo.

Meia folha dobrada caiu no chão. Eu a abri e encontrei um bilhete escrito

com a mesma letra apressada. Dizia, simplesmente:

Mãe da Floresta,

Esta é a minha história. Uma tentativa, pelo menos. Pensei tê-la escrito para mim mesma, a fim de tentar entender tudo e me lembrar. Mas a lacuna nesta história sempre foi você.

Agora sei que a escrevi para você. Para finalmente contar tudo que você precisa saber.

O bilhete estava assinado com um nome – Inga Tate –, seguido de um número de telefone e um endereço no sul, em Durango.

Ler as primeiras páginas foi como reviver aquele dia de agosto de 1949 através de uma bola de cristal – o piquenique numa toalha vermelha, os gaios estridentes, o marido e o cigarro, o recém-nascido a se debater nos braços dela.

Ela havia encontrado o meu bebê, segundo escreveu, tal como eu imaginara – os gritos dele se elevando acima do canto das aves, depois a corrida do tronco caído até o carro, onde o descobriu. Chorei ao saber que ela, imediata e instintivamente, o levou ao peito para amamentá-lo. Chorei de novo ao finalmente saber o nome do meu filho.

– Lukas – sussurrei sem fôlego na floresta, abraçando as páginas junto ao peito.

Voltei à primeira página. Respirei fundo para tentar firmar as mãos e acalmar a mente. Então recomecei a leitura.

PARTE IV



1949–1970

Vinte e um

PÁSSARO

Com o bebê no peito, ouvi uma ave cantar.

Dois gaios empoleirados acima de nós, cobiçosos, gritando feito loucos, envoltos na fumaça serpentina do cigarro do meu marido. Os olhos negros das aves fixos no piquenique montado às pressas na toalha vermelha: pêssegos num saco de papel pardo comprado de uma mulher obesa numa banca à beira da estrada, um prato de papel com pão e presunto fatiado por um comerciante magro naquela cidade à beira do rio onde paramos na longa viagem de carro do hospital em Denver para casa.

O tronco caído era um assento estranho para uma lactante novata e um bebê voraz. Eu balançava, tentando manter o pudor, mas me atrapalhei ao abrir a blusa. Paul virou de costas. O bebê chutou e socou até finalmente agarrar meu seio inchado e mamar. Eu queria dar apenas uma mordida num pêssego, mas Maxwell não parava de uivar desde que saímos de Iola, muito antes de Paul escolher a clareira para estacionar o carro, bufando. Tentei organizar o piquenique ao gosto de Paul, mas, naqueles quatro dias desde que Max nascera, tinha descoberto um fato inegável: o bebê vinha primeiro.

O canto das aves substituiu o choro de Max enquanto ele mamava. Alto entre os pinheiros, por toda a vasta floresta, um coro de guinchos, chilreios e trinados que soava frenético, alegre, triste e lindo ao mesmo tempo.

De repente, um canto que não era de pássaro.

Apurei os ouvidos, insegura. Então, sem equívoco, todos os instintos

maternos afloraram: era o choro frágil e lastimoso de um recém-nascido.

Tirei Max do peito e entreguei o bebê insatisfeito ao pai igualmente insatisfeito, inclinando o ouvido à brisa. Pai e filho ficaram perplexos com meu gesto repentino. Fechei a blusa e corri na direção do carro e do som inexplicável.

A impossibilidade de achar o que acreditava que acharia fez meu pequeno trajeto parecer onírico. Porém, quando espiei pela janela do carro, lá estava ele: um recém-nascido chorando sem forças.

O bebê silenciou quando abri a porta. Estava enrolado num cobertor amarelo de tricô. Uma fralda de tricô encharcada envolvia o traseiro esquelético, e todo o corpo diminuto, com metade do peso de Maxwell, parecia uma obra de arte feita com gravetos.

Eu me sentei no banco de couro quente e por instinto ofereci meu leite. Ele engasgou e cuspiu, quase se afogando, até por fim ajustar a sucção ao meu fluxo e beber goles longos e vorazes.

Paul se aproximou com passos furiosos, segurando Maxwell frouxamente com um único braço grosso. Seu rosto refletiu horror, confusão e nojo: antes que eu concedesse qualquer emoção nítida à minha descoberta inconcebível, meu marido já lhe atribuíra três.

Paul olhou para a floresta infinita à esquerda, depois à direita, enfiou Max no meu braço livre, virou-se e saiu para procurá-la, a mãe louca daquele bebê abandonado e faminto.

Maxwell berrava. Meus seios doíam. Minhas lágrimas perplexas afloraram.

Eu estava coberta de bebês.

PÊSSEGO

Ela me deu seu bebê e eu lhe deixei um pêssego. Uma recompensa pequena, mas fazia menos de um ano que meus braços estavam cheios de livros didáticos, não de bebês, que eu não queria nem um filho meu, muito menos dois.

Tinha colocado os meninos enfim adormecidos no banco de trás e recolhido os restos do piquenique. Depois deixei um pêssego redondo na superfície plana

de um pedregulho escarpado – na esperança de dizer mais do que "Sei que você está com fome", de informar a ela "Estou com ele e vou cuidar para que ele fique em segurança" – e esperei Paul voltar para dar seu veredito.

Ele chegou meia hora depois, suado, derrotado.

– Entra no carro – ordenou.

Segurei uma criança adormecida em cada braço e olhei pela última vez para o pêssego que deixei para trás, enquanto Paul levava o carro de volta à estrada de terra, virava bruscamente e voltava, veloz, ao caminho que havíamos percorrido. No cruzamento com a Highway 50, parou e refletiu. Durango à esquerda, Iola à direita.

Sem dizer uma palavra, ele virou o carro para a esquerda, em direção à nossa casa.

Ficaríamos com o bebê. Mesmo antes de Paul virar o carro, eu já sabia. O nascimento de Maxwell não correu bem. Quando o sangue escorreu do meu útero, o médico instruiu Paul a me levar para o hospital em Denver bem antes da data esperada. Passei quase três semanas lá, imóvel, esperando, sangrando, e fiquei estéril depois do parto. Trompas ligadas, como disseram, o que pelo menos me livrou de ter que passar por tudo aquilo outra vez.

– Vamos dizer que você teve gêmeos – disse Paul, então.

Eu sabia que era melhor não discutir. No dia do nosso casamento ele havia decretado dois filhos, de preferência meninos, indiferente ao que eu queria. Não aceitaria a tristeza de um filho único como ele mesmo tinha sido nem a despesa de três. Como sempre, conseguiu o que queria. Ainda não havíamos anunciado o nascimento de Max, mas, ao fazê-lo, anunciaríamos gêmeos. Um nascido da floresta, com metade do tamanho e de pele um pouco mais escura que o outro. Mas gêmeos seriam.

Depois de quilômetros em silêncio, perguntei timidamente:

– Vamos colocar nele o nome Lukas?

Maxwell foi escolha de Paul, o nome de um físico que ele admirava, algo que poderia exibir entre os colegas do departamento de matemática da universidade. Lukas tinha sido o nome do meu pai, escrito no meu coração.

Paul resmungou sua desaprovação, porém, para minha surpresa, concordou, reforçando em seguida:

– Mas vamos chamar ele de Luke.

Estendeu a mão para o saco de papel entre nós, tirou o pêssego restante e deu uma mordida profunda e aromática enquanto dirigia.

Desse dia em diante só o chamei de Lukas, e Paul, no fim das contas, quase não o chamava de nome nenhum.

CAMINHAR

Em casa, Maxwell chorava noite após noite em claro. Eu o embalava e caminhava pelo corredor, para lá e para cá, como um animal atordoado no zoológico, enquanto Lukas passava a maior parte do tempo dormindo. Paul fazia tentativas breves de me ajudar, depois empurrava Max de volta para mim, ofendido pelos berros indomáveis do bebê.

Antes de nos casarmos, eu só sabia que Paul era um universitário de cabelo preto e sobrancelhas escuras, extraordinariamente bonito, disposto a falar comigo enquanto eu estava sozinha na minha primeira festa na Universidade Estadual de Ohio. Foi fácil confundir sua atenção com afeto, sua arrogância com a erudição e a personificação dos meus sonhos estudantis. Ele, sem dúvida, ficou mais atraído pela minha adoração ingênua do que pela caloura boba que eu era. Eu deveria ter ido embora naquela primeira noite, quando ele caçoou de mim por estudar literatura e querer ser escritora um dia. Em vez disso, bebi ponche com ele e acabei em seus braços.

Depois, eu o encontrava muitas vezes chamando por mim debaixo da janela do meu dormitório e, instigada por companheiras de quarto bobinhas e por minha própria paixão equivocada, abandonava os livros para me encontrar com ele. Quando me pediu em casamento, fiquei aturdida e confundi isso com amor. Assim, eu, Inga Sabrina Zimmerman – com um nome repleto da Alemanha dos meus pais, que esperava ver um dia escrito em capas de livro –, me transformei em quatro palavras simples: Sra. Paul Ray Tate. Mal havia me adaptado ao choque de ser esposa quando soube que em breve também seria mãe, o freio duplo que interrompeu todos os meus planos e sonhos.

O Colorado não era um lugar em que eu já tivesse pensado depois de aprender seu formato nitidamente retangular num mapa. Quando Paul anunciou que tinha conseguido um emprego como professor no oeste e que iríamos embora de Ohio, o nome da cidade – Durango – pareceu mais antiquado e solitário do que eu poderia suportar.

– Mas o Colorado, Paul... é... – tentei dizer.

– É um lugar, Inga – disse ele com olhos ardentes, me interrompendo. – O Colorado é um lugar. É para onde vamos. E ponto-final.

Percebi então, tarde demais, no que havia me metido, o tipo de marido e pai que ele seria.

Mas esta história não é sobre Paul. É sobre mim e os meus meninos. Pode ser que tenhamos sido um trio relutante, mas fomos um trio mesmo assim. Um ou outro dos meus filhos, ou ambos, ocupavam todos os meus momentos. Tudo que eu temia ao trocar os estudos pela maternidade se provou ser verdade – em dobro.

Minha única pausa era ao caminhar. A mulher do ministro na igreja em que Paul insistia em nos exibir todo domingo tirou um velho carrinho duplo de bebê do seu galpão e o ofereceu para mim. Ele trouxe mais salvação do que qualquer sermão da igreja. Ao longo do primeiro ano de maternidade atordoante, pôr os bebês lado a lado no carrinho – um grande, o outro pequeno – e andar pelas calçadas de Durango era meu único momento de paz. Pelo nosso bairro e pelo centro da cidade, atravessando o parque amplo, subindo e descendo a ladeira na Seventh Street, Lukas dormia ou contemplava as nuvens e até Max ficava quieto.

Os melhores dias eram quando os bebês me deixavam andar até o rio de Las Animas, o "rio das almas". Era caudaloso e rápido em comparação com os rios de Ohio que eu conhecia. Eu estacionava o carrinho, tirava uma caneta e um caderno da bolsa de fraldas e me sentava na margem para observar a água branca espirrar e mergulhar em cima das rochas. Pensava em casamento, fraldas, roupa suja e todas as minhas possibilidades perdidas. Pensava também na verdadeira mãe de Lukas, no desespero que devia tê-la dominado para que a levasse a abandoná-lo. Pensava nas manchetes dos jornais nas lojas pelas quais passava, nos anos do pós-guerra, tão inquietos e desvairados, e me perguntava que tipo de mundo esperava meus filhos. No entanto, assim que punha a caneta no papel para tentar registrar meus pensamentos, um bebê chorava e eu fechava o caderno, me levantava e voltava a caminhar.

MÃOS

Lukas continuou menor, mais moreno e mais calmo que Max. Porém, à medida que os bebês iam crescendo, ninguém questionava seu parentesco genético. Mesmo eu tendia a esquecer que Lukas não era do meu corpo e do meu sangue – até o canto de certo pássaro ou determinada inclinação da luz no verão me levarem de volta ao dia em que o encontrei.

Por fim, desisti dos cadernos e romances que levava à toa na bolsa de fraldas e parei de desejar a vida que poderia ter vivido. Em vez disso, eu me entreguei à maternidade. Era ela ou a loucura.

Na resignação, aprendi a amar meus meninos. Max – volátil, temperamental, parecido demais com o pai, mas também alegre, curioso e engraçado. Lukas – gentil e sábio desde o começo, como se entregue à nossa família para equilibrar o fogo de Maxwell. Qualquer que fosse a fonte da sua calma, Lukas enchia a minha vida de uma alegria inesperada. Paul ia e vinha como bem entendia, e eu tentava não me importar com isso. A única gentileza verdadeira que fez por mim foi parar naquela clareira da floresta onde o bebê Lukas precisava que eu estivesse.

Não era fruto da minha imaginação que Lukas tivesse um quê de encanto, uma eletricidade, um calor, ou apenas ternura no coração. Ele resgatava aranhas dos ralos das pias, libertava abelhas da tela nas janelas e, quando um animal ou planta estava doente, uma carícia dele parecia restabelecê-los. E mais importante ainda: ele conseguia acalmar Maxwell quando nada mais chegava perto de fazê-lo. Mesmo bem no meio da birra, as mãos de Lukas sobre Max o levavam ao relaxamento ou às lágrimas. Depois Lukas voltava à brincadeira como se nem tivesse sido interrompida.

ÁRVORE

Os meninos cresceram junto com o álamo do quintal, que por sua vez cresceu com eles. Os galhos delicados como renda no verão em que nasceram estavam grossos e prontos quando chegaram à idade de escalá-los. Subiam na árvore feito esquilos, se empoleiravam como pássaros, lindos como flores. Até uma tarde, quando olhei pela janela da cozinha e vi Maxwell deitado na grama debaixo da árvore, imóvel, Lukas agachado ao lado dele. Com o estardalhaço

da minha saída em pânico pela porta de tela, Lukas levantou as mãos em silêncio para me mostrar o sangue do irmão.

Descobri um braço deformado, não um crânio rachado nem uma coluna fraturada: um menino ferido, mas não perdido. O osso quebrado saía feito um galho partido acima do cotovelo de Max. Lukas pôs a mão ensanguentada acima da ferida, trêmulo, sabendo que nem mesmo ele poderia desfazer aquilo.

Levantei o corpo mole de Max do chão enquanto Lukas embalava o braço ferido e corremos para dentro. Pegando o telefone, tive que decidir: o vizinho, uma ambulância ou Paul? Em poucos minutos o professor aposentado que morava a três casas da nossa parou em frente ao meio-fio com seu sedã azul. Durante a cirurgia, a recuperação e a volta lenta e insegura ao uso da mão direita de Max, Paul me culpava. Eu tinha sido negligente e pegado a criança ferida de mau jeito, dizia ele; tinha sido tola ao chamar o vizinho, aquele velho lento e obtuso. Pior foi sua fúria contra os meninos: contra Max por ter subido alto demais, por ser descuidado e frágil, e contra Lukas – o querido e inocente Lukas – por empurrar o irmão da árvore, uma acusação absurda que Max lamentavelmente corroborou para agradar o pai. Só quando Paul saiu de machado na mão, pronto a atacar a árvore amada caso Lukas não admitisse o crime, o menino fez uma falsa confissão. Lágrimas espessas saíam de seus olhos enquanto ele me lançava olhares de soslaio, tristes e ligeiros. Ambos sabíamos que Max tinha pulado.

Com o tempo, Max sarou. A ideia de que Lukas empurrou o irmão da árvore se transformou em mais um mito familiar. Porém, a cada vez que era acusado, Lukas parecia pegar a mentira e colocá-la de lado, como uma fera doente demais para morder.

METADES

Eu estava estendendo a roupa ao sol de setembro, os ouvidos atentos ao beco onde Max andava numa das novas bicicletas azuis Schwinn que eu tinha convencido Paul a comprar como presente de aniversário de 12 anos. Max pulava sem parar de uma plataforma que os meninos tinham construído com

uma tábua de compensado e algumas pedras. Eu esperava o tombo e o choro inevitáveis.

Lukas estava ajoelhado perto de mim, polindo cada um dos raios da sua bicicleta idêntica. Seu cabelo brilhava, preto-azulado, à luz da tarde.

– Mãe, o que é mesticinho? – perguntou ele.

– O quê? Onde foi que você ouviu isso, Lukas?

Eu me abaixei, peguei mais roupas e as pendurei no varal, dois pares de calções menores e um dos grandes, de Paul.

– Foi o Jimmy – respondeu Lukas, polindo a curva do para-lama dianteiro.

– Dê mais detalhes – exigi, acostumada à brevidade de Lukas.

– Lembra quando ele pescou aquela truta bem grande?

Respondi que sim e ele contou da sua ida com Jimmy e o pai dele ao taxidermista, no sul da cidade. Lukas disse que o velho os deteve na varanda, cruzou os braços e ficou olhando para eles. Murmurou alguma grosseria para o pai de Jimmy, depois aceitou o isopor com o peixe e o levou para dentro da cabana, deixando-os na porta.

– Eu nem queria entrar mesmo – disse Lukas, limpando o selim da bicicleta. – A casa era fedida. Tinha cheiro de bicho morto. E de coisa triste.

Parei de pendurar as roupas para olhar meu filho e pensar na sua percepção característica. Um estrondo no beco chamou minha atenção. Esperava ouvir um grito de Max, mas em vez disso o ouvi xingar e chutar a bicicleta, depois montar nela de novo e dar mais uma volta.

– A gente se sentou num pneu velho no quintal pra esperar – continuou a explicar Lukas, acrescentando que então Jimmy lhe contou o que ouviu o taxidermista dizer: – Jimmy disse que o velho não deixou a gente entrar porque somos "mesticinhos".

Meu coração quase parou. Uma parte de mim sempre soube que o tom de pele de Lukas não poderia ter vindo de dois pais brancos, mas presumi que o cabelo escuro de Paul e sua distante ascendência italiana sustentassem bem a nossa história sobre o nascimento dele.

Lukas olhou para mim, confuso.

– Não é uma palavra bonita – comecei a dizer, escolhendo a mentira a seguir: – Seu pai tem sangue italiano e minha família é alemã. Então você tem um pouco de cada um.

– Papai diz que alemão é chucrute – disse ele.

– Essa palavra também não é bonita, Lukas. Nunca diga isso sobre a

minha família. Nem sobre ninguém, entendeu?

Ele assentiu, tímido.

– E o Jimmy? – perguntou.

Jimmy era loiro e tinha olhos azuis; obviamente não era o alvo da intolerância do taxidermista.

– Do Jimmy, eu não sei – respondi –, mas todo mundo é de algum lugar ou uma mistura de alguma coisa, metade isso, metade aquilo. Não se preocupe, meu bem. É só um velho rabugento.

Lukas fez que sim e perguntou:

– A senhora me leva até o rio? Aonde eu fui com o Jimmy e o pai dele?

Eu me perguntei por que não o tinha levado ao Animas pessoalmente, como fazia quando os meninos eram pequenos.

– Mas sem ser pra pescar os peixes – acrescentou ele.

Sorri.

– Claro, Lukas. Eu te levo até o rio.

Contente, Lukas voltou a atenção para a Schwinn azul radiante. Antes que ele pudesse montar nela, ouvimos o tombo e o grito de Max. Corremos até ele, tirando-o dos destroços, e o ajudamos a limpar as feridas enquanto ele culpava Lukas pela plataforma frágil.

No dia seguinte, eu e os meninos fomos de bicicleta até o Animas. Lukas começou a jogar pedras no rio. Tirou os sapatos, entrou pouco a pouco na água fria e logo estava com água até os joelhos, rindo. Max ficou amuado na praia, aborrecido e contrariado por descer da bicicleta, perguntando a cada poucos minutos quando poderíamos ir embora. Quanto mais Max reclamava, com mais força Lukas jogava as pedras, fazendo-as ricochetear nas pedras maiores do rio até partir uma delas ao meio.

PEDRAS

Depois que aprendeu o caminho até o Animas, era lá que Lukas queria estar. Ele pedalava até o rio com a luz de um pôr do sol perfeito ou da lua cheia, quando Paul ou as crianças na escola eram maldosos ou quando Max era egoísta ou rude. Quase nunca me convidava para ir com ele. Quando o fazia, eu o observava. Meu filho estava mudando. Uma melancolia silenciosa

expulsava pouco a pouco sua alegria, como se ele percebesse algo que não conseguia explicar a respeito de si mesmo, mas esperasse que o rio conseguisse.

Numa noite de inverno, jogamos pedras na água rasa bem quando o sol se punha sobre as montanhas brancas. Ele estava calado e evasivo em relação às minhas perguntas sobre a escola e os amigos. Deixei que ficasse em silêncio. A tristeza que se apoderava dele era insuportável para mim. Decidi então que, em maio, levaria Lukas até a clareira além dos desfiladeiros nas montanhas, perto do rio Gunnison – onde, quando bebê, ele gritara por mim –, e contaria tudo a ele.

Naquela primavera – na longa viagem de Durango para o norte, atravessando Dolores e Rico, cruzando o desfiladeiro Lizard Head em direção a Iola –, receei estar cometendo um erro terrível. Lukas ia animado no banco do passageiro. Viagem de turismo, eu dissera a ele depois de arranjar um colega para brincar com Max. Missão de escoteiro, tinha dito a Paul para poder usar o carro dele.

As estradas passavam estreitas e sinuosas por inúmeras florestas e penhascos. Em Telluride, parei para pôr gasolina e acalmar meus nervos em frangalhos. Lukas saiu para apreciar o ar fresco e rarefeito, os picos serrilhados ainda cobertos de neve e as cachoeiras se derramando em rios velozes. Eu o chamei de volta ao carro e prosseguimos.

As colinas cobertas de artemísia. O rio Gunnison. Os trilhos de trem agora abandonados e enferrujados. Ao entrar no vale, eu me lembrei de tudo.

Uma placa na estrada avisava que era proibida a entrada nas cidades adiante – Cebolla, Sapinero, Iola –, mas mal parei para pensar por quê. Examinei cada saída de cascalho e escolhi a que esperava ser a correta. Subimos uma ladeira íngreme, contornamos curvas e atravessamos pinheirais, e lá estava ela. A clareira da floresta onde minha vida se cruzara com a de uma desconhecida e a de seu bebê – e tudo havia mudado para todos nós. Estacionei.

– Que lugar é esse? – perguntou Lukas, saindo do carro e pisando os trechos restantes de neve e lama.

Não respondi e ele não percebeu, enquanto corria para investigar.

A clareira estava tal como eu me lembrava. O tronco à luz do sol. O pinheiro grande onde aqueles gaios enervantes gritavam. O pedregulho escarpado onde eu deixara um pêssego antes de partirmos. Visualizei a mim mesma, jovem e amedrontada, coberta de bebês e lágrimas. Ali estava uma

minúscula mancha no planeta onde por acaso passamos no exato momento em que Paul perdeu toda a tolerância pelos gritos de Maxwell recém-nascido e girou o volante para estacionar. Não poderia imaginar, na época, que aquele lugar seria, para Lukas e para mim, um local diferente de todos os outros. Fiquei pensando em como poderia explicar isso a ele quando eu mesma mal conseguia entender.

Fizemos um piquenique num trecho seco perto do tronco, o que pareceu uma estranha homenagem. Fiquei calada, nervosa, calculando o momento certo de contar por que tínhamos ido para lá. Lukas não parava de falar, sorrir e pular da toalha vermelha para correr como um cervo liberto da jaula, voltando ao piquenique para dar uma mordida num sanduíche e depois correr de novo.

Ele encontrou primeiro e me chamou.

– Mamãe, o que é isso?

Estava na ponta dos pés numa faixa de neve sombreada, apontando para a superfície plana do pedregulho.

Eu me aproximei para ver uma coroa perfeita de pedras achatadas e redondas.

– Não sei – respondi.

E não sabia mesmo. Soube apenas depois que Lukas tocou cada pedra com a ponta do dedo, contando.

– Doze – anunciou, radiante. – Que nem a minha idade.

A mãe da floresta. A mãe de Lukas, me lembrei. Ela havia voltado àquele lugar. Uma ou doze vezes, eu não saberia dizer, deixando uma pedra para cada ano que o filho passava longe dela. Era a única explicação em que eu podia acreditar.

Só que ele era meu filho, não dela, e não estava perdido. Estava bem ali, ao meu lado. Puxei Lukas para mais perto de mim, como se um predador nos espreitasse. Havia muito tempo, sua mãe era para mim mais uma criatura silvestre e fugaz do que uma mulher de verdade. Fitei o círculo de pedras e pensei pela primeira vez, aterrorizada, que ela poderia querê-lo de volta e que, quando ele soubesse disso, sem dúvida iria querê-la também.

Na hora, meu impulso foi ir embora. Não importava a viagem ser longa, Lukas estar feliz e a clareira estar tranquila ao sol do fim de maio. Não importava que eu tivesse ido até ali para contar a verdade a ele.

– Não sei – repeti, dessa vez mentindo. – Mas não mexa.

– Por quê?

– Pode ser importante para alguém – argumentei.

– Pra quem?

Aquela era a minha chance, minha deixa, mas não a aproveitei. Fitei o círculo de pedras, perdendo a coragem que tinha reunido. Olhei nos olhos escuros e curiosos do meu filho e não consegui expor a mentira.

Terminamos o piquenique. Dobrei a toalha enquanto Lukas implorava para ficar.

Imaginei se ele sentia alguma espécie de vínculo com aquele lugar ou se era só uma criança gostando de brincar na floresta. Lá, ele ficava inegavelmente mais leve, menos oprimido por tudo que começara a incomodá-lo nos últimos tempos. Permanecemos até o sol afundar e o céu escurecer rumo ao crepúsculo. Passei o braço pelos ombros dele e o levei em direção ao carro.

Quando ele se virou de repente e correu de volta ao pedregulho, temi que se recusasse a ir comigo.

Ele disse que só queria acrescentar uma pedra ao círculo.

Eu quis dizer que não, quis ir embora sem deixar rastro. Mas já tinha escolhido a covardia uma vez naquele dia. Parecia maldade em dobro negar a Lukas e à sua mãe biológica a única chance de se comunicarem. Com minha permissão, ele vasculhou a clareira de cabo a rabo até encontrar a pedra perfeita.

A que por fim escolheu não era como as outras, mas grande e redonda. Ele a segurava como uma bola de beisebol, então correu de volta ao pedregulho e ficou na ponta dos pés para posicioná-la com cuidado no meio do círculo. De onde eu estava, no carro, a meia-luz do anoitecer se misturou à lembrança, fazendo a pedra de Lukas se parecer muito com o pêssego que um dia deixei no mesmo lugar.

GAROTAS

Jane foi a primeira. Jillian, a segunda. O desejo de Max pelas garotas começou cedo. Cara, Joan, Kelly, Marguerite, duas Kims muito parecidas. Uma gravata-borboleta vermelha no primeiro baile do ensino médio e, num piscar de olhos, mulheres seminuas cobriam as paredes do quarto de Max e havia Playboy

escondidas debaixo da cama. Alto, de maxilar bem marcado e olhos verdes, ele sempre conquistava a garota.

Eu via muito de Paul no meu filho. Era lisonjeiro e divertido com as namoradas, até não querer mais ser. Aí seu carinho se fechava como uma porta de aço, deixando a pobrezinha no frio, tentando pateticamente agradá-lo. Mais de uma vez vi Lukas intervir, sugerindo um refrigerante, um jogo de damas, uma ida ao cinema, qualquer coisa para jogar à garota abandonada uma tábua de salvação enquanto Max continuava amuado. Ainda assim, Lukas era ignorado e Max, adorado.

Lisa era linda e alta, de cabelos castanho-avermelhados, grandes olhos redondos e seios que combinavam com eles. Ela e Max entraram em casa numa tarde de primavera do segundo ano do ensino médio, barulhentos e risonhos. Eu não sabia se estavam bêbados, drogados ou só felizes. Max gritou o nome dela na minha direção, avisou que tinha lição de casa e a puxou pela mão até o quarto dele. A porta bateu. Começou a tocar The Byrds num volume alto.

Estava pensando no que fazer quando Lukas chegou. Sério, de ombros caídos, ele me cumprimentou com tristeza, largou a maleta de livros e pendurou a jaqueta no gancho. Ao ouvir a música, arregalou os olhos, tensionou o maxilar e perguntou se Max estava sozinho.

– Não – respondi, com um suspiro. – Está com uma menina chamada Lisa.

– Filho da puta – rosnou Lukas, e disparou pelo corredor.

Uma porta arrombada. Uma garota aos gritos. Uma prateleira derrubada. Socos, grunhidos e um arranhão da agulha no toca-discos. Os bebês que um dia segurei nos braços tornaram-se monstruosos, e eu, ao que parecia, tornara-me pequena. Puxei, bati e gritei numa tentativa inútil de separá-los. Lisa abraçou uma almofada junto ao peito e fugiu. Um sutiã preto, olhos negros e irmãos feridos em seu rastro.

Os meninos por fim se afastaram, exaustos e ofegantes. Lukas se deitou, chorando. Max se levantou aos tropeços e saiu da casa. Eu me sentei apoiada na parede, perplexa, avaliando o estrago.

– Desculpa, mamãe. – Lukas estendeu a mão e eu a peguei.

Depois que eu e Lukas arrumamos o quarto destruído, enquanto Max e Paul estavam sabe-se lá onde, eu soube que Lisa – assim como Joan, Kelly e uma das Kims – tinha sido namorada de Lukas.

– Preciso sair daqui – disse ele.

Eu sabia que ele iria para o rio. Lá, faria o que sempre dava um jeito de fazer – para o bem ou para o mal –, que era perdoar o irmão em vez de perdê-lo.

Naquela noite, eu me deitei em claro na casa vazia até ouvir a porta da frente se abrir e fechar. Lukas logo apareceu, uma sombra escura ao lado da minha cama.

– A gente pode ir na floresta? Naquele lugar com o círculo de pedras? – perguntou.

Eu me lembrei do seu sorriso enquanto corria de árvore em árvore, deixando a pedra em forma de pêssego sem ter como saber para quem era. Dessa vez, jurei a mim mesma que diria a verdade.

– Ainda deve ter neve – respondi –, mas vamos, sim, na primeira oportunidade.

Fui sincera ao dizer isso. Mas nunca o levei de volta e ele nunca mais pediu.

ANIVERSÁRIOS

Batman, Alceu e Dentinho, Arqueiro Verde, Os Flintstones. Durante anos, o 31 de agosto significava pratos de papel temáticos e um bolo do livro de receitas para os meus filhos e as crianças da vizinhança. Depois, os aniversários passaram a significar preocupação. Meus adolescentes por aí à noite, os mesmos meninos avançando rumo à vida adulta dos jeitos mais equivocados. Os aniversários me faziam olhar por baixo das persianas após a meia-noite, e eu via Lukas ajudando Max, totalmente incapaz de ficar de pé, a chegar até a porta.

Em 1º de dezembro de 1969, os aniversários selavam o destino: matar ou ser morto, fugir ou cair, famílias inteiras ou estilhaçadas.

A loteria do recrutamento para a guerra fez com que nós quatro nos reuníssemos pela primeira vez em meses. Os rapazes tinham feito 20 anos naquele verão. Dividiam um apartamento com alguns amigos do outro lado da cidade e não tinham muito tempo para nos visitar. A tentativa desanimada de Max de cursar a faculdade acabara num emprego como vendedor de pneus e na humilhação de Paul. Lukas se tornou aprendiz de eletricista logo que saiu

do ensino médio. Nenhum deles tinha pé chato, daltonismo, sopro cardíaco nem alergias. Se o aniversário deles fosse sorteado na loteria, os dois iriam para o Vietnã.

Ficamos de olhos fixos na televisão. Paul estava sentado na poltrona reclinável, estoico. Max se deitara no sofá e comia batata chips como se estivesse vendo o futebol de domingo. Lukas estava sentado no chão, atento. Eu andava de um lado para outro.

Na tela, políticos de óculos escuros grossos e gravatas pretas finas estavam diante de uma bandeira dos Estados Unidos, apertando solenemente a mão uns dos outros. As cápsulas de plástico azul que continham tiras de papel enroladas com datas de nascimento estavam num cilindro de vidro lustroso. Rapazes elegantes de camisa branca passada a ferro – falsos símbolos da concordância dos jovens com a guerra dos velhos – escolheram e abriram as cápsulas. Dias 14 de setembro, 24 de abril, 30 de dezembro, 14 de fevereiro. Para mim, cada data era como um soco no estômago conforme as liam em voz alta e as colavam num quadro numerado. Cada data condenava não os meus rapazes, mas os de alguém. A lista continuou. Dias 18 de outubro, 6 de setembro, 26 de outubro, 7 de setembro.

Dias 22 de novembro, 6 de dezembro, 31 de agosto. Trinta e um de agosto. Trinta e um de agosto. O sangue pulsava nos meus ouvidos. Não ouvi nenhum outro número. Trinta e um de agosto. O dia em que me tornei mãe. A data de todas aquelas festas no quintal com garotinhos travessos. A data que rezei para estar enrolada na última cápsula no fundo daquele cilindro de vidro horrendo.

Max pulou, dando vivas. Paul franziu a testa, mas não disse nada. Lukas sondou meu rosto, com pânico nos olhos, e eu respondi com um olhar desamparado. Ambos sabíamos que ele não tinha sido feito para a guerra.

Naquela noite, eu me sentei sozinha no sofá, bebendo vinho tinto, já de luto por meus filhos. O Vietnã era uma sentença de morte, se não para a vida deles, pelo menos para sua inocência. Por baixo da fachada viril de Max, sabia que ele estava tão assustado quanto Lukas. Servi outra taça e chorei por todas as crianças já mortas, mutiladas ou destruídas, todas as aldeias vietnamitas em chamas. Chorei pelas mães.

Já bêbada, decidi o que precisava fazer. Pois Lukas, sem que ninguém soubesse, na verdade não nascera em 31 de agosto. Eu não era a mãe dele, Paul não era o pai, nem Max o irmão. O aniversário de Lukas não constava nos registros. Eu iria ao escritório das Forças Armadas e diria que sua certidão

de nascimento era uma fraude. Mas, primeiro, precisaria contar ao meu Lukas que eu também era uma fraude.

Drenei as últimas gotas da garrafa, sabendo que o número da mentira da nossa família tinha sido sorteado.

VERDADE

Eu não devia ter contado a verdade.

Duas semanas antes da apresentação dos rapazes para o exame médico do Exército, Lukas foi lá em casa lavar roupa. Paul não gostava que eles usassem nossa máquina em vez da lavanderia no centro da cidade, por isso chegavam no meio da manhã, para evitá-lo. Eu nunca sabia quando um ou outro entraria de repente pela porta, com o saco de roupa suja na mão, ambos notáveis, cada um à própria maneira: já homens, não mais meninos. Lukas tinha ombros fortes e largos, antebraços musculosos, pele lisa e morena. Seu sorriso me alegrava o coração. Naquele último dia em que meu filho seria meu, ele usava camiseta branca e calça de brim; tinha acabado de cortar o cabelo preto bem curto, embora o rabo de cavalo estivesse na moda. Estava lindo.

Eu tinha pegado as certidões de nascimento dos rapazes no armário de Paul como preparativo para o dia da apresentação ao serviço militar. A não ser pelo nome, a certidão de Lukas era idêntica à de Max – mesma hora e data, a mesma pegada de recém-nascido. Eu me lembrei de quando Paul havia tirado o documento falsificado de sua pasta de couro, pouco depois de trazermos os bebês para casa, mandando que eu o guardasse sem fazer perguntas.

Desde então, o documento sempre fora aceito, e eu sabia que seria de novo.

Quando Lukas pediu a certidão naquele dia, eu lhe entreguei o papel sem dizer uma palavra. Ele o dobrou despreocupadamente e guardou no bolso de trás.

Minha boca estava seca como o deserto.

Pedi que me ajudasse no quintal enquanto a máquina de lavar trabalhava. Ele obedeceu à sua maneira gentil, seguindo-me até os fundos da casa e pegando o ancinho. Trabalhamos lado a lado, arrancando a grama morta sem

falar da guerra, comentando o lindo sol da primavera e a volta do canto dos pássaros.

Começamos com o canto dos pássaros e com ele terminamos.

De repente, larguei meu ancinho e lhe contei tudo. A escolha aleatória de sair da estrada para a clareira. O piquenique, o bebê magro no banco de trás do carro, a decisão de criá-lo como nosso, a longa viagem para casa. A louca coincidência de tudo aquilo, a bem-aventurança da nossa improvável união, a abertura do meu coração para acolhê-lo. Nós ficamos sentados no banco do quintal, debaixo do velho álamo, eu segurava suas mãos. Disse que o amava. Que ele era meu. A cada palavra da minha confissão, porém, mais seu rosto afundava na confusão e na angústia, até que o jovem alegre que tinha entrado pela porta da frente foi substituído por uma versão de cera derretida. Ele ouviu com atenção e não fez perguntas.

– Trinta e um de agosto não é o dia do seu aniversário, Lukas.

Ofereci isso, como se fosse um prêmio de consolação patético depois de uma surra. Ele olhou para mim sem expressão.

– Você não precisa ir para o Vietnã – expliquei. – Trinta e um de agosto não é o seu aniversário.

Ele tirou as mãos das minhas e pensou um pouco antes de responder:

– Então, quando é?

– Não sei. Mas...

Ele tirou a certidão do bolso, desdobrou-a e a abriu em cima da coxa.

– É uma falsificação – confessei, envergonhada, enquanto olhávamos para o documento.

Ele precisava que eu respondesse ao seu silêncio confuso com explicações – sobre quando nasceu e de onde viera, por que eu havia permitido tal farsa e como exatamente planejava desfazer tudo para poupá-lo da guerra –, mas percebi então que não tinha nenhuma das respostas que lhe devia.

Como se numa tragédia perfeitamente orquestrada, a porta de tela dos fundos se abriu e fechou, e lá estava Paul, vindo da universidade para casa, inesperadamente, para almoçar cedo. Lukas se levantou de repente, enfiando o documento de volta no bolso.

Olhei nos olhos do meu filho e, em silêncio, implorei que não contasse ao pai o que eu havia revelado. Ao receber apenas um olhar vazio em resposta, sussurrei:

– Por favor, Lukas.

Mas tudo aquilo fora demais para o meu lindo menino. Paul começou a implicar com ele como sempre fazia – acusando-o de lavar roupa e almoçar de graça, de distrair a mãe das tarefas dela –, e Lukas explodiu. Duas décadas sob o domínio de Paul acumuladas dentro de si explodiram como se saíssem de um canhão. Lukas revidou como eu nunca o vira fazer, respondendo a ofensa com ofensa, até declarar para todo mundo ouvir a verdade antes inexprimível: Paul não era seu pai de verdade e ele estava muito feliz com isso.

– Que bom – respondeu Paul com crueldade, um sorriso malicioso se abrindo onde deveria estar o espanto. – Um fardo a menos pra mim.

Como um cervo que de repente nota um predador a persegui-lo, Lukas ficou por um instante num silêncio perplexo, depois correu. Chegando ao limite do quintal, parou e olhou para mim, o rosto vermelho, as lágrimas aflorando, e gritou:

– E o Max?

– Max não sabe – respondi, sem entender a pergunta.

– Não – retrucou ele, já chorando. – Como você vai salvar o Max?

Ele quis dizer do Vietnã. Quis dizer: como eu poderia salvar um filho e não o outro?

– Não posso salvar o Max, Lukas – falei, soluçando.

Por um instante terrível, as palavras pairaram no ar entre nós. Em seguida, ele pulou a cerca com graça e facilidade e se foi.

Caí de joelhos na grama da primavera enquanto Paul voltava para dentro.

Disse a mim mesma que meu filho tinha apenas ido para o rio. Mas, naquela noite, Max ligou para informar que as coisas de Lukas não estavam no apartamento deles. A lâmina da verdade tinha aberto tantos ferimentos naquele dia que eu menti e disse que não o vira. Transferi sua roupa abandonada para a secadora e depois chorei ao dobrar as peças, tomando o cuidado de alisar cada ruga para que a pilha estivesse perfeita quando ele voltasse para buscá-la.

Uma semana depois, recebemos um cartão-postal com arranha-céus em frente a montanhas cobertas de neve. Minha mão tremeu quando virei o cartão para ler o verso. Na letra precisa e conhecida do meu filho estava a data – 18 de março de 1970 – e o veredito: "Eu me alistei em Denver. Não sou mais o fardo de vocês. Digam para o Max que sinto muito. Obrigado por tudo. Lukas."

ESPERA

Eu esperava que Max fizesse perguntas, mas ele parecia não se preocupar com o alistamento súbito de Lukas nem com o próprio exame físico e o dia do recrutamento.

– Faltam só mais dois dias, mãe – disse, gabando-se ao comer uma fatia da minha torta de maçã.

Tinha deixado o cabelo crescer e precisava de um banho. Seus olhos estavam vermelhos e sonhadores.

– Logo vou estar por lá com o resto daqueles safados e vou poder esculhambar aqueles comunas com o Lukas. Vai ser pauleira.

Para ele, a guerra era uma aventura de história em quadrinhos: imaginava as selvas do Sudeste Asiático como um parque de diversão profano.

– Desculpa. – Ele riu da minha expressão apreensiva. – Não vejo a hora, cara.

Fiquei sentada ao lado do telefone na manhã em que ele se apresentou. Imaginei Max na fila com outros jovens ansiosos, esperando chamarem seu aniversário, depois o exame físico, o corte de cabelo, a farda verde finalizada com a placa de identificação nova, radiante, numa corrente prateada. Ele tinha ficado de ligar para mim quando terminasse. Li revistas e esperei. Fiz salada de atum com torradas para o almoço e esperei. Deixei o telefone ao lado de uma janela aberta e ocupei as mãos podando roseiras, dizendo a mim mesma que ele havia se esquecido de ligar, nada mais. Quando Paul chegou do trabalho, preparei o jantar e coloquei o prato na mesa, dizendo que não tivera notícia de Max o dia todo.

– Ele não é criança pra ter que contar tudo pra mãe – zombou Paul.

– Tem razão – respondi, como tinha aprendido a fazer.

Mas havia algo errado, e eu sabia disso. Teria apenas que esperar para descobrir o que era.

GUERRA

Passei a noite toda lutando com minhas preocupações. Na manhã seguinte, peguei o ônibus entre fileiras de olhares vazios e fui até um banco desocupado

ao lado de um rapaz com uniforme de soldado completo. Ele olhava para a frente como se não tivesse me visto, mas colocou a mala de lona verde entre as botas pretas para abrir espaço e eu me sentar. Agradeci, sem receber resposta.

O rapaz cheirava a guerra. Eu me sentei envolta naquele aroma complexo de suor, cigarro, álcool e lugares distantes.

– Está voltando para casa? – perguntei.

– Talvez – respondeu num sussurro, sem deixar de olhar para a frente.

Desci no ponto da Twelfth Street. Fui em direção ao apartamento de Max, imaginando se Lukas, que sempre tinha um perfume tão limpo de desodorante e enxaguante bucal, também passara a ter cheiro de guerra.

Mesmo antes de subir a escada de metal, vi a porta aberta através do peitoril da varanda e ouvi as guitarras berrando no aparelho de som. Bati na porta e, como ele não atendeu, entrei. O apartamento estava todo bagunçado – caixas de pizza, latas de cerveja, roupas amontoadas, pratos com crostas de comida – e no meio de tudo estava Max, sem camisa, debaixo de uma garota magra com um short desfiado e a parte de cima de um biquíni amarelo, os dois imóveis no sofá. Gritei "Olá!". Não se mexeram. Ao me aproximar, vi a garrafa de uísque e o cachimbo de maconha largados no tapete. Fiquei ali, observando o peito deles subir e descer, e senti alívio ao ver isso, assim como quando meus bebês dormiam totalmente imóveis e entrelaçados no único berço.

Mesmo desmaiado, mesmo usando uma garota bêbada como uma espécie desesperada de cobertor, eu ainda conseguia ver aquele bebê no rosto adormecido de Max. Queria desvencilhá-lo de tudo aquilo – da garota, das drogas, da bagunça e da guerra – e tomá-lo nos braços. Mas só consegui estender a mão para tirar com delicadeza o cabelo comprido da testa dele.

Vasculhei os escombros na mesa da cozinha, procurando uma caneta e um pedaço de papel para deixar um bilhete. Por baixo de um prato de papel engordurado, encontrei os documentos de Max. Um carimbo em vermelho-vivo na primeira página dizia RECUSADO.

Li cada página, procurando o erro. Tudo parecia em ordem, até a seção marcada como "Exame físico". A página listava as classificações militares com um quadrado vazio ao lado de cada uma e uma marca vermelha e grande na última linha: "IV-F, candidato não qualificado para nenhum serviço militar." Havia a observação quase ilegível de um médico rabiscada abaixo:

"Braço direito torto. Inapto."

Gritei o nome de Max e corri para o sofá levantando o documento acima da cabeça. Ele abriu devagar os olhos injetados, nem um pouco surpreso ao me ver.

– O que aconteceu ontem no escritório do Exército? – gritei mais alto do que a música.

– Cuzões – resmungou.

Ao ouvir a voz de Max, a garota despertou levemente e começou a se aconchegar no pescoço dele.

– Não aconteceu nada – murmurou ele, tornando a fechar os olhos.

– Alguma coisa deve ter acontecido. O que o médico disse?

– O médico que se foda – disse Max enquanto a garota sonolenta se enrolava no corpo dele como uma cobra.

Ela ronronou alguma coisa sobre "foder" com ela em vez do médico e os dois se atracaram, cheios de bocas, mãos e quadris.

Devolvi os documentos à mesa e saí do apartamento. O sol na varanda estava quente demais para abril. A música transbordava do apartamento, alta demais. Meu filho, complicado demais. Max não se juntaria a Lukas no Vietnã. Para minha surpresa, o indulto inesperado não me tranquilizou. Temia que a guerra particular de Max bastasse para acabar com ele.

NOTÍCIAS

Jantar às cinco e meia, telejornal às seis em ponto. Paul passava muitas noites sem voltar para casa, mas, quando o fazia, sua rotina era tão previsível quanto o anoitecer.

Eu lavava a louça em vez de ver o noticiário. Imagens diárias de trocas de tiros e do rosto abatido de todos aqueles filhos sacrificados me deixavam nauseada. Eu só queria saber se meu Lukas estava em segurança e quando voltaria para casa, e essas notícias nunca chegavam.

No entanto, em abril, eu me vi colada à televisão como todo mundo, vendo o drama da Apollo 13 *se desenrolar. Não me escapava a ironia de que o país inteiro estivesse na expectativa por apenas três homens, enquanto dezenas morriam todos os dias numa guerra que ninguém entendia. Mas fui fisgada*

durante aqueles oito longos dias até a tripulação da Apollo *chegar em casa, e depois não consegui mais me livrar do hábito. Via os relatórios do Vietnã. Via as tropas terrestres dos Estados Unidos invadirem o Camboja e, cinco dias depois, fiquei atordoada com as cenas dos jovens deitados de bruços, mortos, nos gramados verdes da Universidade Estadual de Kent depois do massacre dos manifestantes. Os relatórios não paravam de chegar, cada tragédia eclipsada pela seguinte, o mundo que eu tinha dado aos meus filhos ainda mais louco e confuso do que eu temia que fosse. Eu não conseguia desviar o olhar.*

Max vinha para casa esporadicamente. Quando alguma coisa na loja de pneus ou no jornal o irritava, aparecia à minha porta de olhos vermelhos. Eu preparava uma refeição para ele e ouvia seus discursos sobre comunas, dedos-duros, policiais, porcos e capangas, entendendo apenas que sua raiva lançava uma rede vasta e esburacada. Quase nunca falava de Lukas, mas eu sabia que ambos tínhamos saudade dele, queríamos que voltasse para casa e desse algum sentido àquela confusão.

A última vez que vi Max, ele estava entrando numa van com hippies de jeans e franjas, rumo a um festival musical de verão a mais de 3 mil quilômetros, no Shea Stadium, em Nova York. Ele não passaria em casa se não precisasse de um isopor emprestado, mas sou eternamente grata por ele ter feito isso.

– É o festival pela paz, cara. Com aquela gata.

Ele sorriu, apontando para a motorista esbelta e sem sutiã, com cabelo afro preso numa coroa de margaridas murchas. Ela sorriu e fez o sinal da paz, e Max riu com aquela gargalhada maravilhosa e gutural.

Eu sabia que ele não tinha a menor ideia se era a favor da paz ou da guerra, daquela garota ou de outra.

– Joplin. Creedence. Steppenwolf. Que nem o Woodstock – disse Max.

Então, abriu os braços grandes, chamando-me para um abraço de despedida, e eu me joguei. Ele fedia a maconha, gim e suor, mas inalei seu cheiro mesmo assim.

– Aproveite muito – falei junto de seu ombro.

Queria dizer que ele era um rapaz do interior do Colorado a quem a cidade de Nova York poderia devorar vivo. Em vez disso, disse:

– Eu te amo.

Ele apertou o abraço e sussurrou:

– Eu também.

A van de jovens lindos e confusos saiu pela rua com a guitarra de Hendrix gritando das janelas abertas. Viraram a esquina e desapareceram.

Voltei para dentro e, apática, liguei a televisão. Paul não apareceu para jantar, por isso assisti a programas de perguntas ridículos enquanto esperava as notícias.

PALAVRAS

Quando uma batida na porta de casa acorda você de repente e dá para ver o contorno desfocado de dois homens empertigados de uniforme esperando atrás do vidro. Quando seu coração já virou uma bala de canhão na sua barriga, mas você precisa ir até lá para abrir a porta e receber as notícias... não há palavras.

Quando sua mão trêmula consegue girar a maçaneta e os dois sujeitos não são oficiais do Exército, mas policiais, e o alívio luta contra o surgimento de um novo medo... não há palavras. Quando dizem que o seu filho, o seu lindo bebê, foi encontrado numa van no Queens, sufocado pelo próprio vômito, com uma agulha ao lado do corpo... não há oxigênio, muito menos palavras.

Então você profere tolices educadas entre soluços antes de fechar a porta e dizer o nome do seu filho várias e várias vezes, como se as palavras pudessem conjurar o desaparecido. Você olha os próprios braços e admira o fato de ainda serem de carne, quando, por direito e desejo, as palavras dos policiais deveriam tê-los transformado em cinzas. Você anda como um fantasma de volta ao quarto para encontrar seu marido dormindo durante esse pesadelo. Sabe que precisa contar a ele, mas não há palavras. Em vez disso, você desmorona no chão e chora, gutural e enlouquecidamente, porque essa é a única coisa que há para dizer.

O enterro de Max foi ontem. Não consegui falar. Tinha preparado as palavras, minha tentativa absolutamente inadequada de me despedir. Mas quando todos se reuniram na igreja de pedra fria e eu vi os amigos de infância de Max ocuparem os bancos, tão adultos, tão vivos, fiquei rígida como uma coluna, abobalhada de angústia, raiva e fadiga. Paul se sentou ao meu lado tão rígido e bobo quanto eu.

Eu precisava de Lukas.

Precisava que ele homenageasse o irmão com palavras de afeto e reverência. Precisava que me chamasse de mamãe e me ajudasse a sentir a terra debaixo dos pés. Precisava que o sorriso dele iluminasse a sala escura, que me abraçasse e lembrasse ao meu sangue que era necessário correr.

Como uma aparição, Lukas surgiu, entrando pelo corredor da igreja, espantosamente bonito com o traje militar formal. Fazia quase seis meses desde que minha confissão o levara a fugir. Eu mandara a notícia da morte de Max ao escritório estadual das Forças Armadas, envergonhada de dizer que não sabia onde era o posto do meu filho, pois tinha apenas uma pilha de cartas marcadas com "Devolver ao remetente". Que chocante foi, naquela hora, vê-lo caminhar na minha direção, meu porém não meu, com as mãos cerradas ao lado do corpo.

Lukas não parou no nosso banco a caminho do altar, mas ao passar me lançou um olhar rápido e triste. Não era a volta para casa pela qual eu ansiava; contudo, eu me agarrei a ela com todas as minhas forças.

Depois da introdução e da oração do ministro, Lukas falou com eloquência em nome da nossa família. De alguma forma, encontrou as palavras perfeitas para elogiar as melhores qualidades do irmão e deixar todo o resto de fora. Disse que Max era inteligente, destemido e travesso, e que foi sua outra metade ao longo da vida. Contou histórias das diabruras dos dois, provocando risadas discretas na multidão. Respirei fundo o ar estagnado da igreja, várias vezes, como se precisasse fazer isso para não me desfazer em pedaços. Paul se remexia, inquieto. Eu lhe ofereci a mão e, pela primeira vez em anos, ele a pegou.

PARTIDA

Enquanto as últimas pessoas vestidas de preto saíam da igreja, me sentei num banco de madeira e observei um passarinho azul brincar na brisa. O velório já era um borrão de preces e cânticos, de apertos de mão, abraços constrangidos e condolências. Fiquei pensando se um dia alguém voltaria a falar de Max ou se os funerais eram meros portais para o apagamento.

Cravei o olhar no pássaro, esperando Lukas emergir da porta arqueada da

igreja. Quando isso aconteceu, um companheiro de traje verde idêntico o acompanhava. Formavam uma dupla tão galante que por um momento o orgulho invadiu minha tristeza. Lukas se aproximou de mim devagar enquanto o outro rapaz foi até o meio-fio e acendeu um cigarro.

– Inga.

O cumprimento doeu em mim, mas, no fim das contas, eu tinha renunciado ao direito de ser chamada de mãe.

Dei um tapinha no banco convidando-o a se sentar, e ele o fez, deixando um amplo espaço entre nós.

– Sinto muito pelo Max – disse num tom inexpressivo.

– Também sinto muito pelo Max – consegui responder. – Sinto muito por tudo.

O silêncio que se seguiu foi longo e agonizante enquanto víamos o passarinho mergulhar e subir várias vezes, até, por fim, pairar rumo às nuvens cinzentas e imóveis. Tínhamos tanto a dizer que era difícil tentar pronunciar qualquer coisa.

– Eu... – ele finalmente tentou dizer – ... eu deveria ter... Talvez ele...

Pigarreou como se estivesse sufocado por um nó duro de tristeza, depois silenciou.

– Não, querido. – Eu me virei para Lukas, que misericordiosamente aceitou pegar minha mão estendida. – Você não poderia ajudar o Max. Desta vez não.

– Eu poderia ter tentado – murmurou, olhando para o concreto.

Ele não disse, mas eu sabia que estava pensando que eu também poderia ter me esforçado mais.

– Desta vez não – repeti como uma boba.

Uma miríade de histórias aflorou na minha mente, as muitas direções possíveis que a vida dos meus filhos poderia ter seguido se eu não tivesse contado a verdade. Talvez Lukas tivesse razão; talvez pudesse ter salvado o irmão. Às vezes, porém, lamentar é tão absurdo quanto esperar que uma única estrela possa explicar o universo. Em vez disso, sussurrei:

– Por favor, volte para casa.

Eu deveria saber que seria demais. Ele soltou minha mão e se levantou.

– Não posso – respondeu, olhando para o companheiro que o esperava. – Não é mais o meu lugar.

– A guerra também não é o seu lugar, Lukas – gracejei com franqueza, mas sem habilidade.

– Tem razão – disse ele, finalmente me encarando com os belos olhos escuros úmidos de dor e repletos de acusação. – Mas é melhor do que nada. É melhor do que não ter lugar nenhum.

Paul e o ministro saíram da igreja e pararam para conversar. Lukas olhou nervoso para Paul, depois para o amigo, que observou a cena como quem entende tudo e gritou:

– Pronto, meu chapa?

– Preciso ir embora... mamãe.

Ele se abaixou para me dar um beijo leve na bochecha. Toquei seu rosto macio com a palma da mão, querendo abraçá-lo para sempre junto a mim, mas sabendo que precisava soltá-lo quando se afastou.

Às vezes, uma mulher se divide em duas. Às vezes, ela é uma pessoa pública que se senta rígida num banco, com discreta dignidade e aceitação enquanto alguém que ela ama profundamente vai embora, ao mesmo tempo que sua pessoa íntima está gritando, indo atrás, agarrando, detendo e implorando que aquele amor fique.

– Lukas! – gritou a mulher desesperada.

Ele se virou quando chegou ao meio-fio.

– Obrigada por vir – disse a mulher discreta.

Pelo menos pude ver seu sorriso perfeito uma última vez antes de ele entrar no carro do amigo e partir.

MÃE

Ontem à noite, bebi vinho na sala escura até sucumbir ao sono. Menos de uma hora depois, acordei no sofá, dolorida e desorientada. Sonhei que partia rumo ao céu com o pássaro azul depois do velório e, na minha névoa sonolenta, ainda sentia a leveza do voo. Naquele momento precioso antes de a realidade avassaladora obliterar o sonho, fui livre. Depois, pouco a pouco, lembrei-me: Max se foi. Lukas se foi.

Foi então que decidi que precisava tentar escrever tudo. Eu me levantei e fui para a minha escrivaninha, onde peguei uma caneta e este papel de carta. Acendi a luz da cozinha, me sentei à mesa e as palavras se desenrolaram de forma tão febril que a caneta mal conseguia acompanhar.

Só agora – enquanto o sol nasce e já escrevi todas estas páginas – percebo: não estava escrevendo para mim. Escrevi tudo para você, Mãe da Floresta. Não sei como encontrá-la, mas há muito tempo tenho certeza de que você é a arquiteta do círculo de pedras que eu e Lukas encontramos quando ele tinha 12 anos. Se naquele dia eu tivesse tido coragem de contar a verdade para ele, se tivéssemos deixado um bilhete para você em vez de uma pedra em forma de pêssego, Lukas poderia já saber há anos de onde veio e nós duas poderíamos estar com o nosso filho. Em meu egoísmo, nunca imaginei que poderia perdê-lo mesmo assim, que um dia meus dois filhos partiriam.

Vou deixar estas páginas no pedregulho onde uma vez deixei um pêssego para você e rezo para que as encontre.

Conto a você a minha história porque não cabe a mim contar a de Lukas. Passei a vida inteira dizendo que ele era uma coisa e depois parti o coração dele ao admitir que era outra. Agora, meu menino precioso acredita que não é de lugar nenhum. Só você tem as respostas de que ele precisa.

Por favor, nos ajude.

PARTE V



1970–1971

Vinte e dois

Coloquei as páginas de Inga Tate no chão seco ao lado do tronco e deixei uma pedra em cima da pilha para salvá-la da brisa. Fiquei de pé. Minha mente estava cheia demais para pensar com clareza, o coração muito inchado e dolorido. Precisava sair dali. Olhei para o céu azul reconfortante, emoldurado pela copa das árvores, e entrei na floresta.

A história de Inga Tate era demais – surpreendente e triste demais. Mas também era muito pouco.

Ela havia revelado tanto, mas não sabia me dizer onde o meu filho estava. Agora, aquela mulher implorava a minha ajuda e eu não tinha ideia de como responder.

De repente, a diferença entre o anseio pelo meu filho e a realidade de quem ele era tomou conta de mim. Não era mais abstração nem desejo, mas um rapaz triste chamado Lukas, que não sabia de onde vinha, em guerra contra inimigos que não conseguia compreender. E aquela Inga não era uma lembrança turva nem uma espécie de salvadora, mas uma mulher de luto que acreditava poder encontrar algo perdido em mim.

Andei pela floresta, remoendo tudo que havia descoberto. Voltando à clareira, imaginei os dois ali: Lukas, com 12 anos, atravessando os trechos de neve para descobrir o círculo e deixar sua pedra em forma de pêssego; Inga, anos depois, voltando sozinha após o enterro de seu outro filho, deixando suas palavras debaixo de uma pedra com a tênue esperança de que eu as lesse.

No pedregulho escarpado, pousei a palma das mãos trêmulas no círculo,

esperando que os anos de anseio contidos em cada pedra posicionada com cuidado me guiassem no que precisava fazer a seguir.

Vinte e três

Três dias depois, estava colhendo linhos-de-jardim no quintal quando Zelda chegou com seu Buick branco e acenou pela janela aberta. Arrumei os caules numa garrafa de leite e acrescentei água da torneira do barril que recolhia a chuva enquanto ela estacionava. Deixei as flores na mesa do pátio entre dois copos de limonada gelada. A sombra dos álamos e o perfume da erva-de-gato ao redor do pátio de tijolos abrandavam o ar quente de agosto, mas eu suava de nervosismo.

– O que é isso tudo? – perguntou ela ao se aproximar, abrindo os braços para me abraçar.

– Só limonada – menti, abraçando-a.

Estava ansiosa feito um coelho, e ela percebeu. Zelda se sentou e tomou um gole, me observando por cima do copo de vidro.

– O que está acontecendo, Vi? – indagou com um olhar penetrante.

Engoli em seco e a olhei bem nos olhos.

– Bom... Já passou da hora de eu te contar uma história.

Tinha decidido que, se Inga Tate conseguia me contar a história dela e pedir ajuda, eu podia fazer a mesma coisa.

Zelda me encarou com alívio.

– Uma história.

– Isso mesmo – respondi, ajeitando as flores.

– Que bom. – Ela assentiu, de modo a confirmar que sabia o tempo todo que eu guardava segredos. – Conte, por favor.

Respirei fundo. Ela esperou e eu senti que estava prestes a fugir, tamanho

o nervosismo. Fiquei de pé.

– A gente pode andar um pouco? – perguntei.

Olhamos para os sapatos de Zelda, que poderiam ser de qualquer tipo, desde salto agulha até botas de cano alto. As sandálias rasteiras com tiras, combinando com o vestido amarelo leve, pareciam boas para caminhar.

– Lógico – respondeu ela, levantando-se.

Fomos para o sol quente em silêncio, contornando o limite do pomar até a trilha de cascalho que serpenteava em direção aos fundos do meu terreno. Eu queria começar, mas não conseguia. Esperei que Zelda preenchesse o silêncio com alguma conversa sobre o que tinha lido no jornal, mas não foi o que aconteceu. Chegando aos girassóis altos que margeavam a cerca dos fundos, abri a porteira. Cruzamos a ponte de madeira que atravessava o pântano e tomamos uma trilha sombreada ao longo da vala que desviava a água do rio para as fazendas vizinhas. Queria que a minha história fluísse com a mesma facilidade.

– Então – falei por fim, soltando o ar e sentindo as fronteiras do meu universo conhecido se fragmentarem ligeiramente. – Eu deveria ter contado tudo muito tempo atrás. Me perdoa por não ter feito isso.

– Perdoar? – Zelda balançou a cabeça. – Deixa de ser boba. Você está só enrolando, Vi.

– Estou, é? – Eu ri. – Como dizia minha mãe: "Deixa de embromação, Torie, e faz o seu trabalho."

– Torie? – perguntou Zelda, surpresa.

– Ah, quando eu era mais nova todo mundo me chamava de Torie.

– Não sabia. Eu me lembro daquela vez que perguntei se podia te chamar de Vicky e você foi logo falando "de jeito nenhum".

Rimos, e a sensação foi boa.

– Fiquei feliz por você não deixar. Você não tem cara de Vicky. Nem de Torie. Quando foi que virou Victoria?

Um coro de graúnas-de-asa-vermelha me incentivava das taboas ao longo da vala.

– Isso é parte da história que eu quero contar – respondi.

Parei e encontrei um jeito de começar, dizendo simplesmente:

– Tinha um rapaz.

– Arrá, eu sabia – disse ela, de brincadeira.

Mas minha expressão informava que aquele não era um rapaz comum de

quem se podia fazer piada.

– É, um rapaz – confirmei, suspirando. – Nunca contei a ninguém sobre ele e tudo que aconteceu depois. Mas vou ter que começar do começo. Espero que você consiga apenas ouvir.

– Lógico.

– O nome dele era Wilson Moon.

Wilson Moon. Esse nome não saía dos meus lábios fazia mais de duas décadas. O simples ato de dizê-lo me lembrou que o entusiasmo do primeiro amor continuava correndo nas minhas veias.



Na hora em que terminei a história, tínhamos caminhado mais de 1 quilômetro ao longo da vala e voltado, lavado e picado um cesto cheio de legumes que eu havia colhido da horta naquela manhã e começado a fazer uma panela de sopa para o almoço. Reviver tudo em detalhes foi mais difícil e exaustivo e, em muitos aspectos, mais agradável do que eu imaginava.

Zelda ouviu cada palavra com atenção. Seu rosto revelava a descrença de que a garota da história – a tal Torie – era na verdade eu, e de que toda aquela narrativa havia residido dentro de mim como um diário fechado durante muitos anos. Enquanto eu falava, ela pôs a mão no coração ou na barriga várias vezes; quando minhas lágrimas brotaram, ela me abraçou. Minha amiga também conhecia a perda, assim como inúmeras mulheres antes de nós. Sabia que eu ainda sentia tudo no meu corpo, tal como ela sentia no dela.

Por fim, mexendo a sopa, aturdida com tudo que tinha revelado, eu disse:

– Já falei bastante. Diz o que está pensando.

Minha mente girava com as imagens terríveis que tinha evocado enquanto esperava sua resposta: visões do corpo de Wil, ensanguentado e jogado de um penhasco no cânion, e de mim, suja, magra e desorientada durante minha provação na floresta, deixando meu bebê no carro de pessoas desconhecidas e partindo aos tropeços.

– Você fez o que precisava fazer – disse ela, com a sinceridade absoluta

de um presente escolhido com atenção.

Foi a resposta mais gentil que poderia me dar.

– Nunca consegui falar de nada disso – contei.

– Foi por isso que você guardou tudo em segredo, por sentir vergonha?

– Acho que sim – confessei num sussurro.

Zelda se aproximou e nós nos abraçamos. Ela me tranquilizou de todas as formas, dizendo tudo que eu precisava ouvir. Mas estava tão acostumada a esconder tudo a respeito de Wil e do meu filho, e tinha tanta experiência em dividir minha tristeza apenas com a clareira, o rio e o pomar, que parte de mim queria fugir dos braços dela, correr porteira afora, atravessar o pântano e continuar correndo.

Quando ela se afastou, continuou com a mão no meu braço e perguntou:

– E o Seth? Ele foi pego? Acusado?

A última vez que vi Seth, estava apontando uma arma para as costas dele enquanto o via baixar a cabeça e se retirar da casa onde antes tínhamos sido uma família. Se ele tentou ocupar a fazenda e foi expulso, se bebeu até morrer, se acabou na prisão ou no paraíso, eu não me importava em saber. Quinze anos antes, quando cheguei com a caminhonete do papai àquela terra pela primeira vez, minha vida se dividiu entre Iola e depois de Iola. Seth fazia parte do meu antes. Simplesmente não existia mais para mim. Eu sentia repulsa ao falar dele, mas consegui formular uma resposta:

– A verdade é que, naquela época, nenhum júri condenaria o Davis nem o Seth pelo assassinato do Wil, ainda mais depois que ele foi retratado como ladrão.

O nome de Seth tinha um gosto amargo, enquanto o de Wil era extremamente doce. Já o nome de Davis era puro veneno.

– Lyle, o xerife... era um homem bom – consegui continuar. – Ele sabia que era preciso fazer justiça, mesmo que pouca gente achasse que a morte do Wil... tivesse importância. Mas não investigou o caso. Naquela época com certeza não havia nenhuma lei dos direitos civis nem leis para os povos indígenas ou preocupação com tudo que eles tiveram que aguentar. Hoje mesmo quase não existe. Você sabe disso.

– Sei. – Zelda fez que sim, pousando as mãos no peito. – Mas só sei disso como parte da história ou de alguma notícia distante. A realidade é tão horrenda… Uma farsa. Se ao menos ele tivesse voltado pra casa quando você disse pra ele ir embora...

Wil me dera apenas uma pequena pista sobre onde poderia ser sua casa, apontando uma vez para o sudoeste e dizendo: "Vocês chamam o lugar de Quatro Cantos." Eu tinha ouvido falar daquilo – os "quatro cantos", o ponto onde os estados do Colorado, Novo México, Arizona e Utah convergiam, onde os turistas pisavam nas linhas cruzadas de um marcador de metal para tocar os quatro estados ao mesmo tempo –, mas *eu* nunca tinha chamado a área de nome nenhum e era ingênua demais para entender o que ele queria dizer com *vocês*. Quando lhe perguntei se tinha saudade de lá, ele se limitou a responder "Terra nenhuma tem cantos", como se isso informasse tudo que eu precisava saber.

– Ele não podia voltar – falei para Zelda. – Não sei por quê. Eu era só uma garota. Não tinha ideia de como entender aquilo nem de como corrigir alguma coisa.

Mexia a sopa em círculos distraídos, ainda perplexa com a intolerância e o horror lançados sobre um jovem inocente.

– Depois, todo mundo em Iola se dispersou e começou uma vida nova – contei, com a sensação de ter uma pedra na garganta. – Foi tudo apagado.

Olhei nos olhos de Zelda e implorei em silêncio que abandonasse o assunto de Seth e do assassinato de Wil, e ela aquiesceu por gentileza, embora eu desconfiasse que estava pensando no que sabia sobre o linchamento de Emmett Till e o assassinato do Dr. Martin Luther King, sobre o fato de eu não ter denunciado os assassinos de Wil e com que ferocidade ela lutaria por justiça se ele fosse dela. Piquei outra cenoura e a acrescentei à sopa, dando um tempo à minha voz para que se estabilizasse.

Zelda permitiu uma longa pausa antes de fazer a pergunta inevitável que eu temia e precisava ouvir:

– Você já tentou encontrar seu filho?

Balancei a cabeça.

– Não.

Zelda estremeceu. É claro que, para ela, minha resposta era inconcebível.

– Posso perguntar por quê?

– Era uma época diferente. Seria impossível encontrar meu filho.

Ela assentiu.

– E mesmo que eu encontrasse ele, o que faria? Não poderia roubar meu filho da nova família. Fiz escolhas. Precisava confiar que eles eram a família

certa, que seguir em frente e criar tudo isso – gesticulei, indicando minha propriedade – bastaria.

– E bastou? – perguntou Zelda com gentileza, mas sem medo de me pressionar.

Não respondi. Queria desesperadamente que bastasse: cuidar do papai, de Ruby-Alice e das árvores da família, salvar tudo que podia e regenerar minha vida com a bênção da terra. Mas, por fim, fui capaz de admitir para mim mesma que não, não bastava. Não consegui salvar o suficiente para compensar tudo o que perdi.

– Ele é seu filho – disse Zelda. – Está por aí em algum lugar. Aposto que você ainda tenta imaginar onde ele está, como ele é.

Fiz que sim, pois não se passara um dia em 21 anos sem que eu não pensasse nele.

– A gente tem que encontrar o seu filho, Vi.

Desviei o olhar. Parte de mim queria retirar tudo que tinha dito e guardar minha história no fundo da terra sólida, onde havia descansado como um fóssil por todos aqueles anos.

Mas havia chegado a hora de encarar o passado, de admitir que, enquanto o meu filho estivesse desaparecido, eu nunca teria verdadeiramente um lar – e, como a história de Inga Tate me ajudou a entender, ele também não. Eu me lembrei do dia em que tirei Abel do estábulo e fui para as montanhas, sabendo que punha em movimento forças e consequências que nunca poderiam ser revertidas. Enfrentar as perguntas de Zelda e decidir qual seria o próximo passo era um processo semelhante. Eu só precisava reunir a mesma determinação.

Fui da cozinha até a mesa de jantar, onde tinha deixado a história de Inga Tate. Voltei para junto de Zelda e ofereci as páginas azul-claras a ela. Seus olhos grandes ficaram ainda maiores.

– Encontrei isso com um bilhete – contei. – Uns dias atrás, depois que você veio tomar café da manhã. Naquele dia fui à clareira. Isso estava no meu círculo de pedras.

Ela aceitou as páginas, boquiaberta.

Voltei a mexer a comida enquanto ela começava a ler. De repente, o aroma da sopa me deixou nauseada.

– É da...

– É dela, sim.

– Ai, meu Deus – sussurrou Zelda, folheando as páginas freneticamente. – Então você falou com ela?

– Não – admiti.

– Por que não?

Era a pergunta que eu me fazia nos últimos três dias sem sossego e três noites em claro. Nem as caminhadas à meia-noite no pomar nem as perguntas à lua crescente me deram resposta. Todas as decisões desde o dia em que senti o bebê se mexer no meu ventre exigiram um novo estoque de bravura. Eu tinha arriscado e superado muitos obstáculos, mas a história de Inga Tate me lembrara que nem mesmo a coragem conquistada a duras penas é infinita.

– Agora ele é adulto – me arrisquei a dizer. – Não consigo imaginar que aceitaria uma mulher que chegasse do nada alegando ser a mãe dele. Não tenho esse direito.

– Você tem *todo* o direito.

– Não posso virar a vida dele de cabeça pra baixo. Não é justo.

Minhas palavras estavam todas erradas, mas precisava dizê-las em voz alta, deixá-las ricochetear de volta para mim no rosto perplexo da minha amiga.

– O que não é justo é deixar ele passar a vida sem saber por que foi entregue – argumentou ela, incapaz de conter a irritação.

– Ele não foi *entregue*, Zelda. Não era um pacote – retruquei.

Ela não se abalou com minha atitude defensiva e ergueu os braços, consternada. Eu estava testando minha determinação com ela – alguém capaz de receber sinceridade total e responder na mesma moeda –, e ela sabia disso.

– E como fica o que *você* precisa, Vi? Isso tem a ver tanto com você quanto com ele.

Balancei a cabeça.

– Não. As mulheres aguentam. É isso que a gente faz.

– Que besteira – respondeu ela com mais rispidez do que eu esperava. – Uma mulher é mais do que um recipiente destinado a carregar bebês e sofrimentos.

– E isso quer dizer o quê, Zelda?

– Quer dizer que você merece ficar com o seu filho.

– Não mais do que você merece ficar com os seus.

– Ah, eu mereço ficar com os meus bebês, sim. Que fique claro. Mereço cada um deles. A perda não tem nada a ver com o que a gente merece ou não, pelo amor de Deus.

Eu não tinha a menor ideia de como saber se merecia algo melhor. Só sabia aguentar.

– Você está com medo – disse Zelda, enfática.

Eu me senti presa numa armadilha que havia criado para mim mesma.

– Claro que estou com medo. – Lágrimas reprimidas arderam nos meus olhos. – Não sei como não estar.

– Se você acredita nisso, então não estava prestando tanta atenção quanto eu na história que você mesma me contou hoje.



Zelda foi embora depois de me assegurar que me ajudaria a prosseguir quando eu estivesse pronta. Eu precisava me deitar. Levei a história de Inga para o quarto com a intenção de lê-la outra vez. Em vez disso, deixei-a de lado e apoiei a cabeça nos travesseiros. As janelas perto da cama se encontravam abertas, mas o ar estava quente e estagnado. O calor, as decisões e os passos seguintes pesavam muito. Fechei os olhos e fugi rumo ao sono.

Ao despertar, horas depois, uma brisa abençoada balançava as cortinas do quarto, soprando ar fresco pelo meu corpo. A brisa vinha do leste, atravessando os picos e o sopé das montanhas, trazendo consigo aromas selvagens de pinheiro, artemísia, terra e um leve sinal de chuva. Eu os inalei profundamente e me levantei. A história de Inga Tate estava na minha cômoda. Eu ainda não sabia como responder. Sabia apenas, com certeza, que a floresta me chamava.

Fui com a caminhonete nova em direção ao monte Lamborn. A estrada ficava plana na superfície vasta do planalto, passando por uma dezena de casas, fazendas e pastagens dispersas, depois se precipitando antes de subir uma ladeira íngreme. No alto, onde abetos-azuis e pinheiros-do-oregon cobriam a estrada de sombra, estacionei e entrei no silêncio. Alongando-me,

inspirando, expirando, devagar e demoradamente, minha mente começou a se desemaranhar.

Percorri a conhecida trilha de cervos que atravessava o bosque de arbustos de carvalho e de margaridas amarelas até um prado favorito, exuberante e vívido no verão. Borboletas brancas dançavam entre as franjas dos heléboros-brancos e o capim alto. Abelhas e borboletas coloridas sondavam o centro ensolarado de ásteres roxos. Gafanhotos fugiam dos meus passos. Eu me sentei à margem do riacho estreito que corria como uma veia no meio do prado e admirei as pequenas trombetas das gencianas roxas agrupadas na umidade. Recolhi a água fria nas mãos e a joguei no rosto, várias e várias vezes. Queria sentir aquele lugar na pele, despertar e ouvir. Quando me levantei para continuar a caminhada, me sentia mais leve, como se algo que antes carregava não estivesse mais comigo.

Segui o riacho até o ponto em que ele mergulhava na floresta na forma de uma cachoeira entre musgos. Em meio à névoa, desci a encosta que acompanhava a música da água e das rochas com passos ligeiros e seguros como os de uma corça. Tentei imaginar quando isso tinha acontecido – quando tinha aprendido a andar pela mata mais como um animal silvestre do que como um ser humano desajeitado, quando o chão havia deixado de ser pedregoso, escorregadio ou íngreme demais, transformando-se em terra essencial.

Fiquei sentada na escuridão fresca projetada pelos pinheiros. Em ambos os lados do corpo, peguei dois punhados de terra preta, agulhas de pinheiro, pedras, gravetos, folhas, uma pequena concha de caracol, uma pena branca macia. Olhei à minha volta, vendo o nascimento, o crescimento e a morte, um por cima do outro, o ventre aberto das árvores mortas alimentando novos brotos, toda a vida vicejando em cada nicho, fresta e possibilidade de luz. Era um conhecimento antigo, farto e complexo demais para entender por completo, mas exatamente do que eu precisava para me lembrar de que é nessas camadas de tempo que tudo se torna o que é.

Sim, Zelda tinha razão ao dizer que eu, assim como o meu pomar, tinha me adaptado a um solo novo, desenraizada pelas circunstâncias, mas capaz de, mesmo assim, seguir em frente. Contudo, também tinha vacilado e caído, perdido a determinação e me encolhido de medo mais vezes do que conseguia contar. A força, eu tinha aprendido, era como aquele chão de floresta repleto de camadas, feito de pequenos triunfos e erros infinitos,

de horas ensolaradas seguidas por tempestades súbitas que destruíram tudo. Somos um e todos iguais, se não por outra razão, pela maneira excruciante e bela como crescemos, peça após peça imprevisível, caindo, ressurgindo dos escombros, nos levantando outra vez e torcendo pelo melhor.

Decidi então que esta seria a minha resposta a Inga Tate e ao meu filho, se tivesse a sorte de conhecê-lo: que eu levei a vida disposta a enfrentar o que viesse contra mim e que sempre tentei fazer o melhor possível. Gostaria de explicar que o que mais aprendi sobre o devir é que leva tempo. Diria que tentei seguir como um rio, como Wil me ensinou, mas que demorei muito tempo para entender o que isso significava. Minha história não se limitava a fluir contra os obstáculos. Pois, como o rio, eu também ia recolhendo ao longo do caminho os fragmentos que me ligavam a todo o resto, e isso me levara até ali, com dois punhados de solo da floresta na palma das mãos e um coração que ainda estava aprendendo a não ter medo de si mesmo.

Eu fora moldada por meus entes queridos: a família perdida e o amor perdido; as amizades encontradas, ainda que poucas; minhas árvores que sobreviveram e todas as árvores que me davam abrigo; todas as criaturas que encontrei pelo caminho, cada gota de chuva e floco de neve que escolheu o meu ombro e cada brisa que alterou o ar; cada trilha sinuosa debaixo dos meus pés, cada lugar onde apoiei as mãos e a cabeça, e cada riacho igual àquele que estava diante de mim, caindo da montanha, ganhando força com a gravidade, rodopiando pelo redemoinho seguinte, virando a próxima curva, tomando e cedendo num acordo silencioso com todos os seres vivos.

Gostaria de dizer a eles que isso e a terra que me sustenta eram o que tinha a oferecer para o meu filho. Se ele fosse como o pai – e minha esperança mais profunda era de que fosse –, perceberia a coragem frágil na pessoa que eu me tornara, e encontraria, no próprio coração amedrontado, um lugar para me dar a chance de amá-lo.

Vinte e quatro

O calor subia do asfalto do estacionamento quando eu e Zelda saímos do saguão do hotel. Eu quis dar meia-volta e retornar para o quarto com ar-condicionado.

Tinha decidido ir a Durango depois de encontrar coragem para mandar um bilhete a Inga Tate. Comecei tentando explicar tudo, mas, no fim, acabei escrevendo simplesmente: "Estou pronta." Foi Zelda quem insistiu em ir tão depressa, poucos dias depois de Inga responder com um convite. Entrando no Buick quente da minha amiga para ir ao encontro de Inga, repeti para mim mesma: *Estou pronta para isso. Estou pronta*.

– Animada? – perguntou Zelda ao ligar o carro.

– Nervosa – respondi e dei um tapinha na perna dela em agradecimento.

Enquanto ela dirigia, o ar frio foi dissipando o calor devagar. Apoiei a testa na janela para observar a paisagem árida de Durango que passava depressa por nós. Achei-a bonita de um jeito duro e impenitente. Parecia uma terra brutal onde se perder, as falésias de arenito amarelo e pinheiros retorcidos parecendo mais um aviso do que um convite ao passeio. Tentei imaginar se o meu filho havia crescido achando que a paisagem era inóspita, se ela o encantava e atraía ou se era um simples pano de fundo do seu crescimento e ele mal notava sua existência.

Atravessamos a parte larga e veloz do rio, que caía num rebuliço de água branca e redemoinhos ligeiros, mesmo no começo de setembro, rodeado de pedras, salgueiros amarelos e bosques de álamos desgrenhados. A placa na

ponte dizia: Rio de las Animas. O rio das almas, conforme eu me lembrava pela história de Inga Tate, onde meu filho havia procurado consolo.

– Zelda, encosta o carro – pedi.

Na primeira oportunidade, ela saiu da estrada e estacionou.

Andei no barro quente até a beira do rio. O rugido da água obscurecia o som dos pássaros e o trânsito nas proximidades, os álamos altos eclipsavam a terra árida ao redor. Ficamos somente eu, o Animas e minha imagem mental de um garoto jogando pedras na correnteza. Nunca tinha visto um rio tão parecido com aquele que eu havia perdido, o trecho antes livre e selvagem do Gunnison que nutrira os campos de Iola e a minha infância em igual medida. Tirei os sapatos, enrolei a barra da calça e entrei na torrente fria só para ficar ali, onde meu filho poderia ter ficado, absorta nas águas transparentes. Imaginei se ele ouvira o que aquelas águas tinham a dizer sobre o amor e o tempo tal como eu. No fim das contas, se tivesse ouvido, talvez eu não fosse uma grande surpresa para ele.

Quando chegamos a uma pequena casa de tijolos aparentes com um gramado bem-cuidado, havia uma mulher de cabelo curto preto sentada numa cadeira de vime na varanda da frente. Eu me atrapalhei mexendo na bolsa e Zelda estendeu a mão, fazendo uma carícia delicada no meu ombro.

– Está pronta? – perguntou ela.

– Tudo bem – respondi.

Tudo bem, pensei, lembrando-me de que era verdade.

Abri a porta e senti uma onda de calor. Zelda correu em volta do carro para me ajudar a sair.

Atrás dela, a mulher havia se levantado e estava descendo os degraus da varanda. Eu queria dizer alguma coisa, mas ela se aproximava e seu rosto vinha à tona na lama da memória. Logo Inga Tate estava nos cumprimentando com o portão aberto, Zelda me empurrava de leve com carinho e eu avançava sem firmeza.

Cruzamos olhares e Inga se jogou na minha direção. Ela segurou minhas mãos entre as delas, levando-as até o queixo e mantendo-as ali como se

numa prece. As lágrimas nos olhos dela diziam que me guardara no coração durante muitos anos, tal como eu a guardara, de uma forma muito estranha mas certeira, duas mães do mesmo lindo rapaz. Soltei uma das mãos para passar o braço em volta do ombro dela, e aquela desconhecida que eu já conhecia se jogou no meu abraço. Por um longo momento, ambas desaparecemos na dor brutal de tudo que tínhamos dado e perdido, agarradas uma à outra como se uma rajada súbita de vento pudesse tentar nos separar.

Sussurrei junto ao perfume doce do cabelo dela as palavras que passara duas décadas ansiando dizer:

– Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada.

Ela balançou a cabeça junto do meu ombro e, quando por fim se afastou, me encarou com olhos tristes e sussurrou as palavras que eu menos esperava:

– Me desculpe.

– Inga, não.

Ela ergueu a palma da mão para deter meu protesto e percebi que também vinha guardando o que precisava dizer havia tempo demais.

– Me desculpe por manter o Lukas longe de você – disse ela. – E mais ainda por ter perdido ele.

Vinte e cinco

Eu e Inga passamos mais de uma hora sentadas em sua cozinha amarela bem-arrumada depois que Zelda foi embora. Dissemos tudo que aguentamos dizer, uma agraciando a outra com detalhes e solidariedade, até ela se levantar para lavar o rosto, concedendo a nós duas um pouco de silêncio depois de dividir histórias e lágrimas.

Imaginei Lukas e seu irmão, Max, à mesa de fórmica da cozinha onde haviam crescido até se tornarem homens. Lukas adorava espaguete com almôndegas, contou Inga, além do bolo de maçã alemão que a mãe dela a ensinara a fazer. Considerei que cada refeição que Inga servia para ele naquela mesa, também servia para mim. Cada hora do banho e da lição de casa, cada abraço reconfortante e cesto de roupa suja com o dobro de roupas infantis, ela havia feito por mim. Quando percebeu que lhe fazia falta um senso de pertencimento, ela o levou até a clareira para ao menos tentar lhe contar a verdade. Foi por ela, por ele, mas também por mim. Cada dia em que ela o amava, foi o seu amor no lugar do meu.

Eu finalmente havia segurado as mãos da outra mãe, contado a minha história e agradecido. Mas nunca seria capaz de explicar a verdadeira profundidade da minha gratidão. Os detalhes da vida familiar que Inga contou me levaram a crer que aquela era uma família como muitas outras, que a vida em casa era uma trama de tristeza, complexidade, felicidade, doçura e tragédia, tudo ao mesmo tempo. Estavam longe de ser perfeitos, mas pelo menos estiveram ao lado do meu filho, e eu não.

Olhei pela janela, vi o enorme álamo bifurcado no meio do quintal dos

fundos e me lembrei da história de quando Max quebrou o braço e fez a acusação falsa contra Lukas. Olhei para o banco debaixo da árvore, imaginando Inga ali, ao lado de Lukas, revelando-lhe a terrível verdade antes de ele se levantar e correr, pular a cerca e desaparecer. Senti a estranheza de conhecer os detalhes particulares da família e fiquei admirada com a forma como grande parte da vida deles, à maneira bizarra e distorcida do mundo, fora posta em movimento pela minha caminhada até a cidade num dia de outubro, quando tinha 17 anos. Eu havia até cumprido um papel peculiar na decisão de Inga de, por fim, pedir o divórcio ao marido cruel, fortalecida, segundo contou, pela coragem que encontrou ao tomar a decisão de me conhecer, ao finalmente escrever sua história e entregar as páginas que me levaram até ela.

– Victoria? – Inga estava na porta da cozinha. – Por favor, venha ver.

Fui com ela para a sala de estar, onde havia espalhado fotografias no tampo de vidro da mesa de centro.

– Achei que você gostaria de ver – disse ela.

Meu coração palpitava. Minha família nunca havia se dado ao trabalho de comprar uma câmera. Eu não tinha fotografias do meu passado, das pessoas e da terra que havia amado e perdido. No entanto, ali, bem na minha frente, estava uma imagem de Wil.

Peguei a foto com a mão trêmula. O adolescente musculoso de camiseta branca e calça de brim posava num roseiral. Os olhos castanho-escuros gentis e o sorriso generoso me jogaram num túnel do tempo. Observei a imagem, incapaz de desviar o olhar.

– Lukas, quando fez 17 anos – comentou Inga.

– Ele é... lindo – falei, lembrando-me de respirar.

Inga me passou mais uma foto – uma imagem em preto e branco de dois bebês embalados num carrinho duplo, um deles meu Bebê Blue. Seu rosto precioso era exatamente como eu me lembrava. Eu me sentei sem jeito no sofá florido. Ela me mostrou mais: um bebê de fralda com um sorriso banguela engatinhando num tapete; um menininho orgulhoso montado num triciclo; irmãos banguelas usando chapéus pontudos de aniversário; dois pré-adolescentes magros pedalando em bicicletas iguais. Eu ansiava por tudo que havia perdido por não ser a mãe que segurava a câmera, nunca conhecendo a voz do meu filho nem as formas sutis como ele havia crescido e mudado a cada dia.

– Tirei essa poucas semanas antes de ele ir embora – disse Inga, entregando-me uma Polaroid de Lukas rindo, sentado à mesa da cozinha onde nós duas havíamos acabado de desnudar nossa alma. – Ah, o sorriso dele... Tão fácil e bonito...

Sua voz ficou embargada e ambas nos calamos.

– Victoria – falou Inga quando conseguiu continuar, traçando o rosto dele com a ponta do dedo. – Olha. O arco dos olhos, o nariz e o queixo. Ele é muito parecido com você.

Eu só enxergava Wil.

– Pode ser – respondi mesmo assim. – A pele dele...

Inga sorriu e fez que sim.

– Escureceu com o passar dos anos – disse ela.

– É.

Olhei para a fotografia e, de repente, fiquei inquieta.

Se, como Wil me dissera uma vez, havia mais pessoas como Seth do que estrelas no céu, Lukas sem dúvida passara a vida toda enfrentando o veneno de gente assim. A história de Inga sobre um taxidermista preconceituoso que o chamara de *mesticinho* devia ter sido apenas o começo. Eu queria contar a ele tudo que sabia e não sabia sobre seu pai. Mas e se saber do nosso amor proibido e da morte brutal de Wil acabasse sendo muito pior para Lukas do que não saber?

Pela primeira vez desde que o deixei, senti que ele era meu filho e eu precisava protegê-lo.

– E se tudo que tenho pra contar for doloroso demais pra ele? – perguntei. – Não temos a menor ideia de como é ser o Lukas. Não entendemos do que ele está fugindo nem pra onde está correndo. Talvez não sejamos nós que vamos ajudar.

Inga fez que sim, pensativa.

– Tem razão. Não somos. A vida do Lukas depende dele. Só podemos contar de onde ele vem e que ele sempre foi amado. Você só precisa dar isso pra ele, Victoria. Aí, ele pode decidir o resto.

Pensei na minha fazenda, no pomar e no rio North Fork, nas florestas, nos campos e em tudo que esperei tantos anos para mostrar a ele. Olhei por mais um bom tempo o rapaz na fotografia. Assenti, concordando com o destino, o mistério e todas as forças selvagens e imprevisíveis que esculpem

nossa vida, prometendo a mim mesma que finalmente convidaria meu bebê a ir para casa.

– Como vamos contar para ele que eu estou pronta? – indaguei com a voz trêmula.

Inga sorriu e pegou minha mão, dizendo:

– Vou dar um jeito.

Vinte e seis

1971

Fiquei à beira do reservatório Blue Mesa sob um céu nublado de primavera e imaginei os restos da casa da minha infância – desmoronados e encharcados, talvez reduzidos a meros pregos e maçanetas – no fundo do lago.

Zelda e Inga jogavam pedras na água enquanto eu caminhava pela orla. Ao leste eu via o curso superior do rio Gunnison serpenteando pelo vale até ser absorvido pelo reservatório perto de uma nova ponte de concreto. Muita coisa havia mudado, mas a história ainda se agarrava a mim como carrapichos pontiagudos e teimosos. Aquele me parecia o lugar certo para uma reunião, um acerto de contas com o passado antes de abraçar o futuro, mas, ao olhar para a água azul e turbulenta onde Iola antes ficava, eu não tinha mais tanta certeza.

O estacionamento perto dali continha apenas cascalho claro e o carro de Zelda, mas eu não conseguia parar de olhar naquela direção. Inga havia mandado uma carta e Lukas respondera. Eu tinha esperado durante um longo e apreensivo inverno até que seu período de serviço militar acabasse e ele concordasse em se encontrar comigo.

Meu filho chegaria ao meio-dia.

Acima do reservatório pairavam as montanhas cobertas de neve de Big Blue, onde meu bebê nasceu. Meus olhos acompanharam a rota por onde eu havia seguido Wil pelas montanhas até a cabana. Meu coração ainda doía por tudo que eu e ele descobrimos sobre o amor e por tudo que ele arriscou e perdeu por causa disso. Desde então, a região tinha sido rebatizada como Uncompahgre, em homenagem aos utes deslocados. Eu imaginava o que

Wil acharia disso, se consideraria uma tentativa irônica e insuficiente de redenção ou se diria, simplesmente, "Tanto faz".

Olhei mais uma vez para o estacionamento, depois para minhas duas companheiras ansiosas. Levei a mão ao bolso da parca e tirei o ramo de flores de pêssego cor-de-rosa que tinha colhido naquela manhã para o meu filho. Inspirei sua doçura e virei o ramo entre os dedos para ver as delicadas flores girarem; depois contemplei o reservatório, imaginando o pomar, a cidade e o rio selvagem que conheci. Olhei o relógio. Era quase meio-dia.

Espiei o trecho de estrada vazio do outro lado da ponte. Não podia negar que temia decepcionar meu filho – por sua concepção escandalosa, pela morte cruel do pai e pela falta de justiça, por deixá-lo para trás e recomeçar minha vida. Parte de mim questionava se ele viria mesmo ou se aproveitaria a oportunidade para castigar a mim e a Inga com sua ausência. Ao mesmo tempo, estava otimista. Tinha decidido me encontrar com ele naquelas margens porque minha sabedoria crescente entendia que eu precisava carregar todo o meu passado ao lado do novo espaço que havia criado para a esperança em mim.

Conforme as nuvens finas se dispersavam e a água irradiava a luz do sol, refleti sobre o sentido de tudo aquilo – a jornada que eu chamava de vida, tão parecida com o rio, que continuava a ser rio mesmo quando obrigado a ser lago, avançando contra os obstáculos e a represa, continuando a fluir com tudo que recolhera porque não conhecia outra forma de ser.

Uma caminhonete prateada e empoeirada saiu da Highway 50, cruzou a ponte e entrou devagar no estacionamento. Zelda e Inga se viraram, atentas. O rosto de Zelda ficou radiante de triunfo, como se me ajudar a encontrar meu filho aliviasse seu próprio coração dolorido, como se recuperá-lo fosse uma pequena vitória para as mães de luto em todos os lugares.

Inga veio ficar ao meu lado e procurou solidariedade no meu olhar. Guardei as flores de pêssego no bolso. Peguei a mão de Inga e depois a de Zelda. E lá ficamos, três mulheres esperando o que aconteceria a seguir.

Um rapaz de camiseta branca e calça de brim saiu da caminhonete e, por um instante perturbador, reescreveu a história. Imaginei se havia cometido um erro terrível, trágico – se, na verdade, Wil tinha sobrevivido e o corpo ensanguentado que encontraram jogado do Black Canyon era, no fim, outro rapaz.

– É o Lukas – sussurrou Inga, como se intuísse minha necessidade de

confirmar, com um emaranhado trêmulo de reverência e alívio na voz.

Ela apertou minha mão com força e eu apertei a dela.

Ele olhou para o outro lado da água, depois se virou para nós com um sorriso nervoso. Eu o vi então não como uma imagem de Wil ou de mim, mas como ele mesmo, a postura firme de soldado e o maxilar notavelmente anguloso: não um garoto, e sim um homem que conhecia a perda, a solidão e a guerra, que reunira coragem para chegar lá e me encontrar. Ele pôs as mãos nos bolsos e inclinou a cabeça, franzindo os olhos para mim com insegurança. E, naquele instante, também o reconheci, pois minha memória transbordou com o momento em que ele abriu os olhos de recém-nascido e me encarou de um jeito parecido, quando senti que, de alguma forma, já conhecia meu filho, assim como ainda o conhecia.

Embora não conseguisse sentir as pernas, dei um passo adiante por pura fé. Zelda e Inga soltaram minhas mãos e me incentivaram a seguir em frente sozinha.

Meu filho veio na minha direção enquanto eu caminhava na dele, ao longo da orla de seixos, ambos confiando que a terra nos acolheria.

Agradecimentos

Minha gratidão vai, primeiro, para a minha extraordinária agente, Sandra Bond. Sandra, obrigada por ter visto algo de especial neste romance, mesmo quando ainda não havia amadurecido por completo, e por trabalhar incansavelmente para encontrar o lar perfeito para ele. Seu incentivo e sua amizade ao longo dessa jornada significaram muito para mim.

Minha enorme gratidão vai também para Cindy Spiegel, por me dar uma oportunidade. Cindy, sua experiência editorial, sua paciência, seu coração enorme, seu bom humor e sua fé deram vida a este livro. Nenhum agradecimento bastaria. É uma alegria e uma honra trabalhar com Cindy, Julie Grau e toda a equipe da Spiegel & Grau. Obrigada a Nicole Dewey, Liza Wachter, Amy Metsch, Andy Tan-Delli Cicchi, Jackie Fischetti, Stephan Moore, Shaya D'Ornano e Nora Tomas, além de Jeff Farr, Meighan Cavanaugh e Barrett Briske, e também Charlotte Strick e Claire Williams da Strick & Williams. Minha gratidão e minha admiração absoluta vão também para Susanna Lea e seus colegas Mark Kessler e Susie Finlay, por sua determinação em apresentar *Siga como um rio* ao mundo, e para Jane Lawson e Alison Barrow, por acrescentarem seu entusiasmo e experiência. A todos vocês, eu nunca poderia imaginar uma combinação tão perfeita de gentileza e profissionalismo em cada etapa desse processo, por isso agradeço.

Sinceros agradecimentos à minha família, aos amigos, à comunidade e aos colegas, por seu apoio extraordinário, por me incentivarem e celebrarem

todas as etapas da escrita deste livro. Espero que saibam quem são e o quanto aprecio vocês. Agradecimentos especiais aos meus primeiros leitores e torcedores inabaláveis – principalmente meu marido, minha filha, minha mãe e as amigas amadas Alison Catmur e Jackie Burt, bem como os queridos Jason Burns, Sean Madsen, Jennifer Read, Jeremy Burns, Mark Bosso, Kiplynn Dickson, Kay Forsythe, Kathy Burns, Jenny Pankratz, Emma Burt, Lynn Sikkink e Deb Reid. Minha tia Joanne Hall e minha amiga Marie Vargas com certeza teriam sido as primeiras leitoras se estivessem aqui, mas continuam, sem dúvida, a me apoiar do além. Agradeço a Dawn Ehlers e Bill Depper, pelas décadas de sólida amizade, e a Virginia Catmur, por sua hospitalidade, generosidade e olhar editorial aguçado. Também sou grata pelo apoio dos defensores das artes locais Crested Butte Arts Center, Gunnison Center for the Arts, Vita Institute e Townie Books.

Obrigada aos meus professores, que acreditam que as palavras e as histórias importam – William Wiser, Bin Ramke, Donald Revell, Eric Gould, Jan Whitt, Susan Stewart, Alan Singer, Toby Olsen e William Van Wert –, e aos meus alunos da Universidade do Oeste do Colorado e da escola Orsch, que me inspiraram imensamente. Minha compreensão da história do condado de Gunnison foi muito enriquecida por dois tesouros locais e contadores de histórias, meus colegas e amigos Duane Vandenbusche e George Sibley. Também me sinto profundamente honrada e sou reverente aos ensinamentos de Isabelle Walker e Louise Benali, da nação Diné em Big Mountain, de muitos membros generosos da nação Lakota em Pine Ridge e Cheyenne River, da boa gente da Re-Member e de Charles F. Wilkinson, acadêmico da Universidade do Colorado. Lee Bradley, da Orchard Valley Farms, em Paonia, e Doug Mattice, da Mattice's Fruits & Vegetables, em Hotchkiss, que fizeram a gentileza de me ajudar a aprender sobre pêssegos. Os ensinamentos de Thich Nhat Hanh e Anam Thubten inspiraram minha vida, assim como o título do meu romance. E sou grata ao meu avô Ferman Burns, por me ensinar história e as histórias da nossa família, aos clãs Burns e Read e à minha longa linhagem de ancestrais tenazes, humildes e amantes do Colorado.

Minha mais profunda gratidão vai para minha mãe e meu pai, cujos amor e apoio inabaláveis em tudo que faço fizeram toda a diferença; ao meu irmão e amigo, Chris, legítimo e gentil homem das montanhas; ao meu irmão Scott, o encantador de animais, imensamente saudoso; à minha avó

Maxine Read, a melhor pessoa que já conheci; ao nosso fiel cachorro resgatado e amigo, Beanie O'Sullivan, sempre ao meu lado; aos meus filhos lindíssimos, Avery e Owen, que brincam na floresta, pulam pedras do rio comigo e trazem muita luz à minha vida e a este mundo; e ao meu marido, Erik, meu maior fã, que chorou a cada vez que leu este romance (o que, coitado, aconteceu muitas e muitas vezes) e me incentivou a nunca desistir.

Por fim, agradeço às montanhas e aos rios do vale do Gunnison por alimentarem a mim e aos meus filhos, e aos moradores da região resilientes, selvagens, estranhos e maravilhosos, que, no passado e no presente, compartilharam este lugar e cuidaram dele. Que possamos valorizar a terra e uns aos outros em homenagem a todos os que vieram antes e virão depois.

Sobre a autora



Shelley Read foi professora da Western Colorado University por quase três décadas. Deu aulas de escrita, literatura e estudos ambientais e fundou um programa de apoio para alunos em situação de risco. Ela mora com o marido e os filhos nas montanhas Elk, no Colorado.

Finalista do Goodreads Choice Awards, *Siga como um rio* foi traduzido para mais de 30 idiomas.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

O LIVRO DE FICÇÃO MAIS VENDIDO
NOS ESTADOS UNIDOS EM 2021

KRISTIN
HANNAH

OS QUATRO VENTOS



Os quatro ventos

Kristin Hannah

O livro de ficção mais vendido nos Estados Unidos em 2021.

“Um livro extraordinário. Uma leitura rica e gratificante sobre laços familiares, perseverança e a coragem das mulheres.” – ***Booklist***

Um épico arrebatador sobre amor, heroísmo e esperança durante a Grande Depressão, uma época em que a própria terra parecia se voltar contra seus habitantes.

Texas, 1921. Passada a Grande Guerra, uma nova era de abundância parece surgir no horizonte. Mas, para Elsa Wolcott, considerada velha demais para se casar numa época em que o matrimônio é a única opção das mulheres, o futuro parece sombrio. Até a noite em que conhece Rafe Martinelli e decide mudar o rumo de sua vida. Com sua reputação em ruínas, ela acaba tendo que se unir a um homem que mal conhece.

Treze anos depois, o mundo é bem diferente: milhões estão desempregados devido à Grande Depressão e à seca que devasta as Grandes Planícies, dizimando plantações e provocando tempestades de areia. Tudo está morrendo na fazenda Martinelli, inclusive o casamento de Elsa e Rafe, e cada novo dia é uma batalha pela sobrevivência.

Nesse momento incerto e perigoso, ela deve fazer uma escolha angustiante: lutar pela terra que tanto ama ou deixar tudo para trás e partir para o Oeste, rumo ao desconhecido, em busca de uma vida melhor para sua família.

Com o estilo apaixonante de Kristin Hannah, *Os quatro ventos* é uma história sobre resiliência e a força do espírito humano para sobreviver à adversidade, vista pelos olhos de uma mulher cujo sacrifício e cuja coragem representam toda uma geração.

Clique aqui para ver na loja

BONNIE GARMUS

UMA QUESTÃO *de* QUÍMICA



Uma questão de química

Bonnie Garmus

Traduzido para mais de 35 idiomas, *Uma questão de química* conta a história de uma brilhante cientista que vê sua vida mudar quando se torna a estrela de um programa de culinária na televisão.

"Amei tanto que fiquei desolada quando acabou." – **Nigella Lawson**

"Um sopro de ar fresco. Um romance espirituoso e otimista, repleto de personagens excepcionais." – **Claire Lombardo**, autora de *The Most Fun We Ever Had*

76 SEMANAS NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO *THE NEW YORK TIMES*

Elizabeth Zott é uma talentosa química que só quer realizar sua pesquisa em paz. Infelizmente, no início dos anos 1960, a comunidade científica não tem uma visão igualitária dos gêneros. No instituto em que ela trabalha, os homens a silenciam e sabotam.

Todos menos um. Calvin Evans, o introvertido e brilhante pesquisador idolatrado no instituto, é o único que trata Elizabeth como igual. Contrariando todas as expectativas, ele se apaixona pela inteligência dela, e a química que surge entre eles é avassaladora.

Mas a vida é imprevisível como a ciência. Por isso, alguns anos depois, Elizabeth se vê criando a filha pequena com a ajuda apenas de seu cachorro e de uma vizinha. E, por um capricho do destino, se torna a maior estrela do programa de televisão mais visto e adorado dos Estados Unidos, *Hora do Jantar*.

Sua abordagem incomum da culinária se mostra revolucionária e ela acaba virando o grande fenômeno da nação. Porém nem todos estão felizes com seu sucesso, porque, no fundo, Elizabeth não está apenas ensinando a cozinhar, mas desafiando as mulheres a pensar – e a transformar seu papel no mundo.

Clique aqui para ver na loja


Autora da série As Sete Irmãs
Mais de 40 milhões de livros vendidos
LUCINDA RILEY
A LUZ ATRAVÉS DA JANELA
ARQUEIRO

A luz através da janela

Lucinda Riley

Da consagrada autora da série As Sete Irmãs.

Repleta de mistério, *A luz através da janela* é uma história de tirar o fôlego sobre amor, confiança, traição e perdão.

Uma família aristocrática francesa, uma propriedade lendária e segredos com o poder de destruir duas gerações divididas entre o dever e o desejo.

Na Londres de 1943, Constance Carruthers é recrutada como espiã e chega à Paris ocupada pelos nazistas no auge da guerra. Poucas horas depois de chegar à França, seu contato é preso pela Gestapo. Com isso, a jovem é acolhida no seio da rica família La Martinières e acaba envolvida numa rede de segredos e mentiras.

No fim dos anos 1990, Émilie de la Martinières se vê sozinha no mundo após a morte da mãe, de quem não era muito próxima. Ela nunca lidou bem com as próprias origens aristocráticas, mas se torna a única herdeira do lar de seus avós no sul da França.

Ao explorar a mansão, ela começa a desvendar tudo que aconteceu com a família durante a guerra e descobre uma conexão muito forte com Constance. A partir daí, percebe que o lugar pode lhe dar pistas sobre o próprio passado difícil e embarca em uma jornada de autodescoberta.

Clique aqui para ver na loja

Na França sitiada pelos nazistas, duas irmãs se veem em polos opostos ao encarar o inimigo comum

KRISTIN HANNAH

12 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

O Rouxinol



ARQUEIRO

O rouxinol

Kristin Hannah

123 SEMANAS NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO *THE NEW YORK TIMES*

"Nesse épico passado na França da Segunda Guerra, duas irmãs se afastam por discordarem sobre a ameaça de ocupação nazista. Com temperamentos e princípios divergentes, cada uma delas precisa encontrar o próprio caminho e enfrentar questões morais e escolhas de vida ou morte." **– Christina Baker Kline, autora de *O trem dos órfãos***

"Uma análise lindamente escrita e ricamente sugestiva da vida, do amor, da devastação da guerra e das diferentes formas como as pessoas reagem a situações impensáveis – além do terrível preço que pagam por esconder segredos. Esta trama poderosa é sucesso na certa." **– Sara Gruen, autora de *Água para elefantes***

França, 1939: No pequeno vilarejo de Carriveau, Vianne Mauriac se despede do marido, que ruma para o fronte. Ela não acredita que os nazistas invadirão o país, mas logo chegam hordas de soldados em marcha, caravanas de caminhões e tanques, aviões que escurecem os céus e despejam bombas sobre inocentes.

Quando o país é tomado, um oficial das tropas de Hitler requisita a casa de Vianne, e ela e a filha são forçadas a conviver com o inimigo ou perder tudo. De repente, todos os seus movimentos passam a ser vigiados e Vianne é obrigada a fazer escolhas impossíveis, uma após a outra, e colaborar com os invasores para manter sua família viva.

Isabelle, irmã de Vianne, é uma garota contestadora que leva a vida com o furor e a paixão típicos da juventude. Enquanto milhares de parisienses fogem dos terrores da guerra, ela se apaixona por um guerrilheiro e decide se juntar à Resistência, arriscando a vida para salvar os outros e libertar seu país.

Seguindo a trajetória dessas duas grandes mulheres e revelando um lado esquecido da História, O Rouxinol é uma narrativa sensível que celebra o espírito humano e a força das mulheres que travaram

batalhas diárias longe do fronte.

Separadas pelas circunstâncias, divergentes em seus ideais e distanciadas por suas experiências, as duas irmãs têm um tortuoso destino em comum: proteger aqueles que amam em meio à devastação da guerra – e talvez pagar um preço inimaginável por seus atos de heroísmo.

Clique aqui para ver na loja

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

